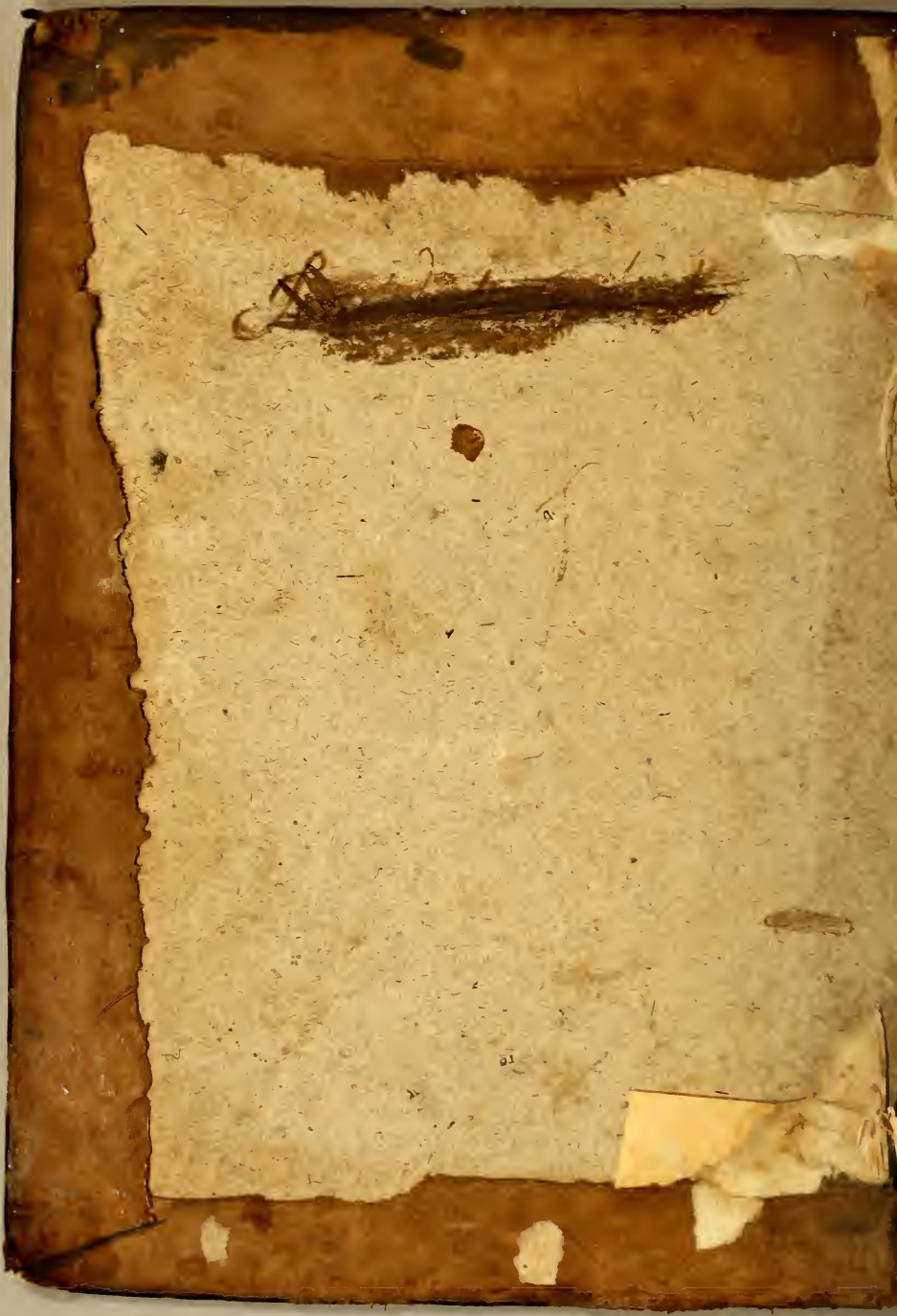


ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

ARVORE
DA VIDA.
JESUS
CRUCIFICADO.

RPJCB

ARVORE DA VIDA,

JESUS CRUCIFICADO.

DEDICADA

A' SANTISSIMA VIRGEM

MARIA N. S^RA.

DOLOROSA AO PE' DA CRUZ.

PELO PADRE

ALEXANDRE DE GUSMAÕ,

Da Companhia de JESU.

OBRA POSTHUMA

DADA A' ESTAMPA

Pelo P. MARTINHO BORGES,

Da meſma Companhia, Procurador Geral da Provincia do Braſil.

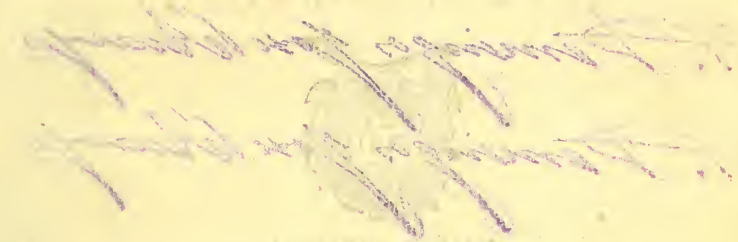
LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de BERNARDO DA COSTA DE CARVALHO,

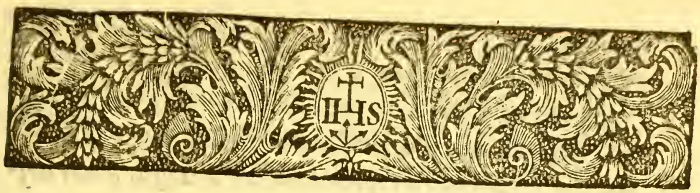
Impreſſor da Religiaõ de Malta.

ANNO M. DCCXXXIV.

Com todas as licenças neceſſarias.



RPJCB



SANTISSIMA VIRGEM.

IS-AQUI, ò Doloroſiſſima Senhora, vos offereço neſte Tratado a lembrança daquellas dores, que voſſos olhos viraõ, e voſſa Alma ſentio, quando ao pé da Cruz viſte voſſo Filho, e Senhor Noſſo padecer, e morrer. Já eſta memoria vos naõ póde cauſar pena pelo lugar da gloria em que eſtais; póde porém cauſarvos gozo pelo que voſſo Filho quer, que nos lembremos de ſua Cruz. Porque aſſim como naõ podendo na gloria haver actos de fé, nem de eſperança, póde haver nos Bemaventurados gozo de noſſa fé, e de noſſa eſperança: aſſim poſto

que

que em vós, pelo lugar da gloria em que eſtais, naõ poſſa haver pena com a lembrança das que viſte, e padeceſte ao pé da Cruz; podeis com tudo ter muito gozo, de que nós nos lembremos dellas neſta vida: e por iſſo me atrevo a reprezentallas a voſſos olhos neſte Tratado.

A' ſua Serva Santa Getrudes revelou Chriſto voſſo Filho, que todas as vezes, que huma Alma com cordeal affeito poem os olhos em alguma Imagem ſua na Cruz, elle tambem poem nella os olhos de ſua miſericordia. E porque naõ preſumirey eu o meſmo de voſſa miſericordia, ſendo Mãy della, e havendo tido tanta parte nas ſuas penas?

Naõ contém eſte Tratado outra couſa mais que a lembrança do muito, que Chriſto padeceu na Cruz, e os exemplos, que nella nos deu, debaixo da figura da Arvore da vida: naõ póde deixar de agradar a voſſos olhos a materia, pelo que agrada aos de voſſo Filho. E ſe for de voſſo agrado, que elle ſaya a luz, vós o encaminhay, que eu o ponho a voſſos pés; porque eu naõ quero outro Patrono, mais que a vós, nem outro amparo, mais que o voſſo.

Indigniſſimo eſcravo voſſo

Alexandre de Guſmaõ.

PRO-

PROLOGO

AOS QUE LEREM.

SEndo o Author taõ conhecido pelos muitos, e varios livros assim Moraes, como Asceticos, que em vida deu à luz por meyo da Imprensſa, justo he, naõ ficarem no do esquecimento, os que por sua morte se acharaõ dignos da mesma luz.

Razaõ que move, a quem os quer dar à estampa, o fazer logo imprimir dous; hum intitulado Arvore da vida, JESUS crucificado: outro o Corvo, e a Pomba da Arca de Noè no sentido Allegorico, e Moral. Depois dos quaes sahirá tambem à luz a vida do mesmo

Au-

Author, digna de andar nas maõs de todos, naõ ſó pelo que merece pelo muito, que eſcreveu em bem das Almas, mas tambem, e muito mais pelo heroico de ſuas virtudes, comprovadas com prodigios, e maravilhas authenticados por ordem, e authoridade do Illuſtriſſimo Senhor D. Luiz Alvares de Figueiredo, Arcebiſpo da Bahia, Metropolitano de todo o Eſtado Braſilico.

E para que em ſumma ſe diga logo alguma couſa, baſta dizer: Ser o V. P. Alexandre de Guſmaõ da Companhia de JESU da Provincia do Braſil, natural da Cidade de Lisboa Occidental, aonde naſceu aos 14. de Agoſto de 1629. foy bautizado na Igreja de S. Juliaõ, huma das mais numeroſas Freguezias da Corte, de donde em companhia de ſeus pays paſſou ao Braſil, e eſtudando na Cidade do Rio de Janeiro, pertendeu com ancia o entrar na Companhia, e ſendo nella admittido aos 27. de

de Outubro de 1646. fez taes progreſſos aſſim em letras, como em virtude, que mereceu ſer promovido varias vezes aos cargos da Religiaõ: Foy Meſtre de Noviços, Reitor do Collegio do Eſpirito Santo, Reitor do Seminario de Bellem, Reitor do Collegio da Bahia, e duas vezes Provincial de toda a Provincia; naõ deſcançando em todas eſtas graves occupações de ſe empregar no ſerviço de Deos, e em bem das Almas. Naõ ſe individùa caſo algum de ſua exemplar vida, porque tudo ſe dirá, na que ſe pertende imprimir.

Entre os livros, que deu à luz, tem o primeiro lugar a devota Eſcolla de Bellem, JESUS naſcido no Prezepio, de cujo Myſterio foy ternamente devoto, e affectuozo. Imprimio mais o tomo intitulado Roſa de Nazareth nas montanhas de Hebron; a Arte de criar bem os filhos; o Predeſtinado, e Preſcito; a Eleiçaõ entre o bem, e mal eterno; Me-

ditações para todos os dias da ſemana ; e outros varios opuſculos de Preces, e Devações para exercicio quotidiano dos Alumnos do Seminario de Bellem, de que foy Author, e Fundador ; appellidando-o todos naõ ſó por Varaõ Juſto, e Servo de Deos, mas a bocca chea depois de ſua morte por varios prodigios, e apparições o appellidaõ Santo. Morreu aos 14. de Março de 1724. com 95. annos de idade, e 78. da Companhia no meſmo Seminario de Bellem, em que jaz ſepultado, com eterna ſaudade dos Moradores daquelle Paiz.

PROE-

PROEMIO.

ENtre as arvores, que Deos Noſſo Senhor plantou no Paraiſo terreal, foy a Arvore da vida de taõ maravilhoza virtude, que todo, o que comeſſe de ſeu frutto, havia de viver para ſempre. Outra Arvore da vida, a quem eſta reprezentava, vio Saõ Joaõ no Paraiſo Celeſtial de taõ myſterioſa virtude, que além de dar o frutto todos os mezes do anno, as folhas ſerviaõ de mezinha a todas as gentes. Huma, e outra Arvore da vida figuravaõ a Chriſto, como dizem os Expoſitores Sagrados. No Paraiſo terreal, que he a Igreja Militante, he Arvore da vida JESUS crucificado: no Paraiſo Celeſtial, que he a Igreja Triunfante, he Arvore da vida JESUS reſuſcitado. *Gen. 2.* *Apoc. 22.*

A virtude da Arvore do Paraiſo terreal era dar vida temporal: a do Paraiſo Celeſtial era dar vida eterna; porém huma, e outra vida nos communica, ou para fallarmos nos verdadeiros termos, nos mereceu Chriſto com ſua morte de Cruz; porque com ſua morte nos mereceu a graça, e mais a gloria. Aſſim o diſſe expreſſamente Chriſto a Nicodemos: *Sicut Moyſes exaltavit ſerpentem in deſerto, ita exaltari oportet Filium hominis: ut omnis, qui credit in ipſum, non pereat, ſed habeat vitam æternam.* *Joan. 3. 14.*

Por todo o capitulo quinto da carta aos Romanos naõ faz o Apoſtolo S. Paulo outra couſa, mais que provar, que aſſim como por hum homem, que foy Adam, entrou no Mundo a morte, e o peccado: aſſim por ou-

tro homem, que foy Chriſto, entrou a vida, e a graça. E poſto que qualquer obra de Chriſto era baſtante para nos merecer huma, e outra vida; elle por ſeu amor, e porque aſſim o decretára o Eterno Padre, quiz que foſſe por morte de Cruz.

A razaõ, porque aquella Arvore do Paraiſo havia de dar longa vida, aos que della comeſſem, he porque de tal ſorte temperava o humor radical com o calor natural, que preſervava de todo o achaque, ainda os da velhice, com que haviaõ de gozar huma perfeita ſaude. Com muito mayor ventagem ſe experimenta tudo na verdadeira Arvore da vida JESUS crucificado. Elle com a virtude de ſua morte nos deu a vida, e com a efficacia de ſeu exemplo nos enſina, que de tal ſorte mortifiquemos noſſas paixões, e moderemos os maos humores de noſſos naturaes com o calor de ſeu Divino amor, que conſigamos neſta vida perfeita ſaude na Alma, e na outra a ſalvaçaõ.

Além deſta Arvore da vida havia no Paraiſo terreal outra Arvore, que chamaõ da Sciencia do bem, e do mal, em que Adam peccou; cauſa porque entrou no Mundo a morte. Póde ſer para nós a Cruz naõ ſó Arvore da vida, mas tambem da Sciencia do bem, e do mal; porque ſendo nella Crucificado JESUS noſſo Meſtre, e Salvador, della receberemos naõ ſó a vida, mas tambem a ſciencia para abraçar todo o bem, e fugir de todo o mal.

E poſto que em qualquer arvore fruttifera, ao que principalmente ſe attende, he o frutto; ha com tudo arvores, que além do frutto contém em ſi varias virtudes nas flores, nas folhas, nos ramos, no tronco, e na raiz, pelas quaes ſaõ de muita eſtimaçaõ. E deixando exemplos da terra, da Arvore da vida, que S. Joaõ vio no Paraiſo, diz o Santo, que além dos doze fruttos, que dava por cada hum dos mezes do anno; os ramos, e fo-
Apoc. 22. lhas tinhaõ virtude medicinal: *Et folia ligni ad ſanitatem*

nitatem gentium. Da Arvore da vida do Paraiſo terreal, poſto que Adam, e Eva ſó attenderaõ ao fermozo, e deliciozo do pomo, quem duvida, que a Arvore continha em ſi varias, e admiraveis virtudes.

Mas ſeja o que for da figura; he certo que na figurada Arvore da vida tudo, quanto nella ſe vê, tem virtude. Tem virtude na Raiz, e Tronco: tem virtude nos Ramos, nas Folhas, nas Flores, e nos Fruttos. Eſtas ſaõ as cinco partes, em que vay dividido eſte Tratado. Na primeira veremos a virtude da Raiz deſta Arvore, que he a Divindade, e Humanidade de Chriſto, e do Tronco, que he o Sangue, e vida do meſmo Chriſto, que em virtude da Raiz dá vida a toda a Arvore. Na ſegunda trataremos dos Ramos deſta Arvore, que naõ ſaõ outros, ſenaõ tudo o que Chriſto padeceu, e fallou na Cruz. Na terceira diſcorreremos pela variedade, e fermoſura das folhas, que ornaõ eſta Divina Arvore, que ſaõ todos aquelles gloriozos nomes, elogios, e attributos, que dá a Sagrada Eſcritura a Chriſto crucificado. Na quarta nos recrearemos com a fragrancia ſuaviſſima de ſuas flores, que ſaõ as virtudes, que na Cruz Chriſto exercitou. Na quinta colheremos os fruttos, que ſeraõ outros tantos, quantos ſaõ os que S. Joaõ vio na Arvore da vida do Paraiſo Celeſtial.

LICENÇAS

DA RELIGIAM.

EU Joseph de Almeida da Companhia de JESU, Visitador Geral, e Vice-Provincial da Provincia do Brasil, por commissaõ especial, que tenho de Nosso Muito Reverendo Padre Geral, dou licença, para que se possa imprimir este livro intitulado: *Arvore da vida, JESUS crucificado*, composto pelo Padre Alexandre de Gusmaõ da mesma Companhia, o qual foy revisto, e approvado por Religiozos doutos della por Nós deputados para isso, e em testemunho da verdade dey esta assinada com o meu sinal, e sellada com o sello do meu Officio. Dada na Bahia aos 20. de Agosto de 1718.

Joseph de Almeida.

Do

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Meſtre Fr. Manoel de Sá, Qualificador do Santo Officio, veja o livro de que ſe trata, e informe com ſeu parecer. Lisboa Occidental 21. de Abril de 1733.

Fr. R. Alancaſtre. Cunha. Teixeira. Soares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

OBedecendo à commiſſaõ de V. Eminencia, revi attentamente eſte livro, intitulado: *Arvore da vida, JESUS crucificado*, compoſto *pelo virtuozo, e doutiſſimo Padre Alexandre de Guſmaõ*, grande ornamento da Sagrada Companhia de JESUS, e conſpicua Roupeta do Gloriozo Santo Ignacio, na Provincia do Braſil. He eſta obra poſthuma ao ſeu eruditiſſimo Autor, que nas letras Divinas, e humanas, foy oraculo vivo, que admirou os ultimos dous ſeculos. Nella naõ deſcubro apice, que ſe opponha à noſſa Santa Fé, nem aos bons coſtumes; obſervo ſim, que em nada deſdiz dos muitos, e fecundiſſimos eſcritos, com que em ſua vida, utilizou as Almas; offerecendo-lhes nelles, documentos de huma ſãa, e Catholica doutrina, já abrindo-lhes huma Aula de virtudes, no livro intitulado *Eſcola de Bellem*, já evaporando-lhes aromas de devaçaõ ſuaviſſimos, na *Roſa de Nazareth*, já propondo-lhes a certeza da Bemaventurança, ou das penas do Inferno, no *Predeſtinado*, e *Preſcito*; e já finalmente convidando-as a huma proveitoſa occupaçaõ de tempo, nas *Meditações para todos os dias da ſemana*; além de outros eſpirituaes doutiſſimos opuſculos, em que o zelo da ſalvaçaõ das meſmas Almas,

que

que tanto ardia no seu peito, lhe apurou a erudiçaõ, e aparou a penna, no largo curso de noventa e cinco annos de idade, que sempre empregou em acções de espirito, e edificaçaõ; acabando coroado das virtudes em que floreceo, e de que foraõ finaes maravilhozos, alguns prodigios de que Deos o tomou por instrumento; ao que acresce, o haver sido Autor, e Fundador do Seminario de Bellem, naquelle Mundo Americano, aonde ainda hoje he veneravel o seu nome, viva a sua piedade, saudoza, e chorada a sua memoria. Por estes motivos todos pios, e grande proveito que desta sua obra posthuma, póde redundar ao publico, me parece dignissima de se dar ao prélo, V. Eminencia ordenará o que for servido: Convento de N.Senhora do Carmo de Lisboa Occidental 18. de Mayo de 1733.

Fr. Manoel de Sà.

O Padre Mestre Fr. Thomás de S. Joseph, Qualificador do Santo Officio, veja o livro de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 19. de Mayo de 1733.

Fr.R.Alancastre. Cunha. Sylva. Cabedo. Soares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi com summo gosto, e attençaõ o livro, que com o titulo de *Arvore da vida, JESUS crucificado*, deixou composto o doutissimo, virtuozo, e sempre memoravel Padre Alexandre de Gusmaõ da esclarecida Companhia de JESUS da Provincia do Brasil; nelle naõ achey cousa, que se opponha à nossa Santa Fé, ou bons costumes; achey sim documentos solidos, e ponderações utilissimas, com que os Catholicos se firmem na Fé, e os peccadores emen-

emendem as vidas, e reformem os coſtumes; porque de tal ſorte ſe remonta nelle o entendimento deſte zelozo, e contemplativo Padre, que naõ ſó, como Orador Euangelico, reprehende vicios, mas como Theologo conſummado explica os pontos mais profundos da Theologia Eſpeculativa, Expoſitiva, e Myſtica, deſcançando ſó o ſeu eſpirito, quando como Aguia racional deſentranhou naõ a medula do elevado Cedro do monte Libano, como de outra refere o Profeta Ezequiel cap. 17. mas o amago de outro mais ſuperior Cedro do monte Calvario, que he a Arvore da vida, JESUS crucificado; pois aſſim ſe deve preſumir de hum eſpirito, que pondera os Myſterios principaes da noſſa Redempçaõ de ſorte, que parece os bebeu na ſua fonte, ou que interiormente os penetrou. E Arvore, ou livro, que moſtra em cada folha hum eſpelho para a reforma dos coſtumes, em cada pagina hum exemplo para o exercicio das virtudes, e em cada ponto hum brado para a utilidade do eſpirito, que livro ha de ſer, ſenaõ hum bom livro, e parto genuino de ſeu Autor, que tem compoſto tantos, e taõ bons livros, todos cheos de dictames ſantos, e animados com huma vida taõ exemplar, como foy a ſua? E aſſim o julgo dignifſimo de ſahir à luz, e de imprimir nos corações de todos: eſte o meu parecer, V.Eminencia mandará, o que for ſervido. Lisboa Occidental Convento da Santiſſima Trindade aos 13. de Junho de 1732.

Fr.Thomás de S.Joſeph.

VIſtas as informações, póde-ſe imprimir o livro intitulado: *Arvore da vida, JESUS crucificado*, de que foy Autor o Padre Alexandre de Guſmaõ, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 19. de Junho de 1733.

Fr.R.Alancaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.

DO ORDINARIO.

PODe-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 3. de Julho de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

O Padre Mestre Doutor Fr. Antonio do Sacramento da Ordem dos Prégadores, veja o livro de que esta petiçaõ trata, e pondo nelle o seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa Occidental 17. de Agosto de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.

SENHOR.

DE Annibal, aquelle famozo Capitaõ de Carthago, se disse, conseguira muitas vittorias, mas que naõ soubera usar dellas: *Vincere scis Annibal, victoria uti nescis.* O mesmo se póde dizer daquelles Authores, que conseguindo muitos triunfos pela vasta composiçaõ de livros, naõ souberaõ usar delles, porque os naõ facilitáraõ ao Mundo pelas estampas. Falta he esta, (e regularmente inculpavel) de que já se naõ póde notar ao Reverendissimo Padre Alexandre de Gusmaõ, da Sagrada Religiaõ da Companhia de JESU, ainda que se achasse depois da sua morte, este tomo, que aprezenta a Vossa Magestade, entre outras obras quasi sepultado entre as angustias de hum cubiculo; por-

emendem as vidas, e reformem os costumes; porque de tal sorte se remonta nelle o entendimento deste zelozo, e contemplativo Padre, que naõ só, como Orador Euangelico, reprehende vicios, mas como Theologo consummado explica os pontos mais profundos da Theologia Especulativa, Expositiva, e Mystica, desencançando só o seu espirito, quando como Aguia racional desentranhou naõ a medula do elevado Cedro do monte Libano, como de outra refere o Profeta Ezequiel cap. 17. mas o amago de outro mais superior Cedro do monte Calvario, que he a Arvore da vida, JESUS crucificado; pois assim se deve presumir de hum espirito, que pondera os Mysterios principaes da noissa Redempçaõ de sorte, que parece os bebeu na sua fonte, ou que interiormente os penetrou. E Arvore, ou livro, que mostra em cada folha hum espelho para a reforma dos costumes, em cada pagina hum exemplo para o exercicio das virtudes, e em cada ponto hum brado para a utilidade do espirito, que livro ha de ser, senaõ hum bom livro, e parto genuino de seu Autor, que tem composto tantos, e taõ bons livros, todos cheos de dictames santos, e animados com huma vida taõ exemplar, como foy a sua? E assim o julgo dignissimo de sahir à luz, e de imprimir nos corações de todos: este o meu parecer, V.Eminencia mandará, o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Santissima Trindade aos 13. de Junho de 1732.

Fr.Thomás de S.Joseph.

VIstas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado: *Arvore da vida, JESUS crucificado*, de que foy Autor o Padre Alexandre de Gusmaõ, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 19. de Junho de 1733.

Fr.R.Alancastre. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.

DO ORDINARIO.

PODe-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 3. de Julho de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

O Padre Mestre Doutor Fr. Antonio do Sacramento da Ordem dos Prégadores, veja o livro de que esta petiçaõ trata, e pondo nelle o seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa Occidental 17. de Agosto de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.

SENHOR.

DE Annibal, aquelle famozo Capitaõ de Carthago, se disse, conseguira muitas vittorias, mas que naõ soubera usar dellas: *Vincere scis Annibal, victoria uti nescis.* O mesmo se póde dizer daquelles Authores, que conseguindo muitos triunfos pela vasta composiçaõ de livros, naõ souberaõ usar delles, porque os naõ facilitáraõ ao Mundo pelas estampas. Falta he esta, (e regularmente inculpavel) de que já se naõ póde notar ao Reverendissimo Padre Alexandre de Gusmaõ, da Sagrada Religiaõ da Companhia de JESU, ainda que se achasse depois da sua morte, este tomo, que aprezenta a Vossa Magestade, entre outras obras quasi sepultado entre as angustias de hum cubiculo; por-

porque como agora sahe a ser subsidiario deste Alexandre, e Atlante do Ceo desta obra, o Reverendissimo Padre Martinho Borges, Procurador Geral da Provincia do Brasil, pertendendo veja a luz publica, e se facilite ao Mundo pelas estampas; evidente he, que a que podia ser falta, se acha convertida em triunfo, e applauso, podendo dizer o Author, (e deixando pasmado a Annibal) que se soube compor, ou vencer, que tambem soube usar; gloria, em que naõ deixou a David para a sua morte sepultura, o seu mesmo sangue: *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem.* Mas em que soube deixar ao Author depois da morte, e sepultura, o seu grande subsidiario, e dignissimo Irmaõ pelas filiações do espirito; seguindo sem duvida os movimentos daquelle famozo Astro, que depois que o Sol morre, sahe na madrugada a ser Precursor dos seus rayos, e Pregoeiro das suas luzes. Se o Author clamasse assim como fez Abel depois de morto: *Abel defunctus ad huc loquitur*, differentes seriaõ as armonias, que fariaõ nos nossos ouvidos os seus clamores, Abel pedia vinganças por ver o fratricidio, e tyrannia de hum seu Irmaõ pelo sangue; o Author desta obra pediria sem duvida ao Rio Nylo, as linguas com que se explica pelas suas sette boccas: *Et septem ostia Nili.* Para expor os rendimentos, e obrigações, em que ficava, a este seu Atlante, e Irmaõ no espirito, por lhe honrar, e authorizar com esta sua empreza depois da morte os seus ossos.

Concluo finalmente, que já naõ podem queixarse os Filhos do Mundo novo, de que lhe falta o Alexandre, que com o rayo do seu espirito lhe illustrava os entendimentos, e feria os corações; porque o Author como se estivera vivo, e reproduzido lhe expoem nesta sua obra a Arvore da vida, JESU Christo crucificado. Abbreviado Ceo, de cujo centro se despedem os rayos daquella verdadeira luz, com que os entendi-

mentos ſe convencem, e os corações ſe tranſmutaõ: à viſta do que, como já naõ poſſo ſer Cenſor, tambem naõ poſſo ſer Panegyriſta, pois nem a Sagrada Religiaõ da Companhia de JESU pertende mais dos ſeus grandes Filhos: *Nos autem prædicamus JESUM Chriſtum, & hunc crucifixum*; nem V. Mageſtade quer, e diſpoem ſeja outro o emprego dos ſeus Miſſionarios; por cuja cauſa merecendo o Author contarſe no numero dos Eſcritores notaveis da ſua Religiaõ; merece eſta ſua obra (por ſe naõ encontrar nella couſa em que ſe offendaõ as Leys deſte Reino, ou o Real ſerviço de V. Mageſtade) a licença (que para ſe imprimir) ſe pede, e ſe pertende. Aſſim me parece, V. Mageſtade mandará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental 29. de Setembro de 1733.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meza para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental 3. de Outubro de 1733.

Pereira. *Rego.*

porque como agora sahe a ser subsidiario deste Alexandre, e Atlante do Ceo desta obra, o Reverendissimo Padre Martinho Borges, Procurador Geral da Provincia do Brasil, pertendendo veja a luz publica, e se facilite ao Mundo pelas estampas; evidente he, que a que podia ser falta, se acha convertida em triunfo, e applauso, podendo dizer o Author, (e deixando pasmado a Annibal) que se soube compor, ou vencer, que tambem soube usar; gloria, em que naõ deixou a David para a sua morte sepultura, o seu mesmo sangue: *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem.* Mas em que soube deixar ao Author depois da morte, e sepultura, o seu grande subsidiario, e dignissimo Irmaõ pelas filiações do espirito; seguindo sem duvida os movimentos daquelle famozo Astro, que depois que o Sol morre, sahe na madrugada a ser Precursor dos seus rayos, e Pregoeiro das suas luzes. Se o Author clamasse assim como fez Abel depois de morto: *Abel defunctus ad huc loquitur*, differentes seriaõ as armonias, que fariaõ nos nossos ouvidos os seus clamores, Abel pedia vinganças por ver o fratricidio, e tyrannia de hum seu Irmaõ pelo sangue; o Author desta obra pediria sem duvida ao Rio Nylo, as linguas com que se explica pelas suas sette boccas: *Et septem ostia Nili.* Para expor os rendimentos, e obrigações, em que ficava, a este seu Atlante, e Irmaõ no espirito, por lhe honrar, e authorizar com esta sua empreza depois da morte os seus ossos.

Concluo finalmente, que já naõ podem queixar-se os Filhos do Mundo novo, de que lhe falta o Alexandre, que com o rayo do seu espirito lhe illustrava os entendimentos, e feria os corações; porque o Author como se estivera vivo, e reproduzido lhe expoem nesta sua obra a Arvore da vida, JESU Christo crucificado. Abbreviado Ceo, de cujo centro se despedem os rayos daquella verdadeira luz, com que os entendi-

mentos se convencem, e os corações se transmutaõ: à vista do que, como já naõ posso ser Censor, tambem naõ posso ser Panegyrista, pois nem a Sagrada Religiaõ da Companhia de JESU pertende mais dos seus grandes Filhos: *Nos autem prædicamus JESUM Christum, & hunc crucifixum*; nem V. Magestade quer, e dispoem seja outro o emprego dos seus Missionarios; por cuja causa merecendo o Author contarse no numero dos Escritores notaveis da sua Religiaõ; merece esta sua obra (por se naõ encontrar nella cousa em que se offendaõ as Leys deste Reino, ou o Real serviço de V. Magestade) a licença (que para se imprimir) se pede, e se pertende. Assim me parece, V. Magestade mandará o que for servido. S. Dómingos de Lisboa Occidental 29. de Setembro de 1733.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para se conferir, e taxar, e sem isso naõ correrá. Lisboa Occidental 3. de Outubro de 1733.

Pereira. *Rego.*

ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

PARTE I.

Da Raiz, e Tronco da Arvore da vida.

CAPITULO I.

Da terra, e lugar, onde foy plantada a Arvore da vida JESUS crucificado.

A TERRA, onde foy plantada esta Arvore da vida, he o monte Calvario, que isso significa o seu nome proprio Golgotha. No tempo, em que nelle foy plantada esta salutifera Arvore, estava este monte fóra das portas da Cidade de Jerusalem, como diz S. Joaõ: *Quia prope civitatem erat locus, ubi crucifixus est* JE- Joan. 19.

JESUS; diſtante da caſa de Pilatos mil, e trezentos; e vinte hum paſſos; hoje porém fica eſte monte dentro
Geneſ. 22. da Cidade. Eſte he aquelle monte, que Abrahaõ primeiro conſagrou, quando por mandado de Deos ſubio a elle para ſacrificar ſeu filho Iſaac; como por informa-
Apud Drexel. de Chriſto mor. çaõ de S. Jeronymo teſtifica Santo Agoſtinho. Chamava-ſe primeiro eſte monte Moria, e Abraham, lhe chamou: *Dominus videt*; o Senhor vê; porque nelle vio Deos a obediencia do filho, e mais a obediencia do pay.

A razaõ litteral de ſe chamar eſte monte Calva-
Apud Cornel. in Matth. 27 rio, diz S. Jeronymo, que he, porque como era lugar de ſupplicio, em que morriaõ os malfeitores; eſtava cheyo de caveiras. Porém a verdadeira razaõ he, a que dá Santo Agoſtinho, e mais Santos Padres; porque neſte monte foy ſepultado Adam, a quem Chriſto remio com ſua Cruz, e aſſim entendem o de Saõ Paulo:
Epheſ. 5. 14. *Surge, qui dormis, & exurge à mortuis, & illuminabit te Chriſtus.* E naõ ſó foy ſepultado Adam neſte monte, mas no meſmo lugar, onde a Cruz foy levantada, como diz Santo Agoſtinho: *In ipſo loco, ubi Crux fixa eſt*; e com muita razaõ ſe póde crer, que aſſim foy: porque era juſto, diz o Santo, que onde jazia o enfermo, ſe levantaſſe o Medico: *Ubi jacebat infirmus, ibi erectus ſit Medicus.*

Cornel. in Matth. 27 A hiſtoria foy, como conta Cornelio: que no tempo do diluvio tirou Noè os oſſos de Adam, e os guardou na Arca, e paſſado o diluvio, os repartio por ſeus filhos: a caveira deu-a a Sem mais velho, a quem coube aquella parte de Judéa; e eſte a enterrou no lugar, onde a Cruz foy plantada: o qual tem por provavel Santo Ambroſio, quando diſſe, que juſtamente ſe puzeraõ as primicias da vida, onde eſtiveraõ os principios da morte: *Congruebat, ut ibi primitiæ vitæ noſtræ loca-*

locarentur, ubi fuerant mortis exordia.

Neſte monte ſe caſtigavaõ os malfeitores: lugar verdadeiramente terrivel, bem repreſentado no lugar, em que Jacob vio aquella eſcada, em que Deos eſtava eſtribado, figura de Chriſto crucificado, como diz Santo Agoſtinho, a que Jacob chamou lugar terrivel: *Quam terribilis eſt, inquit, locus iſte!* Monte de myrrha amargoza, e monte que deſde que Adam peccou, preparou Deos na ultima idade do mundo ſobre todos os montes do Univerſo, como diz Iſaîas: *Et erit in noviſſimis diebus præparatus mons domus Domini in vertice montium.* Porque ſobre todos os montes eſte monte infame, e lugar de malfeitores, eſcolheo para obrar o negocio de noſſa Redempçaõ; e por iſſo meſmo diz Cornelio, quiz Chriſto ſer crucificado neſte infame monte do Calvario, para pagar por noſſas infames, e execraveis culpas: *Voluit Chriſtus in loco infami, qualis erat Golgotha, crucifigi, ut infamia, & execrabilia noſtra ſcelera lueret, & expiaret.* Gen. 28. 17. Iſai. 2. 2.

S. Paulo para concordar a figura com o figurado, dá outra profundiſſima razaõ. Diz, que aſſim como antigamente os ſacrificios, que ſe faziaõ para remiſſaõ dos peccados, ſe queimavaõ fóra das portas dos arrayaes; aſſim Chriſto foy crucificado fóra das portas da Cidade, porque morria pelos peccados do mundo: *Quorum enim animalium infertur ſanguis pro peccato in Sancta per pontificem, horum corpora cremantur extra caſtra. Propter quod & JESUS, ut ſanctificaret per ſuum ſanguinem populum, extra portam paſſus eſt.* Os mais ſacrificios ſe faziaõ no altar do templo, e ſe queimavaõ dentro da Cidade; porém o que ſe fazia pela remiſſaõ dos peccados, ſe fazia fóra. E como o de Chriſto ſe fazia pelos peccados, fóra das Heb. 13. 11.

portas se poz o altar, que foy a Cruz.

Tres causas aponta o Apostolo. Primeira, para significar, que na Cruz se levantava novo altar para o mundo todo, e cessava o dos Judeos, e como diz Santo Ambrosio: *Ut Crux Christi non templi esset ara, sed mundi.* Segunda, para que nós os fieis sigamos a Christo até o Calvario, amando os improperios da Cruz: *Exeamus igitur ad eum extra castra improperium ejus portantes*; isto he, diz Cornelio, fóra das vaidades, e delicias do mundo, abraçando os opprobrios, e mortificaçaõ da Cruz; como dos Santos Apostolos testifica S.Lucas, que se gozavaõ com as contumelias, que padeciaõ por amor de Christo: *Ibant Apostoli gaudentes à conspectu Concilii, quoniam digni habiti sunt pro nomine JESU contumeliam pati.*

Heb. 13. 13.

Actor. 5.

A terceira causa aponta o mesmo Apostolo. Para significar, que naõ temos aqui Cidade permanente; senaõ que a nossa cidade naõ he a Jerusalem da terra, mas a do Ceo: *Non enim habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus.* Por isso diz, que havemos de sahir fóra de Jerusalem para o Calvario; porque só pelo Calvario, por onde Christo foy, se vay para a futura Jerusalem, que buscamos.

Heb. 13. 14.

Esta pois he a terra, este o lugar, em que a Arvore da vida foy plantada; porque este monte Calvario foy o lugar, onde Christo foy crucificado, que he a verdadeira Arvore da vida. A Santa Inez de Monte Pulciano, trouxe hum Anjo huma pouca desta terra do Calvario, com que a Santa satisfez os desejos de o visitar. A Bemaventurada Luzia da Ordem dos Prégadores, com os desejos de visitar este Santo monte, foy levada em espirito desde o Horto até o Calvario. Com os mesmos desejos muitos Santos passaraõ à Terra Santa, como foraõ S.Gonçalo, Santo Ignacio de Loyola, e outros muitos.

*Agiol Domin p.*1. *c.*2.

Ou-

Outra terra, e outro lugar vos aponto eu, em que devemos plantar esta Arvore, que saõ nossas almas, e nossos corações. Na consideraçaõ de ramalhete de myrrha o desejava a Alma Santa trazer sempre ao peito: *Fascículus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Cant. 1. 12. Façamos de nossos corações Monte Calvario, naõ da sorte que foy, mas da sorte, que hoje he, lugar de devaçaõ, lugar de religiaõ, e piedade, limpo já de ossos, e caveiras. Antes era o Calvario lugar infame, e horroroso: hoje he lugar Santo, e aprasivel. Sejaõ assim nossos corações, e logo seraõ dignos, de que se plante nelles esta Arvore da vida JESUS crucificado.

Tal foy o coraçaõ de Santa Clara de Monte-Falco, onde se acharaõ milagrosamente impressos os passos da Paixaõ de Christo, com a imagem perfeitissima de hum Crucifixo. Tal o coraçaõ daquelle escravo, que com a continua memoria de Christo crucificado, se lhe achou esta imagem impressa em huma parte delle. E tal o coraçaõ de S. Francisco, que mereceo receber por fóra no corpo os sinaes das cinco Chagas, que tinha dentro da alma. E finalmente taes foraõ os corações daquelles, que para final de quam arreigada tinhaõ na alma esta Arvore, imprimiraõ à força do ferro, e fogo sobre os peitos, e braços o final da Cruz, e os mais instrumentos da Paixaõ.

CAPITULO II.

Do anno, mez, dia, e hora, em que foy plantada no Calvario a Arvore da vida.

FOy eſta Arvore da vida plantada no monte Calvario por mandado de Pilatos, a requerimento dos Pontifices, Eſcribas, e Fariſeos de Jeruſalem, na era da creaçaõ do mundo, ſegundo a mais provavel conta, de quatro mil, e trinta e quatro: e do diluvio univerſal dous mil, trezentos, e ſetenta e oito: já na ſexta, e ultima idade do mundo; porque eſſe foy o anno, em que Chriſto foy crucificado: cumprindo-ſe à riſca as ſetenta e duas hebdomadas de Daniel, alèm das primeiras ſete de que falla no Capitulo nono, contando do dia em que teve o Profeta a revelaçaõ, conforme Tirino diligente computador dos annos.

Tirin. Chronol.

Logo nos occorre perguntar: ſe o remedio do genero humano eſtava cifrado neſta Arvore da vida, como confeſſa a Igreja: *Qui ſalutem humani generis in ligno Crucis conſtituiſti*; como o dilatou Deos por tantos annos? Quando Adam peccou, e com ſeu peccado o mundo todo ſe perdeo, logo Deos Noſſo Senhor prevenio o remedio, que foy o nacimento, e morte de ſeu Filho na Cruz. Com tudo paſſaraõ-ſe mil ſeiſcentos, e cincoenta e ſeis annos até o diluvio: paſſaraõ-ſe do diluvio até o cativeiro dos filhos de Iſrael no Egypto, oitocentos e oitenta e ſete annos: do cativeiro até o Reino de David, quatrocentos, e oitenta annos: do Reino de David até o cativeiro de Babylonia, quatrocentos, e cincoenta, e dous annos: deſte até o Nacimento de Chriſto, quinhentos, e vin-

e vinte e cinco annos; em que paſſados trinta, e quatro annos de idade, começando de ſua Encarnaçaõ foy Chriſto crucificado; e eſte vem a ſer o anno, em que eſta Arvore da vida foy plantada.

A razaõ diſta dilaçaõ foy; porque como o remedio eſtava em naſcer Deos de huma mulher, e morrer em huma Cruz; até eſta mulher naõ exiſtir no mundo, naõ ſe podia effeituar o remedio. De ſorte que determinado Deos a tomar carne humana para remedio do mundo, lançou os olhos por toda a maſſa dos poſſiveis, conſiderou todas quantas Virgens havia de haver em todas as idades do mundo, e nenhuma achou digna de ſer Máy de ſeu Unigenito Filho, mais que aquella Puriſſima, e Santiſſima Donzella MARIA, filha de Joaquim, e Anna. Dilatou pois Deos o remedio do genero humano, eſperando tal conjunçaõ de tempo, em que houveſſe hum tal cazal, que pudeſſem ſer dignos Pays, da que havia de ſer Máy de Deos.

S. Paulo bem entendido, parece que iſto meſmo quiz dizer, quando diſſe, que tanto que chegou o ponto do tempo decretado, logo Deos mandou ſeu Filho nacido de huma mulher: *At ubi venit plenitudo temporis, miſit Deus Filium ſuum factum ex muliere*; Galat. 4. 4. porque dizer, tanto que chegou, e tanto que naceo MARIA, he dizer a meſma couſa. Pelo qual ſe deixa bem entender naõ ſó a excellencia deſta Máy, mas tambem a obrigaçaõ de a amarmos, pois foy taõ grande parte do noſſo remedio.

Quanto ao mez, dia, e hora, em que foy plantada a Arvore da vida, ſe reſponde, que no meſmo mez, dia, e hora, em que foy Chriſto crucificado. Quanto ao dia, foy aos vinte e cinco de Março, dia em que foy concebido: e neſte dia celebra a Igreja a feſta da Encarnaçaõ, e memoria do bom Ladraõ, que foy junta-

mente crucificado com Chriſto; e deſta opiniaõ ſaõ os
In Matth. 27. mais dos Santos Padres, que allega Cornelio Alapide. Poſto que Tirino, diligentiſſimo computador dos annos, moſtra, que foy aos vinte e tres. Mas todos concordaõ, que foy no mez de Março no Equinocio; aſſim como o Nacimento foy aos vinte e cinco de Dezembro no Solſticio. Foy o Senhor crucificado aos trinta, e quatro annos de idade, contados deſde o dia, em que encarnou.

O dia foy o de Seſta feira aos quinze da Lua. Neſte dia foy creado Adam: neſte foy o ſacrificio de Iſaac, neſte meſmo monte Calvario. Neſte meſmo dia foy a ſahida dos filhos de Iſrael do Egypto pelo mar vermelho: huma, e outra couſa figura de Chriſto. Que neſte dia foſſe creado Adam, e no meſmo comeſſe do frutto, e no meſmo foſſe lançado do Paraiſo, ſentem muitos, e entre elles Tertuliano. E como notou Tirino, no dia, em que Adam fechou as portas do Ceo, comendo da arvore prohibida, as abrio Chriſto, morrendo na Arvore da Cruz.

Quanto à hora, foy na meſma, em que Chriſto foy crucificado, que foy ao meyo dia, como diz S. Joaõ:
Joan. 19. 14. *Erat hora quaſi ſexta*; contando do nacimento do Sol. E naõ foy ſem myſterio; porque, como nota Cornelio com os mais Authores, neſta hora do meyo dia peccaraõ noſſos primeiros Pays, e nella foraõ lançados do Paraiſo. E era conveniente, como diz Beda, que na meſma hora, em que o primeiro Adam peccando, introduzio no mundo a morte, neſſa meſma hora o ſegundo Adam com ſua morte a deſtruiſſe: *Divinæ pietatis ordo poſcebat, ut qua hora primus Adam peccando mortem huic mundo invexerat, eâdem hora ſecundus Adam mortem moriendo deſtrueret.*

O tempo, em que eſta Arvore da vida eſteve em

pé

pé no Calvario, foraõ tres horas; porque tantas eſteve o Senhor vivo na Cruz. Porque ſendo crucificado ao meyo dia; às tres horas da tarde, que he a hora de Noa, eſpirou: e todas eſtas tres horas durou o ecclypſe do Sol, como diz o Euangelho: *A ſexta autem hora tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam terram uſque ad horam nonam.* Matth. 27 45.

O que importa he, que nós os fieis ſaibamos computar eſtes tempos, e eſtas horas, em que Noſſo Redemptor padeceo por noſſos peccados. S. Paulo reprehendendo os de Galacia, porque todo o ſeu cuidado era computar ſuperſticioſamente os tempos, lhes diz: *Dies obſervatis, & menſes, & tempora, & annos.* Obſervais muito por miudo os dias, os mezes, os tempos, e os annos das feſtas, e ſolemnidades Judaicas; e dos myſterios de Chriſto crucificado, que tendes diante dos olhos vos eſqueceis, ò Galatas inſenſatos: *O' inſenſati Galatæ, quis vos faſcinavit non obedire veritati, ante quorum oculos JESUS Chriſtus præſcriptus eſt, in vobis crucifixus?* Eſta meſma reprehenſaõ nos pudera dar o Santo Apoſtolo; pois ſendo Chriſtaõs andamos muitas vezes obſervando os dias, e as horas com huma vã, e ſuperſticioſa curioſidade: e dos dias, e horas, em que ſe obraraõ os myſterios de noſſa redempçaõ, nenhuma lembrança temos. Galat. 4. 10. Ibid 3. 1

Pois por certo, que por eſtes dias, e por eſtas horas deviamos computar, e governar toda a noſſa vida; porque no dia do Juizo, aſſim como a Cruz ha de ſer a medida de noſſas obras; aſſim por aquelles dias, e por aquellas horas, em que Chriſto padeceo no Calvario, ſe haõ de contar os dias, e as horas da noſſa vida; e ſó pelos que forem conformes aos de Chriſto em ſua Paixaõ, ſe haõ de medir os annos da noſſa eternidade. E claro eſtá, que nenhum dia, nem hora nos póde aſſegurar

gurar melhor os annos da eternidade da Gloria, que os que neſta vida forem conformes aos de Chriſto na Cruz.

Eccleſ.12. 5. *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ*; diz o Eſpirito Santo. Em chegando a hora da morte, cada hum caminha para a caſa de ſua eternidade. Se fabricou no Ceo, lá achará ſua caſa, e mais ſua eternidade: ſe fabricou no Inferno, lá achará ſua caſa, e ſua eternidade. As boas, ou más obras ſaõ os materiaes, com que aquellas caſas ſe fabricaõ: para ajuntar eſtes, nos deo Deos os dias, e as horas deſta vida. Se os gaſtamos ſanta, e louvavelmente em graça de Deos, fabricamos no Ceo noſſa caſa, e nella a noſſa eternidade de gloria; ſe os gaſtamos ocioſamente em vicios, e peccados, fabricamos no Inferno noſſa caſa, e nella a noſſa eternidade de penas; porque como diz o Eſpirito Santo: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.*

Pelo qual naõ ſómente he louvavel, mas de muito merecimento a lembrança, e computo deſte dia, e deſtas horas, em que Chriſto eſteve, e morreo na Cruz. Eſta foy a intençaõ, que a Companhia de JESU teve, em fazer final ao meyo dia, para lembrança daquella, em que o Senhor foy crucificado; aſſim como no final da madrugada, o faz em memoria de ſua Reſurreiçaõ: o qual foy induſtria da Companhia; aſſim como de toda a Igreja foy o final, que ſe faz ao fim do dia em memoria de ſua Encarnaçaõ.

CAPITULO III.

Dos titulos glorioſos da Arvore da vida.

ALém do nome proprio da Arvore da vida, JESUS crucificado, mandou Pilatos por divina diſpoſiçaõ pre-

pregar na Cruz do Senhor o titulo: *JESUS Nazarenus Rex Judæorum.* E para que a todas as nações de gentes constasse, estava escrito nas tres linguas Hebraica, Grega, e Latina. Para que, como diz S. Paulo: *Omnis lingua confiteatur, quia Dominus JESUS Christus in gloria est Dei Patris*; para que toda a lingua, e todo o mundo confesse, que aquelle JESUS, que esteve crucificado no Calvario entre dous ladrões, está gloriozo no Ceo à mão direita de Deos Padre. De sorte que o titulo, que para, os que o crucificarão, era de ignominia, para Christo foy de gloria. Hoje se guarda em Roma este titulo, e o P. Cornelio diz, que o vira com as letras já quasi apagadas. *Philip. 2. 11.* *In Matth. 27.*

No primeiro nome *JESUS* testifica, que aquelle era o Salvador do mundo, o Messias esperado. Está dizendo, o que tantas vezes repetio por Isaias: *Ego Dominus Deus tuus Sanctus Israel Salvator tuus.* Eu sou o teu Deos, e teu Salvador; que por isso mesmo estou nesta Cruz; porque por meyo della te hey de salvar. Por esta causa lhe foy posto do Ceo este nome, como o Anjo disse a S. Joseph: *Vocabis nomen ejus JESUM: ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum.* *Isai. 43. 3.* *Matth. 1. 21.*

O nome de *Nazareno* quer dizer florído, *floridus*, ou *Homo illibati floris*, homem virgem: e com muita propriedade; porque sendo elle a flor do campo, nacido da virginal assucena de MARIA, está entre os espinhos, de que está coroado, todo lacerado, e sem fermosura: *Sicut radix de terra sitienti: non est species ei, neque decor*; e posto que em leito aspero da Cruz, não deixa de estar alastrado de fragrantes flores, que são as virtudes, que por toda a Igreja recendem, como veremos na terceira parte deste Tratado. *Isai. 53. 2.*

O terceiro nome he *Rey dos Judeos: Rex Judæorum.*

dæorum. Quando o povo no dezerto quiz conſtituir a Chriſto por Rey, fugio para o monte: *Fugit iterum in montem ipſe ſolus.* Porém na arvore da Cruz admittio o titulo de Rey; porque como diſſe David deſde a Cruz começou a reinar: *Regnavit à ligno Deus*; e como diſſe Santo Agoſtinho, com a morte de Cruz mereceo o titulo de Rey. Por eſſa cauſa diz David, que todas as arvores ſe alegraraõ, porque entre todas eſta arvore foy digna de ſer trono deſte grande Rey: *Tunc exultabunt omnia ligna ſilvarum. Quia Dominus regnavit.*

Joan. 6. 15.

Pſal. 97. 10. 12.

Eſte titulo he como thema de todos quantos elogios daõ os Santos a eſta Arvore da vida, porque de JESUS Nazareno recebe toda ſua virtude; e todos quantos louvores os Santos dizem da Cruz, todos ſe refundem em JESUS crucificado. Eſta he a razaõ, que daõ os Theologos, porque ſe dá adoraçaõ de latria à Cruz, que he propria de Deos, e naõ à Soberana Virgem ſua Máy: porque como a Cruz naõ ſeja creatura racional, como he a Senhora, toda a adoraçaõ, que ſe dá à Cruz, ſe refunde em Chriſto, que nella foy crucificado. Eſta he a cauſa dos muitos louvores, e glorioſos titulos, que daõ os Santos à Cruz de Chriſto, entre os quaes ſaõ muito ſingulares os que lhe dá Saõ Joaõ Chryſoſtomo.

Chryſoſt. Hom. de Cruce t. 3.

A Cruz (diz elle) he a eſperança dos Chriſtaõs, reſurreiçaõ dos mortos, guia dos cegos, caminho dos errados, conſolaçaõ dos pobres, deſtruiçaõ dos ſoberbos, pena dos que vivem mal, triunfo contra os demonios, ayo dos mancebos, ſuſtento dos pobres, eſperança dos deſeſperados, piloto dos que navegaõ, porto dos naufragantes, pay dos orfaõs, defenſa das viuvas, conſelheiro dos Juſtos, deſcanço dos atribulados, guarda dos pequeninos. A Cruz he a luz dos que eſtaõ

em

em trevas, magnificencia dos Reys, ſabedoria dos ignorantes, liberdade dos cattivos, filoſofia dos Imperadores, louvor dos Profetas, prégaçaõ dos Apoſtolos, gloria dos Martyres, abſtinencia dos Monges, caſtidade dos virgens, fundamento da Igreja, ruina dos Idolos, eſcandalo dos Judeos, perdiçaõ dos impios, mezinha dos enfermos. Tudo iſto, e muito mais dizem os Santos da Cruz de Chriſto, e tudo ſe encerra no titulo, que Pilatos lhe mandou eſcrever *JESUS Nazarenus Rex Judæorum.*

Do qual temos muito, que aprender, todas as vezes, que puzermos os olhos neſte titulo; conſiderando, que eſte, que vemos pregado em huma Cruz coroado de eſpinhos, entre dous ladrões, he JESUS Nazareno Rey dos Judeos; procuremos, diz o Alapide, tirar ſete affectos. Primeiro de compaixaõ: ſegundo de compunçaõ: terceiro de acçaõ de graças: quarto de imitaçaõ: quinto de eſperança: ſexto de admiraçaõ: ſettimo de amor. Na vida de Santa Thereſa de JESU, ſe conta de huma nobre, e rica donzella por nome Catharina, que no tempo, em que mais ſe occupava no ornato do corpo, e vaidade do mundo; pondo acaſo os olhos em huma Imagem de Chriſto crucificado, leo o titulo de J.N. R.J. e foy tal a moçaõ de ſeu coraçaõ, que deixando os penſamentos do mundo, começou a fazer huma vida penitente. E fundando de ſuas riquezas hum Moſteiro de Religioſas, ſe encerrou nelle com huma ſua irmã Maria, e acabou ſantamente.

In Matth. 27.

CA-

CAPITULO IV.

De algumas figuras, que precederaõ nas Divinas letras da Arvore da vida.

A Primeira, e principal figura foy a Arvore da vida, *Gen.* 3. que Deos plantou no Paraiſo terreal. Porque aſſim como aquella tinha virtude de cauſar vida temporal; eſta tem virtude de cauſar vida eterna: mas com eſta differença, que aquella pelo peccado de Adam, foy occaſiaõ de ſe fechar o Paraiſo terreal; eſta pelo merecimento de Chriſto foy cauſa de ſe abrir a porta do Paraiſo celeſtial.

Gen. 4. A ſegunda figura foy Abel, morto por inveja de ſeu irmaõ; aſſim como Chriſto morto por inveja de ſeu povo: com eſta differença porém, que o ſangue de Abel clamava pelo caſtigo, e o de Chriſto clamava pelo perdaõ. Tambem o cordeiro ſacrificado, ſignificava o ſacrificio da Cruz, que na figura de Cordeiro tantas vezes ſe ſignifica nas Divinas letras. E aſſim como Deos poz os olhos em Abel, e mais no Cordeiro; aſſim o Eterno Padre os poz em ſeu Filho crucificado, cujo ſangue na Cruz derramado, clama nos ouvidos Divinos, melhor que o ſangue de Abel, como diz S.Paulo: *Meliùs loquentem quàm Abel.* *Heb.* 12. 24.

A terceira figura foy Noè na Arca do diluvio, de quem diz o Eccleſiaſtico, que no tempo da ira de Deos contra o mundo, foy o reconciliador: *In tempore iracundiæ factus eſt reconciliatio*; Noè na Arca, Chriſto na Cruz. Para final de naõ haver mais diluvio, poz Deos no Ceo o Arco Iris, que tambem he figura de Chriſto crucificado por muitas razoens. Primeira: porque *Eccleſ.* 44. 17. *Gen.* 9.

que assim como o Iris he final da paz com Deos ; assim Christo por meyo da Cruz he a nossa paz , como diz S.Paulo : *Ipse enim est pax nostra.* Segunda razaõ : por- *Ephes. 2.* que assim como o Iris toca com huma ponta no Ceo, e 14. outra na terra ; assim Christo na Cruz com a Divindade respeita o Ceo , e com a Humanidade respeita a terra. Terceira : o Arco Iris he final de chuva ; e no anno de 540. em lugar de agua no monte Calvario, choveo sangue em huma Sesta feira da Paixaõ. E finalmente assim como Deos pondo os olhos no Arco Iris , se lembra da sua promessa de naõ castigar mais o mundo com outro diluvio ; assim pondo os olhos em seu Filho pregado em huma Cruz , se lembra do novo Testamento , de que he medianeiro JESUS Christo , como diz S.Paulo: *Et* *Heb. 9. 15* *ideo novi testamenti mediator est.*

A quarta figura foy o sacrificio de Isaac no monte Moria, que propriamente representou o de Christo no monte Calvario ; mas com esta differença, que no mon- *Gen. 22.* te Moria , foy livre o filho , e sacrificado o carneiro : e no monte Calvario Christo foy morto , e sacrificado.

A quinta figura foy Moysés em muitos, e muy proprios mysterios. Tirou do cattiveiro o povo de Deos *Exod. 5. 6* pelo mar vermelho : Christo o genero humano, por vir- *7.* tude de seu sangue. Moysés fez notaveis maravilhas em virtude da sua vara : Christo muito mayores em virtude de sua Cruz. Moysés com os braços estendidos em cruz venceo a Amaléc : Christo com os braços estendidos na Cruz venceo o Demonio. Moysés depois de haver metido o povo de Deos de posse da terra de promissaõ, morreo por obediencia de Deos no monte Nebo : Christo para meter o seu povo na patria Celestial, morreo por obediencia do Padre Eterno no monte Calvario.

A sexta figura foy a serpente de metal, arvorada *Num. 21.*

sobre

ſobre hum madeiro, por mandado de Deos no dezerto, para ſaude dos que foraõ mordidos das ſerpentes de fo-
Joan.3 14. go, como diſſe o meſmo Chriſto a Nicodemos: *Sicut Moyſes exaltavit ſerpentem in deſerto; ita exaltari oportet Filium hominis.*

Outras muitas figuras da Cruz ſe referem nas Di-
Gen.27.32 vinas letras, que no ſentir dos Santos, foraõ figuras dos myſterios da Cruz. A eſcada de Jacob, ſobre a qual eſtribava o meſmo Deos: o bordaõ, com que o meſmo
Joſue 8. Jacob paſſou o Jordaõ: o eſcudo, que Joſué levantou contra a Cidade de Hay. O lenho, com que Eliſeo ti-
4. Reg.6. rou do fundo da lagoa o ferro, ſignificava o lenho da Cruz, como diz Santo Agoſtinho, com que Chriſto tirou do profundo do peccado o genero humano. A cithara de David, com que afugentava o demonio; e outras figuras ſemelhantes, em que o Eſpirito Santo tanto de antes quiz ſignificar a virtude deſta Arvore da vida JESUS crucificado.

Sobre todas as figuras de Chriſto em ſua Paixaõ, foy o Santo Job. Santiago nos aconſelha, que ponha-
Jacob.5. 11. mos os olhos na figura, e mais no figurado: *Sufferentiam Job audiſtis, & finem Domini vidiſtis.* O Santo Job foy Rey de Iduméa: Chriſto Rey do Ceo, e da terra. Job privado de todos os ſeus bens, e riquezas: Chriſto de todas as ſuas veſtiduras, até ficar nù, pendente em huma Cruz. Job foy privado de toda a ſua familia: Chriſto de todos os ſeus diſcipulos. Job foy feito huma chaga deſde os pés até a cabeça: o meſmo
Iſai.1.6. foy Chriſto, como diz o Profeta: *A planta pedis uſque ad verticem, non eſt in eo ſanitas.* Job padeceo em ſeu animo triſteza, tédio, eſcrupulos, e anguſtias: Chriſto as padeceo deſde o Horto até a Cruz. Job ſofreo grandes affrontas dos amigos, e parentes: Chriſto ſofreo mayores dos Sacerdotes, e magiſtrados, tido por

blaſfe-

blasfemo, e sediciozo. Job, que naõ padeceo da maõ do demonio? Mas Christo muito mais. Job se queixou de se ver desemparado de seus amigos: Christo ainda de seu Eterno Padre se queixou. Finalmente Job tudo isto sofreo com summa paciencia, humildade, e constancia: Christo com mayor até à morte, e morte de Cruz.

CAPITULO V.

De outra maravilhoza figura da Arvore da vida, que he o final Thau.

REvelando Deos ao Profeta Ezequiel a futura destruiçaõ, que os Assirios haviaõ de fazer na Cidade de Jerusalem; vio o Profeta, que hum varaõ vestido de linho mandava a seis armados, que o acompanhavaõ, que passassem a cutello todo aquelle, que naõ achassem assinalado com o final de Thau na testa. Provou o effeito a verdade da revelaçaõ; porque os Assirios entráraõ, e degoláraõ; e só nos bons, que gemiaõ, e se dohiaõ da ruina, naõ tocaraõ. *Ezech. 9.*

Era este final de Thau no sentido dos Santos, figura de Christo crucificado, como diz Cornelio com os Santos Padres, que allega; porque na fórma de cruz se escrevia: e onde o Hebreo diz: *Signa Thau*; o Syriaco lê: *Signa crucem*, escreve o final da Cruz. Pelos que se dohiaõ, e gemiaõ se entendem facilmente aquelles, que com a lembrança de Christo na Cruz, naõ só choraõ seus peccados, e os do povo; mas se compadecem das penas, e afrontas, que Christo na Cruz padeceo. *Ezech 9. 4.*

Quam proprio symbolo da Arvore da vida JESUS cru-

crucificado seja este final, se poderá entender de seus mysterios. Primeiramente *Thau* significa *vives:* vivirás. E quem naõ vê, que daquella Cruz com os braços abertos nos está Christo offerecendo a vida? Está dizendo: Se te converteres, e chorares teus peccados, *vives*, vivirás. Se te compadeceres de meus tormentos, se te conformares com minha Cruz, *vives*, vivirás. Esta letra Thau entre os Gregos era final de vida; assim como esta letra Theta era final de morte; por isso aos condenados à morte lhe escreviaõ a letra Theta, e aos que sahiaõ com vida lhe escreviaõ a letra Thau, como conta o nosso Jacob Gretsero. E certamente viviremos vida, e vida sempiterna, se este final da Cruz andar sempre escrito nas nossas testas; isto he, Christo crucificado nas nossas memorias. Aquelles varões, que escaparaõ da morte, por isso ficaraõ com vida, porque tinhaõ na testa escrito o final da Cruz. Esse era o preceito de Deos: *Omnem autem, super quem videritis thau, ne occidatis.*

Gretser. de Cruce lib. 1. c. 51.

Ezech. 9. 6.

Donde piamente se póde considerar, que a devida lembrança de Christo crucificado, he manifesto final de predestinaçaõ; porque he a mais efficaz para evitar os peccados, que saõ os que nos impedem o caminho do Ceo. Saõ Paulo diz, que por filhos de Deos somos herdeiros de sua gloria: *Si filii, & hæredes*; mas acrescenta logo, como condiçaõ, a compaixaõ: *Si tamen compatimur, ut & conglorificemur.* E como póde deixar de se compadecer de Christo, o que tendo-o sempre na lembrança, o tem impresso no coraçaõ. Saõ Bernardo diz, que pela lembrança está Christo em nós, como em Cruz: *Fortasse Crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratus infixus est.* E acrescenta o Padre Cornelio, que assim como quando estendemos os braços, está nossa alma como crucificada no nosso corpo; assim quan-

Rom 8. 17.

quando nos lembramos de Chriſto crucificado, eſtá como crucificado em noſſas almas. O certo he, que na aſſolaçaõ de Jeruſalem, ſó os que gemiaõ, e ſe dohiaõ, tinhaõ nas teſtas o ſinal da Cruz: *Gementium, & dolentium*; e ſó eſtes foraõ os predeſtinados: *Super quem videritis thau, ne occidatis.*

A outra ſignificaçaõ do *Thau*, era *Innocens*: innocente. De ſorte que aquelle ſinal da Cruz na teſta de Jeremias, ou de outro qualquer dos que gemiaõ, era ſinal de ſua innocencia; aſſim como a Cruz nas coſtas de JESU Chriſto foy ſinal de ſua innocencia. Os Judeos crucificáraõ a Chriſto entre dous ladrões, para o infamarem de culpado; e eſſa meſma Cruz como o ſinal Thau clamava ſua innocencia. Joſeph, que prezo no grilhaõ entre dous Eunucos, foy figura de Chriſto entre dous ladrões; com verdade teſtemunhava ſua innocencia: *Hic innocens in lacum miſſus ſum.* Aſſim Chriſto na Cruz entre dous ladrões, eſtá como Joſeph clamando ſua innocencia. Hum dos dous ladrões com a conſideraçaõ deſta innocencia dizia: *Nos quidem juſtè, nam digna factis recipimus: hic verò nihil mali geſſit.* Nós como culpados juſtamente padecemos; mas eſte innocente, que mal fez? E eſta conſideraçaõ foy poderoza para ſe converter, e ſalvar.

Gen. 40. 15.

Luc. 23. 41

Era finalmente o ſinal Thau a ultima letra do Abecedario Hebraico; e aſſim como na ultima linha do relogio de Acaz, ſe ſignificava Chriſto encarnado, como dizem os Santos; aſſim na ultima letra Thau ſe ſignificava Chriſto crucificado; porque, como diz Alapide, na Cruz ſe verificou o que Iſaías diz, quando chamou ao Senhor, o ultimo dos homens: *Noviſſimus virorum.* Donde ſe vê, com quanta propriedade foy figura de Chriſto crucificado o ſinal Thau.

Iſai. 38.

Iſai. 53.

CAPITULO VI.

Da Raiz da Arvore da vida, que he a Divindade, e Humanidade de Chriſto.

DEpois de haver Chriſto revelado a S. Joaõ os myſterios paſſados, e futuros de noſſa Redempçaõ por todos os vinte e dous Capitulos do Apocalypſe, quaſi aſſinando-ſe ao pé, diz aſſim: *Ego JESUS miſi Angelum meum ... Ego ſum radix, & genus David.* Eu ſou JESUS, a raiz de David. Em ſe chamar JESUS claramente diz, que elle he o Redemptor; porque iſſo quer dizer JESUS. E proteſtar o Senhor, que elle era a raiz de David, he dizer, que em elle ſer homem da geraçaõ de David, eſteve o fundamento, ou raiz, donde naceo a Redempçaõ, que ſe obrou na Cruz; porque havendo de ſer a Redempçaõ por meyo da morte do Filho de Deos; mal ſe pudera obrar, ſe elle foſſe ſó Deos, e naõ homem. Aſſim o diſſe Santo Agoſtinho: *Non crucifigeretur, aut moreretur, niſi homo. Acceſſit ergo homo ad illas omnes paſſiones, quæ in illo nihil valerent, niſi eſſet homo.*

Apoc. 22. 16.

In Pſ. 63.

De Chriſto profetizou Iſaîas, que havia de nacer como raiz da terra ſeca: *Aſcendit... ſicut radix de terra ſitienti.* O meſmo Profeta claramente inſinua, que ſe ha de entender de Chriſto crucificado; porque vay deſcrevendo como em hiſtoria os tormentos, e opprobrios de ſua Paixaõ: *Verè languores noſtros ipſe tulit, & dolores noſtros ipſe portavit.* Para que entendamos, que a raiz, ou virtude deſta Arvore he o meſmo, que na Cruz deo a vida, e ſangue, para nos remir; e que a Humanidade, que naceo da terra virgem de ſua

Iſai. 53. 2.

Ibid. 4.

Mãy,

Mãy, como a raiz da terra ſeca: *Sicut radix de terra ſitienti*; he a raiz deſta Arvore da vida, ou o fundamento de todo o negocio da Redempçaõ; porque nem o Verbo Divino nos pudera remir, ſenaõ foſſe homem, porque ſó ſendo homem podia morrer, como diz Santo Agoſtinho: *Non moreretur niſi homo.*

Naõ foy, nem podia ſer ſó a Humanidade de Chriſto raiz deſta Arvore, ſe naõ foſſe unida à Divindade; porque por razaõ da Divindade, teve Chriſto o poder de Redemptor. S. Paulo aos Colloſſenſes diz, que em Chriſto eſtava toda a perfeiçaõ da Divindade: *In ipſo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* Coloſ. 2. 9.

De tres modos diz Santo Thomás eſtá em Chriſto a Divindade. Primeiro por eſſencia, preſença, e potencia, como eſtá em qualquer creatura. Segundo por graça ſantificante, como eſtá em qualquer Juſto. Terceiro por razaõ da uniaõ Hypoſtatica, que a ſó Chriſto compete; e por razaõ deſta, Chriſto he verdadeiro Deos, e verdadeiro Homem; e por conſeguinte verdadeiro Redemptor; porque nem ſó, como homem, podia ſatisfazer a Deos dignamente pelos peccados, nem ſó, como Deos, padecer, e morrer. Eſtá além diſto o texto de Saõ Paulo: *Unus enim Deus, unus & mediator Dei, & hominum homo Chriſtus JESUS.* Onde nota Cornelio com Santo Agoſtinho, e Santo Thomás, que para a razaõ de Medianeiro, naõ baſtava ſer ſó Deos, nem ſó homem, mas Deos, e homem juntamente: *In Chriſto ſolus Deus non eſt mediator, nec ſolus homo, ſed Deus homo.* Por iſſo dizemos, que huma, e outra couſa Divindade, e Humanidade de Chriſto ſaõ a raiz deſta Arvore da vida, em que ſe obrou noſſa redempçaõ. 1. Tim. 2. 5. Aug. lib. 2. de pec. orig. c. 28.

Egredietur virga de radice Jeſſe, & flos de radice ejus aſcendet; diz Iſaías. Brotará da raiz de Jeſſé Iſai 11. 1.

huma vara, e da vara huma flor. Sem controverſia dos Santos pela raiz de Jeſſé ſe entende David, pela vara a Virgem, e Chriſto pela flor. E dizer, que a flor nacerá da raiz, e naõ da vara, foy dizer, que David foy a raiz da Humanidade de Chriſto; porque da progenie de David naceo. Com tudo Chriſto S.N. no Apocalypſe naõ ſe chama da raiz de David, ſenaõ raiz de David: *Ego ſum radix, & genus David*; porque huma, e outra couſa houve em Chriſto, como bem notou Ruperto Abbade allegado por Cornelio. Foy raiz de David, e mais da raiz de David. Foy da raiz de David em quanto homem; porque de David recebeo a Humanidade: foy raiz de David em quanto Deos; porque de Deos recebeo David o ſer, que teve: *Chriſtus quoad divinitatem eſt radix David, ſicut quoad humanitatem eſt de radice David.* E ſendo a Divindade, e Humanidade de Chriſto o fundamento de noſſa redempçaõ, que na Cruz obrou o meſmo Chriſto; com muita propriedade dizemos, que a raiz deſta Arvore conſta da Divindade, e Humanidade de Chriſto.

Apoc.22. 16.

No ſentido, em que no Eſpozo dos Cantares ſe ſignifica Chriſto, e na Eſpoza a Igreja, diz ella, que com a maõ eſquerda lhe ſuſtentava a cabeça, e com a direita abraçava o mais reſtante do corpo: *Læva ejus ſub capite meo, & dextera illius amplexabitur me.* A maõ eſquerda ſignifica a Humanidade de Chriſto, e a direita a Divindade; porque huma, e outra couſa concorreo para a obra da redempçaõ, que ſe obrou na Cruz. O Author das Allegorias diz, que por eſtes dous braços eſquerdo, e direito de Chriſto, ſe entende a miſericordia, e juſtiça de Deos; porque nem ſó a miſericordia baſta para ſatisfazer à juſtiça; nem ſó a juſtiça para obra de tanto amor. Por iſſo diz David, que huma, e outra ſe daõ a maõ: *Miſericordia, & veritas ob-*

Cant.2. 6.

Pſal.84. 11.

via-

viaverunt sibi: justitia, & pax osculatæ sunt. O qual texto ponderando Saõ Bernardo, finge devota, e graciosamente huma contenda entre as quatro virtudes, justiça, misericordia, paz, e verdade no ponto, em que Adam peccou, e nelle o genero humano, em que Deos havia de resolver ou castigo, ou premio.

A justiça, (diz elle) e a verdade contendiaõ, que devia morrer o homem, que peccou: a misericordia, e a paz pugnavaõ pelo perdaõ. Para satisfazer ambas as partes, ouvidas todas as razões, vieraõ em concerto, que morresse hum homem tal, que pudesse satisfazer a todas, de sorte, que ficasse em pé a verdade, que ficasse satisfeita a justiça, que ficasse contente a misericordia, e que ficasse segura a paz. E deste modo ficou assentado no tribunal Divino, que se fizesse homem o Filho de Deos, que morresse em huma Cruz crucificado; porque só desta sorte ficava a justiça Divina satisfeita, e o genero humano remido por hum homem Deos. Com que fica entendido, o que queremos dizer, que a Humanidade, e Divindade de Christo, foraõ a raiz da Arvore da vida, donde nace toda sua virtude.

CAPITULO VII.

Como a Santissima Virgem teve parte na raiz da Arvore da vida.

PErguntaõ os Santos Padres, porque razaõ na Encarnaçaõ do Verbo Divino, esperou Deos o consentimento da Virgem, para haver de encarnar? Porque se a obra da Encarnaçaõ era obra do Espirito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te*; parece, que naõ era necessario o consentimento da Virgem, para o Verbo *Luc. 1. 35.*

tomar delle carne. A primeira razaõ he, porque como a Encarnaçaõ foy a raiz da reparaçaõ do genero humano; quiz Deos, que a Senhora tiveſſe tambem parte neſſa obra, o que naõ fora, ſe nella faltaſſe o conſentimento da Virgem. E commummente dizem os Santos Padres, que aſſim como o mundo teve principio de hum *Fiat* de Deos; aſſim ſua reparaçaõ teve principio de outro *Fiat* da Virgem.

Eva conſentindo com o Anjo máo, foy cauſa da perdiçaõ do mundo. A Virgem conſentindo com o Anjo bom, foy cauſa da ſua reparaçaõ. De ſorte que para a obra da redempçaõ, concorreo Deos com a Divindade, e a Virgem com a Humanidade. Iſto quiz dizer Saõ Paulo, quando diſſe, que mandára Deos ſeu Filho feito de huma mulher: *Miſit Deus Filium ſuum factum ex muliere.* E tendo a Senhora taõ grande parte na obra da Encarnaçaõ, que foy a raiz da redempçaõ; com razaõ dizemos, que teve grande parte na raiz da Arvore da vida, onde ſe obrou.

Galat. 4.4

A outra razaõ, porque Deos eſperou pelo conſentimento da Virgem, he para que a Senhora tiveſſe com o merecimento mayor parte naquella obra; porque, como enſina a Theologia, no conſentimento eſtá o merecimento, ou o demerito dos actos da vontade. Quando Deos formou a Eva do coſtado de Adam dormindo, pode Adam depois de acordar, dizer com verdade: Eſte he oſſo de meus oſſos, e carne de minha carne: *Hoc nunc, os ex oſſibus meis, & caro de carne mea*; mas nem parte, nem merecimento podia allegar na geraçaõ de Eva; porque eſtando Adam dormindo, naõ foy por ſeu conſentimento, ſenaõ ſó por vontade, e poder de Deos. Porém a Virgem Santiſſima dando ſeu conſentimento, teve o merecimento, e nelle a meſma parte, que teve na geraçaõ, ou Encarnaçaõ do Verbo. E podemos

Gen. 2.23.

dizer

dizer com S. Pedro Damiaõ, que assim como o Eterno Padre na obra da creaçaõ nada obrou sem o Eterno Filho: *Et sine ipso factum est nihil.* Assim na obra da reparaçaõ do mundo, nada obrou sem a Mãy temporal: *Per ipsam, & in ipsa, & de ipsa totum hoc faciendum, & sicut sine ipso factum est nihil, ita sine illa nihil refectum est.* Joan. 1.

E sendo, como diziamos, a Encarnaçaõ do Verbo a raiz da Redempçaõ, que se obrou na Cruz, tendo a Virgem tanta parte nessa raiz, porque naõ ha de ter parte na raiz da Arvore da vida? Quando Nabucodonosor vio em sonhos aquella taõ pomposa, como mysteriosa arvore, ouvio do Ceo huma voz, que mandava dissipar a arvore, mas naõ a raiz: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus. Verumtamen germen radicum ejus in terra sinite.* No sentido allegorico era esta arvore figura de Adam. A raiz significa a Virgem; porque assim como Adam foy a origem da perdiçaõ do mundo, assim a Virgem foy a raiz de sua reparaçaõ; porque della naceo o ramo, assim como do ramo naceo a flor, que he Christo Nosso Redemptor; e por esta causa tantos Santos a chamaõ Corredemptora. Dan. 4. 11. 12.

He de fé, que o negocio da nossa redempçaõ, assim como começou com a Encarnaçaõ, assim se consummou com a morte de Cruz. Nesta quanta parte teve a Santissima Virgem! A Santa Brigida revelou ella, que a todos os passos da Paixaõ de seu Santissimo Filho se achára presente. Do Euangelho consta, que estivera ao pé da Cruz: *Stabat autem juxta Crucem JESU Mater ejus*; e tudo quanto seu Filho padecia no corpo, padecia ella no espirito; e este he o sentir de todos os Santos. Assim como os Anjos se fallaõ com os entendimentos: *Lingua Angelorum intellectus illorum*; assim os dous Mãy, e Filho se entendiaõ pelas vontades; porque Joan. 19. 25.

com

com a meſma vontade, com que o Filho ſe offerecia na Cruz, ſe offerecia a Mãy ao pé della.

Drexel. de Chriſto mor. c. 18. Huma couſa muy pia eſcreve Drexelio. Diz que toda aquella noite da Paixaõ, e tempo, em que Chriſto no Horto fazia oraçaõ ao Eterno Padre, fazia a Santiſſima Virgem a meſma oraçaõ. Dizia como ſeu Filho: *Si poſſibile eſt, tranſeat à me Calix iſte.* Como hey de ver com os meus olhos crucificado hum Filho, que he juntamente voſſo! Porém: *Non mea, ſed tua voluntas fiat.* Naõ ſe faça a minha vontade, ſenaõ a voſſa. Chega-ſe a iſto o que diz o Beato Germano: Que a Santiſſima Virgem na Paixaõ de ſeu Filho chegára a chorar lagrymas de ſangue. Logo, ſe a Virgem naõ ſó ſe conformou com a vontade de Deos na morte de ſeu Filho, mas nella chegou a derramar ſangue dos olhos, com razaõ ſe chama Corredemptora.

Eſte he o commum fallar dos Santos. Baſta por todos Santo Agoſtinho: *Hæc primæ matris damna reſolvit, hæc homini perdito redemptionem adduxit.* Eſta Senhora remediou os danos da primeira mãy Eva: eſta trouxe ao homem perdido a redempçaõ; tudo por ſer verdadeira Mãy do Redemptor: *Auctorem tuum ipſa concipiens, edidiſti in tempore Redemptorem, quem habebas ante tempora conditorem.* E para prova de que verdadeiramente era Mãy do Redemptor, moſtrou que era homem pregado em huma Cruz: *Affixus patibulo, ut veram te Matrem oſtenderet, verum ſe hominem patiendo monſtravit.* Tudo iſto he de Santo Agoſtinho.

CAPITULO VIII.

Como devemos lançar raizes na Arvore da vida JESUS crucificado.

R *Adix juſtorum non commovebitur*; diz Salamaõ. *Prov.* 12. 3. A raiz dos Juſtos ſempre ha de eſtar firme. A raiz dos Juſtos, diz Alapide, he Chriſto crucificado; porque nelle como em Arvore de vida tem os Juſtos lançado ſuas raizes: *Radix juſtorum eſt Chriſtus, quia in Deo, & Cruce Chriſti, quaſi arbore vitali, radicati ſunt.* *Alapide ibi.* No ſentido Tropologico diz o meſmo Doutor, a raiz dos Juſtos he a juſtiça, ou graça ſantificante; porque aſſim como a graça he ſemente da gloria; aſſim tambem he raiz no meſmo ſentido. Tirino diz, que a raiz dos Juſtos naõ he huma ſó, ſenaõ tres, a ſaber: Fé, Eſperança, e Caridade: *Radix, ſive radices juſtorum ſunt fides, ſpes, charitas*; *Tirin. ib.* mas com a advertencia de S. Paulo aos Colloſſenſes, que todas haõ de eſtar arreigadas em Chriſto crucificado: *Radicati, & ſuper-ædificati in ipſo.* *Coloſ. 2. 7.* No ſentido Anagogico a raiz dos Juſtos he a eternidade; porque todas ſuas obras, e intenções à eternidade ſe dirigem, e por iſſo duraõ, e permanecem: *Radix juſtorum non commovebitur.*

He primeiramente a graça, raiz dos Juſtos; porque aſſim como a raiz he, a que dá vida à Arvore, ramos, flores, e frutos, e ſeca a raiz, toda a arvore ſe murcha, e ſeca naõ ſerve mais que para o fogo; aſſim a graça he, a que dá vida ſobrenatural à Alma, e della nacem as mais flores das virtudes, e obras meritorias, e faltando a graça perde a vida, e com ella todas as mais virtudes ſobrenaturaes, que acompanhaõ a graça;

e naõ

e naõ ſerve mais que pára o fogo do Inferno como lenho ſeco. E para que eſta raiz eſteja ſempre verde, e naõ ſeque, he conſelho de S. Paulo eſtar ſempre arreigada na arvore da vida Chriſto crucificado: *Radicati in ipſo*; porque nella, e della recebe eſſa raiz, ou eſſa graça toda virtude, e merecimento.

Qual he a cauſa, porque taõ facilmente ſe perde eſta raiz, ou eſta graça, ſenaõ porque naõ eſtá arreigada neſta Arvore da vida Chriſto crucificado? S. Paulo tinha lançado nella taõ fortes raizes, que nem a força de todo o mundo o podera arrancar della; e aſſim com toda a confiança dizia: *Quis ergo nos ſeparabit à charitate Chriſti?* Que poder ha no mundo, que me arranque deſta Arvore? Eſtou certo, que nem os Anjos, nem morte, nem vida, nem outra qualquer creatura me poderá ſeparar da caridade, que eſtá em Chriſto JESU: *Certus ſum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque Principatus... neque creatura alia poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto JESU Domino noſtro.* Neſta ſegurança eſtava aquelle Monge, que refere S. Joaõ Climaco, o qual perguntado, porque razaõ andava ſempre rindo? Reſpondeo: Porque tenho comigo a Chriſto, e ninguem mo póde tirar. Taes raizes havia lançado na Arvore da vida.

Rom. 8. 35.

In vit. P.

Joan. 15. 5 *Ego ſum vitis, vos palmites.* Eu ſou vide, e vós ſois a parra, diſſe Chriſto a ſeus diſcipulos. E aſſim como a parra eſtá unida com a vide, e a meſma raiz, que dá vida à vide, dá juntamente vida à parra; aſſim vós haveis de eſtar comigo unidos, e eu comvoſco: *Manete in me: & ego in vobis.* Porque aſſim como a parra naõ póde dar frutto, ſe naõ eſtá unida com a vide: aſſim vós naõ podeis dar frutto de boas obras, ſenaõ eſtais unidos comigo: *Sicut palmes non poteſt ferre fructum*

Etum

ctum à ſemetipſo, niſi manſerit in vite: ſic nec vos niſi in me manſeritis. Tudo iſto he diſcurſo de Chriſto noſſo Salvador. A meſma metafora de vide, de que entaõ uſou o Senhor, he a de Arvore da vida, de que nós tratamos. Impoſſivel he conſervar a graça de Deos, o que naõ eſtiver unido com JESU crucificado, que he a Arvore; aſſim como he a Vide.

Siquis in me non manſerit: (acreſcenta o Senhor) *mittetur foras, ſicut palmes, & areſcet, & colligent eum, & in ignem mittent, & ardet.* Cada palavra deſtas he hum rayo. Primeiramente ſerá lançado fóra do Paraiſo do Ceo, como Adam do Paraiſo da terra: *Mittetur foras.* Ficará ſeco ſem a vida da graça: *Et areſcet.* Recolhelo-haõ os demonios: *Et colligent eum.* Será lançado no fogo do Inferno: *In ignem mittent.* Arderá eternamente: *Et ardet.* Todas eſtas deſaventuras correrá, o que eſtiver deſunido da Arvore da vida; aſſim como a parra da vide.

CAPITULO IX.

Que as tres virtudes Theologais Fé, Eſperança, e Caridade ſaõ as raizes com que nos unimos à Arvore da vida.

NAõ he huma ſó: tres ſaõ as raizes, com que o Juſto ſe une à Arvore da vida, a ſaber, Fé, Eſperança, e Caridade, como diz Tirino. E a razaõ he; porque com eſtas tres virtudes nos unimos, e atamos com Chriſto; porque todas acompanhaõ, ou eſtaõ travadas com a primeira, e fundamental raiz, que he a graça; e iſto meſmo he, o que Chriſto quiz dizer: *Manete in*

me,

me, & ego in vobis. Comecemos pela Fé.

S. Paulo considerou a Igreja como a Oliveira, e a Gentilidade como o Oleastro, arvore infruttifera, o qual porém enxertado na oliveira, participa da virtude de sua raiz: *Tu autem cum oleaster esses, insertus es in illis, & socius radicis, & pinguedinis olivæ factus es.* A raiz desta Arvore, diz Santo Agostinho, he a Fé: *In Fide agnosco radicem.* Pois se a raiz he Santa, devem ser Santos os ramos: *Si radix Sancta, & rami.* Se a raiz da Oliveira, que he a Fé da Igreja, he Santa, tambem os ramos do Oleastro, que saõ os Gentios por estarem enxertados na Oliveira, devem ser Santos, porque participaõ como a oliveira da santidade da raiz, que he a Fé: *Si radix Sancta, & rami.* Pois, assim como para que o ramo de Oleastro, participe da virtude da raiz da Oliveira, he necessario, que esteja enxertado, e radicado na arvore; assim o que se converte à fé ha de estar unido, e radicado na Arvore da vida JESUS crucificado.

Rom. 11. 17.

Rom. 11. 16.

He isto conforme à doutrina do mesmo Apostolo, o qual diz, que no Bautismo todos somos plantados em Christo: *Complantati facti sumus similitudini mortis ejus.* E se no ponto, em que recebemos a fé pelo Bautismo, somos complantados juntamente com Christo; segue-se, que então lançará boas raizes nossa fé, quando estiver arreigada nesta Arvore da vida.

Rom. 6. 5.

Quanto à Esperança, só a que lança raiz nesta Arvore da vida, póde estar segura. Vãa foy a Esperança do Semeador do Euangelho, que lançou a semente na pedra, e nos espinhos com intento de colher frutto. Vãa a Esperança dos que fiaõ nas riquezas, nas honras, e favores do mundo. Só os que poem sua Esperança em JESU Christo, vaõ bem fundados; e esta he, diz Saõ Paulo, a Esperança, que naõ confunde: *Spes autem non*

Luc. 8.

Rom 5. 5.

non confundit. Ouvi a razaõ do Apoſtolo: *Ut quid enim Chriſtus, cum adhuc infirmi eſſemus, ſecundùm tempus pro impiis mortuus eſt?* Quer dizer: Para que fim Chriſto, ſendo nós peccadores, morreo em huma Cruz por amor dos meſmos peccadores? Naõ foy para nos ſalvar? Pois ſe niſſo ſe funda noſſa Eſperança, ſendo eſta a raiz dos Juſtos, onde póde lançar mais ſeguramente o Juſto a raiz da Eſperança, que neſta Arvore da vida JESUS crucificado? Neſta opiniaõ eſtava S. Canúto, quando tirando a coroa de Rey da cabeça, a poz aos pés de Chriſto crucificado, como dizendo, que ſó nelle punha toda ſua Eſperança, e naõ no poder, e riquezas de Rey.

Outra razaõ de igual importancia aponta S. Paulo, porque a Eſperança fundada na Cruz, e merecimentos de Chriſto naõ confunde. E he, porque o que poem ſua Eſperança em Chriſto crucificado, ſuppoem que eſtá na graça de Deos, que o Eſpirito Santo infunde em noſſas almas: *Quia charitas Dei diffuſa eſt in cordibus noſtris per Spiritum Sanctum, qui datus eſt nobis.* *Ibid.* E he aſſim; porque viver toda a vida em peccado fóra da graça de Deos, fiados ſó na Cruz, e Sangue de Chriſto, he Eſperança väa. Eſta naõ he a Eſperança, que naõ confunde; mas antes nos ſervirá de grande confuſaõ neſta, e na outra vida.

Quanto à Caridade, por ella nos unimos a JESU Chriſto. S. Paulo diz aos Efeſios, que ſempre fazia oraçaõ a Deos, para que eſtiveſſe Chriſto em ſeus corações: *Chriſtum habitare per fidem in cordibus veſtris.* Porém que era neceſſario eſtar arreigados, e fundados na Caridade: *In charitate radicati, & fundati*; porque ſó os que eſtiverem bem arreigados na caridade, poderaõ lançar raizes na Arvore da vida JESU crucificado. *Epheſ. 3. 17.*

Hu-

Huma boa imagem diſto nos pintou o Eſpirito
Cant.8.6. Santo na figura do Eſpozo, e Eſpoza dos Cantares: *Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuum: quia fortis eſt, ut mors, dilectio.* No ſentido, em que eſtas palavras ſaõ de Chriſto a huma Alma Santa, Chriſto crucificado lhe manda, que imprima no coraçaõ, e no braço ſua imagem, para que naõ ame outra couſa, mais que a elle, nem obre outra couſa, ſenaõ por amor delle: *Chriſtus crucifixus* (diz Cornelio) *jubet animæ piæ, ut ſui effigiem jugiter in corde, & brachio geſtet, ut aliud non videat, amet, & operetur, quàm Chriſtum crucifixum.* Neſta opiniaõ eſtava S. Paulo, quando diſſe, que nenhuma outra couſa ſabia, ſenaõ a Chriſto, e eſte crucificado:
1.Cor.2.2 *Non enim judicavi, me ſcire aliquid inter vos, niſi JESUM Chriſtum, & hunc crucifixum.*

Deſta caridade, e uniaõ da alma com Chriſto crucificado, nacia o deſejo, que tiveraõ os Santos Martyres, de dar a vida por amor de Chriſto. E eſta he a expoſiçaõ, que dá Santo Ambroſio, de ſer o amor taõ forte, como a morte; porque deſta ſorte imprimiaõ em ſeus corações a Imagem de Chriſto crucificado. Santa Eulalia, quando lhe raſgavaõ as carnes com unhas de ferro, dizia: Raſgay, que deſta ſorte ſe pinta no coraçaõ a Imagem de Chriſto crucificado. Os dous Santos irmaõs Marcos, e Marceliano pregados no madeiro, alegres diziaõ: Aſſim deſejamos eſtar por caridade unidos com Chriſto. Santa Felicitas com o exemplo de Chriſto crucificado, exhortava a ſete filhos a dar alegres as vida pela Fé.

CA-

CAPITULO X.

Como com o temor de Deos se arreigaõ todas as mais virtudes na Arvore da vida.

Radix sapientiæ est timere Dominum; diz o Ecclesiastico. A raiz de toda a santidade he o temor de Deos. Este assegura tudo o mais, e com esta raiz ficaraõ seguras todas as mais virtudes na Arvore da vida JESU crucificado; porque com o temor de offender a Deos se assegura a graça, em que todas as mais virtudes se fundaõ. *Eccles. 1. 25.*

De duas sortes he este temor: hum filial, que por outro nome se chama temor da culpa: outro servil, por outro nome, temor da pena. De hum, e outro temor se compoem esta raiz; porque de hum, e outro nace o mesmo frutto da graça. O temor filial pouco, ou nada differe do amor, e o mesmo Ecclesiastico diz, que o temor he principio do amor: *Timor Dei initium dilectionis ejus*. E tanto mayor será o amor de Deos, quanto mayor for este temor da culpa; porque por isso teme de fazer cousa, que desagrade a Deos, porque o ama. E posto que o Espirito Santo chame a este temor raiz: *Radix*; tambem o amor póde ser raiz do temor. Porque assim como o temor he principio do amor de Deos; assim o amor he principio do temor. Christo Senhor Nosso disse, que o que o amava, havia de guardar seus mandamentos: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit*; porque o mesmo amor era principio do temor de os quebrar. *Eccles. 25. 16.* *Joan. 14. 23.*

O modo de unirmos esta nossa raiz com as mais raizes da Arvore da vida, he considerar o amor, com

que JESUS deu a vida por noſſo amor na meſma Arvore da vida. Porque quando o Eſpirito Santo diz, que o temor he raiz do amor de Deos, naõ ſó ſe entende o amor, com que o amamos, ſenaõ tambem o amor, com que elle nos amou a nós. Iſſo, diz Cornelio, querem dizer as palavras: *Timor Dei initium dilectionis ejus.* Naõ ſe póde provar melhor eſte amor, que com as palavras do meſmo Senhor. Depois de moſtrar elle a Nicodemos, a importancia de elle morrer crucificado: *Exaltari oportet Filium hominis*; acreſcenta: *Sic enim Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret: ut omnis qui credit in eum, non pereat, ſed habeat vitam æternam.* Aſſim amou Deos o mundo, que nos deu ſeu Unigenito Filho, para que todo, o que crer nelle, naõ pereça, mas alcance a vida eterna.

Joan. 3 14.

E quem haverá, que conſiderando eſte amor, naõ conceba hum grande temor de offender, a quem aſſim nos amou? O Apoſtolo nos encomenda, que o conſideremos muitas vezes a fim de nos compadecermos: *Recogitate eum, qui talem ſuſtinuit à peccatoribus adversùs ſemetipſum contradictionem.* E ſe a compaixaõ he filha do amor; como naõ tememos offender a hum amigo taõ digno de compaixaõ? Que diriamos daquelle Sacerdote, que vendo em taõ laſtimoſo eſtado o homem, que cahio em maõs de ladrões, deſcendo de Jeruſalem para Jericò, ſobre naõ ſe compadecer delle, o moleſtaſſe com novas dores? Pois iſto faz, o que conſiderando a Chriſto em huma Cruz, naõ ſó ſe naõ compadece, mas o offende. He a queixa, que elle fez a ſeu Eterno Padre na peſſoa de David: *Quoniam, quem tu percuſſiſti, perſecuti ſunt: & ſuper dolorem vulnerum meorum addiderunt.* Quer dizer: Como por voſſa permiſſaõ me viraõ pregado em huma Cruz;

Hebr. 12. 3.

Luc. 10.

Pſal. 68. 27.

Cruz; taõ longe eſtiveraõ de ſe compadecer de mim, que ſobre minhas dores acreſcentáraõ novas dores, blasfemando-me. Aſſim expoem com Santo Agoſtinho, eſtas palavras Lorino. Naõ ſerá aſſim, o que conſiderando a Chriſto em huma Cruz, teme fazer couſa, de que ſe poſſa offender.

O temor ſervil, ou temor da pena, tambem póde ſervir de raiz da Arvore da vida, em quanto conduz para a conſervaçaõ da graça. E certamente, o que à viſta de Chriſto crucificado, naõ teme offender a Deos, he como o máo ladraõ, a quem o bom deitou em roſto o pouco temor, com que à viſta de ſua Cruz o blasfemava: *Neque tu times Deum, quòd in eâdem damnatione es.* Quando o temor da culpa naõ baſta, baſte o temor da pena, com que neſta, e na outra vida nos tem ameaçado. Ouvi o meſmo JESU crucificado na peſſoa de David: *Appone iniquitatem ſuper iniquitatem eorum. Deleantur de Libro viventium.* Quer dizer: Eſtes que à viſta de minhas penas me offendem, deixay-os cahir de peccado em peccado, e ſejaõ riſcados do Livro da vida. Quanto ao primeiro caſtigo deſta vida, he o mayor, que podem ter. Aſſaz o encarece o Apoſtolo aos Romanos, fallando dos antigos Filoſofos: *Tradidit illos Deus in deſideria cordis eorum, in immunditiam*; quer dizer, que de huns peccados em outros vieraõ a dar nos mais abominaveis da natureza racional.

Luc.23. 40.

Pſal.68. 28. 29.

Rom 1. 24.

Quanto ao ſegundo caſtigo da outra vida, o meſmo he ſer riſcado do Livro da vida, que ſer condenado às penas eternas. Por eſta meſma fraſe fallou S. Joaõ no Apocalypſe, fallando dos que foraõ lançados no abyſmo: *Et qui non eſt inventus in Libro vitæ ſcriptus, miſſus eſt in ſtagnum ignis.* O que nos deve cauſar grande temor, o qual junto com o temor filial de fazer

Apoc.20. 15.

couſa, que deſagrade a taõ bom Senhor, ſeraõ duas raizes, que unidas à Arvore da vida JESUS crucificado, produzaõ o frutto da Divina graça, porque como diz o Eſpirito Santo: *Beatus homo, qui ſemper eſt pavidus.*

Prov. 28. 14.

CAPITULO XI.

Do Tronco da Arvore da vida JESUS crucificado.

DA arvore, o que eſtá mais vizinho à raiz, e que mais de perto participa ſua virtude, he o tronco, aſſim como do tronco o mais reſtante da arvore. O tronco da Arvore da vida, he o infinito merecimento de JESU Chriſto por meyo de ſua Cruz, e precioſo Sangue; que por ſer Deos, e Homem juntamente podia ſatisfazer à Juſtiça Divina, e mageſtade de Deos offendida. Por iſſo diſſemos, que a Divindade, e Humanidade de Chriſto, fundavaõ a raiz deſta Arvore da vida.

Só nos importa para noſſa doutrina perguntar: Porque razaõ eſcolheo o Senhor para noſſo remedio hum meyo taõ cuſtozo, como foy o da morte de Cruz? Para Chriſto ſatisfazer a Deos dignamente por meyo da morte, baſtava morrer às maõs de Herodes com os mais innocentes, ou à violencia dos Nazarenos, quando o quizeraõ precipitar pelo monte abaixo, ou quando os Fariſeos o quizeraõ apredejar, ou ao menos como o Bautiſta degollado. Mas eſcolher a mais affrontoza, e cruel morte, qual era a da Cruz: qual ſerá a razaõ? Muitas ſaõ as que daõ os Santos: dellas eſcolherey as principaes.

A primeira razaõ he de S. Paulo. Porque eſſa era a obe-

obediencia do Eterno Padre: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.* Para que pela grandeza da satisfaçaõ, se conhecesse a graveza da culpa. Segunda razaõ: Para que morrendo na Cruz entre o Ceo, e a terra, fosse, como diz o mesmo Apostolo, medianeiro entre Deos, e os homens: *Unus enim Deus, unus & mediator Dei, & hominum homo Christus JESUS.* Philip. 2. 8. 1. Timoth. 2. 5.

Terceira razaõ: Para que assim naquella fórma melhor sollicitasse nosso amor; porque com os braços estendidos, está para nos abraçar, com o lado aberto para nos recolher no coraçaõ, com as maõs abertas para nos premiar, com a cabeça inclinada para nos chamar, e dar osculo de paz: *Vide arcum, & benedic eum, qui fecit illum*, diz o Ecclesiastico. Poem os olhos no arco Iris, e louva seu Author. Ponhamos os olhos naquelle arco, e recebamos a setta de amor, que delle nos atira; porque este he aquelle excesso, de que fallavaõ Moysés, e Elias no monte Thabor, naõ só pelos amigos, senaõ pelos inimigos: *Cum inimici essemus, reconciliati sumus Deo per mortem filii ejus.* Eccles. 43. 12. Rom. 5. 10.

Quarta razaõ: Para mayor confusaõ, e ignominia, quiz padecer o supplicio mais vil, e infame, qual era o da Cruz, para verificar, o que elle mesmo disse por David, que era o opprobrio dos homens: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis*; que por isso Saõ Paulo foy em Roma degolado, e S. Pedro crucificado; porque S. Paulo era Cidadaõ Romano, tido por nobre, e S. Pedro por homem vil. Psal. 21. 7.

Quinta razaõ: Porque assim como por meyo de hum lenho fomos perdidos, por meyo de outro lenho fossemos reparados; porque, como diz a Igreja, era conveniente, que donde naceo a morte, dahi nos naceste a vida: *Ut, unde mors oriebatur, inde vita re-*

ſurgeret ; e o que por meyo de hum lenho nos venceo, por meyo de outro lenho foſſe vencido: *Et qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur.* Adam chegouſe a huma arvore, e lançou maõ do frutto para ſua perdiçaõ: Chriſto deixouſe pregar de pés, e maõs em outra Arvore para noſſa ſalvaçaõ; e como confeſſa a Igreja, no lenho da Cruz havia Deos conſtituido a ſaude do genero humano: *Qui ſalutem humani generis in ligno Crucis conſtituiſti.*

Sexta razaõ he de Santo Agoſtinho muy devota, e engenhoza. Diz que por iſſo eſcolheo Chriſto mais a Cruz, que outro inſtrumento de ſua morte; porque queria, que a Cruz foſſe a arma contra os noſſos inimigos, e remedio facil para todas as noſſas neceſſidades. Naõ eſcolheo ſer apedrejado como Eſtevaõ, nem degolado como o Bautiſta; porque nem ſempre poderiamos andar providos de pedras, nem armados de alfanges; podemos porém facilmente formar com os dedos huma Cruz: *Noluit lapidari, aut etiam gladio percuti, quia non ſemper nobiſcum lapides, aut ferrum ferre poſſemus, quibus defendamur: elegit verò Crucem, quæ levi manûs motu exprimitur.*

Outras muitas razões allegaõ os Santos Padres, que ſe podem ver em Cornelio Alapide. Naõ he de menos ponderaçaõ a do meſmo Author. Diz que por iſſo eſcolheo Chriſto a Cruz mais que outro genero de morte; porque nella concorre todo o genero de penas, e nella quiz dar o Senhor exemplo a todos os Martyres, padecendo os tormentos de todos: e juntamente porque nella ſe nos quiz propor por eſpelho de todas as virtudes, como largamente veremos na quarta parte deſte Tratado. He conforme eſta razaõ ao que diſſe Santo Agoſtinho, que a Cruz, onde eſtavaõ pregados os membros, do que padecia, era juntamente cadeira,

de

de quem enſinava: *Lignum, in quo erant fixa membra patientis, etiam cathedra fuit Magiſtri docentis.*

CAPITULO XII.

De que madeira foy fabricada a Cruz de Chriſto.

TUdo na Arvore da vida JESUS crucificado ſaõ myſterios. Até na madeira, de que foy formada a Cruz, ha muito, que conſiderar. Dizem commummente, que foy fabricada de quatro ſortes de arvores, a ſaber: Cedro, Aſſipreſte, Palma, e Oliveira, conforme o verſo:

Ligna Crucis Cedrus, Palma, Cupreſſus, Oliva.

A eſte myſterio attendeo o Eccleſiaſtico, quando comparou a Sabedoria a eſtas meſmas quatro ſortes de Arvores, como conſta do Capitulo vinte e quatro. E nas Divinas letras, ſaõ eſtas quatro arvores como Sagradas; porque dellas foy fabricado o Templo de Deos, e de ſua madeira ſe faziaõ os vazos, e inſtrumentos, que ſerviaõ nos ſacrificios, e ceremonias legaes. E ſendo a Cruz de Chriſto fabricada deſtas meſmas quatro arvores, he de crer, que naõ foy ſem myſterio.

Saõ eſtas quatro arvores na Terra Santa as mais excellentes de todas: por iſſo ſe compara a ellas a Sabedoria Divina, e fallando na noſſa figura, a Arvore da vida. O Cedro, como diz Paladio, he ſymbolo da immortalidade, o Acipreſte da rectidaõ, a Palma da vittoria, e a Oliveira da paz, e miſericordia. Tudo nos communica Chriſto na Cruz; porque aos ſeus dá immortalidade, aos Juſtos rectidaõ, aos que pelejaõ vittoria,

e a todos ſua miſericordia. E eſta vem a ſer a explicação do enigma do Eccleſiaſtico, quando compara a Sabedoria Divina a eſtas quatro eſpecies de arvores, como diz Alapide.

A fórma de ſe armar a meſma Cruz naõ he facil de entender. Cornelio Alapide traz eſte verſo naõ ſey de que Author:

De Cedro eſt truncus: corpus tenet alta Cupreſſus; Palma manus tenet: titulo lætatur Oliva.

Mais accommodado he dizer, que a parte arvorada conſtava de dous paos Cedro, e Acipreſte; e a que atraveſſava, era de Palma, e a tabula do titulo de Oliveira. He conforme, ao que diſſe Santo Agoſtinho allegado por Cornelio, que o pao, em que foraõ pregadas as maõs do Senhor, era de Palma; e neſſe ſentido entende as palavras dos Cantares: *Aſcendam in palmam, & apprehendam fructus ejus.* Na opiniaõ, dos que ſentem por mais provavel, que os pés do Senhor foraõ pregados com dous cravos, faz tambem provavel, que foraõ dous os paos, de que conſtava a haſte da Cruz; porque aſſim fica claro, como os pés do Senhor foraõ pregados com dous cravos.

Cant. 7. 8.

Outro myſterio mayor deſcobrio S. Paulo neſtas quatro partes, de que conſtava a Cruz de Chriſto, nas quatro palavras taõ profundas, que ainda ſe naõ acaba de entender o verdadeiro ſentido dellas. Diz pois o Apoſtolo aos de Efeſo, que por iſſo deviamos eſtar arreigados, e fundados na caridade, para que poſſamos alcançar, qual ſeja a largura, o comprimento, o alto, e o profundo, ſem dizer de que: *In charitate radicati, & fundati, ut poſſitis comprehendere cum omnibus Sanctis, quæ ſit latitudo, & longitudo, & ſublimitas, & profundum.* Quaſi todos os Expoſitores Sagrados

Epheſ. 3. 18.

dos entendem eſtas palavras da Cruz de Chriſto; mas quaes ſejaõ eſtas quatro dimenſoens da Cruz, ſaõ muito varias as expoſições. Naõ parece fora de razaõ dizer, que por eſtas quatro medidas da Cruz ſe entendem as quatro ſortes de arvores, de que conſtava. E a razaõ eſtá clara; porque ſe he certo, que a Cruz conſtava de quatro paos, ſegue-ſe, que continha quatro medidas.

E porque na Cruz tudo ſaõ myſterios, que myſterio teve diſpor a Divina Providencia, que a Cruz foſſe compoſta de quatro ſortes de arvores, ſendo baſtante huma ſó? Saõ muitas, e diverſas as razoens dos Santos, que allega Alapide. A mais natural he, que nas quatro pontas da Cruz, ſe entendem as quatro partes do mundo; porque por todas quatro ſe eſtendeo a virtude da Cruz; e nas quatro ſortes de arvores ſe prova melhor eſta opiniaõ; porque em todas as quatro partes do mundo ſe achaõ eſtas arvores: ao meſmo (diz Cornelio) allude o Apoſtolo nas quatro medidas, que dá à Cruz; como ſe foſſe taõ immenſa a medida da Cruz, como he immenſa a ſua virtude.

E ſe quizermos entender por eſtas quatro arvores as quatro medidas da Cruz, que diz S. Paulo; na palavra: *Longitudo*; ſe entende a eterna predeſtinaçaõ da Cruz para inſtrumento de noſſa redempçaõ; na palavra: *Latitudo*; ſe ſignifica ſua virtude, que a toda circunſtancia de tempo ſe eſtende; na palavra: *Profundum*; ſe entende, que a virtude da Cruz até ao Inferno ſe eſtendeo, donde Chriſto tirou as almas dos Santos Padres; na palavra: *Sublimitas*; ſe entende, que até o Ceo ſe eſtendeo; porque por virtude de ſua Cruz nos mereceo Chriſto a gloria eterna. Tudo iſto he conforme ao ſentir de Santo Agoſtinho.

Semelhante he o ſentido de S. Jeronymo, o qual pelas quatro medidas da Cruz entende os quatro Noviſſimos

viſſimos do homem. Na palavra: *Sublimitas*; entende o Ceo; na palavra: *Profundum*; o Inferno; e nas palavras: *Longitudo, & latitudo*; entende o caminho, por onde lá ſe vay: *Sublimitas eſt Cælum: profundum eſt Infernus: Longitudo & latitudo eſt accenſus ad unum, & alterum.* E pondo exemplo nas quatro ſortes de arvores, que por eſtas quatro medidas ſe ſignificaõ; a Palma póde ſignificar a gloria do Ceo, o Acipreſte o Inferno, que os antigos ſacrificavaõ a Plutaõ; o Cedro, e a Oliveira podem ſignificar os meyos, a ſaber, a Oliveira as obras de miſericordia, e o Cedro a conſtancia, ou perſeverança nellas.

Porém o verdadeiro ſentido do Apoſtolo a meu ver, he o que toca o P. Cornelio: que foy animar aos de Efeſo a levar ſuas tribulações, e perſeguições com conſtancia, e paciencia a exemplo de Chriſto crucificado, como claramente ſe prova das palavras do Santo Apoſtolo: *Ne deficiatis in tribulationibus.* Para iſto lhes manda, procurem comprehender, quanto Chriſto padeceo, e obrou na Cruz; porque aſſim como nas quatro dimenſoens mathematicas, ſe comprehendem todas quantas medidas ſaõ excogitaveis; aſſim nos tormentos da Cruz ſe encerraõ todos quantos tormentos os Santos Martyres padeceraõ por ſeu amor. Na profundidade ſe entende a intençaõ das dores: na longura o eſpaço das tres horas, que durou vivo com dores exceſſivas: na largura o que padeceo em todos ſeus membros, e potencias: na altura o altiſſimo conhecimento de ſuas penas, e cauſa dellas, conhecimento da malicia do peccado, e dos menos, que ſe haviaõ de aproveitar de ſeu Sangue. Todas eſtas conſiderações ſe encerraõ nas quatro medidas da Cruz, que o Apoſtolo nos manda conſiderar; e ſe eſtas meſmas ſe encerraõ nas quatro ſortes de arvores, de que conſtava a Cruz, bem ſe prova, que naõ foy ſem myſterio.

Epheſ. 3. 13.

CA-

CAPITULO XIII.

Das quatro arvores, de que foy composta a Cruz em particular.

O Cedro he a mais alta arvore do monte Libano, e por isso se compara a ella a Sabedoria Divina: *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano.* A Cruz naõ só he exaltada em toda a Igreja Militante, mas o ha de ser na triunfante, quando no dia do Juizo ha de apparecer nos braços de S. Miguel Arcanjo. E assim como o Cedro exalta a todos, os que nelle sobem; assim os que subiraõ à Cruz, ou seja crucificados, como Christo, ou seja conformando-se com a Cruz, foraõ exaltados nesta, e na outra vida; que he a frase, por onde o mesmo Christo se explicou: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto; ita exaltari oportet Filium hominis.* *Eccles. 24. 17.* *Joan. 3. 14.*

O Cedro naõ sómente he mezinha para muitas enfermidades, mas o seu cheiro mata as serpentes, como diz Plinio, e o toca Virgilio:

Discе & odoratam stabulis accendere Cedrum.

A Cruz naõ sómente foy medicina das nossas enfermidades; mas foy o unico remedio, de que usou o Medico Celestial, para as curar, quando, como diz o Profeta, as tomou sobre si: *Verè languores nostros ipse tulit.* *Isai. 53. 4.* E se o cheiro do Cedro tem virtude para afugentar serpentes; a Cruz tem poder para afugentar os demonios.

Do Cedro, diz o Author das Allegorias, se tira huma resina, ou oleo taõ precioso, e de tanta virtude,

que

que ſerve para todas as dores do corpo. Tambem da Arvore da vida nace hum oleo taõ preciozo, que he o Sangue de JESU Chriſto; porque elle foy o unico remedio de todos os noſſos males, e o alivio de todas as noſſas dores. Deſte oleo do Cedro conta Plinio huma couſa muito notavel. Diz, que applicado aos corpos mortos, os conſerva incorruptos, e applicado aos vivos os corrompe de ſorte, que ſe póde chamar vida dos mortos, e morte dos vivos: *Mira differentia, cùm vitam auferat ſpirantibus, d functis pro vita ſit.* Tambem o oleo da Arvore da vida teve a meſma virtude: deo a morte ao Author da vida, e deo vida aos mortos, como a Igreja confeſſa: *Qui mortem noſtram moriendo deſtruxit.*

Eſte póde ſer hum bom ſentido daquelle enigma, que propoz Deos ao Profeta Ezequiel. Huma grande aguia de grandes azas voou ao monte Libano, e tirou
Ezech.17. 3. o miollo do Cedro: *Aquila grandis magnarum alarum... venit ad Libanum, & tulit medullam Cedri.* Se o Cedro he figura da Cruz, quem póde ſer a Aguia de grandes azas, ſenaõ o que nella crucificado com o poder das duas grandes azas Humanidade, e Divindade póde tirar o miollo deſſe Cedro, ou manifeſtar os ſegredos da Cruz taõ eſcondidos nos ſeculos paſſados. Naõ foy logo ſem myſterio, que huma parte da Cruz foſſe de Cedro.

A outra parte foy de Acipreſte. A eſta arvore ſe
Eccleſ 24. 17. comparou tambem a Sabedoria Divina: *Et quaſi cypreſſus in monte Sion.* O Acipreſte he huma arvore muy fermoſa, e que dá fermoſura aos jardins, e por iſſo ſe coſtuma plantar entre as mais fermoſas flores. A Cruz ſendo antes feya, e horroroza, depois que nella foy pregado JESUS, ficou taõ bella, e fermoſa, que Santo André levado a ſer nella crucificado, exclamou, dizen-

dizendo : *O' bona Crux , quæ decorem ex membris Domini ſuſcepiſti.* O' boa Cruz , que recebeſte fermoſura dos membros de meu Senhor. Se a Cruz fallára, podera dizer o que a Eſpoza dos Cantares: *Nigra ſum, ſed fermoſa.* Negra ſou, mas fermoſa , negra por inſtrumento da morte , fermoſa , porque tenho em mim pregada a fermoſura do Ceo , e terra. Cant. 1. 4.

Compara-ſe a Sabedoria Divina naõ a qualquer Acipreſte , mas aos que nacem no monte Siaõ , que he a Igreja: *Quaſi cypreſſus in monte Sion* ; porque aſſim como o monte Siaõ com os Acipreſtes ſe afermoſeava ; aſſim a Igreja com as muitas Cruzes. Eraõ os Acipreſtes a fermoſura de Siaõ: ſaõ as Cruzes a fermoſura da Igreja ; e coſtumaõ os Reys fabricallas de ouro , e guarnecellas de pedras precioſas. Em Moguncia na Igreja Metropolitana , ſe venera huma Imagem de Chriſto crucificado toda de ouro fino , que peza ſeiſcentas livras : tem ao pé eſte verſo :

Auri ſexcentas habet hæc Crux aurea libras.

O Acipreſte he arvore incorruptivel , e por eſſa cauſa de tanta eſtimaçaõ entre os antigos , que della faziaõ as eſtatuas dos ſeus Deoſes , e varões famozos , como os Romanos de pedra. Os Eſpartanos coſtumavaõ ſepultar os que morriaõ na guerra , em arcas de Acipreſte. A Cruz he no mundo de tanta eſtimaçaõ , que naõ ſó ao peito dos nobres , mas ſobre as coroas dos Imradores he venerada : naõ ſó nas cazas , e praças , mas nos templos , e altares he adorada com adoraçaõ de Latria , que ſó a Deos ſe deve , ſó por haver ſido nella crucificado JESU Chriſto verdadeiro Deos.

O Acipreſte com ſer fermoſo , e ornamento dos jardins , de ſi tem as folhas amargozas , e o cheiro violento : he arvore funebre , e por eſſa cauſa dedicada pelos Gentios a Plutaõ. Tudo iſto teve a Cruz , antes que nella

nella eſtiveſſe Chriſto; e tudo iſto ſentem nella aquelles, que S. Paulo chama inimigos da Cruz de Chriſto. Mas para os amigos da Cruz o ſeu amargo he doçura: *Cant. 2. 3.* *Fructus ejus dulcis gutturi meo*; e ſó a voz de Cruz *Levit. 1. 17.* he para elles hum thymiama odorifero: *Odoris ſuaviſſimi.* O que tem de funebre, he de gloria, e alegria *Galat. 6. 24.* aos que a amaõ: *Mihi autem abſit gloriari, niſi in Cruce Domini noſtri JESU Chriſti.*

Finalmente o Acipreſte he huma Arvore, que nunca perde a folha, ainda no mayor rigor do Inverno; e eſtando as mais arvores ſecas, ella perſevera ſempre verde. O Chriſtaõ, que ſe arma com a Cruz, ſempre procura conſervar a graça, ainda quando os mais a perdem. O Acipreſte quanto creſce para cima, tanto mais lança para baixo as raizes; e por eſta cauſa nenhuma tempeſtade o offende. Aſſim, o que eſtá como S. Paulo crucificado com Chriſto, tanto creſcerá no caminho da perfeiçaõ Chriſtã, quanto mais profundas forem as raizes, que lançar na humildade.

A terceira parte da Cruz era de Palma. A eſta tam- *Eccleſ. 24.* bem ſe comparou a Sabedoria increada: *Quaſi Palma* *18.* *exaltata ſum in cades.* He a Palma aſſim nas letras Sagradas, como humanas, ſymbolo da vittoria. Ao que vencia em qualquer contenda, o final da vittoria era meterlhe na maõ huma Palma. Quem duvida, que na Cruz venceo, e triunfou do Demonio, e da morte? O ſer a Cruz de Palma, era já pronoſtico do triunfo, como diz S. Cypriano: *Aſcendiſti Domine palmam, quia tuæ Crucis lignum portendebat triumphum*; pronoſtico foy deſta vittoria o entrar Chriſto em Jeruſalem com palmas, para ſer crucificado.

Se queremos ſahir vencedores de noſſos inimigos, he neceſſario ſubir com Chriſto à Palmeira: naõ poderemos levar a Palma na maõ, ſe a naõ arrancarmos da

Pal-

Palmeira, que he a Cruz, como fizeraõ todos aquelles Santos, que S. Joaõ vio no Ceo com as Palmas nas maõs. E de que ſorte ſe ſobe à Palma da Cruz? O Eſpozo Santo o diſſe nos Cantares àquella Alma, que deſejava lá ſubir: *Statura tua aſſimilata eſt Palmæ.* Quando nos aſſemelharmos a Chriſto na Cruz; entaõ he que nos animaremos a ſubir, e colher de ſeu frutto: *Aſcendam in palmam, & apprehendam fructus ejus.* A Palma naõ dá outra flor, mais que o frutto: o frutto da Palma he a ſua flor; e eſta he a com que o Juſto florece: *Juſtus ut palma florebit.* Entaõ ſerá o Juſto como a Palma florecente, quando ſouber colher o frutto da Palma, que he a Cruz.

Cant. 7. 7.

Pſal. 91. 31.

A quarta arvore, de que ſe formou a Cruz, foy a Oliveira. A eſta tambem ſe compara a Sabedoria Divina: *Quaſi oliva ſpecioſa in campis.* A Oliveira tem nas Divinas letras tantas allegorias, que neſſa parte excede a todas as mais arvores. As principaes ſaõ paz, e miſericordia; e de ambas he ſymbolo a Cruz. Da paz; porque ainda que Chriſto no Nacimento a trouxe do Ceo, com tudo na morte de Cruz ſe firmou. A Oliveira, que a pomba trouxe no bico, acabado o diluvio; na arca ſe recolheo, que era figura da Cruz; aſſim como a Oliveira da paz; para que entendamos, o que Saõ Paulo diz, que na Cruz nos reconciliou Chriſto com Deos: *Pacificans per ſanguinem Crucis ejus, ſive quæ in terris, ſive quæ in Cælis ſunt.*

Eccleſ. 24. 19.

Coloſ. 1. 20.

He aſſim meſmo a Oliveira, e o Oleo, que della nace ſymbolo da miſericordia. A Cruz foy o lagar, onde eſſe oleo ſe fabricou; porque na Cruz moſtrou, e exercitou Chriſto os mayores exceſſos de ſua miſericordia: *Torcular calcavi ſolus.* Eſteve eſte oleo primeiro encerrado no ſeyo do Eterno Padre: *Filius qui eſt in ſinu Patris.* Começou-ſe a derramar na Encarnaçaõ:

Iſai. 63. 3.

Joan. 1. 18.

Oleum

Cant. 1. 2. *Oleum effusum nomen tuum.* Acabou de se esgotar na Cruz; porque na Cruz se consummou tudo, o que per-
Joan. 19. tencia a nosso remedio: *Consummatum est*; porque na
30. Cruz se esgotou o Sangue todo, donde naceraõ as enchentes de suas misericordias, que saõ os Sacramentos, os quaes todos trazem da Cruz seu nacimento, porque todos obraõ em virtude deste Sangue.

A Oliveira, posto que no oleo seja branda, o frutto donde se tira o oleo he muito amargozo, e para se comer, he necessario curtillo com sal. O que houver de comer com a consideraçaõ da Cruz de Christo, e gostar de seu amargozo frutto, he necessario salgar a carne com o sal da mortificaçaõ; porque só dessa sorte gostará do amargozo frutto da Cruz. Tambem dizem, que se junto da Oliveira nace huma planta, a que chamaõ Pao doce; e este chega a lançar raizes com as da Oliveira, logo esta se vay murchando até secar. Naõ se une a Cruz de Christo com o regalo da carne; assim como naõ se póde conservar verde a Oliveira, que he a Cruz, com o Pao doce, que he o regalo. Estas saõ as quatro sortes de arvores, de que foy composta a Cruz de Christo; e como na Cruz tudo foraõ mysterios, estes saõ, os que podemos considerar para nossa doutrina, segundo os Authores, e expoſições dos Santos Padres.

CAPITULO XIV.

Da agua, com que foy regada a Arvore da vida JESUS crucificado.

PLantou Deos no Paraiso terreal a Arvore da vida; e logo fez nacer huma fonte de agua, naõ só para a regar a ella, mas a todas as mais arvores do Paraiso:

Sed

Sed fons ascendebat è terra, irrigans universam superficiem terræ. Se esta arvore do Paraiso he figura de JESUS crucificado; aquella agua, que a regava, que outra cousa podia significar, senaõ o Sangue de Christo, que deu todo o vigor, e toda a virtude a essa Arvore? e assim como aquella agua regava todo o Paraiso; assim este Sangue por toda a Igreja se estende. Das virtudes pois, e propriedades daquella agua, poderemos entender as virtudes, e propriedades deste Sangue. Gen. 2. 6.

A primeira virtude da agua he lavar; esta he a propriedade deste Sangue, lavar as consciencias; porque para esse effeito se derramou na Cruz. Quando Saõ Joaõ vio os Bemaventurados no Ceo vestidos de roupas brancas, declarou hum daquelles Santos, que eraõ os Martyres, que nesta vida lavaraõ suas vestiduras no Sangue do Cordeiro Christo crucificado: *Laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine Agni.* Porque assim como a agua lava as nodoas do corpo; assim o Sangue de Christo lava as manchas da alma, como expressamente disse o Apostolo: *Quantò magis sanguis Christi... emundabit conscientiam nostram.* Apoc. 7. 14. Heb. 9. 14

Este Sangue he aquella agua, que Deos prometeo pelo Profeta Ezequiel, para lançar as immundicias todas de seu povo: *Effundam super vos aquam mundam, & mundabimini ab omnibus inquinamentis vestris.* Este Sangue era aquella agua, que sahio da pedra, que Moysés ferio com a vara, a qual foy figura da Cruz, assim como a pedra o foy de Christo, como S. Paulo affirmou: *Petra autem erat Christus.* O sahir do lado de Christo Sangue, e agua juntamente foy significar, que com Sangue nos lavou da culpa, assim como com Sangue nos remio da pena. E finalmente he texto de Saõ Joaõ, o qual testemunha no Apocalypse, que Christo nos amou, e lavou de nossos peccados com seu Sangue: Ezech. 36. 25. 1. Cor. 10. 4.

Apoc. 1. 4. *Qui dilexit nos, & lavit nos à peccatis noſtris in ſanguine ſuo.*

E ſe bem para lavar todas as manchas dos peccados tem eſte Sangue a propriedade da agua; muito particularmente tem virtude para lavar aquellas manchas, que propriamente tem nome de immundicia contra a limpiſſima virtude da Caſtidade; porque como diſſe o Profeta Zacarias eſte Sangue he a agua, com que Deos regou a fermoſa planta da pureza, cujo frutto he produzir virgens: *Et vinum germinans virgines*; eſte Sangue he o orvalho celeſtial, que alegra os prados floridos das almas caſtas. Fabula he, o que fingem os Poetas, que do ſangue de Venus nacera a roſa. A verdade he, que do Sangue do Cordeiro, que he Chriſto, nacem as roſas, com que o meſmo ſe coroa, e os mais virgens, que no Ceo ſeguem ſeus paſſos. Com eſte Sangue ornava a Virgem Santa Inez as ſuas faces: *Sanguis ejus ornavit genas meas*; com eſte meſmo ſe afermoſearaõ todas as outras Santas Virgens, que imitando a ſeu Divino Eſpozo, ajuntáraõ a candura de ſua pureza a purpura de ſeu ſangue, ficando deſte modo fragrantes roſas do jardim da gloria. De ſorte, que apaſcentando-ſe o Divino Cordeiro quando vivo entre açucenas, na morte veyo a deſcançar entre roſas.

Zach. 9. 17.

Apoc. 14.

Para conſervar eſtas flores, e eſtes fruttos, he bom remedio fazer, o que ſe coſtuma para conſervar as flores, e mais fruttos, que he pollos em conſerva no mel do Sangue de Chriſto, conſiderando o amor, com que o derramou na Cruz. Serve para iſſo a conſideraçaõ de S. Agoſtinho, que he applicar a boca àquelle lado aberto de Chriſto, da ſorte que faz a criança ao peito da mãy. Nenhuma couſa he o leite da mamma, diz o Santo, ſenaõ o ſangue das veas com outra decocçaõ. Quantas vezes eſte Divino Eſpozo, applicou ſeu lado aberto à

boca

boca de ſuas Eſpoſas as Santas Virgens? Naõ faltaõ exemplos nas hiſtorias Eccleſiaſticas. Iſſo podemos fazer com a conſideraçaõ, que iſſo quiz dizer Santo Agoſtinho, principalmente na occaſiaõ da tentaçaõ.

Outra propriedade da agua he apagar o fogo. Antes de Deos ſe fazer homem, eſtava taõ irado contra os peccadores, que o comparavaõ os Profetas ao fogo abrazador: *Deus tuus ignis conſumens eſt.* Eis-aqui como o deſcreve Iſaias: *Ecce Dominus in igne veniet, & quaſi turbo quadrigæ ejus: reddere in indignatione furorem ſuum, & increpationem ſuam in flamma ignis*; tudo fogo, tudo chammas, tudo furor, tudo indignaçaõ. Em menos palavras Jeremias: *Ignis ſuccenſus eſt in furore meo.* E que diluvios de agua poderiaõ apagar tanto fogo, ſenaõ o Sangue de JESU Chriſto derramado por cinco fontes na Cruz? Elle ſó baſtou; porque eſte ſó he mais poderozo para apagar eſſe fogo, ou para mitigar a ira de Deos contra os peccadores, do que os rios de ſangue, que todos os Martyres derramaraõ.

Deuter. 4. 24. *Iſai. 66.* 15. *Jerem. 15* 14.

Quando o povo de Deos no dezerto idolatrou; para aplacar a ira de Deos, mandou Moyſés paſſar à eſpada os Idolatras, e matáraõ trinta e tres mil; com tudo à viſta de taõ grande mar de ſangue, naõ ſe apagou de todo a ira de Deos; mas antes tornou Deos a caſtigar com peſte os que reſtavaõ. Aſſim entende Alapide com Abulenſe as palavras do Texto Sagrado: *Percuſſit ergo Dominus populum pro reatu vituli.* Porém he tal a virtude deſta agua para apagar o fogo da ira de Deos contra os peccadores, que quando o ſangue de trinta e tres mil homens naõ baſtou, para o apagar, o ſangue deſte ſó homem baſta para aplacar a ira de Deos contra todos quantos peccadores houve, e ha de haver.

Exod. 32.

E para que digamos tudo: Se no Inferno cahiſſe huma ſó gotta deſta agua, ou huma pinga deſte Sangue, ella ſó baſtava para apagar todas aquellas lavaredas. Porque ſe o Rico avarento julgava, que ſentiria algum refrigerio da chamma, em que ſua lingua ardia, com huma ſó gotta de agua no dedo de hum bemaventurado; que alivio, e refrigerio naõ experimentariaõ os condenados com huma gotta deſte Sangue? Se por aquella abertura do monte Calvario, por onde dizem, que deſcera para o Inferno a alma do mao ladraõ, cahiſſe alguma parte do ſangue, em que o monte eſtava banhado, baſtaria naõ ſó para refrigerio dos miſeraveis condenados, ſenaõ para apagar o fogo todo do Inferno, que tal he a virtude deſta agua para apagar o fogo.

CAPITULO XV.

Proſegue a meſma materia da agua com que foy regada a Arvore da vida.

Gen. 2. 10. AQuelle caudalozo rio, que regava o Paraiſo terreal, diz o Texto, que ſe dividia em outros quatro famozos rios os mais famozos, e abundantes de agua, que ha no mundo: *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum Paradiſum, qui inde dividitur in quatuor capita.* E ſe eſte rio he figura do rio de ſangue, que regou eſta Arvore da vida JESUS crucificado, quem poderá medir ſua altura, nem contar as fontes, por onde correo? Naõ fallando no que derramou no Horto, nem no Pretorio de Pilatos, ſó do que derramou na Cruz, ſe póde formar hum pelago, que ſe naõ póde vadear. Lá moſtrou Deos ao Profeta Ezech. 47 Ezequiel hum caudalozo rio, que ſahia do altar. Mas que-

querendo-o vadear aquelle Anjo, que lho moſtrava; depois de medir mil paſſos, lhe dava a agua pelos artelhos; andando adiante outros mil paſſos, já a agua lhe dava pelos joelhos; andando mais outros mil paſſos, já a agua lhe dava pela cintura; e querendo paſſar adiante, já naõ podia tomar pé. Eſte myſteriozo rio na opiniaõ dos Santos Agoſtinho, e Jeronymo ſignificava o do Bautiſmo, que ſahio do lado de Chriſto, que he o altar de Deos. E poſto que os mais myſterios deſta agua ſe poſſaõ vadear; tanto que chega a conſideraçaõ à virtude do Sangue de Chriſto, em que ſe funda, naõ ha tomar pé neſſa agua.

Empreza he difficultoſa, e quaſi impoſſivel querer vadear o mar de ſangue, que Chriſto derramou no diſcurſo de ſua Paixaõ. Poſſivel ſerá dar o primeiro paſſo no Sangue, que derramou no Horto, poſto que foſſe taõ copiozo, que banhou a terra: *Sicut guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* Poſſivel ſerá dar o ſegundo paſſo até o Pretorio de Pilatos, onde derramou taõ grande copia de ſangue ao rigor de mais de cinco mil açoutes. Poſſivel ſerá dar o terceiro paſſo até a coroaçaõ, onde ao rigor de ſettenta e dous eſpinhos foy ſua Cabeça, e veneravel Roſto banhado de ſangue. Porém dar paſſo até o Calvario, onde por cinco fontes ſe formou aquelle mar de ſangue, naõ he poſſivel tomar pé ſem perigo de ſer ſubmergido, como o meſmo Chriſto diſſe na peſſoa de David: *Veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me.* *Luc.22. 44.* *Pſal.68. 3.*

Quando Salamaõ collocou a Arca de Deos no novo templo, que edificára, ſacrificou a Deos o ſangue de vinte e dous mil boys, e cem mil ovelhas. Que mar de ſangue formariaõ tantas victimas! Mayor foy aínda o de hum ſó Cordeiro ſacrificado no altar da Cruz; porque ſua virtude deſceo ao Inferno, e tirou delle as Al-

3. Reg. 8.

mas dos Santos Padres, e ſubio ao Ceo para merecimento da graça, e gloria dos Bemaventurados; e ainda dos meſmos Anjos, como tem boa opiniaõ.

Exod.7. Para tirar o ſeu povo do poder de Faraò, converteo Deos as aguas dos rios em ſangue; e fez derramar por maõ do Anjo o ſangue de todos os primogenitos do Egypto. Para tirar o genero humano do poder do Demonio, fez Deos, que ſeu Unigenito Filho o derramaſſe todo em huma Cruz. Para ſarar da lepra inculcaraõ os Medicos ao Imperador Conſtantino hum banho de ſangue humano; porém a agua do Bautiſmo fez o que tanto ſangue naõ pode fazer; porque naquella agua ſe applicava a virtude do Sangue de hum homem Deos.

Porém naõ fallando na virtude, porque eſſa abrange a todo o Ceo, e a toda a terra; o meſmo Sangue de tal ſorte correo por cinco fontes abertas nos pés, maõs, e lado, que até aquelle pouco, que ficou no coraçaõ, ſahio depois de morto ao rigor da lançada. Quando o Imperador Maximiliano ſe coroou, mandou pôr na praça huma Aguia de metal, que por duas cabeças lançava duas fontes de vinho branco, e vermelho, para que todo o que quizeſſe beber, eſcolheſſe à vontade. Tambem no dia, em que o Rey da gloria coroado de eſpinhos ſubio ao trono da Cruz, e foy acclamado por Rey, houve ſemelhante liberalidade; porque do ſeu lado ſahiraõ outras duas fontes de ſangue, e agua com tal abundancia, que a todo o mundo abrangeo.

Plinio conta, que no tempo do Conſulado de Cayo Poncio chovera em Roma ſangue, e que os agoureiros o tiveraõ a mao pronoſtico. Tambem no monte Calvario choveo ſangue, mas pronoſtico da noſſa felicidade eterna; porque feito Chriſto todo huma chaga, todo o Calvario era hum mar de ſangue. No Apocalypſe appareceo o Senhor depois de glorioſo a S. Joaõ com

com as veſtiduras ençopadas em ſangue: *Et veſtitus erat veſte aſperſa ſanguine*, imagem do que derramou na Cruz. Tambem ao Profeta Iſaîas appareceo com as veſtiduras ençopadas em ſangue, como coſtumaõ ſahir do lagar, os que pizaõ vinho: *Veſtimenta tua ſicut calcantium in torculari.* Por eſtas veſtiduras, diz Cornelio, que ſe entende a Humanidade de Chriſto toda enſanguentada em ſua Paixaõ. Deſte ſangue, que banhou a terra do Calvario recolheo a Santa Magdalena huma redoma, que guardou toda ſua vida, o qual todos os annos no dia da Seſta feira da Semana Santa fervia ao tempo, que ſe lia a hiſtoria da Paixaõ, e ſe guarda na Igreja de S. Maximiano em França para perpetua memoria, do que no monte Calvario derramou JESUS Chriſto noſſo Redemptor.

Apoc. 19. 13.

Iſai. 63. 2.

CAPITULO XVI.

De outra Divina agua, com que foy regada a Arvore da vida.

AOs rios de ſangue, com que a Arvore da vida foy regada, podemos ajuntar dous olhos de agua, que rebentáraõ na pedra JESUS crucificado, que ſaõ as lagrymas, que na Cruz derramou. Naõ fazem os Euangeliſtas mençaõ dellas, mas conta-o S. Paulo: *Cum clamore valido, & lacrymis.* Santo Ambroſio diz, que chorára o Senhor ao tempo, em que rompeo naquellas laſtimoſas palavras: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me.* E naõ faltaõ Authores, como Drexelio, que ſentem, que em todos os paſſos de ſua Paixaõ miſturava Chriſto as lagrymas dos olhos com o ſangue das veas. E diz o meſmo Author, que em todas as tres

Heb. 5. 7.

horas, que duraraõ as trevas, naõ fez Chriſto outra couſa, mais que orar, e chorar. Eſtas lagrymas da Cruz ſaõ, as que mais propriamente levaõ o nome de agua, com que a Arvore da vida ſe regou; porque para noſſa redempçaõ tanto montaõ as lagrymas dos olhos de Chriſto, como o ſangue de ſuas veas.

Santo Iſidoro diz, que os Filoſofos antigos tinhaõ por couſa indecente chorar o Rey; e ainda nas Divinas
4. *Reg.* 20. letras lemos, que quando Ezequias quiz chorar, virára a cara para a parede. E Joſeph à viſta de ſeus irmaõs,
Gen 45. quando já naõ pode reprimir as lagrymas, ſe retirou para hum retrete da caza. Naõ o fez aſſim o Rey da gloria; pois ao meſmo tempo, em que era acclamado por Rey: *Rex Judæorum*; chorou publicamente, como ſe nos quizeſſe moſtrar, que eraõ aquellas lagrymas a ſua gloria, pelo muito, que tinhaõ de proveito para nós. E ſe as lagrymas naõ ſaõ outra couſa, ſenaõ o ſangue do coraçaõ eſtillado pelos olhos, quam ferido terá o coraçaõ, quem com tantas lagrymas dos olhos nos chama!

No Euangelho diſſe o meſmo Senhor, que como eſtiveſſe pregado na Cruz, todas as couſas havia de at-
Joan. 12. 32. trahir a ſi: *Si exaltatus fuero à terra, omnia trahaam ad me ipſum.* Havia de trazer a ſi os peccadores; porque com ſeu exemplo os mais empedernidos peccadores ſe haviaõ de converter; porque vendo-o pregado em huma Cruz, vertendo ſangue por cinco fontes, e lagrymas pelas duas dos olhos, naõ ſeriaõ os corações mais duros, que o diamante, que com o ſangue deſte Divino Cordeiro ſe naõ abrandaſſem. No tempo, em que Pedro negou a Chriſto, poz o Senhor nelle os olhos: *Et converſus Dominus reſpexit Petrum*; e logo Pe-
Luc. 22. 61. dro ſe converteo, e chorou: *Et egreſſus foras, flevit amarè.* Com muito mayor razaõ choraria, ſe viſſe

os

os olhos de Chriſto banhados em lagrymas. Huma vez vio David chorar a Jonathas, e logo lhe vieraõ as lagrymas aos olhos. David chorou por ver chorar a Jonathas, e Jonathas por ver chorar a David: *Fleverunt pariter.* E que peccador haverá taõ duro, que vendo a noſſo Salvador em huma Cruz banhado de ſangue no corpo, e de lagrymas nos olhos, naõ chore juntamente ſeus peccados? 1 Reg. 20. 41.

A Santa Brigida revelou a Santiſſima Virgem, que todas as vezes, que Chriſto da Cruz punha nella os olhos, ou ella em Chriſto, o ſangue das veas ſe lhe derretia em lagrymas: *Cùm reſpexiſſet ad me de Cruce, & ego ad eum, tunc de oculis meis quaſi de venis lacrymæ exibant.* E por ventura que eſta ſeja huma das cauſas das lagrymas de Chriſto na Cruz, ver os olhos de ſua Santiſſima Mãy banhados de lagrymas; porque ſe elle vendo huma vez chorar a Magdalena, naõ pode conter as lagrymas: *Ut vidit eam plorantem ..Et lacrymatus eſt JESUS*; quanta mayor razaõ tinha de chorar, vendo a ſua Mãy derramando taõ amargozas lagrymas. Joan. 11. 33.

CAPITULO XVII.

De outra agua, com que a Arvore da vida foy regada.

SE o Sangue, que ſahio do lado de Chriſto pelas propriedades, que teve de agua, foy a com que a Arvore da vida ſe regou, a agua, que juntamente ſahio com o ſangue do meſmo lado, deve ter a meſma eſtimaçaõ. Primeiramente ſe ha de ſuppor, que eſta agua naõ podia naturalmente ſahir do corpo morto ſem milagre:

lagre: pelo que diſſe Santo Ambroſio: *Contumelia vertitur in miraculum*; a contumelia do Soldado, que abrio o lado, converteo Deos em milagre.

Segundariamente ainda que he de fé, que ao dar da lançada ſahio juntamente agua, e ſangue: *Continuò exivit ſanguis, & aqua*; naõ he certo, ſe hum, e outro humor ſahio pela meſma abertura, ou ſe por diverſas; porque muitos Santos, como Cypriano, e Theodoreto ſentem, que a lança penetrara hum, e outro lado do Senhor, e que por huma abertura ſahira ſangue, e por outra agua. O Poeta Prudencio aſſim o canta:

Joan. 19. 34.

Hinc cruor effuſus: fluxit & inde latex.

E a eſta opiniaõ ſe inclina o P. Alapide.

Tambem naõ he de fé, que a lançada foſſe do lado direito; porque alguns com Suares ſentem, que fora no eſquerdo, que he a parte do coraçaõ; e concorda com o que foy revelado a Santa Brigida, que a lança atraveſſára o coraçaõ do Senhor; porém já a opiniaõ dos Fieis, e Pintores tem, que foy no lado direito, e ſe prova com a chaga, que S. Franciſco recebeo no lado direito. E parece, que o ſignificou o Profeta Ezequiel, quando diſſe, que a agua, que Deos lhe moſtrou, ſahira do lado direito do altar: *Et ecce aquæ redundantes à latere dextero*; a qual era figura da que ſahio do lado de Chriſto.

Ezech 47. 2.

Sahio com a agua juntamente ſangue, naõ miſturado, ſenaõ ſeparado, de ſorte que pode o Euangeliſta diſcernir hum humor do outro. Era agua verdadeira, que Deos alli creou, como Moyſés da pedra do deſerto, e naõ fingida, ou foro de ſangue, como cuidou Calvino. Houveraõ neſta agua muitos myſterios pertencentes à noſſa redempçaõ, e formaçaõ da Igreja Catholica;

lica; e por isso dizemos, que assim como esta agua sahio juntamente com o sangue; assim foy tambem como o sangue, a agua, com que a Arvore da vida se regou.

O principal mysterio desta agua he, que nella se significa o Sacramento do Bautismo, e no sangue o Sacramento da Eucharistia, como disse S. Joaõ Chrysostomo. E Santo Agostinho diz, que todos os mais Sacramentos sahiraõ do lado de Christo: *De latere Christi exierunt Sacramenta*; porque todos se dirigem a estes dous significados no sangue, e agua. E assim como pelo Sacramento do Bautismo nace a Igreja, e pelo da Eucharistia se sustenta; assim o sangue, e agua, que sahiraõ do lado de Christo, saõ a agua, que rega, e dá vigor à Arvore da vida. E vem a ser na substancia o mesmo que Santo Agostinho ponderou, em dizer o Euangelista, que o Soldado abrira o lado, e naõ que ferira: *Aperuit*. Para que entendamos, que naquelle lado aberto temos porta para a vida, por onde sahiraõ os Sacramentos, sem os quaes se naõ entra para a vida verdadeira: *Non dixit: Percussit, sed: Aperuit; ut illic vitæ ostium panderetur, unde Sacramenta Ecclesiæ manarunt, sine quibus ad veram vitam non intratur.*

Esta he aquella agua purissima, que Deos prometteo pelo Profeta Ezequiel, para lavar nossas consciencias de todos os peccados: *Effundam super vos aquam mundam, & mundabimini ab omnibus inquinamentis vestris.* Ezech. 36. 25. Esta he aquella agua viva, que Christo prometteo à Samaritana, que bebida nesta vida, vem a sahir na eterna: *Fiet in eo fons aquæ salientis in vitam æternam*; porque os Sacramentos, a quem representavaõ, nos abriraõ as portas do Ceo, que com o peccado estavaõ fechadas. A esta agua nos convida com tanta misericordia, dizendo: *Si quis sitit, veniat ad me, & bibat.* Joan. 4. 14. Joan. 7. 37.

E se perguntares de que sorte hemos de chegar, e beber? Respondo com S. Joaõ Chrysostomo, que quando chegarmos à meza da Sagrada Communhaõ, façamos consideraçaõ, que pomos a boca no lado aberto de Christo, e bebemos daquelle Sangue. E quando chegamos ao da Penitencia, que bebemos daquella agua: *Ita accedas ut bibiturus ab ipso Christi latere.* Quanto ao da Sagrada Communhaõ passa assim na realidade; porque nella realmente se contêm a Carne, e Sangue de JESU Christo. Quanto ao da Penitencia assim como a agua do Bautismo lava a Alma do peccado original; assim o da Penitencia lava a Alma dos peccados actuaes; e para se fazer com frutto, he esta huma muito devota consideraçaõ.

Outra muito pia he, que quando chegarmos com esta consideraçaõ, levemos tambem rasgados os peitos, como Christo, por meyo da compunçaõ, ou contriçaõ, como diz o devoto Thomás de Kempis: *Da te ad compunctionem, & invenies devotionem.* He por outra fraze o que Deos manda pelo Profeta Joel, que rasguemos os corações, e naõ as vestiduras: *Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra*; abrindo o coraçaõ ao Sacerdote, confessando todos os peccados, rasgando: *Scindite*; o que se naõ póde fazer sem dor. Deste modo sahirá a agua da graça, com que a alma se lava, e o sangue da Penitencia, com que a Deos se satisfaz.

Joel 2. 13.

AR-

ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

SEGUNDA PARTE.

Dos Ramos da Arvore da vida.

PROEMIO.

SI *radix ſancta, & rami*, diz S. Paulo: ſe a raiz he ſanta, tambem os ramos haõ de ſer ſantos; ſe a raiz da Arvore da vida JESU crucificado conſta da Divindade, e Humanidade Santiſſima de Chriſto, como diſſemos na primeira Parte, tambem os ramos devem ſer ſantos: *Si radix ſancta, & rami*; o meſmo, que ſe diz da raiz, ſe entende do tronco da arvore. O Santo Job diz, que ſe o tronco da arvore eſtá unido com a raiz, ainda *Rom.* 11.

ainda cortada a arvore, ha esperança de produzir novos ramos: *Lignum habet spem, si præcisum fuerit, rursùm vireſcit, & rami ejus pullulant.* O tronco da Arvore da vida, que consiste no merecimento de JESU Christo, está nelle sempre verde, e sempre viva a nossa esperança; como não hão de estar sempre verdes os ramos? Chamamos ramos da Arvore da vida a tudo aquillo, que Christo padeceo, obrou, e fallou na Cruz, assim como nos ramos da Arvore da vida, que vio S. Joaõ no Apocalypse, estava a saude das gentes: *Et folia ejus ad sanitatem gentium*; assim nestes esteve a nossa saude. O que importa he, que nos cheguemos à sua sombra, como fazia aquella Alma Santa, que muito de assento se chegava a esta sombra: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi*; e logo experimentaremos, como ella, no amargo dos ramos a doçura do frutto: *Et fructus ejus dulcis gutturi meo.*

Job 14.

Cant. 2.

O graõ da mostarda, como disse Christo, sendo a menor semente de todas, semeada na terra lança taes ramos, que podem descançar nelles as aves do Ceo: *Ita ut volucres Cæli veniant, & habitent in ramis ejus.* Este graõ de mostarda, como diz Saõ Gregorio, significa Christo, e em nenhum mysterio com mais propriedade, que na Cruz: as aves do Ceo saõ as almas devotas, que à sua sombra meditaõ nas dores, que elle padeceo na Cruz; e assim como o graõ de mostarda por sua acrimonia faz vir as lagrymas aos olhos, assim as almas pias, rumiando os mysterios destes ramos, experimentaõ tal moçaõ, que os naõ podem meditar sem lagrymas; como de Santo Ignacio Martyr se conta, que todas as vezes, que deste Ramo se lembrava, suspirando dizia: *Amor meus crucifixus est.*

Matth. 13.

RA-

RAMO I.

Da Arvore da vida. O fel, que goſtou ao pé da Cruz.

ERa eſtylo entre os Judeos dar aos condenados à morte hum copo de vinho do mais preciozo, e generozo, a que chamavaõ vinho dos condenados, de que faz menção o Profeta Amos: *Vinum damnatorum.* Eſte offereceraõ ao Senhor, e conforme o eſtylo, tambem aos dous ladrões, condenados à meſma morte de Cruz; porém no copo do Senhor miſturaraõ fel, como diz S.Mattheus: *Dederunt illi bibere vinum cum felle miſtum*; e S.Marcos accreſcenta, que tambem lhe miſturaraõ myrrha: *Myrrhatum vinum*; de ſorte, que aos dous ladrões deraõ o vinho puro, e ao innocente JESU, miſturado com fel; e ſe na eſcolha, que Pilatos propoz aos Judeos entre Chriſto, e Barrabás, Chriſto foſſe o eſcolhido, e Barrabás o condenado, haviaõ de dar a Barrabás o vinho puro, como aos dous ladrões, conforme o eſtylo; porém como JESUS foy o condenado, e naõ Barrabás, a JESU o deraõ miſturado com fel, ainda que aos dous o deſſem puro.

Amos 2.

Matth.27.

Marc.15.

Eſte foy o primeiro tormento, que o Senhor padeceo, tanto que chegou ao Calvario, e tirou dos hombros a Cruz, doze paſſos diſtante do lugar, onde foy arvorada a Cruz, como diz Andreconio; e eſte foy o alivio, que os miniſtros da maldade deraõ ao fatigado JESU, vinho com fel; e como dizem os Santos, os Fariſeos para tormento, e os Soldados por eſcarneo, como coſtumaõ fazer os ocioſos aos loucos. Eſta he aquella queixa, que o Senhor fez pelo Profeta: *Dederunt*

Pſal.21.

runt in eſcam meam fel; e ſe he certa a conſideraçaõ de Saõ Bernardo, que o vinho myrrhado, de que falla S. Marcos, era vinho aromatico, que ſerviſſe de conforto aos padecentes, a Chriſto lhe miſturaraõ fel, e o que para os demais condenados era piedade, para Chriſto foy impia crueldade.

Creou Deos o vinho, diz o Eccleſiaſtico, para alegria das gentes: *Vinum in jucunditatem creatum eſt,* e Salamaõ accreſcenta, que o bebamos alegremente: *Bibe cum gaudio vinum tuum*; porém preparado com fel foy para o Senhor de tormento, e para os Soldados de riza. Para alegria dos Noivos, e conſolaçaõ dos convidados havia elle convertido a agua em vinho: agora lhe convertem os homens o vinho em fel. Nos Cantares de Salamaõ lhe offereceo a Alma Santa hum copo de vinho aromatico: *Dabo tibi poculum ex vino condito*, porém agora miſturado com fel. Algum tempo diz, que bebia o ſeu vinho com o ſeu leite: *Bibi vinum meum cum lacte meo.* Se eſtas palavras ſaõ do Eſpozo, como parece, agora he obrigado a beber o ſeu vinho com o ſeu fel.

Eccleſ. 31. *Eccleſ.* 9.

Entre as maldições, que Deos N. Senhor mandou lançar no Deuteronomio ſobre os que naõ guardaſſem ſua Ley, huma era, que o vinho ſe lhe converteſſe em fel: *Uva eorum, uva fellis*; vinho de fel era o vinho dos malditos de Deos: vinho de fel quizeraõ aquelles malditos de Deos, que foſſe o vinho daquelle, a quem pouco antes haviaõ acclamado por bendito de Deos: *Benedictus qui venit in nomine Domini.* Para ſignificar a terribilidade dos tormentos, que padecem as almas dos condenados no Inferno, diz a Eſcritura, que o vinho, que bebem, he fel de dragões: *Vinum eorum fel draconum*; para nos livrar de calice taõ amargo, quiz Chriſto provar o calice de vinho miſturado com fel.

Deut. 31. *Deut.* 32.

Diz

Diz o Euangeliſta, que provára, e naõ quizera beber: *Cum guſtaſſet noluit bibere*; a razaõ principal he, para que naõ pareceſſe, que concorria, ou ignorava a malicia dos Judeos. Segunda razaõ, porque ſe aquella terrivel potagem era para naõ ſentir a morte, como alguns ſentem, Chriſto queria por noſſo amor ſentir tudo, quanto padecia. Porém o que nós devemos conſiderar, he, que fez Chriſto com eſte copo de vinho, o que coſtumaõ fazer os homens, que he provar, e brindar; e foy o meſmo que dizer: Eu, meus fieis, e amigos, já começo a beber o calice, que meu Eterno Padre me deu: a natureza, como fraca, repugnava beber calice taõ amargo, e por iſſo dizia: Paſſe de mim eſte calice; porém agora, que ſey a ſua vontade, já o começo a beber, e agora vos brindo, para que bebais o que reſta, como fazia o meu Apoſtolo: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti*, que he tragar os amargos deſta vida a meu exemplo. Supponhamos nos diz o meſmo, que Jeremias a ſeu povo: *Ad te quoque perveniat calix*, a ti tambem toca provar deſte calix, e com toda a conformidade com a morte, e Cruz de Chriſto, digamos com o Profeta David: *Calicem ſalutaris accipiam, & nomen Domini invocabo.*

Matth.27

Col.1.

Thren.4.

Pſal.115.

Fizeraõ aſſim os dous Apoſtolos Joaõ, e Diogo, os quaes perguntados pelo Senhor: *Poteſtis bibere calicem, quem ego bibiturus ſum?* Reſponderaõ animoſos, *poſſumus*, podemos. O Santo Martyr Geſentino depois de haver ſofrido varios tormentos, dandoſe-lhe hum copo de veneno, e obrigando-o a beber, tomou-o na maõ, e levantando os olhos, e o coraçaõ ao Ceo, diſſe: Bom JESU, a natureza repugna beber eſte calix, mas como vós do pé da Cruz mo brindaſtes, o levo, e dizendo iſto, o bebeo, e morreo.

Todos os trabalhos, e moleſtias deſta vida ſaõ co-

pos, com que Deos nos brinda, e nem todos podem ser de vinho puro, tambem vem misturados com fel. Christo provou, e naõ bebeo, o que lhe deraõ os homens: *Gustavit, & noluit bibere*; bebeo com grande conformidade, o que o Eterno Padre lhe mandou bem amargo; o nosso sempre vem da maõ de Deos; porque ainda que venha da maõ dos homens, primeiro passa pela de Deos. Ao Profeta Jeremias offereceu Deos este calix dizendo: *Sume calicem vini furoris de manu mea*, toma este copo de vinho da minha maõ: tomou o
Jerem.25. o Profeta, e brindou a todas as gentes: *Accepi calicem de manu Domini, & propinavi cunctis gentibus.* Se o calix, com que Deos nos brinda, vem da sua maõ, devemolo receber como tal, ainda que passe pela maõ de Jeremias.

Outra razaõ, porque Christo provou, e naõ bebeo o calix de vinho misturado com fel, he, porque na Sagrada Escritura he symbolo do amor de Deos, assim como pelo fel se significa o rancor. Naõ se agrada Deos de coraçaõ, onde está o amor junto com o rancor. Por isso quando o Apostolo encomenda aos Hebreos, que
Hebr.12. naõ faltem à graça, e amor de Deos: *Nequis desit gratiæ Dei*, adverte, que naõ haja em seus corações genero algum de rancor, ou de amargura: *Neque radix amaritudinis sursum germinans*; porque assim como o fel naõ faz boa mistura com o mel, assim o amor de Deos, que todo he doçura, se naõ póde unir com o rancor, que todo he amargura.

E se pelo vinho quizermos entender os gozos, e deleites desta vida, como podem agradar a Deos os gozos desta vida, que vaõ misturados com peccados? O peccador, que depois de beber o vinho do deleite, sente o amargo do fel, que he o remorso da consciencia, o mesmo amargo lhe causará horror ao deleite; e este

tal

tal naõ eſtá de todo perdido, bem póde eſperar emenda; porém aquelles peccadores, de que falla Salamaõ, que depois de beberem o vinho do peccado: *Qui bibunt vinum iniquitatis*, como quem bebe hum pucaro de agua ſem ſentir o fel da culpa, ſaõ como aquelles, de quem o Senhor ſe queixa, que bebiaõ o vinho, e faziaõ delle eſcarneo: *In me pſallebant, qui bibebant vinum*, que ſem duvida eraõ aquelles, de que fallámos acima, que por zombarem do Senhor, lhe offereciaõ ao pé da Cruz o vinho miſturado com fel. *Prov.4.* *Pſal.69.*

RAMO II.

Da Arvore da vida JESU crucificado, deſpojado de ſuas veſtiduras.

COſtume era entre os Judeos crucificar os condenados totalmente nùs, e por permiſſaõ do Juiz eraõ os algozes ſenhores de ſuas veſtiduras. Naõ he de crer, que uſaſſem com o Senhor outra couſa aquelles meſmos, que pouco antes naõ uſaraõ com elle a piedade, que uſavaõ com os condenados. Eſte he parecer dos Santos Padres, e por naõ offender os olhos dos Fieis, coſtumaõ pintar o Senhor cuberto com huma toalha. Naõ foy eſta a primeira vez, que o Senhor padeceu eſta afronta, mas deſta vez com mayor tormento, e confuſaõ, e de todas ſe entende a queixa, que elle fez pelo Profeta David: *Tota die verecundia mea contra me eſt, & confuſio faciei meæ cooperuit me.* *Pſal.43.*

De noſſos primeiros Pays diz a Eſcritura, que andando nùs ſe envergonhavaõ: *Erat autem uterque nudus, & non erubeſcebant*; porém depois que peccaraõ, foy tal o pejo, que cobraraõ de ſe ver nùs, que *Gen.2.*

logo formaraõ das folhas da figueira huma roupa, com que ſe cobriraõ. Qual ſeria a confuſaõ do novo Adam, vendo-ſe nù à viſta de tanto povo! Noè, que foy figura de Chriſto, teve tal ſentimento, de que ſeu filho Cham o achaſſe deſcompoſto, e eſtando dormindo, que o amaldiçoou a elle, e a todos os ſeus deſcendentes.

Gen. 9.

Para ſignificar Deos noſſo Senhor o caſtigo, que havia de vir ſobre os Egypcios, e Ethiopes, que haviaõ de ſer levados cattivos para Babilonia, como jumentos, nùs, e ſem roupa alguma ſobre ſuas carnes, mandou o Profeta Iſaîas largaſſe o cilicio, e que de todo nù, e deſcalço, andaſſe tres annos. E que viſta taõ horroroza, ver hum Profeta Santo, tio de El-Rey Ezequias, totalmente nù, à viſta de todo o mundo! Pois tudo foy figura, diz Tirino, do que padeceu JESU Chriſto nas duas vezes, que foy deſpojado das ſuas veſtiduras: *Repræſentabat nuditatem Chriſti in flagellatione, & Cruce.*

Iſai. 20.

Chegaſſe a iſto as dores, que o Senhor padeceu ao arrancar das veſtiduras, que por eſtarem pegadas às chagas, de neceſſidade o haviaõ de laſtimar. Quando elle com ſeus diſcipulos diſcorria pelos arrebaldes concorriaõ a elle os enfermos, como conta S. Marcos, e todo o que tocava nas ſuas veſtiduras, ſarava: *Ut vel fimbriam veſtimenti ejus tangerent.* Baſtou tocallas a mulher, que padecia fluxo de ſangue, para que logo paraſſe o ſangue: agora de tal ſorte ſaõ tratadas eſtas meſmas veſtiduras, que correm rios de ſangue pelas carnes do Medico; de ſorte, que para os enfermos eraõ as veſtiduras do Senhor ſaude, e para elle tormento.

Marc. 5.

Accreſcenta eſta laſtima, o que as almas pias contemplaõ: que para deſpirem o Senhor, primeiro lhe arrancaraõ a coroa de eſpinhos da cabeça, e que depois lha tornaraõ a pôr com multiplicadas dores; e eſta con-

conſideraçaõ eſtá muy bem fundada: porque, como o pretexto, que tomaraõ para condenar o Senhor à morte, era porque ſe fazia Rey, e por eſſa cauſa o coroaraõ de eſpinhos, agora coherentes na meſma perfidia, quizeraõ, que com a meſma coroa foſſe crucificado; pelo qual foy a cara do Senhor taõ enſanguentada, e desfigurada, que pode dizer o Profeta, que naõ havia nelle final de ſua natural fermoſura: *Non erat ei ſpecies, neque decor.* Iſai. 53.

Duas veſtes perderaõ noſſos primeiros Pays no Paraiſo, huma branca da innocencia original, outra purpurea da immortalidade. Para recuperar a primeira branca baſtava a roupa branca, que por ludibrio lhe veſtiraõ no Palacio de Herodes; para recuperar a ſegunda purpurea baſtava, a que lhe veſtiraõ no Pretorio de Pilatos. Porém aſſim como as folhas da figueira naõ foraõ baſtantes para cobrir a noſſos Pays, ſenaõ que Deos lhes fez roupas de pelles de animaes, aſſim para ſupprir as roupas brancas da innocencia perdida, e a purpurea da immortalidade, naõ baſtaraõ as duas, que Chriſto veſtio, purpurea, e branca, ſenaõ que havia de veſtir outra formada naõ de pelle de animaes, ſenaõ do Sangue do Cordeiro immaculado; porque, como dizem os Santos, com o arrancar das veſtiduras no Calvario, ficou o corpo do Senhor cuberto de huma paſta de ſangue, que lhe ſervio de purpura. Algumas figuras diſto acho na Sagrada Eſcritura.

Entre as benções, que Jacob lançou a ſeus filhos, fallando de Judas diz aſſim: *Judas lavabit in vino ſtolam ſuam, & ſanguine uvæ pallium ſuum*, quer dizer: Judas lavará ſua eſtola no vinho, e ſua capa no ſangue da uva. Todos os Santos Padres dizem, que fallava Jacob de Chriſto: a eſtola de Chriſto, diz com Santo Ambroſio o P. Cornelio, he a carne de Chriſto, o Gen 49.

pallio ſua Igreja, que de tal ſorte foy banhada do ſangue de ſua Paixaõ, que parecia huma veſtidura de ſangue; porque naõ baſtando a que veſtio no Palacio de Herodes branca, nem a que lhe puzeraõ no Pretorio de Pilatos purpurea, para ſupprir as que noſſos Pays perderaõ, eſta formada de ſeu proprio ſangue naõ ſó ſerviſſe de recuperar aquellas, mas de cobrir a toda a Igreja Catholica, como diz o meſmo Doutor: *Sanguis uvæ eſt ſanguis Chriſti, pallium eſt Eccleſiæ.*

O que importa he, he, que os que iſto cremos, diſpamos os habitos maos, e viſtamos os de Chriſto: *Galat. 3.* *Quicunque baptiſati eſtis, Chriſtum induiſtis*, diz S. Paulo: todo o bautizado veſtio a Chriſto, iſto he deſpir o homem velho, e veſtir o novo, como em outra *Epheſ. 4.* parte diz: *Induite novum hominem*; aſſim o fizeraõ aquelles quarenta Martyres, que mandados deſpir para ſerem lançados na lagoa, reſponderaõ: Naõ ſaõ os veſtidos o que deſpimos, ſenaõ o homem velho: *Apoc. 16.* *Beatus qui vigilat, & cuſtodit veſtimenta ſua, ne nudus ambulet*, diſſe o Anjo no Apocalypſe; quer dizer: Bemaventurado o que vigia, e guarda ſuas veſtiduras, para que naõ ande nù. As veſtiduras do Chriſtaõ, de que falla o Anjo, diz Tirino, ſaõ a graça ſantificante, e mais virtudes internas, com que a Alma ſe veſte, e ſem ellas eſtá nua, fea, e abominavel, diz eſte Author: *Id eſt, gratiam ſanctificantem, & virtutes internas, quibus, quaſi pulcherrimis veſtibus, anima conveſtitur: alioqui nuda, fœda, & abominabilis.*

RA-

RAMO III.

Da Arvore da vida JESUS crucificado.

ESte he o mais dilatado ramo da Arvore da vida, a crucifixaõ do Senhor. A primeira couſa, que ſe offerece ſaber, he a fórma, em que foy crucificado, ſe eſtirado no chaõ, ou ſe depois de arvorada a Cruz: os Euangeliſtas naõ o referem. Muitos ſentem, que eſtando a Cruz eſtendida no chaõ; e deſta opiniaõ he Santo Ambroſio, Abulenſe, e outros, e a razaõ he, porque eſte era o eſtylo, e eſte era o modo mais facil de crucificar. E ſe Chriſto aſſim foy crucificado, facil he de conſiderar, quaes ſeriaõ as dores, que o Senhor padeceria ao levantar da Cruz, e firmar no lugar preparado: como todos ſeus oſſos ſe deſconjuntariaõ; e verdadeiramente ſe cumprio o que pelo ſeu Profeta tinha dito: que pregado na Cruz ſe podiaõ contar ſeus oſſos: *Foderunt manus meas, & pedes meos, dinumeravere omnia oſſa mea.* Pſal. 21.

Porém a mais recebida opiniaõ he, que o Senhor foy pregado na Cruz depois de arvorada, conforme foy revelado a Santa Brigida, e parece, que o quiz o Senhor dizer na figura do Eſpozo dos Cantares: *Aſcendam ad palmam, & apprehendam fructus ejus*, ſo birey à palmeira, que foy figura da Santa Cruz; e a razaõ he, porque eſte modo de crucificar era de mayor terror ao povo, vendo todos o rigor, com que ſe effeituava taõ terrivel ſupplicio. Cant. 4.

Neſte ponto, em que o Senhor houve de ſobir à Cruz, contemplaõ as Almas devotas, que poſto de joelhos, maõs, e olhos levantados ao Ceo, ſe offereceo

em ſacrifício a ſeu Eterno Padre, renovando o voto, que fizera ao entrar neſte mundo, quando encarnou. Para o qual ſe ha de ſuppor com Santo Thomás, que no inſtante, em que o Verbo Divino encarnou, teve perfeito uſo de razaõ, e perfeitiſſima vontade, com que ſe offereceo a ſi, e a todas ſuas obras, trabalhos, e morte em preço de noſſos peccados, e que neſta vontade, como diz S. Paulo, fomos ſantificados: *In qua voluntate ſanctificati ſumus*, e pelo qual acto nos mereceo graça, e gloria, que continuou ſem interrupçaõ toda ſua vida até eſte ponto, em que com effeito foy ſacrificado, como o meſmo Apoſtolo diz: *Per oblationem Corporis JESU Chriſti.*

3.P.Q.34

Heb.15.

O que poſto he de conſiderar, repetiria o Senhor neſta ultima hora da vida o que no principio prometteo pelo Profeta: *In capite libri ſcriptum eſt de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei*; quer dizer, todas as Eſcrituras teſtificaõ, que voſſa vontade he, que eu morra neſta Cruz pelos peccados do mundo: eſta voſſa ley tive eu ſempre no meyo do meu coraçaõ; e vendo eu, que para ſatisfaçaõ dos peccados naõ pediſtes holocauſtos: *Holocauſtum pro peccato non poſtulaſti*, logo me offereci a vir encarnar, e morrer: *Tunc dixi, ecce venio*; toda eſta expoſiçaõ he de S. Paulo aos Hebreos: eſta foy voſſa vontade, eſta he a minha, e com a meſma me abraço com eſta Cruz.

Arremeteraõ logo os algozes ao Senhor, como caens raivoſos: *Circundederunt me canes multi*; e com tal crueldade o eſtenderaõ na Cruz, que todos os ſeus membros ſe deſconjuntaraõ, os nervos, e veas ſe eſtiraraõ, e as chagas com novas dores ſe renovaraõ, treſpaſſando maõs, e pés com duros, e penetrantes cravos, primeiro as maõs, e depois os pés, que o Senhor offe-

offereceo com aquella vontade, com que nos amou, e com mayor promptidaõ offerecia o Senhor as maõs, do que os miniſtros offereciaõ os cravos.

Fazem queſtaõ com quantos cravos foy o Senhor crucificado; de ordinario ſe cuida, que foraõ tres, e neſta fórma ſe pintaõ as Imagens dos Crucifixos, que veneramos. Porém o mais provavel he, que foraõ quatro; porque ſendo quatro os membros, quatro deviaõ ſer os cravos, como foy revelado a Santa Brigida, e ſe podem contar pelo ſucceſſo delles, como conta Gregorio Turonenſe; dous foraõ dados a Conſtantino Imperador: outro foy lançado ao mar Adriatico em occaſiaõ de huma grande tempeſtade: o quarto ſe guarda em Treveris. Em Roma ſe guarda, e venera hum na Igreja de Santa Cruz, e ſe ſuppoem ſer algum dos dous, que teve Conſtantino, o qual, diz o P. Cornelio, vira, e adorára com grande moçaõ de ſeu eſpirito. Prova-ſe mais com o exemplo das Chagas impreſſas nas maõs, e pés de S. Franciſco, que todas quatro moſtraõ as pontas dos cravos. E poſto que a Imagem de Chriſto crucificado, que ſe achou formada no coraçaõ de Santa Clara de Monte-Falco repreſentava ſó tres cravos, reſponde-ſe, que ſe achou da ſorte, que a Santa o meditava.

Naõ faltou quem diſſeſſe, que os cravos das maõs penetraraõ entre os pulſos de ſorte, que atraveſſaraõ toda a maõ, e eſta opiniaõ ſegue Cornelio Alapide por duas razoens: primeira, porque aſſim ficava o Corpo do Senhor mais ſeguro; ſegunda, porque o prégo, que ſe guarda em Roma, he de tal comprimento, que o moſtra aſſim; além diſto o Santo Sudario, que ſe guarda em Turim, em que ficou impreſſa a Imagem do Senhor, neſta fórma moſtra os ſinaes das Chagas; e parece que as palavras do Profeta David aſſim o ſignificaõ: *Fode-*

runt

runt manus meas, cavaraõ minhas maõs: e parece, que eſta palavra *cavar* diz mais, que eſta *furar*, mas de qualquer ſorte, que for, he de fé, que nellas ficaraõ taes buracos, que puderaõ entrar por elles os dedos de S. Thomé, aſſim como pela abertura do lado pode entrar a maõ.

Além dos cravos, diz Santo Hilario, que tambem foraõ atadas as maõs, ou braços do Senhor na Cruz com cordas; porque era couſa difficultoſa ſuſtentarſe o corpo pezado ſómente pelos cravos; e o P. Cornelio diz, que eſtas cordas ſe guardaõ em Roma no Templo de Santa Cruz. Panormitano allegado por Cornelio accreſcenta, que além dos cravos fora o Senhor atado na Cruz pelos pulſos com argolas de ferro: tudo ſaõ conſiderações pias.

Cornel. in Matth. 27

Foy aſſim meſmo crucificado o Senhor com a coroa de eſpinhos para juſtificarem ſua malicia, que o crucificavaõ por ſe fazer Rey dos Judeos. Foy aſſim meſmo pregado na Cruz totalmente nù na mais provavel opiniaõ, porque naõ ha fundamento para cuidar outra couſa daquelles, que em tudo procuravaõ o mayor tormento, e ludibrio de Chriſto, a quem aborreciaõ com hum odio, que o Senhor chamou odio maligno: *Odio iniquo oderunt me*, que para o puriſſimo, e virginal corpo do Senhor naõ podia haver mayor ludibrio, nem mayor tormento; e poſto que na morte lhe faltaraõ os pobres pannos, em que ſua Santiſſima Mãy o envolveo no naſcimento, naõ lhe faltaraõ com tudo duas veſtes, huma preta, e outra vermelha, que de algum modo ſupprirão ſua nudeza: a preta lhe offereceo o Sol, eſcondendo ſua luz, a vermelha lhe fizeraõ os algozes no muito ſangue, que de ſeu corpo derramou.

Pſal. 24.

Huma couſa notavel conta hum Author, da Terra Santa, diz, que além de ſer o Senhor crucificado fóra

ra das portas da Cidade, a Cruz foy collocada de sorte, que o Senhor ficou com as costas para a Cidade de Jerusalem, como se disseſſem aquelles impios, que naõ reconheciaõ por seu Cidadaõ hum homem taõ facinorozo. E se isto naõ foy acaso, se naõ por maliciozo conselho dos Fariseos, tempo virá, em que o Senhor faça o mesmo, que já tem dito pelo Profeta Jeremias: *Dorsum, non faciem ostendam eis in die perditionis eorum*, quizeraõ que eu lhes déſſe as costas no dia de sua salvaçaõ, eu lhes darey as costas no dia de sua perdiçaõ. *Jerem. 18.*

RAMO IV.

Da Arvore da vida JESU crucificado.

Pondera-se a divisaõ das Sagradas vestiduras.

DE summa pena, e de summo ludibrio foy para o Senhor na Cruz ver dividir suas sagradas vestiduras. Mais de mil annos antes, que succedeſſe, se queixou elle pelo seu Profeta David, dizendo: *Divisérunt sibi vestimenta mea, & super vestem meam miserunt sortem*, rasgáraõ entre si minhas vestiduras, e sobre minha veste lançáraõ sortes. Todos os Euangelistas fazem mençaõ destas vestes. Como era estylo da ley, que as roupas dos condenados à morte foſſem dos algozes, como em paga, os que haviaõ crucificado a Christo, se fizeraõ logo senhores dellas, e repartidas entre si por sortes, levou cada hum sua parte, tirando a tunica interior inconsutil, que a Santiſſima Virgem havia tecido por suas maõs, porque essa assentaraõ os mesmos, que foſſe de quem ao jogo a ganhaſſe: *Non scindamus eam, sed sortiamur de illa, cujus sit.* *Psal. 21.*

A primeira tunica interior teſſeo-a ſua Santiſſima Mãy, ſendo elle infante, a qual hia creſcendo, conforme creſcia o Senhor, até ſua perfeita eſtatura; o qual naõ he de admirar, quando a meſma maravilha fez Deos com os filhos de Iſrael por eſpaço de quarenta annos, que caminharaõ pelo dezerto. Eſta precioſa peça he de crer venderia aos Chriſtaõs o Soldado, a quem coube por ſorte, porque ella ſe venera em Treveris, como diz Cornelio.

Deut. 29.

Drexel de Chriſt. Paſſion.

Huma couſa notavel conta Drexelio, deſta tunica inconſutil do Senhor, convém a ſaber, que chamado Pilatos pelo Imperador Tiberio a Roma, temendo a ira de Ceſar, ſe veſtio deſta tunica interior do Senhor; e tanto que appareceu diante do Imperador, todo o furor ſe converteo em benevolencia. O meſmo ſuccedeu ſegunda vez, que foy chamado a juizo; porém na terceira vez, que appareceu ſem a veſte, foy pelo meſmo Imperador condenado.

De quanto tormento foſſe para o Senhor eſta diviſaõ de ſuas ſagradas veſtiduras jugadas aos dados, ſe deixa conſiderar por muitas razoens. Primeira, porque eſtas repartições das roupas ſómente ſe faziaõ dos condenados de vil condiçaõ, e naõ dos nobres, e foy o meſmo, que ſer o Senhor avaliado por outro tal. Segunda razaõ, porque vendo o Senhor com ſeus olhos jugada aos dados a veſte, que ſua Santiſſima Mãy teſſera, à viſta da meſma Senhora, que eſtava preſente, de neceſſidade ſe havia de moleſtar. Terceira razaõ, porque via o Senhor o deſacato, algazares, e eſcarneos, com que eſtes a jugavaõ, e punhaõ ao tombo de dado por ſucceder tudo ao pé da Cruz: e porque os algozes eraõ Soldados, que coſtumaõ ſer mais atrevidos, como notou o Euangeliſta: *Et milites quidem hæc fecerunt.*

Foy aſſim meſmo de grande tormento eſta diviſaõ pela

pela ſignificaçaõ do myſterio; porque pela tunica interior ſe ſignifica a da graça, e pela feita em pedaços ſe ſignificaõ os mandamentos quebrantados: e tinha o Senhor muito que ſentir, vendo que a tunica interior levaſſe hum ſó inteira, e muitos a feita em pedaços. Significa-ſe tambem por eſtas veſtes de Chriſto repartidas em quatro partes a Religiaõ Catholica, repartida pelas quatro partes do mundo; e podia o Senhor lembrar-ſe de quam deſpedaçada havia de ſer dos Hereges nos tempos vindouros, como o meſmo Senhor ſignificou a S. Pedro Alexandrino, apparecendo-lhe com as veſtiduras raſgadas, dizendo, que Arrio lhas havia raſgado, porque havia introduzido na Religiaõ Catholica ſua heregia.

Temos além diſto muito que aprender deſtes Soldados. Da veſte interior diziaõ: *Non ſcindamus eam*, naõ a raſguemos, havendo feito em pedaços a tunica exterior. Muitos, que tem nome de Chriſtaõs, ſe contentaõ com guardar inteira a fé, e fazem em pedaços as Ordenações della: naõ baſta ter fé de Chriſto para a ſalvaçaõ, he neceſſario guardar ſua ley. Aquelle Soldado, que ficou com a veſte interior, ſe a quizeſſe vender, conforme a eſtimaçaõ, que della fizeſſe, ſeria o preço; e que eſtimaçaõ faz da graça bautiſmal, o que por qualquer occaſiaõ a vende ao Diabo? Dos quatro Soldados, que jugaraõ ſobre eſta veſte, hum ſó ganhou, os tres perderaõ: aſſim ſaõ os que poem a graça de Deos como a tombo de dado a riſco de a perder, que os mais a perdem, os menos a ganhaõ.

Naõ ha duvida, que convindo eſtes Soldados, em que ſe naõ raſgaſſe aquella veſte, havendo feito em pedaços a outra, he final, que fizeraõ della mais eſtimaçaõ. Raſguem-ſe todas as veſtiduras exteriores, naõ ſe raſgue a interior; perca-ſe tudo o que pertence ao exterior

terior do corpo, naõ ſe perca o que pertence ao interior da alma; percaõ-ſe os bens temporaes, naõ ſe percaõ os eternos; fique ſempre inteira a alma, ainda que ſe faça em pedaços o corpo.

Que daria qualquer Principe por eſta veſte de Chriſto interior, que hoje ſe guarda em Treveris? Que naõ daria por qualquer daquelles quatro pedaços? Pois eis-aqui te dou outras melhores veſtes de Chriſto, diz S. Joaõ Chryſoſtomo, que ſaõ as eſpecies Sacramentaes, com que Chriſto ſe cobre no Sacramento, onde eſtá repreſentado todo o myſterio da Cruz. Toma eſtas veſtes, porque nellas recebes o meſmo Chriſto: *Tu quidem veſtimenta cupis videre, & habere*, tu deſejas ver, e poſſuir as veſtiduras, que os Soldados raſgaraõ, e jugaraõ aos dados: *Ipſe tibi concedit tangere, & intra te ſumere*, elle te concede naõ ſó tocar, mas guardar. S. Cyrillo diz, que foy myſterio repartirſe aquella veſte em quatro partes, para ſignificar, que por todas as quatro partes do mundo ſe havia de repartir eſte Sacramento, e nelle os myſterios da Cruz.

RAMO V.

Da Arvore da vida, JESU crucificado entre dous ladrões.

CRucificado o Senhor, foraõ com elle juntamente crucificados dous ladrões, hum à maõ direita, outro à eſquerda, e no meyo delles JESUS: *Tunc crucifixi ſunt cum eo duo latrones, unus à dextris, & unus à ſiniſtris.* O fim, que tiveraõ os Judeos, foy para infamar o Senhor de ladraõ, e para dar côr ao pretexto, que tomáraõ para o crucificar, dizendo, que pre-

pretendia uſurpar o Reino a Ceſar. Quando eſtes prenderaõ o Senhor no Horto, ſe queixou elle, dizendo, que o hiaõ a prender, como a ladraõ armados: *Tanquam ad latronem existis cum gladiis, & fustibus comprehendere me*; com quanta mayor razaõ ſe queixaria, vendo-ſe julgado, e caſtigado como tal.

Para encarecer o Euangeliſta o extremo de deſprezo, a que chegou o Senhor em ſer poſpoſto a Barrabás homicida, e revoltozo, accreſcentou, que era ladraõ: *Erat autem Barabas latro*; crime naõ ſó infame no Direito, mas abominavel entre as gentes; pois naõ ſó foy o Senhor poſpoſto a eſte famozo ladraõ, mas julgado entre dous, e como tal com elles caſtigado. Cumprio-ſe aqui o que tantos annos antes tinha profetizado Iſaías: *Cum sceleratis reputatus est*, que havia de ſer reputado com os facinorozos, como advertio o Euangeliſta S. Marcos. *Iſai. 53.*

A eſte paſſo allude S. Paulo, eſcrevendo aos Galatas, quando diſſe, que Chriſto, ſendo crucificado, ſe fizera por nós maldiçaõ: *Factus pro nobis maledictum*; por quanto Deos diſſe na Eſcritura, que todo o crucificado era maldito: *Quia scriptum est, maledictus omnis, qui pendet in ligno*; malditos eraõ por Ley de Deos os dous ladrões crucificados com Chriſto, e ſendo o Senhor crucificado entre elles, que outra opiniaõ haviaõ de formar delle os homens, ſenaõ que era maldito, como elles? *Galat. 3.*

No Prezepio o acharaõ, e veneraraõ os Paſtores entre dous brutos animaes: entre JOSEPH, e MARIA o buſcaraõ, e adoraraõ os Reys. No Tabor entre Moyſés, e Elias o declarou por filho, e meſtre noſſo o Eterno Padre. Iſaías o vio no Ceo entre dous Seraſins; e no meſmo eſtá, e ſempre eſteve entre duas Divinas Peſſoas. Entre dous Querubins havia Salamaõ collocado a *Matth. 17* *Joan. 6.*

Arca

Arca de Deos: agora a verdadeira Arca de Deos, que he ſua Santiſſima Humanidade, eſtá collocada entre dous facinorozos ladrões.

Gen.39. Joſeph filho de Jacob, aquelle, que depois de vendido por eſcravo, foy acclamado por Salvador do mundo, foy a melhor figura de Chriſto noſſo Salvador, vendido por Judas. Foy pois metido na cadea, carregado de ferros, em companhia de dous malfeitores tambem prezos com elle; e neſte paſſo, diz Ruperto, foy Joſeph figura de Chriſto crucificado entre dous ladrões. Falla delle David neſte paſſo, e diz que aquelles grilhões, com que eſtava prezo Joſeph, era huma eſpada, que *Pſal.* 104. lhe atraveſſava a Alma: *Ferrum pertranſivit animam ejus*; porque, ſe o ferro lhe atormentava o corpo, a conſideraçaõ de ſe ver prezo entre prezos, culpado entre culpados ſendo innocente, era eſpada aguda, que lhe atraveſſava a Alma: *Ferrum pertranſivit animam ejus.*

E quem duvida, que eſta meſma conſideraçaõ affligiria a Alma de noſſo Salvador, vendo-ſe crucificado entre dous ladrões, e que eſta foy outra eſpada, como aquella, que atraveſſou a Alma de ſua Santiſſima Máy, profetizada por Simeaõ? Os cravos, com que eſtava *Luc.2.* pregado na Cruz, eraõ cravos, os eſpinhos, com que eſtava coroado, eraõ eſpinhos, tudo inſtrumentos, que atormentavaõ ſeu corpo; porém a conſideraçaõ de ſe ver crucificado entre dous ladrões, era eſpada aguda, que atraveſſava ſua Alma: *Ferrum pertranſivit animam ejus.*

A iſto ſe achega, que eſſes meſmos ladrões, que de tanta infamia eraõ para o Senhor com ſuas peſſoas, juntamente o afrontavaõ com ſuas linguas, vomitando contra elle os meſmos opprobrios, com que os Fariſeos *Matth.27* o blaſfemavaõ: *Et qui crucifixi erant cum eo, eadem*

dem improperabant ei; e posto que S. Lucas só falla do mao ladraõ, S. Mattheus, e S. Marcos de ambos fallaõ: *Improperabant*, *conviciebantur*; porque ainda que depois que o bom Ladraõ se converteo, confessou ao Senhor, no principio, como os mais, o blasfemou, como sentem muitos Padres, e he mais conforme ao Euangelho.

Santo André esteve dous dias na Cruz, mas louvado, e acompanhado de hum grande numero de fieis, que o acclamavaõ por Santo. S. Cosme, e S. Damiaõ nas suas cruzes, como Irmaõs, se animavaõ, e consolavaõ. Thimotheo, e Maura, posto que perseveraraõ nove dias crucificados, se animavaõ como bons Irmaõs. Os tres Irmaõs da Companhia, Paulo, Joaõ, e Diogo, crucificados no Japaõ a mesma consideraçaõ de bons companheiros podia-lhes servir de alivio; porque he consolaçaõ dos que padecem, ter companheiros no tormento. Porém o nosso bom JESU os companheiros, que teve na Cruz, naõ só de descredito, senaõ de tormento lhe eraõ, porque com suas linguas, como espadas agudas, lhe atravessavaõ a Alma; por ventura que destes falle David: *Exacuerunt, ut gladium, linguas suas.* *Psal.* 63.

RAMO VI.

Da Arvore da vida: das trevas, que houve em todo o mundo, em quanto Christo esteve na Cruz.

CRucificado o Senhor, de tal sorte escondeo o Sol sua luz, que todo o mundo ficou em trevas; começaraõ estas desde o meyo dia até as tres horas da tar- *Matth.* 27

de, em que o Senhor morreo. Quando Deos criou o mundo, diz a Escritura, que toda a terra estava cercada de trevas: *Et tenebræ erant super faciem terræ*; mas tanto que Deos criou a luz, logo desappareceraõ as trevas. Depois quando Deos quiz reparar o mundo, apagando-se a luz, que o he de todo o mundo, com muita propriedade fica o mundo todo em trevas.

Quando este Senhor nasceu ao pino da meya noite dizem, que anticipára o Sol suas luzes: agora, que morre, no pino do meyo dia as retira o Sol: de sorte, que no nacimento começou o dia pela meya noite, e
Mal.4. na morte começou a noite pelo meyo dia. No nacimento disse o Profeta Malaquias, que havia de nascer Christo, como Sol, enchendo de luz a terra: *Orietur sicut Sol*; tambem na morte morre, como Sol, enchendo de trevas a terra; no nacimento, como Sol de justiça: *Sol justitiæ*; tambem na morte para satisfazer a Deos em rigor de justiça morre na Cruz, assim como nasceu no Prezepio. E ainda com mayor excesso na morte, porque no nacimento obrou sómente a justiça de Deos, e na morte a de Deos, e mais a dos homens. Diz mais o Profeta, que este Sol havia de trazer a saude nas suas pennas: *Et sanitas in pennis ejus.* Com muito mayor propriedade na morte, onde, depois de posto na Cruz, nos mereceo a saude da alma.

Varias saõ as causas deste taõ maravilhozo eclypse, que apontaõ os Expositores, e Mathematicos, que
Matth.27 se podem ver em Cornelio Alapide: basta-nos saber, que foy prodigiozo, e fóra do natural. As causas, ou fins, que Deos teve, saõ muitos: primeira, porque estando o Senhor totalmente despido na Cruz, escarnecido por essa causa dos Soldados, quiz Deos, que o Sol, e a Lua fizessem ao Senhor essa roupa de escuras nuvens. Fizeraõ os dous Irmaõs Sol, e Lua, o que fizeraõ os

os dous Irmaõs filhos de Noè, que vendo a seu Pay descomposto, e escarnecido de seu filho Cham, elles com a capa o cobriraõ. Foy este como hum obsequio do Ceo, que reconhecendo-se por elle cuberto de estrellas, querem cobrir a seu Senhor de trevas.

Segunda razaõ, póde ser o que diz S. Paulo, que sendo nós antes trevas, com a morte de Christo ficámos luz: *Eratis aliquando tenebræ, nunc autem lux in Domino*; porque para desterrar as trevas da gentilidade, elle, como luz sobre o tocheiro, quiz subir à Cruz; porque se bem no Prezepio esteve, como luz debaixo do meyo alqueire, na Cruz esteve como luz sobre o tocheiro. *Ephes. 5.* *Matth. 5.*

A terceira razaõ he de S. Joaõ Chrysostomo, para significar a cegueira dos Judeos: e assim diz, que para os Judeos a luz se converteo em trevas, e para os Christaõs as trevas se converteraõ em luz: *Ideo apud Judæos tenebræ sunt, apud nos autem nox in diem conversa est*; porque verdadeiramente se crê o que diz S. Joaõ: que Christo entre aquellas trevas he luz, que entre as trevas resplandece: *Et lux in tenebris lucet*, porque nenhumas trevas o poderaõ escurecer: *Et tenebræ eum non comprehenderunt.* Nos Judeos naõ ha que espantar, que amaraõ mais as trevas, do que a luz; porém nos Christaõs, a quem a noite se converteo em dia, querermos viver às cegas, he querer viver como aquelles, de quem se falla no Santo Job, que de dia andaõ encontrando com as trevas, e ao pino do meyo dia andaõ apalpando, como cegos: *Per diem incurrent tenebras, & quasi in nocte, palpabunt in meridie.* *Joan. 3.* *Job 5.*

Quarta razaõ: mandou Deos nesta occasiaõ as trevas, para que dellas tirassem os homens luz, para crer, que aquelle crucificado era o verdadeiro Salvador do

mundo, e por isso as trevas por todo o mundo se es-
2.Cor.4. tenderaõ. Parece de S.Paulo esta razaõ: *Qui dixit de tenebris lucem splendescere, ipse illuxit in cordibus nostris*; quer dizer, aquelle Senhor, que soube tirar a luz das trevas, esse resplandeceo em nossos corações. Entaõ tirou Deos a luz das trevas, quando estando a terra toda em trevas, criou a luz, dizendo: *Fiat lux*, faça-se a luz; e entaõ resplandeceo Deos em nossos corações, quando em nossos entendimentos resplandeceo a luz da fé, e conhecimento de JESU Christo; e foy o mesmo que dizer, commenta Cornelio com
Cornel. in Matth. 27 Santo Agostinho, que assim como Deos na creaçaõ do mundo tirou das trevas a luz, assim na redempçaõ do mundo, que se obrou na Cruz, tirou da gentilidade os Christaõs com a luz da fé: *Uti Deus olim produxit de tenebris lucem, ita nunc ex infidelibus nos fideles fecit, fideique luce lustravit.*

Houve-se Deos nosso Senhor neste dia da redempçaõ do mundo com os Judeos da sorte, que se houve com os mesmos na redempçaõ do Egypto. Vendo Deos, que naõ bastavaõ as primeiras pragas, com que ameaçou a Faraò, estendeo Moysés o braço com aquella mysterioza vara na maõ, e vieraõ sobre a terra do Egyp-
Exod. 10. to taes trevas, que se apalpavaõ com a maõ: *Extendit Moyses manum in Cælum, & factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Egypti.* Moysés com a vara, e braço levantado para o Ceo, era figura de Christo com os braços estendidos na Cruz: aquellas trevas eraõ figura destas. Pois assim como com aquellas trevas pretendia Deos abrandar o coraçaõ, e abrir os olhos a Faraò, assim destas trevas pretendia Deos tirar alguma luz, para que os Judeos reconhecessem ao Crucificado por seu Salvador; porém assim como com aquellas trevas ficaraõ os do Egypto mais duros, assim com

com eſtas trevas ficaraõ os do Calvario mais cegos.

O que importa, he, que naõ nos ſucceda a nós com a lembrança das trevas do Calvario o meſmo, que ſuccedeu aos que as viraõ. Quem duvida, que todo o tempo, que aquellas trevas duráraõ, devia haver nos que eſtavaõ preſentes algum temor, e eſpanto, como ſuccedeu nos do Egypto; porém aſſim como os do Egypto, tanto que deſappareceraõ as trevas, tornaraõ à antiga dureza de coraçaõ, aſſim os do Calvário, tanto que começou a apparecer a luz, tornaraõ os Soldados ao jogo, e os Fariſeos às blasfemias. Em quanto os Fieis no ſanto tempo da Quareſma celebramos os myſterios do Calvario, andamos com algum temor, ou recolhimento; porém tanto que as trevas da Semana Santa paſſaraõ, e appareceraõ as Alleluyas da Paſchoa, tornamos, como os Soldados do Calvario, aos jogos, às delicias prohibidas, e vicios antigos: ou como os Eſcribas, e Fariſeos a crucificar, e blasfemar a Chriſto, quebrantando ſuas leys, e deſprezando ſeus conſelhos.

RAMO VII.

Das dores, que Chriſto padeceu na Cruz.

AS dores, que o Senhor padeceu na Cruz, todo o tempo, que nella eſteve vivo, foraõ taõ acerbas, que o Eſpirito Santo, que governou as pennas dos Euangeliſtas, as deixou à noſſa conſideraçaõ, e por iſſo as calláraõ todos. O meſmo Senhor, que na oraçaõ do Horto as previo, concebeo dellas tal pavor, que pedio ao Eterno Padre diſpenſaçaõ da promeſſa, que havia feito de as padecer, quando encarnou: *Si poſſibile eſt, tranſeat à me calix iſte.* Só a imaginaçaõ o fez ſuar

gottas de ſangue, e entrar em agonias da morte. Em fim foraõ taõ vehementes, que chegaraõ os Santos Padres a accommodar a Chriſto na Cruz, o que em eſpirito diſſe por David: que entre os laços da morte o cercaraõ dores do Inferno: *Dolores Inferni circumdederunt me, præoccupaverunt me laquei mortis.* Pſal.57.

Naõ he poſſivel ponderar todas: as dores de hum ſó membro podem ſer argumento de todas juntas. Conſideremos a dor, que o Senhor JESU ſentio, quando lhe pregáraõ na Cruz a primeira maõ, rompendo carne, atraveſſando nervos, e veas, que ſem quebrar oſſo algum era baſtante para huma grande dor. E que ſeria ao pregar da outra maõ, e ao pregar de ambos os pés? Que, quando com o pezo do corpo as chagas das maõs, e pés ſe abriaõ? E que cumulo de dores, ſe às dores dos cravos ajuntarmos as dos eſpinhos, as dos açoutes, das pancadas, golpes, e chagas, tudo ao rigor do frio? Que, de ſede intoleravel, e do importuno remedio do vinagre, que mais a acendeo? Tudo finalmente, qual o deſcreveo o Profeta, feito huma chaga deſde os pés até a cabeça: *A planta pedis uſque ad verticem capitis, non erat in eo ſanitas.* Com quanta razaõ a Igreja accommoda a Chriſto no Cruz a exclamaçaõ de Jeremias: *O' vos omnes, qui tranſitis per viam, attendite, & videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus!* Pſal.1. Heb.1.

E que ſerá, ſe com as dores do corpo, ajuntarmos as da Alma? Eſtas ſe podem reduzir a duas, que em ſi encerraõ infinitas. Primeira o deſamparo, em que ſe vio dos ſeus, que foy tal, que com effeito podia dizer, o que em profecia diſſe Iſaîas: *Torcular calcavi ſolus, & de gentibus non eſt vir mecum*, porque ainda que cercado de muitos, todos eraõ inimigos. Os ſeus naturaes lhe procuraraõ a morte, e eſſa infame, e como diziaõ aquelles, que conta Salamaõ, torpiſſima: Iſai.63.

Mor-

Morte turpiſſima condemnemus eum. Os impios Sol- *Sap.2.*
dados de Pilatos lha deraõ crueliſſima. Os Sacerdotes, Eſcribas, e Fariſeos aſſopravaõ o fogo entre os do povo de tal ſorte, que ſe naõ podia apagar com muitas injurias, e tormentos até eſpirar na Cruz. Até dos ſeus diſcipulos, e mais turba, que o ſeguio, e admirou ſeus milagres, ſe vio deſamparado. E poſto que ſua Santiſſima Máy o naõ deſamparou, ſua preſença lhe ſervia de mayor pena; até ſeu Eterno Padre o naõ quiz naquella occaſiaõ ſoccorrer, com o qual ſeus inimigos lhe davaõ em roſto, de ſorte, que chegou a dizer: *Deus meus, Deus meus, ut qui dereliquiſti me!*

A ſegunda couſa, que affligia ſua Alma, era a lembrança dos crimes, que lhe lançavaõ em roſto, e pelos quaes padecia, por tocarem todos em ſua honra, e credito; e tanto mais vivo foy ſeu ſentimento, quanto elle era de mais alto, e nobre coraçaõ, e em tempo, que havia chegado a taõ alta eſtimaçaõ, que foy de todo o povo acclamado por Profeta grande mandado por Deos: *Propheta magnus ſurrexit in nobis*; e agora ſe via julgado por embuſteiro, ladraõ, alvorotador, basfemo, feiticeiro, encantador, traidor a Ceſar, e meſtre de nova doutrina; e tanto mais creſciaõ eſtas infamias, quanto foraõ acompanhadas de mil injurias, afrontas, e deſcortezias, até o crucificarem entre dous ladrões.

A lembrança de todas eſtas couſas junta com as blasfemias, e remoques dos Fariſeos affligiaõ ſeu magoado coraçaõ, e accreſcentavaõ aquella profunda triſteza, que começando no Horto ſe veyo a conſummar na Cruz, como elle meſmo confeſſou: *Triſtis eſt anima mea uſque ad mortem.* Baſta dizer, que aqui ſe cumprio tudo o que David profetizou no Pſalmo vinte e hum: *Omnes videntes me deriſerunt me, loquuti*

ſunt labiis, & moverunt caput, que ſobre as dores do corpo ſummamente affligiraõ ſua Alma, como tanto antes ſe queixou pelo meſmo Profeta: *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt*, que, como notou Cornelio: *Ingens fuit tormentum Chriſto crucifigi, ſed maius crucifixo illudi*; quer dizer, foy grande tormento a Chriſto ſer crucificado, mas mayor ainda ſer eſcarnecido ſendo crucificado.

Pſal 21.

Cornel. in Matth. 27

Quando os amigos do Santo Job o viraõ em tal eſtado, feito huma chaga, conceberaõ tal horror, que por ſette dias, e ſette noites naõ fallaraõ palavra em continuo pranto, porque conſideravaõ, quaes ſeriaõ ſuas dores: *Videbant enim dolorem eſſe vehementem.* Figura foy de Chriſto o Santo Job; mas quanto mais vehementes foraõ as dores de Chriſto! Procuravaõ eſtes conſolar a ſeu amigo com ſuas palavras, porém taõ importunas, que foraõ ao afflitto Job de mayor tormento, e aſſim lhes reſpondeu: *Conſolatores oneroſi omnes vos eſtis*, pezados conſoladores: que ſeria no bom JESU as palavras moleſtas dos Fariſeos!

Job 2.

Palavras lançadas ao vento chama Job às dos ſeus amigos, *verba ventoſa*; e que diremos das que ſeus inimigos vomitavaõ contra Chriſto crucificado, ſenaõ os nomes, que lhes daõ as Eſcrituras, de blasfemias, de ludibrios, de opprobrios! Aqui verdadeiramente matou o Senhor a fome, que Jeremias diſſe, que ſe havia de ver farto de opprobrios: *Saturabitur opprobriis*; porque todos os que paſſavaõ de caminho, e todos os que aſſiſtiaõ no Calvario, afiaraõ ſuas linguas contra elle, venenoſas, como de ſerpentes: *Acuerunt linguas ſuas, ſicut ſerpentis.* O Eſpirito Santo diz pelo Eccleſiaſtico: *Ne irrideas homini in amaritudine animi*; quer dizer, que na occaſiaõ da amargura da alma he o affecto digno de laſtima, e naõ de rizo; e na occa-

Thren. 3.

Pſal. 139.

Eccleſ 4.

ſiaõ,

siaõ, em que o Senhor estava em agonias de morte, que afflicçaõ seria a de seu coraçaõ, vendo-se escarnecido, e blasfemado de todos!

Porém o que mais affligiria o coraçaõ de nosso Salvador, he a consideraçaõ dos poucos, que se haviaõ de aproveitar de seu Sangue, e conformar com sua Cruz; principalmente considerando, que sendo mandado principalmente ao povo de Israel: *Non sum missus, nisi ad oves, quæ perierunt de Israel*, esse mesmo seu povo era o que entregou, e crucificou; do qual foy figura David, que havendo livrado a Ceila do poder de seus inimigos, os mesmos Ceilitas o entregaraõ nas maõs de Saul; ou como Gedeaõ, que depois de haver livrado o povo de Deos do poder de Madian, deixaraõ destruir toda sua geraçaõ com morte de setenta filhos por traiçaõ de Abimelech. *Matth.* 15 *1. Reg.* 23. *Jud.* 8.

O frutto, que devemos tirar, e colher deste ramo, naõ haõ de ser só affectos de compaixaõ, senaõ de lembrança do que padeceu na Cruz nosso Redemptor, naõ só no corpo, mas tambem na Alma: *Toto vobis figatur in corde, qui pro vobis fixus est in Cruce*, diz Santo Agostinho: esteja sempre fixo em vossos corações, o que por vós foy pregado na Cruz. E naõ só de lembrança, mas de agradecimento, porque, como diz S. Bernardo, naõ sómente dorme, como ingrato, mas como morto, o que naõ corresponde a tanto beneficio: *Quid adhuc tua dormitat affectio, & non solùm dormitat, sed mortua est, si huic beneficio non respondet.*

RA-

RAMO VIII.

Das palavras, que Chriſto fallou na Cruz.

TOdas as tres horas, que o Senhor eſteve vivo na Cruz, naõ fez outra couſa mais, que padecer, chorar, e orar, e entre penas, que padecia, e lagrymas, que chorava, a primeira oraçaõ, que fez, e palavra, que fallou, foy pedir ao Eterno Padre perdaõ para os meſmos, que o puzeraõ na Cruz, dizendo: *Pater ignoſce illis, quia neſciunt, quid faciunt*; naõ ſó roga pelo perdaõ, mas eſcuza-os da culpa para melhor conſeguir o perdaõ. Ao preceito de amor chamou *Joan. 13.* o Senhor novo preceito: *Mandatum novum do vobis*; tambem a eſta petiçaõ podera chamar exemplo novo, porque deſde que Deos creou o homem naõ ſe lê nas Divinas letras exemplo ſemelhante: muito ſim ao con- *Gen. 9.* trario. Noè amaldiçoou o filho Cham, e toda ſua deſcendencia por hum leve deſacato. Elias fez deſcer fogo *4. Reg. 1.* do Ceo ſobre os Embaixadores de El-Rey Ochoſias por hum leve aggravo, que preſumia. Eliſeo por lhe chamarem Calvo os rapazes, fez ſahir do mato dous Urſos, que fizeraõ em pedaços a quarenta e dous; porém *4. Reg. 2.* o noſſo bom JESU, prezo, açoutado, esbofetado, blasfemado, e crucificado, a vingança, que tomou, foy rogar a Deos pelo perdaõ; com quanta razaõ logo lhe podemos chamar exemplo novo!

De ſorte, que os Fariſeos rogaõ a Pilatos a altas vozes: *Crucifige, crucifige eum*, e Chriſto ao Eterno Padre: *Ignoſce, dimitte.* Os Eſcribas, e Fariſeos accuſaõ-no de malfeitor, ſendo innocente: e Chriſto os eſcuſa ſendo culpados; he deſgarrado com açoutes, coroa-

coroado com eſpinhos, pregado com pregos em huma Cruz, e eſquecido de tudo iſto, pede a Deos perdaõ por todos: *Ignoſce, dimitte*; he blasfemado, eſcarnecido, remoqueado com malicioſa deſcortezia, e eſcuſa-os: *Neſciunt.* No Horto fez Chriſto oraçaõ por ſi: *Tranſeat à me calix iſte*; porém na Cruz fez oraçaõ pelos que o crucificaraõ: o que tantos annos antes previo Iſaías dizendo: *Et pro tranſgreſſoribus oravit.* *Iſai. 13.*

He ponto bem encarecido dos Authores, que para a boa obſervancia da Ley val muito o exemplo do Legislador. Eſte Senhor mandou no Euangelho, que oraſſemos pelos que nos perſeguem: *Orate pro perſequentibus vos*; mandou, que perdoaſſemos, ſe queremos ſer perdoados: *Dimittite, & dimittemini*; agora já clama com o exemplo, o que enſinou de palavra. Quando eſte Senhor naceu no Prezepio, diz S. Bernardo, que já prégava com o exemplo o que nos havia de prégar com a palavra: *Jam clamat exemplo, quod prædicaturus eſt verbo*; já com o exemplo eſtava dizendo, o que ao diante havia de dizer: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde*, aprendey de mim, que ſou manſo, e humilde de coraçaõ; da meſma ſorte, quando morreu na Cruz clamava com o exemplo o que já nos tinha prégado com a palavra: eſtava com o exemplo dizendo, que façamos oraçaõ pelos que nos fazem mal: *Dimitte illis*, porque em vida nos havia prégado o meſmo: *Orate pro perſequentibus vos.* *Serm. 1. de Nat.*

Em certa occaſiaõ diſſe Chriſto a ſeus Apoſtolos, que todas as vezes, que alguem nos offendeſſe, e arrependido nos pediſſe perdaõ, lhe perdoaſſemos, ainda que foſſe ſete vezes no dia: *Si peccaverit in te frater tuus, etiamſi ſepties in die peccaverit in te, & ſepties in die converſus fuerit ad te, dimitte illi.* Ouvio *Matth. 18*

vio S.Pedro eſtas palavras, e pareceo-lhe demaſiada indulgencia a palavra *ſepties*, ſete vezes: reſpondeu ao Senhor, que naõ ſó ſette vezes, mas ſetenta vezes ſete: *Etiam ſeptuagies ſepties.* Pois iſto que o Senhor havia prégado com a palavra em vida, prégou na morte com o exemplo com duas muy notaveis circunſtancias.

Primeira, que o Senhor manda-nos perdoar aos que nos offendem na ſuppoſiçaõ, que tenhaõ com noſco alguma ſatisfaçaõ, e arrependimento da offenſa: *Si ſepties fuerit converſus ad te*; porém o Senhor pede perdaõ para aquelles, que taõ longe eſtavaõ de ſe arrepender, e ter com o Senhor alguma ſatisfaçaõ, que tudo era multiplicar aggravos a aggravos; e poſto que a chuſma do povo vendo os prodigios na hora, em que o Senhor eſpirou, batendo nos peitos ſe tornavaõ do Calvario como diz S.Lucas: *Percutientes pectora ſua revertebantur*, he certo, que os Eſcribas, Fariſeos, e Principes dos Sacerdotes, que concorreraõ para a ſua morte, perſeveráraõ na ſua perfidia, e Chriſto por todos orou, como notou Santo Agoſtinho: *Pro illis petebat veniam, à quibus adhuc accipiebat injuriam.*

A ſegunda circunſtancia he, que o numero das offenſas, pelas quaes pede o perdaõ, excede muito ao numero de ſettenta vezes ſette, que Chriſto diſſe a Saõ Pedro, deviamos perdoar ſettenta vezes ſette fazem numero de quatrocentos e noventa; e quantas mais foraõ as offenſas, que o Senhor padeceu por maõ deſtes, que o crucificaraõ? No Horto o maltrataraõ os que o prenderaõ, junto com o oſculo de Judas: na caſa de Caifás: os eſcarneos no palacio de Herodes de todo hum exercito: no caminho as apupadas dos rapazes: em caza de Pilatos os açoutes, os eſpinhos, as bofetadas naõ

tem

tem numero; e ſe quizermos accreſcentar a eſtas offenſas as do mundo todo, que numero póde igualar, que comparaçaõ tem o numero de ſettenta vezes ſette, que Chriſto manda perdoar.

S. Boaventura eſcreve, que depois de Chriſto fazer oraçaõ ao Padre pelos que o crucificavaõ, mandára a ſua Santiſſima Máy, que fizeſſe a meſma oraçaõ, e que a Senhora logo de joelhos rogara ao Eterno Padre, dizendo o meſmo que diſſera ſeu crucificado Filho: *Ignoſce illis, quia neſciunt, quid faciunt.* E ſe foy aſſim, como eſte douto Santo o affirma, certo he couſa de grande conſolaçaõ para os peccadores, e edificaçaõ para toda a Igreja.

Tecuitis fez petiçaõ a David pelo perdaõ de ſeu filho Abſalam, mas hum ſó, e eſſe filho. Abigail pedio por Nabal, mas hum ſó, e eſſe eſpozo; mas a Senhora pedio por muitos, e eſſes inimigos, e homicidas de ſeu amantiſſimo Filho. Naõ ſey, de que mais me admire, ſe da petiçaõ do Filho para com a Máy, ſe da petiçaõ da Máy para com o Padre. Taõ manſo, e taõ amorozo he o coraçaõ de noſſo Redemptor, que naõ ſó pede ao Padre perdaõ para os que o offendem, mas roga a ſua Máy, faça a meſma petiçaõ: taõ manſo, e amorozo he o coraçaõ da Virgem, que ſe conforma com a vontade do Filho, e faz a Deos a meſma petiçaõ. Com quanta razaõ a Igreja lhe chama Virgem ſingular, e entre todas a mais manſa: *Virgo ſingularis, inter omnes mitis.* O frutto, que ſe deve colher deſte ramo, eſtá bem à maõ, que he perdoarmos a noſſos inimigos por amor de JESU Chriſto crucificado; e quanto elle ſe agrade deſte amor, ſe conhecerá pelo exemplo ſeguinte. 1. *Reg.* 14. 1. *Reg.* 25.

Houve em Florença hum Fidalgo chamado Gualberto, o qual trazia inimiſade com hum homem, que injuſtamente havia morto hum ſeu parente; e para ſe vingar

vingar delle, o pretendia matar. Seu filho Joaõ Gualberto andava nos meſmos paſſos, e cuidados do Pay. Succedeu, que indo hum dia para Florença com hum criado, ambos armados: encontrou acaſo no caminho com aquelle ſeu inimigo em hum paſſo taõ eſtreito, que lhe naõ podia eſcapar. Turbouſe aquelle pobre homem, e lançando-ſe aos pés de Joaõ Gualberto, com grande humildade lhe pedio pelo amor de JESU Chriſto crucificado lhe perdoaſſe. De tal ſorte ſe enterneceo Joaõ, que logo levantou do chaõ a ſeu inimigo, abraçou-o, e lhe perdoou dizendo, que eſtiveſſe ſeguro, pois havia tomado taõ bom Padrinho. Feito iſto, o pobre homem ſe foy conſolado, Joaõ ſeguio ſeu caminho, e entrando em huma Igreja, ſe poz em oraçaõ diante de huma Imagem de Chriſto crucificado, o qual inclinou a cabeça para Joaõ, como quem lhe dava as graças pelo ſerviço, que lhe havia feito, perdoando por ſeu amor àquelle ſeu inimigo. Ficou Joaõ confuſo com aquelle regalo do Senhor, e dando de maõ a todas as vaidades do mundo, ſe abraçou com Chriſto crucificado, e foy grande Santo, e Fundador da Ordem de Valumbroza.

RAMO IX.

Da Arvore da vida: da ſegunda palavra, que Chriſto fallou na Cruz.

A Segunda palavra, que o Senhor fallou na Cruz, foy prometter Paraiſo ao bom Ladraõ, dizendo: *Hodie mecum eris in Paradiſo*, hoje ſerás comigo no Paraiſo, naõ no paraiſo da terra, nem do Ceo, ſenaõ no Limbo, onde eſtavaõ as Almas dos Santos Padres, aonde

aonde deſceu a meſma Alma de Chriſto, e o chamarlhe o Senhor Paraiſo, he porque logo que a Alma de Chriſto entrou naquelle lugar, todas as Almas foraõ participantes da viſaõ beatifica, e aquelle triſte lugar ſe converteu em Paraiſo, mas naõ ſobiraõ ao da Gloria do Ceo, ſenaõ depois que Chriſto lá ſobio. Tudo iſto he conforme aos Expoſitores Sagrados, que allega Cornelio Alapide. *In Luc. 23.*

Eſta foy a ſorte do bom Ladraõ, cuja fé naõ acabaõ os Santos de admirar; nem ſe póde negar, que foy frutto da Arvore da vida, que elle ſoube colher. Foy a ſorte do mao ladraõ muito diverſa, pois eſtando taõ perto da meſma arvore, como eſteve o bom, podendo colher o frutto da vida, colheo o da morte eterna; foraõ eſtes dous ladrões, como aquelles dous Soldados, que carregaraõ o cacho de uvas da terra de Promiſſaõ: o que hia detraz, hia com os olhos no cacho de uvas, que repreſentava a Chriſto na Cruz, o que naõ podia fazer o que hia diante; o bom Ladraõ, que poz os olhos em Chriſto na Cruz, e vio ſua paciencia, ſe converteo, e ſalvou, o que morreu obſtinado, ſe condenou. Tudo diſſe em poucas palavras S. Jeronymo: *Alter præcedit Petrum in Paradiſum, alter præcedit Judam in Infernum*; quer dizer, hum vay diante de Pedro para o Paraiſo, outro vay diante de Judas para o Inferno, e ſe cumprio aqui no monte, o que Chriſto diſſe ſe havia de fazer no campo: *Erunt duo in agro, unus aſſumetur, alter relinquetur.* Euſebio Emiſſeno allegado por Cornelio conſidera neſte caſo a Chriſto na Cruz, como em tribunal, julgando a hum para o Ceo, outro para o Inferno: *Poſitus in patibulo, velut arbiter, hunc reputat regno, illum relinquit inferno.*

Santo Agoſtinho pondo os olhos neſta Imagem de Chriſto crucificado entre dous ladrões, diz que lhe pareceu

receu huma repreſentaçaõ no tribunal do Juizo: *Ipſa Crux tribunal fuit, in medio judice conſtituto*; terrivel caſo, que aquelle que no Calvario eſtá em huma Cruz entre ladrões crucificado, haja de eſtar no valle de Jozaphat em huma nuvem de mageſtade em companhia de Anjos, e Bemaventurados da Gloria! Terrivel caſo, que o que eſtá julgado dos homens em companhia de malfeitores haja de ſer o Juiz de vivos, e mortos! E que diraõ entaõ os que o condenaraõ, os que o blasfemaraõ? Que aſſombro quando virem rugir como Leaõ o que viraõ callado como Cordeiro? Que dirá Pilatos, que antes havia dito ao Senhor: *Poteſtatem habeo crucifigere te, & poteſtatem habeo dimittere te*, quando veja, que o poder que teve para crucificar a Chriſto naõ era outro, ſenaõ o meſmo que Chriſto lhe diſſera: *Non haberes poteſtatem in me, niſi tibi datum eſſet deſuper.*

Eſta conſideraçaõ de Santo Agoſtinho, devemos fazer nós em ſentido contrario para noſſo deſengano. O Santo diz, que aquelle juizo do Calvario he huma repreſentaçaõ do juizo, que ha de ſer no valle de Jozaphat; e nós dizemos, que o juizo, que ha de ſer no valle de Jozaphat, he huma repetiçaõ do juizo, que já ſe fez no Calvario. Attendey, como deſcreve S. Joaõ: vio a Chriſto em hum trono de gloria entre vinte e quatro anciaõs em fórma de Cordeiro, que ſendo vivo parecia morto: *Agnum ſtantem tanquam occiſum in Cruce*, diz Tirino, como crucificado; eſtá na fórma de Cordeiro para repreſentaçaõ do Sacrificio da Euchariſtia, que naõ he outra couſa, ſenaõ o meſmo cruento do Calvario. Para mayor confirmaçaõ ha de eſtar preſente S. Miguel com aquella meſma Cruz, em que Chriſto foy crucificado, porque por virtude de Deos ſe haõ de ajuntar todas aquellas haſtinhas, e reliquias que por

toda

toda a Igreja eſtaõ eſpalhadas, e para mayor demonſtraçaõ, o meſmo Juiz ha de apparecer com huma roupa banhada em ſangue: *Et veſtitus erat veſte aſperſa ſanguine.* E ſe neſta fórma vio S. Joaõ o tribunal do juizo, que ſe ha de fazer no valle de Jozaphat, que outro foy o juizo, que ſe fez no monte Calvario?

Ecce venit cum nubibus, & videbit eum omnis oculus, & qui eum pupugerunt; continua S. Joaõ, e como mais claro diz Zacarias: *In quem confixerunt*; quer dizer, virá Chriſto em nuvens de mageſtade, e todos Anjos, e homens o veraõ, principalmente aquelles, que o crucificáraõ: *Qui eum pupugerunt.* Porá nelle os olhos Pilatos, que o condenou; os Pontifices, e Sacerdotes, que o accuſaraõ; os Soldados, que o pregaraõ na Cruz; e finalmente todos os que ſe acharaõ no Calvario, e concorreraõ para a ſua morte. Eſtes, e todas as mais gentes do mundo o veraõ, e faraõ ſobre elle grandes prantos: *Et plangent ſe ſuper eum omnes tribus terræ.* Os bons vendo quam cuſtozo foy para o Redemptor o noſſo remedio. Os maos de deſeſperaçaõ; e de nenhum proveito ſeraõ aquellas lagrymas, porque nem as dos bons ſeraõ de merecimento, nem as dos maos de ſatisfaçaõ. O que importa, he chorar neſta vida, e para ſahir bem daquelle tribunal do valle de Jozaphat, he grande meyo acodir ao tribunal do Calvario; e ſe ajudamos a crucificar a Chriſto com noſſos peccados, imitemos aos que batendo nos peitos, delles tornavaõ: *Percutientes pectora ſua revertebantur*; ſirvanos de cautela o mao exemplo de Geſtas, e ſirvanos de imitaçaõ o bom exemplo de Dimas.

X. RAMO.

Da Arvore da vida, quando diſſe a ſua Santiſſima Mãy: Ecce filius tuus.

ANtes que o Sol retiraſſe ſua luz naquellas trevas, que cobriaõ todo o mundo, poz o Senhor deſde a Cruz os olhos em ſua Santiſſima Mãy, e Diſcipulo amado, dizendo: *Ecce filius tuus*, mulher ahi tens teu filho; naõ diſſe Mãy, ſenaõ mulher, porque na boca chea de fel naõ cabia o doce nome de Mãy, e para moſtrar, quam pegado o tinha no coraçaõ, naõ quiz lhe ſahiſſe pela boca; nem taõ pouco quiz nomealla por ſeu nome proprio de MARIA, por naõ accreſcentar ao mar de amarguras de ſua Paixaõ o mar amargo do nome de MARIA; quanto mais, que dando elle neſtas palavras ſua Santiſſima Mãy por mãy noſſa, quiz moſtrar, que com a poſſe nos dava tambem os titulos; mas a razaõ, que daõ os Santos, he por naõ moleſtar mais à Senhora com a nomear Mãy.

Eſtas palavras ainda que foraõ de grande amor para o diſcipulo, e de grande proveito para os peccadores, foraõ com tudo para a Senhora de muito tormento, e S. Bernardo cuida, que eſta foy a eſpada, que Simeaõ havia profetizado, que havia de penetrar a Alma: *Annon tibi fuit pluſquam gladius ſermo ille revera pertranſiens animam?* Naõ he huma ſó a razaõ, ſenaõ muitas, as que os Santos apontaõ.

A razaõ de S. Bernardo he pela deſigualdade da troca, receber por JESU a Joaõ, o filho de Zebedeo pelo filho do Eterno Padre; o ſervo pelo Senhor, o diſcipulo pelo meſtre, o puro homem pelo verdadeiro Deos;

Deos; e ſe ſó o cuidar niſſo enternece noſſos coraçõcs ainda mais duros, que a pedra, como diz o Santo, quanto penetraria a Alma deſta Senhora o ouvillas: *Quomodo tuam affectuoſiſſimam animam non pertranſiret hæc auditio?* Qual ficaria o coraçaõ de Eva, qual o aſſombro de Adam, quando viſſem diante dos olhos o filho de Abel morto às maõs de ſeu irmaõ? Porém Eva ſe conſolou, porque em lugar de Abel lhe dera Deos outro filho, que foy Seth: *Dedit mihi Deus ſemen aliud pro Abel*, que foy igual na ſantidade, porém na Santiſſima Virgem naõ houve eſta razaõ.

Ley foy antiga dos Romanos, que quando na guerra morria o filho unico de alguma viuva, podeſſe adoptar outro em lugar do morto para ſua conſolaçaõ, e neſte caſo poderia ſucceder ſer tal a bondade do filho adoptivo, e tal o amor, que lhe cobraſſe, que fizeſſe eſquecer o amor do natural. Para conſolaçaõ de ſua Mãy deu Chriſto a Joaõ por filho adoptivo ſeu, na occaſiaõ que eſſe filho unico morria na Cruz; porém como o adoptivo nunca podia igualar o natural, por ſer hum homem, e outro Deos, nunca podia ſer de conſolaçaõ, ſendo a troca taõ deſigual.

Quam juſta, e quam vehemente foy a dor do Santo Job, quando ouvio a triſte nova da morte repentina de todos os ſeus filhos? E que faria Job, ſe Deos lhe revelaſſe, que em lugar dos filhos, que perdera, lhe havia de dar outros tantos, como na verdade deu? Era eſte grande motivo de conſolaçaõ; porém na Sacratiſſima Virgem naõ havia lugar de ſemelhante conſolaçaõ: ſó na reſtituiçaõ do meſmo Filho JESU, que perdera, ſe podia conſolar; porque nenhum outro filho adoptivo, ainda que foſſe avantajado mil vezes mais, que Joaõ, podia igualar o natural.

Devota, e agudamente diſſe o P. Cornelio, que

eſtas duas palavras de Chriſto na Cruz a ſua Mãy foraõ duas lançadas, com que lhe ferio o coraçaõ, huma de dor, outra de amor: *Verberat Chriſtus Matris cor telo tum amoris, tum doloris.* A lançada de dor eſteve em receber hum filho adoptivo, por hum filho natural, e unigenito; a lançada de amor eſteve no cuidado, que o Senhor teve de ſua Mãy em a encommendar a Joaõ, para que em ſua auſencia a ſerviſſe, e amaſſe; e a huma, e outra couſa chama eſte doutor lançada: *Telo tum amoris, tum doloris.* Todas as obras de amor ſaõ lançadas, que ferem o coraçaõ, porque o coraçaõ he o alvo, aonde as ſettas do amor atiraõ. Hum ſó cabello, hum ſó olhar de olhos, iſto he, hum ſó penſamento ſanto foy baſtante para ferir o coraçaõ do Divino Eſpozo: *Vulneraſti cor meum in uno oculorum tuorum, in uno crine colli tui*; porém não he ferida mortal, ſe não quando o amor he taõ forte, que iguale às forças da morte, qual foy a lançada de amor, que Chriſto deu no coraçaõ da Virgem em lhe dar por filho a Joaõ, que ſe não fora como aquella mulher forte de que falla Salamaõ, ſem duvida cahiria morta de ſentimento.

He queſtaõ muito altercada entre os Expoſitores Sagrados, ſe a Senhora cahio deſmayada, quando vio ſeu Santiſſimo Filho pendente da Cruz. Muitos com Santo Agoſtinho ſentem que ſim; outros com Santo Ambroſio ſentem o contrario, e he o mais provavel, e mais conforme ao Euangelho, e a razaõ do Santo he, porque tendo a Senhora viva fé, que o filho, que via morrer em huma Cruz, havia de tornar a ver vivo, eſſa fé baſtava para naõ cahir deſmayada. De Abrahaõ diz S. Paulo, que reſoluto a matar o filho por obediencia de Deos, ainda cria que havia de ſer cabeça de huma eſtendida deſcendencia: iſſo querem dizer as palavras

vras do Apoſtolo: *Contra ſpem in ſpem credidit*, e eſta fé era baſtante para não deſacorſoar Abrahaõ; porém na Santiſſima Virgem não valia eſſa razaõ, porque ſe bem cria, que o filho morto havia de reſuſcitar, não era para viver em ſua companhia, antes a companhia do filho adoptivo lhe eſpertava a lembrança do natural, que perdera; e eſtes foraõ os dous cutelos, que Cornelio diz, atraveſſaraõ o coraçaõ da Senhora, hum de dor, outro de amor: *Telo tum doloris, tum amoris*, quando não queiramos dizer com S.Bernardo, que eſta foy a eſpada de Simeaõ.

O frutto que devemos colher deſte ramo da Arvore da vida, he o que ſe preſume colheria Saõ Joaõ, vendo-ſe filho adoptivo da Mãy de Deos. Huma grande eſtimaçaõ de taõ ſingular favor, hum diligente cuidado em a ſervir; naõ fazendo couſa, que deſagrade nem a ſeu benditiſſimo Filho; huma viva lembrança do que vio ao pé da Cruz.

XI. RAMO.

Da quarta palavra, que o Senhor fallou na Cruz.

DEpois de tantos tormentos, que o Senhor padeceu na Cruz por eſpaço de tres horas, eſtando já vizinho à morte em ſummo deſamparo, repetio eſtas laſtimoſas palavras: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me*, quer dizer, Deos meu, Deos meu, porque me deſamparaſte? Saõ eſtas palavras do Pſalmo 21. que todo he de Chriſto em ſua Paixaõ, o qual ſe crê repetio o Senhor na Cruz todo o tempo, que duraraõ as trevas, para que os Fariſeos entendeſſem, que

elle era o ſugeito, de quem fallava David, e conheceſſem a cauſa, porque não deſcia da Cruz, como lhe lançavaõ em roſto, dizendo: *Si filius Dei es, deſcende de Cruce.*

Naõ quiz o Senhor dizer neſtas palavras, que eſtava deſamparado da Divindade, porque ainda que ſua Alma ſe ſeparou do corpo, a Divindade ſempre eſteve unida à Alma, e corpo todo o triduo de ſua Paixaõ; chama-ſe deſamparado do Padre por tres razoens. Primeira, porque podendo livrallo da Cruz o não fez. Segunda, porque podendo diminuirlhe as dores, adoçando de algum modo o amargo do Caliz, que no principio lhe brindou, não quiz ſe naõ, que o tragaſſe, e eſgotaſſe até as ultimas fezes. Terceira, porque podendo, como no Horto, mandarlhe hum, ou muitos Anjos, que o confortaſſem, o naõ fez; vendo-ſe pois totalmente deſamparado do Ceo, e terra, e que o poder de Deos ſe queria eſtender ſómente para poder padecer mais, rompeo naquellas taõ laſtimoſas palavras: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me!*

De varios modos coſtuma Deos livrar a ſeus amigos, ou como livrou a David das maõs de Saul, ou como livrou os tres mancebos da fornalha de Babilonia; Jonas do ventre da balea; a Suzana do falſo teſtemunho; Elias da ira de Jezabel, ou como ſe livrou a ſi meſmo infante das maõs de Herodes; e aſſim como para tudo achou Deos meyos convenientes, aſſim o poderia fazer com ſeu Filho na Cruz; porém como eſtava decretado no tribunal Divino, que Chriſto morreſſe morte de Cruz, permittio Deos todas aquellas dores, e afrontas, que nella padeceu, e todas eſtas permiſſões chamou o Senhor deſamparo: *Ut quid dereliquiſti me.*

Como eſte ramo da Arvore da vida eſtá taõ carregado

gado de frutto, podemos colher muito. O primeiro nos aponta o Apoſtolo S. Paulo nas palavras: *Qui proprio filio ſuo non pepercit*, chama-ſe deſamparado de Deos, para que vejamos quanta foy a ira, que deſcarregou ſobre ſeu proprio filho pelo conſiderar com os noſſos peccados às coſtas: *Poſuit in eo omnia peccata noſtra.* Poz Deos os olhos nos peccados do mundo no tempo de Noè, e mandou o diluvio; poz os olhos nos peccados de Sodoma, e mandou ſobre ella o fogo do Ceo; mas toda eſta ira de Deos foy menos em comparaçaõ da que Deos derramou ſobre ſeu Unigenito Filho, porque como elle meſmo diz por David, toda a ira de Deos deſcarregou ſobre elle: *In me tranſierunt iræ tuæ*; já agora naõ he Deos aſſim, com qualquer gemido do peccador ſe abranda.

O ſegundo frutto nos aponta o meſmo Chriſto: *Si in ligno viridi hæc fiunt, in arido quid fiet?* Foy o meſmo que dizer, ſe eu innocente aſſim padeço, o culpado que merece? Dous ſaõ os caſtigos, que eſperaõ no Inferno ao peccador, de dano, e de ſentido; hum, e outro nos ſignificaõ eſtas palavras: de ſentido, no que padeceu no corpo; pena de dano não podia padecer, porque ſua Alma ſempre vio a Deos, mas de algum modo quiz padecer no deſamparo do Padre. He eſte ponto muito para conſiderar. Para nos livrar das penas eternas do ſentido quiz noſſo Redemptor padecer no corpo: para nos livrar da pena de dano quiz ſer deſamparado de Deos, que de algum modo ſe póde chamar aſſim.

Terceiro frutto. Para que nas noſſas afflicções acudamos a Deos, principalmente quando nos parece, que Deos nos deſampara. Aſſim o cuidava David; quando ſe vio nos mayores perigos, dizia: *Deus, Deus meus, reſpice in me: quare me dereliquiſti?* Neſta

desconfiança fazia o mesmo, que Christo fez: *De ventris matris meæ, Deus meus es tu, ne discesseris à me*; bradava a Deos, e dizia: Vós sois meu Deos, naõ me desampareis. Ouviraõ os inimigos de David estas palavras, e parecendo-lhes, que David já estava desamparado de Deos, conjuráraõ contra elle, dizendo: *Deus dereliquit eum, persequimini, & comprehendite eum*, quer dizer; está desamparado de Deos, agora he tempo, ide atraz delle, e prendey-o: porém enganaraõ-se, porque nem Deos desamparou a David, nem David deixou de acudir a Deos, porque nas mayores pressas acode Deos aos que o buscaõ.

Quarto frutto: hum grande odio ao peccado, porque aquellas palavras saõ huma definiçaõ, ou discriçaõ do peccador, em quanto está em peccado mortal. Que cousa he hum peccador fóra da graça de Deos, senaõ huma creatura desamparada de Deos? Que cousa he peccado, senaõ hum virar as costas a Deos: *Conversio à Deo ad creaturas*; Deos diz por Jeremias: *Non faciem, sed deorsum ostendam eis.* Nenhuma outra cousa faz o peccador, quando pecca, senaõ deixar o Creador pela creatura: *Væ filii desertores*, ay de vós, diz Isaías, os que vos afastais, e deixais a Deos, pois naõ será maravilha, que Deos vos desampare! quando vós tantas vezes deixais a Deos. Entrou huma vez o espirito de Deos em Azarias, começou a gritar: *Si quæsieritis eum, invenietis, si autem reliqueritis, relinquet vos*, quer dizer; se buscares a Deos, achallo-heis, porém se o deixares, elle tambem vos deixará.

Ha-se Deos com qualquer de nossas almas, como se houve com a Cidade de Babilonia: *Curavimus Babilonem, & non est sanata, derelinquamus eam.* Curou Deos nossas Almas, a primeira vez da chaga

do

do peccado original pela agua do Bautiſmo, e ficou ſãa; tornou a curar as novas chagas, que contrahimos pelos peccados actuaes, pelo Sacramento da penitencia, e ficáraõ ſãas, tudo em virtude do Sangue derramado na Cruz. Iſſo naõ obſtante, tornaraõ-ſe a renovar as chagas com novos peccados. Que eſperamos, ſenaõ, que nos deſampare o Medico, vendo, que naõ tem cura noſſos males? Pois ſe diſſermos a Deos: *Ut quid dereliquiſti me*, nos poderá reſponder o meſmo: *Ut quid dereliquiſti me*, e tu porque me deixaſte? Eu aſſim como amo aos que me amaõ, aſſim deixo aos que me deixaõ.

O quinto, e ultimo frutto deſte ramo he a conſolaçaõ nos trabalhos, e afflicções deſta vida, com a conſideraçaõ do deſamparo de Chriſto; e na occaſiaõ de mayor deſconſolaçaõ digamos o meſmo, que Chriſto: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me.* He de grande conſolaçaõ o exemplo de S. Pedro Martyr.

Fez-lhe Deos hum regalado favor, mandando-lhe as Santas Virgens Cecilia, Agueda, e Catharina, que o viſitaraõ em ſua cella, praticando com elle, o que ſe pode conſiderar; ouviraõ os Religioſos as praticas, e viraõ dentro da cella as tres Santas, e cuidando, que eraõ outras quaeſquer mulheres de fóra, foy o Santo gravemente caſtigado, infamado, e degradado, callando ſempre a exemplo de Chriſto; e parecendo-lhe que tardava Deos por ſeu credito, fazendo hum dia oraçaõ diante de huma Imagem de Chriſto crucificado, ſe queixou dizendo: Vós bem ſabeis minha innocencia; como logo callando eu, vos callais vós? A eſtas palavras do Santo reſpondeu Chriſto da Cruz: e Eu, Pedro, que fiz para me porem neſta Cruz? Aprende de mim a ter paciencia nas afflicções, porque todas as tuas naõ

tem

tem comparaçaõ com as minhas: com eſtas palavras ficou o Santo animado, e Deos tornou finalmente por ſua honra com mayor gloria.

XII. RAMO.

Da quinta palavra, que Chriſto fallou na Cruz.

A Quinta palavra foy: *Sitio*, tenho ſede, e foy eſta ſede taõ exceſſiva, que della morreu, e com ſerem tantos, e taõ acerbos os tormentos, que o Senhor padeceu na Cruz, ſó eſte, e mais o do deſamparo do Padre declarou; foy o ultimo, e complemento de todos, como diz o Euangeliſta: *Sciens, quia omnia conſummata ſunt*; e para que ſe compriſſe, o que delle eſtava eſcrito, diſſe aquella taõ laſtimoſa palavra: *Sitio*; a Eſcritura he do Pſalmo 68. *In ſiti meâ potaverunt me aceto*, e a do Pſalmo 21. *Aruit tanquam teſta virtus mea, & lingua mea adhæſit faucibus meis.*

Depois de matar Sanſaõ com a queixada do jumento a mil Filiſteos, ficou com tal ſede, que ſentindo-ſe morrer, exclamou a Deos, dizendo: *Tu dediſti in manu ſervi tui ſalutem hanc maximam, atque victoriam: en ſiti morior*, quer dizer; vós, Senhor, déſtes eſta vittoria por meu braço, e agora morro de ſede. Sanſaõ foy figura de Chriſto, e a arma, com que matou os Filiſteos, foy figura da Cruz: aſſim como Sanſaõ ficou do trabalho com tal ſede, que ſe ſentio morrer: *En ſiti morior*, aſſim Chriſto do trabalho de ſua Paixaõ ſentindo-ſe morrer de ſede, exclamou dizendo *ſitio*, tenho ſede.

Houve com tudo huma grande differença; porque com-

compadecendo-ſe Deos de Sanſaõ, fez que daquella meſma queixada, com que matára a mil Filiſteos, ſahiſſe huma fonte de agua, com que Sanſaõ matou a ſede, que o matava: *Aperuit Deus molarem dentem in maxilla aſini, & egreſſæ ſunt aquæ, quibus hauſtis, refocillavit ſpiritum*; porém Chriſto noſſo Redemptor na ſede, de que morreu, naõ ſó naõ teve quem lhe déſſe hum jarro de agua, mas em lugar de agua lhe deraõ vinagre, para mais lha accender; e he a queixa, que por David tinha dito, que na ſede lhe deraõ vinagre, aſſim como na comida fel: *Dederunt in eſcam meam fel, & in ſiti mea potaverunt me aceto.*

Quando eſte Senhor depois de jejuar quarenta dias no dezerto teve fome, vieraõ os Anjos do Ceo, que lhe deraõ de comer: *Angeli miniſtrabant ei.* Porém neſta occaſiaõ, em que padeceu a mayor ſede, nem homens, nem Anjos o ſoccorreraõ; antes ou por ludibrio, ou por crueldade, ſobre o fel lhe ajuntaraõ vinagre os homens. Quando os filhos de Iſrael caminharaõ pelo dezerto, lhes abrio Deos em huma pedra agua em abundancia. A Iſmael, e ſua mãy no dezerto, quando eſtavaõ eſtalando à ſede, o Anjo lhes abrio huma fonte de agua. A Elias offereceu hum Anjo paõ, e agua, com que teve forças para caminhar. David na occaſiaõ, em que deſejou matar a ſede com a agua da ciſterna de Bellem, achou tres Soldados, que a todo o riſco lha foraõ buſcar. E ſe he certo o que eſcreve Epifanio, que a celebre fonte de Siloe brotou para ſatisfazer a ſede do Profeta Iſaîas, a quem o impio Manaſſes mandou ſerrar, bem ſe prova por eſte, e mais referidos exemplos a poderoza providencia de Deos em ſoccorrer a ſeus amigos com agua nas occaſiões de neceſſidade. Mas com ſeu filho naõ foy Deos aſſim, porque podendo fazer, que do tronco da Cruz brotaſſe huma fonte, como da

quei-

queixada fez ſahir a fonte de agua para apagar a ſede de Sanſaõ, permittio que morreſſe de ſede.

A' viſta pois deſta ſede de Chriſto na Cruz devemos excitar em nós huma ſede, e apagar outra. Excitar a ſede das couſas eternas, e apagar a ſede das couſas temporaes. Das couſas eternas a primeira he o meſmo Deos; aſſim interpreta Nazianzeno a ſede de Chriſto: *Sitit ſitiri*, tem ſede da noſſa ſede, e eſta era a ſede de David, quando diſſe, que tinha ſede de Deos: *Sitivi anima mea ad Deum fontem vivum*, porque ſó entaõ a poderia ſatisfazer: *Tunc ſatiabor, cùm apparuerit gloria tua.* Eſta he aquella agua viva, que Chriſto prometteo à Samaritana: *Aquam vivam*, que he a graça, que naſcida na terra, por merecimento de ſeu Sangue, brotou no Ceo huma fonte de vida eterna, que he a gloria: *Fiet in eo fons aquæ, ſalientis in vitam æternam.*

Eſta agua he aquelle rio de deleites, que alegra a Cidade de Deos, da qual todo, o que bebe, já mais terá ſede: *Qui biberit ex aqua, quam ego daho ei, non ſitiet in æternum*; porque aſſim como, os que comem da Arvore da vida, já mais teraõ fome, aſſim, os que bebem daquella agua, já mais teraõ ſede: *Non eſurient, neque ſitient*; deſta agua ha de ſer a noſſa ſede, porque eſta he a ſede de Chriſto na Cruz: *Sitit ſitiri.*

Para excitarmos em nós eſta ſede, he bom remedio a conſideraçaõ de Chriſto com ſede na Cruz. Certo dia de huma grande feſta começou Chriſto a dizer em alta voz: *Si quis ſitit, veniat ad me, bibat*; ſe alguem tem ſede, venha a mim, e beba; entendia o Senhor a ſede da ſalvaçaõ, a ſede daquella agua viva, que elle havia promettido à Samaritana: *Si quis ſitit ſuam ſalutem, & felicitatem æternam*, como diz Cornelio.

lio. Podemos fazer a meſma conſideraçaõ de Chriſto ſedento na Cruz; ſupponhamos, que nos diz o meſmo: *Si quis ſitit, veniat ad me*, ſe alguem tem ſede de ſua ſalvaçaõ, venha a mim, porque para que o homem ſatisfaça a ſede neſta vida com a agua viva da graça, e da gloria em a outra, eſtou na Cruz morrendo de ſede: *Sitio.* Com eſta meſma conſideraçaõ devemos apagar a ſede das couſas temporaes. Todas as couſas temporaes, que nos podem impedir o amor das eternas, ſaõ honras, deleites, riquezas. A ſede, ou a ancia em as buſcar, he que nos faz o mal: *Radix omnium malorum eſt cupiditas*, diz Saõ Paulo, a raiz de todos os males he a cubiça, e a raiz da cubiça he a ſede, com que as buſcamos; e he de taõ má qualidade eſta ſede, que com as couſas, que deſeja, ſe accende mais: he como o vinagre, que os Judeos deraõ a Chriſto para apagar a ſede, que lha accendeo mais, e morreu de ſede.

Creſcit amor numi, quantum ipſa pecunia creſcit.
Creſcit amor mundi, quantum ejus gloria creſcit.
Creſcit amor veneris, quantũ venus improba creſcit.

Ha com tudo grande remedio para apagar a ſede das couſas temporaes, que he pôr os olhos da conſideraçaõ em Chriſto crucificado, morrendo de ſede, ſem haver quem o ſoccorra; ſe a ſede he de honras, conſideray ao Rey da Gloria em o trono da Cruz, coroado de eſpinhos, feito Rey de zombaria, entre dous ladrões, avaliado por tal. Com eſta conſideraçaõ S. Canuto no dia, em que foy coroado por Rey, poz a ſua coroa aos pés de Chriſto crucificado, e com ella todo o ſeu Reino.

Se a voſſa ſede he de riquezas, conſideray a Chriſto depois de vendido, nù em huma Cruz, ſem ter com que cobrir as carnes, nem mortalha, ou ſepultura pro-

pria.

pria. Com esta consideraçaõ Santa Metildes com tres irmaõs Principes, e riquissimos, se fizeraõ pobres por amor de Christo. Se a vossa sede he de deleites, consideray a Christo cheyo de dores em todos os membros do corpo, e de afflicções em todas as potencias da Alma, pregado de pés, e maõs em huma Cruz. Com esta consideraçaõ tantas donzellas puras, tantos mancebos castos crucificaraõ sua carne, vivendo em perpetuo celibato; e o que mais he, muitos no estado conjugal conservaraõ virgindade, como Santo Estevaõ Imperador, de que estaõ cheyas as historias Ecclesiasticas.

XIII. RAMO.

Da sexta palavra, que Christo fallou na Cruz.

ASsim como o Senhor recebeu o vinagre, disse: *Consummatum est*, está tudo acabado, e foy o mesmo que dizer: este Caliz he o ultimo de minhas dores, esgottado está, compridas estaõ as Escrituras, executada a obediencia de meu Eterno Padre, satisfeita a Justiça Divina, remido o genero humano, acabada a tragedia de minha Paixaõ. Assim como o Orador rhetorico, acabada a Oraçaõ, conclue dizendo: *Dixi*, tenho dito, assim Christo tendo por toda a sua vida com a palavra, com o exemplo, com os milagres prégado a doutrina Celestial, rematando tudo na Cruz, concluio, dizendo: *Consummatum est*, tenho acabado.

Todos os sacrificios da Ley escrita, como de cordeiros, bezerros, e mais ceremonias legaes, e ainda os da ley natural, como os que offereceu Abel, e Abrahaõ, foraõ figura do sacrificio, que Christo consummou, como

mo Sacerdote, e offereceu no altar da Cruz; assim como o Sacrificio da Missa he representaçaõ, do que se fez na Cruz. Pois assim como para dizer o Sacerdote, que a Missa está acabada, diz: *Ite missa est*; assim Christo, para dizer, que naquelle sacrificio da Cruz se acabavaõ todos os sacrificios antigos, repetio dizendo: *Consummatum est.*

O que se diz dos sacrificios se ha de dizer, dos que foraõ figura de Christo em sua Cruz. Abel morto por Caim: Noè na arca do diluvio: a Serpente de metal no dezerto: Joseph vendido por seus irmaõs: David derrubando o Gigante com a pedra: e finalmente tudo quanto David, Isaîas, Zacarias, e mais Profetas profetizaraõ àcerca da Paixaõ, e morte de Christo se rematou, e concluïo, e isso quiz o Senhor dizer na palavra *consummatum est*; he o que S. Paulo diz: *Unâ oblatione consummavit in æternum sanctificatos*, que só com este sacrificio da Cruz consummou para sempre todos, os que santificou com a virtude de seu Sangue.

O frutto, que devemos colher deste ramo, he hum desengano, como todos os trabalhos, e gostos desta vida se acabaõ, e só os da outra naõ tem fim. Ha seis mil annos, que Caim está penando no Inferno; quando poderá dizer: *Consummatum est*, está acabado o meu tormento? Nunca, porque nunca haõ de ter fim os tormentos do Inferno, que saõ eternos. Quantos annos ha, que está no Ceo seu irmaõ Abel, quando ha de dizer, *consummatum est?* Nunca, porque os gozos do Ceo saõ eternos; só os gozos, e só as penas desta vida, por grandes, e prolongadas que sejaõ, em fim se haõ de acabar; assim das penas, como dos gozos se ha de dizer alguma hora: *Consummatum est.*

Devemos com tudo ordenar nossa vida, e bons propositos de sorte, que os levemos ao cabo, e possamos

mos dizer com verdade, *consummatum est*, e naõ como aquelle, que diz Christo, que começou a edificar, e naõ pode consummar: *Cœpit ædificare, & non potuit consummare.* Quando Christo caminhava para dar principio ao negocio de sua Paixaõ, logo affirmou, que hia com animo de o levar ao fim: *Ecce ascendimus Jerosolymam, & consummabuntur omnia, quæ scripta sunt de filio hominis*, começou, e acabou: *Consummata est nequitia peccatorum*, diz David, intentou o peccador a maldade, e naõ descançou até a naõ levar ao cabo. Intentou Judas o vender a Christo, e levou-o ao fim. Intentáraõ os Judeos crucificar a Christo, e conseguiraõ-no, como diz S.Leaõ: *Consummata est proditio discipuli, consummata est crucifixio Christi.* Pois faça o Justo no caminho do Ceo, o que faz o peccador no caminho do Inferno: *Esto firmus in via Domini*, diz o Ecclesiastico, sede constante no caminho do Senhor, naõ descançar até naõ levar ao fim.

Quando os Fariseos diziaõ a Christo: *Si filius Dei est, descendat de Cruce*, desça da Cruz, se he Filho de Deos, bem podera Christo descer para os confundir, mas diz Santo Agostinho, que mais fez Christo em perseverar na Cruz, que fizera se descesse da Cruz: *Plus fecit in Cruce manendo, quàm fecisset de Cruce descendendo*; porque descendo da Cruz, mostraria seu poder, perseverando na Cruz nos deu exemplo de perseverança. Saõ Bernardo diz, que se alguem nos persuadir, que desçamos da Cruz, lhe naõ demos ouvidos: *Non audiamus descensum è Cruce suadentem*; perseveremos na Cruz, morramos na Cruz: *Moriamur in Cruce*, que possamos com verdade dizer com Christo: *Consummatum est.*

XIV. RA-

XIV. RAMO.

Da ſettima palavra, que Chriſto fallou na Cruz.

A Settima palavra foy encommendar ſeu eſpirito nas maõs de ſeu Eterno Padre, dizendo: *In manus tuas Domine commendo ſpiritum meum*; e foy o meſmo que dizer: Depoſito nas voſſas maõs minha Alma, para que daqui a tres dias ma torneis a dar, quando reſuſcitar glorioſo. Saõ eſtas palavras do Pſalmo trinta, que David muitas vezes repetia em ſuas tribulações, e eſtas coſtumaõ os fieis repetir na hora da morte a exemplo de Chriſto. S. Mattheus diz, que diſſera o Senhor eſtas palavras com huma grande voz: *Clamans voce magna*; e S. Paulo accreſcenta, com hum grande clamor, e lagrymas: *Cum clamore magno, & lacrymis.* Eſte ramo da Arvore da vida bem ſe vê quam carregado eſtá de frutto; o que importa he lançar maõ, e colher.

O primeiro aponta Saõ Bernardo. Morre Chriſto chorando, e gritando, para que vejamos, o quanto lhe cuſtaraõ noſſos peccados, naõ ſó o ſangue das veas, ſe naõ tambem lagrymas dos olhos: *Chriſtus non ſolùm ſanguine, ſed lacrymis peccata noſtra lavare voluit.* E que faziaõ, os que viaõ correr eſte Sangue, e derramar eſtas lagrymas? O que diz o Profeta: *In me pſalebant, qui bibebant vinum*, bailavaõ, bebiaõ, jugavaõ, e zombavaõ do Senhor. E nós, que fazemos já que naõ derramamos ſangue na occaſiaõ da tentaçaõ, como diz o Apoſtolo: *Nondum ad effuſionem ſanguinis reſtitiſtis*; e depois de commettido o peccado, on-

de eſtaõ as lagrymas, onde a penitencia? Talvez como aquelles, nos gabamos do que nos deviamos envergonhar; iſſo faziaõ os que blasfemando de Chriſto, lhe davaõ a bofetada, e atraz della a rizada.

O ſegundo frutto aponta Origenes allegado por Cornelio Alapide; para moſtrar com quanta confiança na hora da morte entrega ſua Alma nas maõs de Deos, o que em vida perſevera na Cruz, que ſaõ todos aquelles, que ſe conformaõ com o eſtado da perfeiçaõ, que eſcolheraõ, como ſaõ os Religioſos, Sacerdotes, e os que no eſtado de cazados vivem conforme a Ley de Chriſto.

O terceiro frutto nos aponta o Apoſtolo S.Pedro: *Commendemus animas noſtras in benefactis fideli creatori*, que os que encommendaõ ſuas Almas por meyo das boas obras nas maõs de Deos, ſaõ os que na morte tambem as encommendaõ. Chriſto eſtá na Cruz com os braços eſtendidos, e maõs abertas para receber nellas, como fiel depoſitario, noſſas Almas: *Fideli creatori*; mas que almas? As almas daquelles, que em vida fizeraõ boas obras *in benefactis* as fiaraõ delle.

O quarto frutto nos moſtra David nas meſmas palavras do Senhor: *In manus tuas commendo ſpiritum meum*, pôr nas maõs de Deos todas as noſſas couſas, Alma, vida, eſtado, como a fideliſſimo Commiſſario, para que elle diſponha ſegundo ſua Divina vontade; iſſo quiz dizer David nas palavras referidas, como diz Tirino com S. Jeronymo: *Animam, ſtatum, vitam*; e ſe o fizermos com conſideraçaõ, que as pomos nas maõs daquelle que as teve pregadas na Cruz, o poderemos fazer com mayor confiança, porque naquellas maõs depoſitou todas as couſas o Eterno Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*; e deſta ſorte poderemos eſperar, que na occaſiaõ da tentaçaõ nos tenha Deos

Deos de ſua maõ para naõ cahir, e ſe como fracos cahirmos, nos dê a maõ para nos levantarmos.

O quinto frutto he, o que o meſmo Senhor nos moſtra nas palavras do Pſalmo 21. *Circundederunt me canes multi, tauri pingues occiderunt me.* Vio-ſe o Senhor cercado de demonios, e ainda o meſmo Satanás ſe poz no braço eſquerdo da Cruz para tentar o Senhor naquella hora, como com muitos Santos diz Lorino, e por eſta cauſa com aquella grande voz, e lagrymas encommendou ſeu eſpirito a Deos naquellas palavras, e nellas as Almas de todos nós, como diz Santo Athanaſio, S. Cyrillo, e os mais allegados por Cornelio, e por eſta cauſa os fieis na hora da morte uſaõ dellas.

O ſexto frutto nos enſina Chriſto; que de tal ſorte tratemos noſſas Almas em vida, que na morte as achemos nas maõs de Deos; porque os que neſta vida naõ fazem caſo de ſuas almas, de ordinario as perdem, e huma vez perdidas, como as podem achar nas maõs de Deos? *Ego pono animam meam, ut iterum ſummam eam*, diſſe Chriſto no Euangelho: quer dizer, Eu ponho a minha Alma, para a tornar a tomar, porém o que a perdeu, e poz nas maõs dos demonios, já mais a tornará a achar, depois de perdida. No dia do juizo todas as almas haõ de tornar a ſeus corpos, os que morreraõ em graça de Deos facilmente as acharaõ, porque as tem ſeguras nas maõs de Deos, onde em vida as pozeraõ; porém os que morreraõ em peccado mortal, achallas-haõ perdidas nas maõs do demonio; tornaraõ ſim para ſeus corpos, mas para a morte, e naõ para a vida eterna, como as dos Juſtos.

O ſettimo, e principal frutto nos aponta o Euangeliſta dizendo, que encommendara Chriſto ſua Alma no ponto, que eſpirou, para nos enſinar que de tal modo vivamos neſta vida, que na hora da morte naõ tratemos

mos de outros negocios mais, que das noſſas Almas. Procurar em vida deſembaraçar as conſciencias de encargos, e negocios temporaes, porque Chriſto depois de concluir na Cruz o negocio de noſſa redempçaõ, naõ tratou mais, que da Alma.

Saõ Paulo diz, que dera Chriſto hum grande brado ao proferir deſtas palavras: *Clamore valido.* Se eſta voz foy natural, bem ſe moſtra nella, qual foy a dor, quam vehemente aſſim do corpo, como da Alma, que obrigou a clamar aſſim ao paciente JESU, porque naõ recebendo ferida mortal, à força das dores eſpirou. E ſe eſta voz foy ſobrenatural, como com muitos Santos prova Cornelio, duas ſaõ as razões principaes: primeira para teſtificar, que por ſua vontade morria, como elle meſmo diſſe: *Nemo tollit animam meam à me, ſed ego pono eam à me ipſo.* Segunda razaõ, para moſtrar, que era mais que homem como o Centuriaõ alcançou, ſó por ver, que aſſim clamava morrendo, depois de tantos, e taõ amiudados tormentos: *Videns, quod ſic clamans expiraſſet, ait: verè hic filius Dei erat.*

ULTIMO RAMO.

Da Arvore da vida. A morte de noſſo Redemptor.

DEpois de haver o Senhor concluido com os mais myſterios da Cruz, tornando a clamar com huma grande voz, eſpirou: *Iterum clamans voce magna, emiſit ſpiritum.* S. Joaõ diz, que inclinando a cabeça entregára ſeu eſpirito: *Inclinato capite*; inclinou Chriſto a cabeça, diz Santo Athanaſio, como chamando

mando a morte para que vieſſe, porque antes de Chriſto a chamar, ſe naõ atrevia: *Chriſtus inclinato capite mortem vocavit, quæ propiùs accedere verebatur*; e niſto moſtrava, diz S. Joaõ Chryſoſtomo, que por ſua vontade morria, porque ainda que por rigor das penas naturalmente devia morrer, podia com tudo ſua Divindade communicar tal vigor à Humanidade, que prolongaſſe a vida todo o tempo, que quizeſſe; pelo que ſem a Divina permiſſaõ naõ podia a Humanidade acabar; acabou, porque quiz: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.*

Outras conſiderações muy devotas daõ os Santos, que refere Cornelio. A primeira para ſignificar com a inclinaçaõ da cabeça quam pezada era a carga dos peccados, que ſobre ſi tomou. Segunda para moſtrar, que morria por obediencia, e enſinar aos Religioſos a baixar as cabeças aos ſeus Prelados. Terceira para dar o ultimo vale ao mundo, e dando as coſtas ao povo Judaico, ſaudar ao povo Gentilico. Quarta razaõ, para moſtrar, que morria por obediencia do Padre. Quinta para fazer reverencia a ſua Máy, que eſtava preſente. Sexta para aſſignalar o lugar do lado, onde havia de receber a lançada. Settima para moſtrar, que tinha já reconciliado os homens com Deos, e que naquella inclinaçaõ da cabeça lhes offerecia o oſculo de amigo, e he de Santo Agoſtinho eſta conſideraçaõ.

Outras muitas conſiderações ſe podem meditar neſta inclinaçaõ da cabeça do Senhor na Cruz. A que nos importa, he conſiderar, que na inclinaçaõ da cabeça nos chama, para que cheguemos a colher das flores, de que a Arvore da vida eſtá povoada, e dos fruttos, de que eſtá carregada. As flores ſaõ as virtudes celeſtiaes, ou exemplos, que na Cruz nos deu. Os fruttos ſaõ tudo aquillo, que pertence ao negocio de noſſa re-

redempçaõ, juſtificaçaõ, e glorificaçaõ eterna; porque tudo foy frutto da Arvore da vida JESU crucificado.

DAS COUSAS, QUE SUCCEDEraõ depois da morte de Chriſto.

NO ponto, em que Chriſto eſpirou, o vèo do Templo ſe raſgou, a terra tremeo, as pedras ſe quebraraõ, as ſepulturas ſe abriraõ, e muitos mortos reſuſcitaraõ: *Et ecce velum Templi, &c.* Todos eſtes prodigios foraõ hum geral ſentimento da natureza na morte de ſeu Author, e hum geral teſtemunho de quem era, o que aſſim morria: *Moriente Chriſto, creaturæ turbantur, indignantur, & concutiuntur*, diz Cornelio.

Quanto ao véo do templo, a razaõ litteral, que daõ os Santos, foy huma demonſtraçaõ de ſentimento, que fez o meſmo templo na morte de ſeu Senhor. A razaõ myſtica he para moſtrar, que toda a reverencia, e graça do eſpirito, que até entaõ aſſiſtira no templo, acabára, como diz S. Cyrillo, e havia de ſer profanado, como foy. E Santo Efrem eſcreve, que no meſmo tempo, em que o véo ſe raſgou, ſe vira voar do templo huma pomba, figura do Eſpirito Santo; e Joſeph de Bello Judaico diz, que os eſpiritos, que no templo aſſiſtiaõ, deraõ vozes dizendo: *Tranſeamus ab his ſedibus*, vamonos deſte lugar.

A cauſa allegorica, como diz S. Jeronymo, e os mais Santos, que allega Cornelio, he para ſignificar, que o véo, que cobria as ceremonias da Ley velha, ſe deſcobria, e ficava patente com a Morte, e Paixaõ de Chriſto, e que naõ ſó aos Judeos, mas aos Gentios ficava patente o conhecimento do verdadeiro Deos, JESU

JESU Chriſto, cujos myſterios ſó por ſombras eraõ até entaõ revelados. Outra razaõ nos inſinua o Apoſtolo S. Paulo de muita conſolaçaõ; que pela morte de Chriſto nos ficava patente o caminho para o Ceo, porque já o véo de ſua Santiſſima Carne ſe raſgou: *Quam initiavit nobis viam novam per velamen, ia eſt, carnem ſuam.* Raſgouſe o véo do Templo, e ficou patente o caminho para o *Sancta Sanctorum*; raſgouſe o véo da Humanidade de Chriſto, e ficou patente o caminho novo para o Ceo: *Viam novam.*

O ſegundo prodigio foy o tremor da terra: *Terra mota eſt.* Foy taõ terrivel eſte tremor, que Plinio eſcreve, que no tempo de Tiberio, em que Chriſto padeceu, ſó na Azia ſe arrazaraõ doze Cidades; e naõ ſer huma deſtas a Cidade de Jeruſalem he, porque lhe eſtava guardado outro caſtigo mayor, quando por Tito, e Veſpaziano foy com mayor crueldade aſſolada. A razaõ litteral he para moſtrar Chriſto ſua Divindade, que ſó do poder de Deos he obrar ſemelhantes terremotos; e neſte caſo ſe cumprio a profecia de Ageo: *Et ego movebo Cælum, & terram.* Archimedes dizia: *Pone me extra orbem, & orbem movebo*, ponde-me fóra do globo da terra, que eu me atrevo ao mover; porém taõ impoſſivel era a eſte mathematico huma couſa, como a outra, porque ſemelhante movimento he ſó do poder de Deos; e eſta vem a ſer a cauſa de taõ notavel terremoto, para que os homens conheceſſem, qual era o poder daquelle Crucificado. E podemos conſiderar aqui, como Chriſto no ſummo deſprezo moſtra ſua mageſtade, e conheçamos quem, e quam grande Senhor he aquelle, que por nós padeceu tantos opprobrios, e ſaibamos venerar tanta miſericordia.

As pedras ſe quebraraõ, e deſta maravilha ſe achaõ ainda alguns finaes; no monte Calvario eſtá huma

ma fenda profundiſſima, por onde dizem, deſcera para o Inferno a alma do mao ladraõ. E no monte Alverne outra, onde meditava S. Franciſco os myſterios da Paixaõ de Chriſto, e recebeu os ſinaes das cinco Chagas. Na coſta do Braſil ſe achaõ immenſidade de grandes pedras quebradas, que naõ podiaõ ter outra cauſa, ſenaõ eſta da morte de Chriſto.

As cauſas deſta maravilha ſaõ as meſmas, que do movimento da terra. Póde-ſe dizer, que foy para ſignificar a dureza dos corações dos Judeos, que, quebrando-ſe as pedras, ſeus corações ſe naõ abrandaõ. Quando eſte Senhor entrou em Jeruſalem, e os meninos clamaraõ: *Benedictus qui venit in nomine Domini*, eſtranhando-o os Fariſeos, reſpondeu Chriſto, quando eſtes callem, as pedras clamaraõ: *Si hi tacuerint, petræ clamabunt.*

Porém a pedra, que melhor clama aos ouvidos do coraçaõ, he a pedra, Chriſto crucificado, ferida com tantos golpes, quebrada em duas partes no ponto, em que ſua Alma ſe apartou do corpo: *Attendite ad petrem, à qua exciſſi eſtis*; neſta pedra devemos pôr os olhos da Alma, e aos clamores os ouvidos do coraçaõ. Olhay o rigor, com que foy lavrada: ouvi, como clama: *Pater, dimitte illis*; como brada a ſeu Eterno Padre: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me.* Ouvi, como eſtalando de ſede, diz: *Sitio*; e finalmente ſoem nos ouvidos de voſſos corações, ſe naõ ſois de todo ſurdos, aquella forte voz: *Voce magna*, com que entregou ſeu eſpirito nas maõs do Padre: *In manus tuas, Domine*; e ſe as vozes naõ movem voſſos corações, vos podeis ter por mais duros, que as meſmas pedras. Ouvi a Santo Agoſtinho.

Inſpice vulnera pendentis, ſanguinem morientis, pretium redimentis, cicatrices reſurgentis, caput

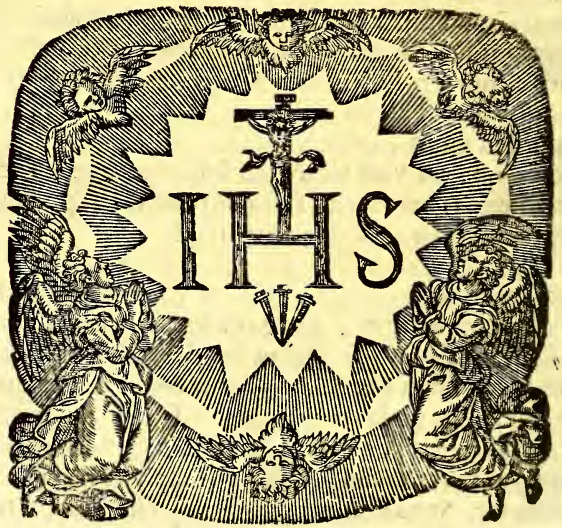
put habet inclinatum ad oſculandum, cor apertum ad diligendum: brachia extenſa ad amplexandum, totum corpus expoſitum ad redimendum. Hæc, quanta ſint, cogitate; hæc in ſtatera veſtri cordis appendite, & totus vobis figatur in corde, qui pro vobis totus fixus eſt in Cruce.

O ultimo prodigio foy, que, morto o Senhor, as ſepulturas ſe abriraõ, e muitos corpos de Santos reſuſcitaraõ, naõ logo, ſe naõ depois que Chriſto reſuſcitou, para teſtificar, que o que morria Crucificado, era Senhor de vivos, e mortos; e que a morte, que até entaõ fora vencedora, com a morte de Chriſto ficava vencida. S. Jeronymo diz, que para teſtemunho da futura reſurreiçaõ. Se naõ quizermos dizer, que ſe abriraõ as ſepulturas dos Santos para offerecerem ao Senhor lugar de ſepultura, principalmente aquelles Santos Patriarcas, que tantos annos eſtiveraõ eſperando, e ſuſpirando por ſua vinda, principalmente Abraham, Iſaac, e Jacob, que em vida foraõ taõ ſolicitos, que ſeus corpos foſſem enterrados na terra de promiſſaõ, pela eſperança do Meſſias, em cuja fé morriaõ.

No Euangelho diſſe Chriſto, que aquella era a hora, em que os mortos haviaõ de ouvir ſua voz: *Venit hora, & nunc eſt, quando mortui audient vocem filii Dei*; abriraõ-ſe pois os ſepulchros, para que os mortos ouviſſem ſua palavra, que os vivos naõ quizeraõ ouvir, como ſe da Cruz clamaſſe Chriſto, e diſſeſſe: Ouvi mortos, e ſede teſtemunhas de minha morte, já que os vivos como partes, e complices nella o naõ podem ſer. Se naõ quizermos dizer, que as ſepulturas abertas foraõ boccas, que a terra abrio para receber o ſangue innocente de Chriſto, aſſim como antigamente abrio a bocca para receber o ſangue do innocente Abel.

Quan-

Quando Chriſto foy bautizado no Jordaõ, abrio-ſe o Ceo, e delle deſceu o Eſpirito Santo, e com elle a graça ſobre os vivos, porque entaõ inſtituio o Senhor o bautiſmo. Quando na Cruz eſpirou, a que o meſmo Senhor chamou bautiſmo, ſe abriraõ na terra as ſepulturas, para moſtrar, que tambem aos mortos ſe eſtendia a virtude da Cruz; e que abrindo-ſe na terra as portas aos corpos defuntos, ſe haviaõ de abrir no Ceo as portas às ſuas Almas por virtude da meſma Cruz.



AR-

ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

PARTE TERCEIRA.

PROEMIO.

Das folhas da Arvore da vida.

SAM as folhas da arvore naõ só para ornato, mas para conſervaçaõ dos ramos, e a meſma virtude da raiz, que dá vida ao tronco, e aos ramos, eſſa meſma ſe communica às folhas, e tanto aſſim, que faltando o alimento à raiz, as folhas ſaõ as que primeiro experimentaõ a falta. Razaõ he logo, que nós moſtremos nas folhas da Arvore da vida a meſma razaõ. Da Arvore da vida do Paraiſo Celeſtial diſſe S. Joaõ, que tinha

nha a virtude de ſarar nas folhas: *Et folia ad ſanitatem gentium*; o meſmo ſe ha de dizer da Arvore da vida do Paraiſo terreal, porque de huma, e outra Arvore era o figurado o meſmo: no Paraiſo Celeſtial Chriſto gloriozo, no terreal Chriſto padecendo.

Havemos de dizer da Arvore da vida JESU crucificado o meſmo, que diſſe David de qualquer Juſto, que era como a arvore, que ſempre conſerva a folha: *Et folium ejus non defluet*; ou como aquellas arvores de Ezequiel, cujas folhas naõ ſó naõ caem, mas ſaõ medicina, como as do Apocalypſe; e verdadeiramente como a vara de Aràm figura de Chriſto crucificado, que nunca perdeu a folha, nem flor, nem frutto, como diſſe Abulenſe. Das flores, e dos fruttos deſta Arvore diremos ao diante, agora trataremos das folhas.

Pſal. 1.

Saõ as folhas a pompa, e fermoſura da arvore, aſſim como ſaõ a guarda das flores, e conſervaçaõ do frutto. A gloria, e fermoſura da Arvore da vida, JESU crucificado, ſaõ todas aquellas glorias, nomes, elogios, e attributos, que nas Divinas letras daõ a Chriſto os Profetas, e Santos Apoſtolos, que por dizerem todos ordem aos myſterios da Cruz, e negocio da noſſa redempçaõ, chamamos folhas da Arvore da vida.

CAPITULO I.

Das primeiras folhas da Arvore da vida.

AS primeiras folhas, que maravilhoſamente afermoſearaõ a Arvore da vida JESU crucificado, ſaõ as acclamações, que os Bemaventurados do Ceo, e mais creaturas da terra cantaraõ a Chriſto crucificado na figura

gura do Cordeiro morto, que S.Joaõ vio no Apocalypſe: *Dignus eſt Agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & divinitatem, & ſapientiam, & fortitudinem, & honorem, & gloriam, & benedictionem*, quer dizer, digno he o Cordeiro, que foy morto, de receber a virtude, a divindade, a ſabedoria, a fortaleza, a honra, a gloria, e a bendiçaõ.

Mereceo eſte Cordeiro ſacrificado, ou crucificado JESU a virtude, porque em virtude de ſua morte nos mereceo a vida da graça, e em virtude de ſeu ſangue obraõ os Sacramentos ſeus effeitos. Mereceo a Divindade naõ em ſi, ſe naõ na noticia, e eſtimaçaõ dos homens, porque na vida ſe humilhou, e obedeceo até a morte; e como diz o Apoſtolo: *Exinanivit ſemet ipſum.* Mereceo a ſabedoria, porque além de ſer tratado como louco no Palacio de Herodes, no Calvario foy eſcarnecido dos Fariſeos.

Mereceo a fortaleza, *fortitudinem*, porque na fraqueza de homem teve valor para ſofrer tantos tormentos, e vencer com a madeira da Cruz, como David ao Gigante com a pedra, ao Principe das trevas. Mereceo a honra, e gloria, *honorem, & gloriam*, porque além das ignominias, afrontas, e eſcarneos, que recebeu dos Soldados nos Palacios de Caifás, Pilatos, e Herodes, no Calvario os Fariſeos, e mais povo, movendo as cabeças, diziaõ: *Vah qui deſtruis templum Dei, &c.* Mereceo finalmente a bendiçaõ, *benedictionem*, porque na Cruz foy avaliado por maldito, como era todo o crucificado: *Maledictus omnis, qui pendet in ligno.* Com todas aquellas ſuas ignominias mereceo Chriſto crucificado eſtas glorias, que na figura do Cordeiro morto lhe cantaraõ os moradores do Ceo, e mais creaturas da terra, as quaes do nome de exaltaçaõ recopilou S.Paulo dizendo: *Factus obediens uſque ad mor-*

mortem, propter quod & Deus exaltavit illum.

Ser. 2. contra Arr. Seis excellencias conſiderou Cornelio com Santo Athanazio neſta exaltaçaõ de Chriſto crucificado. Primeira a reſurreiçaõ do ſeu corpo gloriozo, da ſorte, *Rom. 6.* que S. Paulo diz, livre da juriſdiçaõ da morte: *Chriſtus reſurgens ex mortuis jam non moritur, mors illi ultra non dominabitur*; e neſte ſentido chama o meſmo Apoſtolo a Chriſto primogenito dos mortos: *Primogenitus mortuorum*, e eſta vida immortal mereceo Chriſto com ſua morte temporal. Segunda excellencia foy ſer collocado no Ceo entre as duas Divinas Peſſoas, e eſta gloria mereceu, porque na terra foy crucificado entre dous ladrões. Terceira excellencia, mereceo para ſeu corpo os quatro dotes gloriozos em ſummo, e excellente grao ſobre todos os corpos gloriozos; o da impaſſibilidade pelo muito que padeceu antes, e depois na Cruz. O de claridade, ou fermoſura, pelo que eſteve afiado, e desfigurado: *Non erat ei ſpecies neque decor.* O de agilidade mereceo, por eſtar tres horas na Cruz pregado de pés, e maõs ſem ſe poder mover. O de ſutileza mereceo por eſtar expoſto todo o tempo de ſua Paixaõ a quantos baldões lhe fizeraõ, principalmente treſpaſſado dos eſpinhos, cravos, e lança.

Quarta excellencia. Mereceo ſer collocado à maõ direita de Deos Padre ſobre todos os Anjos, pela deſhonra, com que foy tratado, como opprobrio dos homens, e o mais deſprezado do povo: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis.* A quinta excellencia foy ſer conſtituido Supremo Juiz de vivos, e mortos; e eſte poder mereceu por ſer julgado dos homens por digno de morte: *Reus eſt mortis*, e ſer finalmente ſentenciado à morte infame de Cruz. Sexta, e ultima excellencia. Mereceo o dominio de todo o Univerſo Ceo, e ter-

e terra, e que como Rey, e Senhor, Anjos, e homens eſtejaõ a ſeu mandado: *Data eſt mihi poteſtas omnis in Cælo & in terra*, e eſte poder mereceu Chriſto por ſua obediencia até a morte, como diz Saõ Paulo. Eſtas ſaõ as primeiras folhas da Arvore da vida, porque eſtas ſaõ as primeiras glorias, com que Chriſto foy exaltado por ſua Cruz.

CAPITULO II.

Da primeira, e mais fermoſa folha da Arvore da vida, o Nome de JESU.

COm ſerem muitos, e myſteriozos os nomes, com que JESU Chriſto Senhor noſſo he nomeado nas Divinas letras, ſó o Santo, e veneravel Nome de JESU he o ſeu nome proprio, todos os mais ſaõ appellativos. He o de JESU proprio, porque eſte lhe deu o Eterno Padre, quando naſceu, e eſte mereceu elle por ſua obediencia até a morte. Eſte he ſignificativo da peſſoa, os mais ſignificaõ a dignidade, ou myſterios particulares, pertencentes todos ao negocio da redempçaõ, e por iſſo todos ſe incluem no proprio Nome de JESU, como devotamente prova S. Bernardo; e como todos eſtes nomes ſe encaminhaõ à gloria, e exaltaçaõ de Chriſto crucificado, chamamos a eſtes nomes folhas da Arvore da vida.

He pois o primeiro o que he proprio, e ſobre todos os nomes: *Quod eſt ſuper omne nomen*, o Nome de JESU: eſte mereceu elle por ſua morte de Cruz, como diz S. Paulo: *Propter quod & Deus exaltavit illum.* O quanto eſta folha afermoſea a Arvore da vida, ou quanta gloria reſultou a Chriſto crucificado por eſte Phil. 2.

eſte Nome, naõ acabaõ os Santos de encarecer. Pilatos o mandou pregar na Cruz, ſem ſaber o que fazia, os Fariſeos o tomaraõ por eſcarneo, e elle foy a mayor gloria do crucificado, porque eſtá teſtificando, que elle he o Salvador do Mundo, e por eſſa cauſa digno de toda a honra, gloria, e adoraçaõ.

S. Paulo diz, que ao pronunciar deſte Nome haõ de ajoelhar os Anjos do Ceo, os homens da terra, e os Demonios do Inferno: *In nomine JESU flectatur omne genu, Cæleſtium terreſtrium, & Infernorum.* E como explicaõ os Expoſitores, ao ſeu ſignificado cõm verdadeira adoraçaõ de Latria, e ao Nome com aquella reverencia, com que as Imagens Sagradas ſe veneraõ; de ſorte, que aquella meſma reverencia, e adoraçaõ, que os Anjos, e homens haõ de dar a Chriſto, quando vier a julgar os vivos, e mortos, eſſa meſma quer Saõ Paulo ſe dê a Chriſto crucificado, por razaõ do Nome de JESU, que Pilatos pregou na Cruz; aſſim entendeu o Santo Apoſtolo as palavras de Iſaîas: *Ante me flectetur omne genu.*

Além deſta gloria, que reſulta a Chriſto crucificado por razaõ do Nome de JESU, reſultou outra mayor que todas; as línguas, e nações do Mundo reconheçaõ, e confeſſem ſua gloria: *Et omnis lingua confiteatur, quia Dominus JESUS in gloria eſt Dei Patris.* Pilatos mandou eſcrever aquelle Nome com letras Hebraicas, Gregas, e Latinas, S. Paulo diz, que ſe ha de pronunciar em todas as linguas de todas quantas nações ha no Mundo: *Omnis lingua confiteatur*, e o que as linguas de todos haõ de pronunciar he confeſſarem todos, que aquelle JESUS, que para nos ſalvar eſteve morto em huma Cruz, eſtá na Gloria à maõ direita de Deos Padre.

Tudo quanto S. Paulo encarece da gloria, que do No-

Nome de JESU resultou a Christo, recopilou em huma só palavra a Alma Santa, quando chamou ao Nome de JESU oleo derramado: *Oleum effusum nomen tuum.* Cant. 1. Duas entre outras saõ as virtudes do oleo, fomentar a luz, e curar as chagas; tudo tem o Nome de JESU, que significa o Salvador, que com suas Chagas curou as nossas, e derramado por todo o Universo desterrou as trevas da Gentilidade. S. Paulo foy o vazo escolhido, que levou este oleo, e o derramou por toda a Gentilidade, e com elle os Santos Apostolos: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum.*

Encarece esta gloria a consideraçaõ de quanto os Santos tiveraõ impresso no coraçaõ este Nome. S. Paulo o repete nas suas Epistolas 235. vezes, e quasi todas na occasiaõ, em que nos encarece o negocio da redempçaõ; por isso lhe vinha tantas vezes à boca, porque o tinha impresso no coraçaõ, o que bem provou na morte, quando por este Nome foy degollado, porque dando sua cabeça tres saltos, repetindo a cada hum o Santo Nome de JESU abrio, onde tocou, tres fontes de agua, a que em Roma chamaõ Tres fontanas.

CAPITULO III.

Do Nome Santissimo de Christo.

HE o nome de Christo o mesmo que Messias; por isso os Judeos querendo perguntar ao Senhor, se era elle o Messias esperado, diziaõ: *Si tu es Christus, dic nobis palam*; naõ he o nome proprio de Salvador, senaõ appellativo, mas taõ frequente, que commummente era chamado Christo: *JESUS, qui dicitur Christus.* Christo quer dizer ungido, porque por ra- Joan. 10. Matth. 1.

zaõ da uniaõ ao Verbo foy ſua Santiſſima Humanidade ungida com o preciozo Oleo da Divindade, e por iſſo os Theologos dizem, que eſte nome *Chriſto* diz de formal huma, e outra natureza, Divina, e humana.

A gloria, que veyo ao Salvador por eſte nome, ſe prova, porque ſignificando o ineffavel conjuncto das duas naturezas, Divina, e humana, conſiſtindo a redempçaõ na morte de Chriſto, nem podia padecer ſó como Deos, nem podia ſatisfazer dignamente à Juſtiça Divina ſó como homem; e por iſſo diſſemos, que a raiz da Arvore da vida conſiſtia neſtas duas naturezas juntas, porque ellas eraõ o fundamento aſſim do merecimento de Chriſto, como da noſſa redempçaõ.

Ezech.1. Todas as ſignificações do nome de Chriſto repreſentou Deos ao Profeta Ezequiel naquelle myſteriozo Querubim de quatro faces, de homem, de Aguia, de Vitulo, e de Leaõ; na fórma de homem ſignificava a natureza humana, na fórma de Aguia a natureza Divina, na fórma de Vitulo o Sacerdocio, e mais o ſacrificio na altar da Cruz; na fórma de Leaõ a dignidade de Rey. Toda eſta explicaçaõ he conforme a doutrina de *Phil.2.* S. Paulo, quando conſiderou todas eſtas fórmas na Peſſoa de Chriſto. A fórma de Deos, *qui cùm in forma Dei eſſet*; a fórma de homem, *habitus inventus, ut homo*; a fórma de Sacerdote, e mais ſacrificio: *Factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis*; a fórma de Rey: *Propter quod Deus exaltavit illum, regnavit à ligno Deus*; e ſe he certo que os nomes ſaõ ſinaes de ſeus ſignificados, todas eſtas fórmas ſe contém em Chriſto.

Se quizermos conſiderar eſte nome de Chriſto, ſegundo ſeu ſignificado, que quer dizer Ungido, deſcobriremos outra grande fermoſura na Arvore da vida. Além do Oleo da Divindade, em que foy banhada a Huma-

Humanidade de Chriſto por razaõ da uniaõ hypoſtatica, foy Chriſto banhado com outros dous oleos, a graça, e a gloria, a graça pela incarnaçaõ, a gloria pela reſurreiçaõ; aſſim interpreta com S. Jeronymo o P. Cornelio as palavras de David: *Dilexiſti juſtitiam, & odiſti iniquitatem: propterea unxit te Deus oleo lætitiæ*; mas com eſta diſtinçaõ, que o oleo da graça foy dado a Chriſto por razaõ da uniaõ ao Verbo; o da gloria pelos merecimentos da ſua morte de Cruz: *Gloriam corporis, nominisque tui celebritatem meruiſti, ò Chriſte, ex eo, quod dilexiſti juſtitiam, utque divinæ juſtitiæ ſatisfaceres, factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis.* Toda eſta gloria reſulta a Chriſto crucificado por eſte Nome, ou toda eſta fermoſura à Arvore da vida com eſta folha.

He bem, que advirtamos o que S. Joaõ na ſua canonica: *Vos unctionem habuiſtis à Sancto*, vós todos foſtes ungidos, ou ſeja com oleo do Bautiſmo, ou ſeja com oleo da confirmaçaõ; mas a unçaõ, que deveis guardar, he a que recebeſtes de Chriſto, ſua graça, e ſua fé: *Et vos unctionem, quam accepiſtis ab eo, maneat in vobis*; pois aſſim como pelo nome de Chriſto nos chamamos Chriſtaõs, pelo ſeu ſignificado nos devemos chamar ungidos com a ſua graça, e ſua fé; porque neſte ſentido o meſmo he ſer ungidos, que Chriſtaõs.

O que importa he, que nós pronunciemos eſte nome com aquelle eſpirito, com que foy annunciado pelos Profetas: *Spiritus oris noſtri, Chriſtus Dominus, captus eſt in peccatis noſtris*, diz Jeremias, o eſpirito de noſſa bocca Chriſto Senhor noſſo foy prezo, e morto pelos noſſos peccados; como ſe diſſera, o eſpirito com que tomamos na bocca o nome de Chriſto: *Spiritus oris noſtri*, ha de ſer a lembrança da Cruz, *Thren. 4.*

em que foy por noſſos peccados morto. O pronunciar eſte nome ha de ſer hum ſuſpiro do coraçaõ, com que a Alma deſeja unirſe com ſeu ſignificado Chriſto na Cruz, porque eſte he o eſpirito da noſſa bocca, que o Profeta diz: *Spiritus oris noſtri Chriſtus Dominus.*

CAPITULO IV.

Dos nomes, e mais appellidos de Chriſto, que ſe achaõ no Profeta Iſaîas.

HUma das profecias mais claras, em que o Profeta Iſaîas annunciou a vinda do eſperado Meſſias, foy quando diſſe, que huma Virgem havia de conceber, e parir hum filho, e que eſte ſe chamaria Manoel: *Ecce Virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Tornando a fallar outra vez neſte Filho, conſiderando-o já naſcido, lhe dá ſette appellidos, a que o meſmo Profeta chama nomes: *Parvulus enim natus eſt nobis, vocabitur nomen ejus Admirabilis, Conſiliarius, Deus, Fortis, Pater futuri ſæculi, Princeps pacis, magni conſilii Angelus*; quer dizer: Eſte Menino naſcido de huma Virgem por nome Manoel, ha de ter o appellido de Admiravel, de Conſelheiro, de Deos, de Forte, de Pay do furo ſeculo, de Principe de paz, e de Anjo do grande conſelho, eſte ultimo ſe acha na verſaõ dos Settenta.

He pois o nome do Filho deſta Virgem Manoel, que quer dizer: *Nobiſcum Deus*, Deos eſtá com noſco. Com noſco eſtá, e com noſco ha de eſtar noſſo Salvador até o fim do Mundo, como elle prometteu: *Ego autem vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* De muitos modos eſtá com noſco, mas de nenhum mais

mais proprio, que no Sacramento do altar; alli propriamente he Manoel, porque alli verdadeira, e realmente eſtá comnoſco. E que outra couſa he eſſe Sacramento, ſe naõ huma repreſentaçaõ do que Chriſto obrou na Cruz? *Hæc quotieſcunque feceritis, mortem Domini annuntiabitis*, como diz Saõ Paulo; de ſorte que com a meſma verdade, com que compete a Chriſto no Sacramento, o nome de Manoel, compete a Chriſto na Cruz; porque o meſmo ſacrificio, que Chriſto offereceu na Cruz, offerece no altar o Sacerdote.

O que importa he, que todos ſejamos Manoeis para com Chriſto crucificado, aſſim como elle he Manoel para nós no Sacramento. Iſſo parece, que quiz dizer o Senhor no Euangelho, quando diſſe: *In me manet, & ego in illo.* Pois iſto, que realmente ſomos com Chriſto no Sacramento, ſejamos realmente para com Chriſto na Cruz; porque como diſſemos, o ſacrificio da Cruz, e o ſacrificio do altar ambos ſaõ o meſmo ſacrificio, e naõ ha outra differença, que ſer hum com ſangue, e outro naõ.

O primeiro appellido, ou attributo de Chriſto, que diz Iſaîas, he o de Admiravel: *Vocabitur nomen ejus Admirabilis*; e he digno de admiraçaõ conſiderar a occaſiaõ, em que o Profeta dá eſte nome a Chriſto. Vio em eſpirito o menino naſcido no Prezepio: *Filius datus eſt nobis*, e de repente o vê com a Cruz às coſtas; aſſim entende Santo Agoſtinho, e mais Santos Padres, que allega Cornelio, as palavras do Profeta: *Factus eſt principatus ſuper humerum ejus*; para que entendamos, que ſe bem em toda a ſua vida foy Chriſto admiravel, nunca mais que no nacimento, e na morte, como diz S. Bernardo: *Admirabilis in nativitate, admirabilis in paſſione.*

Esse por razaõ das maravilhas, que Christo obrou, mereceu o nome de Admiravel, melhor lhe quadra este nome na morte, do que no nacimento, porque mayores maravilhas obrou morto na Cruz, do que nacido no Prezepio. Quando Manuê pay de Sansaõ offereceu a Deos em sacrificio o cabrito, por mandado do Anjo, o mesmo Anjo se meteo no meyo da lavareda, e subio para o Ceo. Teve Manuê lugar de perguntar ao Anjo, qual era o seu nome: *Quod est tibi nomen?* Ao que respondeu o Anjo: *Cur quæris nomen meum, quod est mirabile*, porque me perguntas por meu nome, o qual he admiravel? Era aquelle Anjo no meyo do sacrificio figura de Christo sacrificado na Cruz, como diz Cornelio, e com a mesma propriedade, com que representou o mysterio, testificou o nome de Admiravel, para que já na figura entendamos, quam proprio he o nome de Admiravel ao figurado; e certamente assim como he cousa de admiraçaõ considerar nascido ao que naõ tem principio, assim he cousa de admiraçaõ considerar morto ao que he Eterno.

He o outro appellido de Conselheiro: *Consiliarius.* Em nenhuma parte com mais razaõ compete a Christo este nome, do que na Cruz. Todos os conselhos Euangelicos, que Christo nos deu, e os Euangelistas referem, recopilou o Senhor em hum só, que comprehende a todos, quando disse: *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, & sequatur me.* Se alguem quer vir atraz de mim, tome a sua cruz, e siga-me; e onde melhor nos deu este conselho, que quando em si o praticou na Cruz? Quando nos encomendou a caridade fraterna, chamou preceito: *Mandatum novum do vobis*; quando nos convidou com a Cruz, chamou conselho: *Si quis vult.* Quam proprio pois vem a Christo crucificado o nome de Conselheiro, *consiliarius?*

O

O outro appellido he de Deos: *Vocabitur Deus.* Eſte nome a todo o tempo, e em todo o lugar compete a Chriſto, que he Deos, e homem verdadeiro; mas na Cruz foy neceſſario que o Profeta o declaraſſe; porque como depois de o ver naſcido no Prezepio: *Natus eſt nobis*, logo dahi a pouco o vio morto em huma Cruz ſem fórma, nem figura de homem: *Vidimus eum, & non erat ei ſpecies, neque decor*, entendeſſemos, que naõ ſó era homem, mas que tambem era Deos: *Vocabitur Deus.*

Os Judeos crucificaraõ a Chriſto, porque ſe perſuadiraõ, que era homem, e naõ Deos, porque como diz S. Paulo, ſe elles creſſem, que era Deos, naõ o crucificariaõ: *Si Dominum agnoviſſent, nunquam rerum Dominum crucifixiſſent.* Pilatos ſempre temeu de o crucificar, porque o tinha por innocente, porém depois que lhe ouvio dizer, que era Filho de Deos, entaõ creſceraõ ſeus temores: *Tunc magis timuit.* O Centuriaõ, que foy o meſmo Longuinhos, que lhe meteu a lança, depois que o conheceo por Deos, o adorou, confeſſou por tal, e deu a vida por ſua fé, como diz Baronio.

O outro appellido he de Forte: *Vocabitur Fortis.* Por duas entre outras razões deu o Profeta a Chriſto eſte appellido de Forte. Primeira pela fortaleza, e invencivel conſtancia, com que ſofreu a morte de Cruz, diz S. Bernardo. Segunda, porque venceo, e deſtruhio o potentiſſimo reino do Diabo, do peccado, e concupiſcencia, como diz o meſmo Santo, e como iſto foy por meyo de ſua Cruz, cahe bem o appellido de Forte a Chriſto crucificado.

O outro appellido he de Pay do ſeculo futuro: *Pater futuri ſæculi.* Dous ſeculos conhecemos, hum, que vemos, outro que eſperamos; e cada hum tem ſeu

differente Pay. Adam he o Pay do seculo presente, Christo he o Pay do seculo futuro. Adam gerounos para o tempo, Christo para a eternidade. Adam gerounos para a morte, Christo para a resurreiçaõ. Adam gerounos para a terra, Christo para o Ceo. Adam com o seu peccado nos fechou as portas do Ceo, Christo com a sua morte nos las abrio; e como a Cruz foy a chave, em nenhuma occasiaõ melhor, que crucificado, mereceu Christo o nome de Pay do futuro seculo: *Pater futuri sæculi.* Tudo disse S. Paulo aos de Corintho: *Sicut in Adam omnes moriuntur, ita & in Christo omnes vivificabuntur.*

Outro nome he Principe da paz: *Vocabitur Princeps pacis.* Rey pacifico se chamou Salamaõ: *Rex pacificus*; Principe da paz chamou Isaîas a Christo no trono de sua baixeza, que he a Cruz: *Princeps pacis.* Chama-se Christo assim, porque com sua morte de Cruz, como diz S. Paulo, nos reconciliou com Deos, sendo antes seus inimigos: *Cùm inimici essemus, reconciliati sumus Deo per mortem ipsius.*

Neste sentido disse o mesmo Isaîas, que a disciplina da nossa paz cahira sobre as costas do nosso Redemptor: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Salamaõ diz, que naõ afastemos do menino a disciplina: *Noli subtrahere à puero disciplinam*; para que nós aprendamos a paz, cahio sobre as costas de JESU a disciplina. Donde se vê a estimaçaõ, que devemos fazer da paz com Deos, com o proximo, e com nossas consciencias, considerando, que para merecer esta paz, tomou sobre si as condições taõ pezadas o Principe da paz, Christo JESUS, como foraõ açoutes, coroa de espinhos, morte de Cruz.

Outro magnifico appellido, conforme a versaõ dos Settenta, he de Anjo do grande conselho: *Magni*

con-

consilii Angelus. O grande conselho, que se tomou no Consistorio Divino, foy que o Verbo Divino tomasse carne passivel, para dar de graça ao homem, com que pagasse à Justiça Divina o infinito, em que estava devedor; vencer a morte com a sua morte, triunfar do Inferno com as maõs pregadas em huma Cruz, comprar a vida do servo culpado com a vida do Filho innocente. Póde ser figura disto a embaixada de David por maõ de Urias com a sentença de morte, que levava contra si cerrada na carta, mas com esta differença, que Urias ignorava a sentença de morte que levava, o que Christo naõ podia ignorar, porque sabia muito bem, que a embaixada que levava, era para morrer: *Oblatus est, quia ipse voluit.*

CAPITULO V.

De outros nomes, ou attributos de Christo, que se lem em varios capitulos do Profeta Isaîas.

OUtro mysteriozo nome, que o Eterno Padre mandou pôr a seu Filho pelo Profeta Isaîas, foy o de Apressado: *Voca nomen ejus Festina prædari*; significa a pressa, e maravilhoza presteza, com que Christo executou, e consummou a obra de nossa redempçaõ; e porque a sua Paixaõ havia de começar pela entrega de Judas, o Senhor lhe disse, que o que determinava fazer, o fizesse mais depressa: *Quod facis, fac citiùs*; e verdadeiramente foy assim, porque começando a tragedia de sua Paixaõ na noite de huma quinta feira, se acabou na sexta feira seguinte, em que morreu: em taõ

taõ poucas horas de ſua Paixaõ concluio o Senhor a obra de noſſa redempçaõ, com que lhe quadra bem o nome de Apreſſado, que o Eterno Padre lhe mandou pôr.

No cap. 60. de ſuas Profecias chama o Profeta a Chriſto leite das Gentes, e teta dos Reys: *Lac gentium, & mamilla Regum.* Alludia o Profeta a adoraçaõ dos tres Reys, que foraõ as primicias da Gentilidade, e conſiderou a Chriſto no Prezepio, illuſtrando as almas da Gentilidade, como huma Ama de leite dando o peito aos ſeus filhos; e naõ he fóra do fallar da Eſcritura chamar leite à primeira doutrina, e aos primeiros fieis infantes: *Quaſi modo geniti infantes, lac concupiſcite*, diz S. Pedro.

Naõ he o leite outra couſa, ſenaõ o ſangue com tal decocçaõ; e porque naõ faremos nós de Chriſto morto na Cruz a conſideraçaõ, que fez Iſaîas de Chriſto nacido no Prezepio? Fallando Iſaîas em todo eſte capitulo da manifeſtaçaõ das gentes à fé, cujas primicias foraõ eſtes tres Reys, com muita propriedade foy Chriſto alli leite das Gentes, e peito dos Reys: *Lac gentium, & mamilla Regum.* Naõ diſſe o Senhor, que como foſſe poſto em huma Cruz, todas as Gentes haviaõ de vir a elle: *Cùm exaltatus fuero, omnia traham ad me ipſum?* E pois porque naõ faremos nós a meſma conſideraçaõ de Chriſto na Cruz, que fez Iſaîas de Chriſto no Prezepio, quando o ſangue, com que nos remio, foy o leite, com que nos creou.

Hum dos myſteriozos titulos, que Iſaîas deu a Chriſto, foy o de geraçaõ do Senhor em magnificencia: *Germen Domini in magnificentiâ.* Entendem os Santos Padres eſte titulo de Chriſto no dia de ſua triunfante Reſurreiçaõ, porque neſte dia triunfou Chriſto da morte, do Mundo, e do Inferno. A vittoria ſe ſegue da pele-

peleja, e da vittoria o triunfo; e assim naõ podemos considerar a Christo triunfante na resurreiçaõ, sem o suppor de antes posto na Cruz. Adorado, e glorificado dos Anjos o que esteve escarnecido, e blastemado dos homens? O' como dos horrores de hum sepulchro cresce mais resplandecente, que o Sol, a magnificencia do Senhor: *Germen Domini in magnificentiâ.*

No mesmo cap.4. lhe dá o Profeta o titulo de frutto sublime da terra: *Fructus terræ sublimis*; falla de Christo no dia de sua Ascensaõ. Por isso subio ao Ceo depois de resuscitado, porque primeiro desceu do Ceo para ser crucificado: *Qui descendit, ipse est, qui ascendit super omnes Cælos*; desceu do Ceo à terra, da terra subio à Cruz, da Cruz desceu aos Infernos, dos Infernos subio aos Ceos, e por isso foy collocado no Ceo este frutto da terra taõ sublime entre as duas Divinas Pessoas, porque na terra esteve taõ abatido entre os dous ladrões: *Fructus terræ sublimis.*

No cap.26. chama a Christo Cidade de Siaõ, que por outro nome se chama Cidade de David: *Urbs fortitudinis nostræ Sion Salvator.* No sentido, em que a Cidade de Siaõ he figura da Igreja Militante, Christo he toda a sua fortaleza, porque he como hum muro, e antemuro, que a defende, como diz o mesmo Profeta: *Ponetur in ea murus, & antemurale*, pelo qual se entende, quam segura, e defendida está a Igreja com esta muralha.

Toda esta muralha, ou fortaleza, e toda esta segurança vem a Igreja de Christo por ser elle o Salvador: assim o advertio o Profeta: *Urbs fortitudinis nostræ Salvator*; e quem he o Salvador, senaõ o que por nos salvar, diz S. Bernardo, prégou, obrou, sofreu, padeceu até morrer em huma Cruz por nós: *Qui me redemit, fecit multa, pertulit dura, sed non tantùm* *Serm. 15. de Cruce.*

tùm dura, ſed & indigna.

No cap. 33. dá a Chriſto tres appellidos, de Juiz, de Legislador, e de Rey: *Dominus enim Judex noſter, Legifer noſter, Dominus Rex noſter*; e logo dando a razaõ de todos eſtes titulos, diz que era, porque elle nos havia de ſalvar: *Ipſe ſalvabit nos.* E ſe por Salvador mereceu Chriſto eſtes nomes, todos quadraõ bem em Chriſto crucificado, porque por meyo da Cruz nos ſalvou: *Ipſe ſalvabit nos.*

No cap. 53. chama o Profeta a Chriſto Braço: *Brachium Domini cui revelatum eſt?* Porque aſſim como pelo braço obra o homem as obras de mayor pezo, aſſim Deos pelo ſeu Filho obrou todas as couſas, como diz S. Joaõ: *Omnia per ipſum facta ſunt.* E que na preſente occaſiaõ falle o Profeta de Chriſto crucificado, o diſſe nas palavras ſeguintes, deſcrevendo a laſtimoſa Imagem, em que o vio: *Non erat ei ſpecies, neque decor*, que duvida, haja quem o poſſa crer: *Quis credet auditui noſtro*, que foy o meſmo que dizer, conforme diz Cornelio com Santo Agoſtinho, e mais Santos Padres: quem ha de crer, que hum homem crucificado he o Meſſias eſperado, e o Salvador do Mundo: *Quod JESUS crucifixus ſit eorum Miſſias, orbisque Redemptor, & Salvator.*

No cap. 49. chama o meſmo Profeta a Chriſto ſetta eſcolhida: *Poſuit me quaſi ſagittam electam*; chama-lhe eſcolhida, porque das tres Divinas Peſſoas elle foy o eſcolhido para Redemptor do genero humano. Diz, que fora poſta eſta ſetta, onde, ſenaõ no arco, que foy a Cruz? Na Cruz a pregou o Eterno Padre, e na Cruz eſtá pregada com tres cravos. Diz que Deos a eſcondera na ſua aljava: *In pharetrâ ſuâ abſcondit me*; primeiro no ſeyo do Padre: *In ſinu Patris*, depois no ventre da Mãy; porém depois de poſta no

no arco, sendo huma só setta, está despedindo milhares de settas de amor, com que fere os corações dos que o considerão na Cruz: *Sagittæ tuæ acutæ populi sub te cadent*, diz David.

No cap. 53. chama a Christo Varão de dores: *Vir dolorum.* Toda a vida do nosso Salvador desde o ponto de sua encarnação até a hora, em que morreu, foy composta de varios generos de dores, mas em nenhum passo com mayor razão se ha de chamar Varão de dores, do que na Cruz, porque alli sobre as suas dores tomou as nossas sobre si: *Verè languores nostros ipse tulit, & dolores nostros ipse portavit.*

Vejamos pois, quam pouca razão temos em buscar os regalos, vendo a JESU na Cruz feito Varão de dores; e creamos de verdade, que só he virtude solida, a que se gloria em Christo, imitando suas dores, abraçando sua Cruz.

CAPITULO VI.

De outros varios appellidos, que os demais Profetas derão a Christo.

O Profeta Jeremias no cap. 31. chama a Christo huma grande novidade: *Creavit Dominus novum super terram*, falla da encarnação, como logo explicou: *Fœmina circundabit virum.* São muitas as novidades, que esta só novidade encerra, diz S. Bernardo: *Novum hoc multa nova, & mira complectitur*; grande novidade he nacer Deos de huma Virgem, mayor ainda o fim para que, nascer para morrer em huma Cruz: *Videas, si attendas, salutem pati, vitam mori, fortitudinem infirmari*, ver padecer a saude, morrer

S. 2. super Missus.

morrer a vida, desfalecer a fortaleza; e daqui outra mayor novidade, que he *passio salvans, mors vivificans, infirmitas roborans*, enfermidade, que dá saude, morte, que dá vida, fraqueza, que conforta.

No cap.4. dos seus Threnos chama a Christo Espirito de nossa bocca: *Spiritus oris nostri*, como dizem os Santos Padres, foy o mesmo que dizer, a vida das nossas almas, ou como leu Cyrillo, o lume dos nossos olhos: *Lumen faciei nostræ*, e a razaõ de se chamar assim he, porque assim como a nossa vida corporal depende da respiraçaõ continua, assim a vida da Alma depende do espirito de Christo. E que nesta occasiaõ tivesse o Profeta no pensamento a Christo crucificado, o dizem as suas mesmas palavras: *Christus Dominus captus est in peccatis nostris.* Deviamos nós os Christaõs, que amamos a Christo, andar sempre respirando esta memoria de Christo crucificado, ou seja com a bocca, ou seja com o coraçaõ, porque huma, e outra cousa significaõ as palavras do Profeta: *Spiritus oris nostri, Christus Dominus captus est in peccatis nostris.*

O Profeta Ezequiel quando vio a Deos naquelle mysteriozo carro com semelhança de homem: *Similitudo hominis*, diz, que era quasi especie de alambre: *Quasi species electri.* Deos em fórma de homem claro está, que era figura de Christo; estar em especie de alambre, cuja virtude he trazer a si as palhas, póde significar o mesmo Christo, ou nascido no Prezepio, ou morto na Cruz; no Prezepio trazendo a si as palhas, em que nasceu; na Cruz trazendo a si a madeira, em que morreu; se naõ quizermos dizer, que em huma, e outra parte arrebata, como o alambre as palhas, nossos corações de carne, que na opiniaõ de Deos saõ de palha, como por mandado do mesmo Deos exclamou

mou o Profeta, dizendo, toda a carne he palha: *Omnis caro fœnum.*

A pedrinha ſem maõs do Profeta Daniel, que cortada do monte deu por terra com a eſtatua com perda dos quatro metaes, em que ſe repreſentavaõ as quatro Monarquias do Mundo, figura foy de Chriſto na Cruz, onde com as maõs pregadas, como a pedra ſem maõs: *Lapis ſine manibus*, arruinou o Tyrannico, e intruzo reino do Diabo, e com a virtude da meſma Cruz ſogeitou a ſeu Imperio os Reinos todos do Mundo.

No cap. 9. dá o meſmo Profeta a Chriſto o devido nome de Santo dos Santos: *Et ungatur Sanctus Sanctorum*, quer dizer, como explicaõ os Expoſitores, até que Chriſto ſeja pelo Eſpirito Santo conſagrado em Santiſſimo Sacerdote, Rey, Profeta, Doutor, Legislador, e Redemptor do Mundo; e ſe bem em todas eſtas conſagraçõeſ he devido a Chriſto o appellido de Santo dos Santos, tinha o Profeta neſta occaſiaõ diante dos olhos a Chriſto crucificado, porque logo accreſcenta, que cumpridas as ſeſſenta e duas ſemanas havia de ſer Chriſto morto: *Et poſt hebdomadas ſexaginta duas occidetur Chriſtus*; donde ſe entende, quam proprio he de Chriſto crucificado, o devido titulo de Santo dos Santos. Pois eſte Senhor, que Daniel chamou Santo dos Santos, vio Iſaîas na meſma Cruz reputado por malfeitor entre os malfeitores: *Et cum ſceleratis reputatus eſt.*

O Profeta Zacarias no cap. 6. chamou a Chriſto Varaõ, que naſce: *Ecce vir oriens nomen ejus.* Falla do nacimento temporal da Mãy, naõ do nacimento eterno do Padre. A todo, o que naſce neſta vida, compete o nome de Varaõ, que naſce, aſſim como a todo, o que morre, o nome de varaõ, que morre; mas em Chriſto com grande differença, porque nós morremos,

por-

porque nacemos, porém Chriſto naceu para morrer; que ſe naõ houveſſe de morrer, naõ havia de naſcer, porque a ſua morte foy o fim para que naceu; a noſſa morte he termo, a de Chriſto he fim; a noſſa morte he forçoſa, a de Chriſto voluntaria: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.* Donde ſe ſegue, que a meſma razaõ, que teve o Profeta de chamar a Chriſto no Prezepio Varaõ, que nace, teria de chamar Varaõ, que morre na Cruz.

No cap. 13. chama o meſmo Profeta a Chriſto fonte patente à caza de David, e a todos os habitadores de Jeruſalem: *In die illa erit fons patens domui David, & habitantibus Hieruſalem.* Que falle o Profeta de Chriſto crucificado, além dos Santos Padres, o díz claramente o meſmo Profeta, dizendo que as aguas deſta fonte eraõ para lavar as Almas das manchas dos peccados: *In ablutionem peccatorum.* E que outras foraõ as aguas deſta fonte, ſe naõ, as que correraõ por cinco canos de ſangue, que deraõ virtude aos Sacramentos, que para remiſſaõ dos peccados o meſmo Chriſto inſtituhio?

Diz, que he fonte patente naõ ſó aos da caza de David, mas a todos os habitadores de Jeruſalem: *Fons patens domui David, & habitantibus Hieruſalem,* porque naquelle dia, em que eſta fonte patente a todos derramou ſuas aguas, ſe acháraõ em Jeruſalem naõ ſó os da familia de David, mas de todas quantas naçõeſ ha na terra: *Erant habitantes in Hieruſalem ex omni natione, quæ ſub Cælo eſt.*

No cap. 9. chama a Chriſto no Sacramento Paõ dos eſcolhidos: *Frumentum electorum.* Sendo o Sacramento do altar o meſmo ſacrificio da Cruz, ſe ſegue que tambem na Cruz ſe póde chamar Chriſto paõ dos eſcolhidos, aſſim como he no Sacramento: *Frumentum electorum.*

No

No cap. 13. chama a Chriſto morte da morte: *Ero mors tua, ò mors.* E onde foy Chriſto morte da morte, ſe naõ quando morto em huma Cruz venceu com ſua morte a morte reſuſcitando gloriozo, e nos mereceu com ſua morte a vida ſempiterna? Aſſim o diz Santo Agoſtinho com os mais Santos Padres, que allega Tirino.

O Profeta Malaquias o chama Sol de juſtiça: *Orietur vobis Sol juſtitiæ.* Convem-lhe o nome de Sol, porque elle he aquella luz, que S. Joaõ diz, allumia todo o Mundo: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*; e poſto que o Profeta o conſidera ſó no Oriente: *Orietur*; já, como diz David, naſce com o penſamento no ſeu occidente: *Sol cognovit occaſum ſuum*; e com ſaber, que a ſua carreira he para o Occidente, corre para elle com paſſos de Gigante: *Exultavit, ut gigas ad currendam viam*; tal foy o noſſo Salvador, que ſabendo muito bem, que caminhava para Jeruſalem para ſer morto, e crucificado: *Et filius hominis tradetur, ut crucifigatur*, caminhou para ella, e entrou como triunfante. Neſte ſentido diz ſobre eſte Sol de Malaquias o P. Cornelio, ſe póde chamar Chriſto na encarnaçaõ Sol encuberto, e na morte Sol eclypſado: *Chriſtus in carne aſſumptâ velatus eſt Sol, in Cruce deliquium paſſus.*

Sol de juſtiça ha de ſer Chriſto na ſegunda vinda ao Mundo, aſſim como na primeira foy de miſericordia, porque naquelle dia ha de dar a cada hum, o que he ſeu; porém na Cruz todo foy Sol de miſericordia, e mais Sol de juſtiça, porque na Cruz ſe abraçaraõ eſtas duas virtudes: *Juſtitia, & pax oſculatæ ſunt*; a miſericordia, porque ſendo ſeu objecto a miſeria, naõ ſe póde conſiderar mayor, que o eſtado, em que o

Mundo estava, antes de nascer este Sol. A justiça, porque com a morte da Cruz satisfez Christo a Deos em todo o rigor de justiça. Donde se vê, quam propriamente compete a Christo na Cruz o nome de Sol de justiça.

Semelhante a este nome he o titulo de Doutor de Justiça, que o Profeta Joel dá a Christo no cap. 2. *Dedit vobis doctorem justitiæ.* Veyo Christo ao Mundo a ser o nosso Mestre, e o que nos ensinou, naõ foraõ as sciencias da terra, mas as virtudes, que nenhum outro Mestre ensinou, o que tudo fez com sua palavra em vida; porém na Cruz, diz Santo Agostinho, como de cadeira magistral, nos ensinou todas com o exemplo: *Non solùm patibulum patientis, sed cathedram docentis*, como largamente veremos na quarta Parte deste Tratado.

CAPITULO VII.

Dos Titulos, que o Profeta David deu a Christo em seus Psalmos.

EM 20. Psalmos, que o Profeta David dedicou a Christo, poem por titulo esta palavra Alleluya, que foy dar a Christo este mysteriozo appellido, que por todas suas significações compete muy bem a Christo crucificado, e serve de grande gloria à Arvore da vida. Alleluya quer dizer, louvay a Deos; e em todos os passos de sua vida nos está convidando Christo aos louvores de Deos, porém nos da sua Morte, e Paixaõ com mayor razaõ, porque nestes recebemos mayores beneficios, e por isso no dia da resurreiçaõ a Igreja Militante toda se desfaz em repetidas Alleluyas, e na

e na Igreja triunfante os Bemaventurados naõ ceſſaõ de as repetir, acclamando as vitorias de Chriſto na Cruz. Na ſentença de S. Germaõ Alleluya val o meſmo, que *lux*, *vita*, *ſalus*, luz, vida, e ſaude. Tudo foy Chriſto crucificado, porque na Cruz nos mereceu a vida, e ſalvaçaõ.

No Pſalmo 18. dá a Chriſto no ſentido allegorico o Titulo de Eſpozo: *Ipſe tanquam ſponſus procedens de thalamo ſuo*; e verdadeiramente eſpozo he, porque na encarnaçaõ ſe deſpozou com a noſſa natureza; eſpozo he das Almas juſtas, eſpozo das Virgens Santas, e ſobre tudo eſpozo he da ſua Igreja, quando celebrando os ſeus deſpoſorios na encarnaçaõ, os conſummou na Cruz, e confirmou com o ſeu Sangue, como diz S. Paulo: *Quam acquiſivit ſanguine ſuo*, merecendo melhor, que Moyſés, o nome de eſpozo de ſangue, que lhe deu ſua eſpoza Zephora, quando por temor do Anjo circuncidou o filho Eleazaro: *Sponſus ſanguinis tu mihi es.*

No Pſalmo 21. ſe chama o Senhor Bicho, e naõ Homem: *Ego autem ſum vermis, & non homo*, porque no madeiro da Cruz foy como aquelle valente de David, que matando de hum ſó golpe a oitocentos inimigos: *Qui octingentos interfecit impetu uno*, foy reputado por hum Bichinho tenro do pao: *Tenerrimus ligni vermiculus.*

No Pſalmo 44. chama o Profeta a Chriſto o mais fermoſo ſobre todos os filhos dos homens: *Specioſus forma præ filiis hominum.* Naõ cabe em Chriſto na Cruz o nome de fermoſo, onde outro Profeta o vio taõ feyo, que nem fórma, nem fermoſura tinha de homem: *Non erat ei ſpecies, neque decor*; com tudo, quem o feyo ama, fermoſo lhe parece, haja em nós amor, que elle nos parecerá o mais bello entre os filhos dos ho-

homens; ponhamos nelle com os olhos o coraçaõ, e veremos, quam bem lhe eſtaõ as chagas pelo bem que nos fizeraõ; quam fermozo com a purpura de ſeu Sangue, pela eſtola de Gloria, que nos mereceu.

Com a veſte banhada de ſangue o vio Saõ Joaõ no Apocalypſe, depois de eſtar na gloria: *Et veſtitus erat veſte aſperſus ſanguine*; muitos annos antes o vio Iſaîas da meſma ſórte, quando admirado lhe perguntou a cauſa: *Quare rubrum eſt indumentum tuum?* E depois que conheceu, que era o Salvador: *Propugnator ſum ad ſalvandum*, aſſim banhado em ſangue, lhe pareceu muy bello, e fermozo: *Ipſe formoſus in ſtolla ſuâ.* Donde ſe colhe, que ſendo aſſim, que na Cruz eſteve Chriſto da ſorte, que Iſaîas o vio: *Non erat ei ſpecies, neque decor*, pondo nelle com os olhos o coraçaõ banhado em ſeu ſangue, nos parecerá muy bello, e fermozo, como pareceu ao meſmo Profeta: *Ipſe formoſus in ſtola ſuâ*, e em todo o caſo como a David o mais fermozo ſobre todos os filhos dos homens.

No Pſalmo 109. chama a Chriſto Sacerdote ſegundo a ordem de Melchiſedech: *Tu es Sacerdos in æternum ſecundùm ordinem Melchiſedech.* O titulo de Sacerdote em nenhum paſſo compete a Chriſto, ſe naõ na Cruz, porque na Cruz foy Sacerdote, e mais ſacrificio, naõ da ſorte que Abel offereceu o Cordeiro, Abraham o carneiro, Araõ os bezerros, ſenaõ que a ſi meſmo ſe offereceu victima, para reconciliar os homens com Deos, officio proprio de Sacerdote: *Reconciliati ſumus Deo per mortem filii ejus*, diz S. Paulo Rom. 5. Diz que he Sacerdote ſegundo a ordem de Melchiſedech, porque como Melchiſedech renovou aquelle meſmo ſacrificio da Cruz no ſacrificio do Altar, debaixo das eſpecies de Paõ, e vinho, como eſtá definido no Concilio Tridentino, e foy o meſmo que dizer, tu

Seſſ. 22. c. 1.

es

es o Sacerdote, que à cuſta de tua vida, e ſangue me has de offerecer aquella meſma Hoſtia, que me offereceſte na Cruz, depois cada dia por maõs de teus Miniſtros debaixo das eſpecies de Paõ, e vinho. Donde ſe vê, quam proprio he de Chriſto crucificado.

No Pſalmo 23. chama o Profeta a Chriſto Rey da Gloria, e Senhor das virtudes: *Dominus virtutum, ipſe eſt Rex gloriæ.* A todo o tempo, e em todo o lugar compete a Chriſto o appellido de Senhor das virtudes, e de Rey da Gloria, mas na occaſiaõ, em que o Profeta tinha no penſamento a Chriſto, muito proprio vem a Chriſto crucificado, porque neſta occaſiaõ conſiderava a Chriſto, que vittoriozo do Mundo, e do peccado, nos abria as portas do Ceo por virtude de ſua Cruz: *Attollite portas principes veſtras, & introibit Rex gloriæ*, como claramente ſe colhe do meſmo Texto, porque perguntando lá de dentro, que Rey de Gloria era aquelle: *Quis eſt iſte Rex gloriæ?* Reſponderaõ, que era o Senhor forte, e poderozo, e que na batalha o foy: *Dominus fortis & potens, Dominus potens in prælio*; e onde foy Chriſto mais forte, e mais poderozo na guerra, que quando com ſua morte, e com ſua Cruz venceu ao Demonio, e ao peccado, e nos abrio as portas do Ceo, que o meſmo peccado havia fechado? Bem merecido logo em Chriſto crucificado o gloriozo titulo de Rey da Gloria.

No meſmo Pſalmo, em que chamou a Chriſto Rey da Gloria, lhe dá o appellido de Senhor das virtudes: *Dominus virtutum.* Em todo o paſſo de ſua vida compete a Chriſto eſte titulo, como fonte, que he de toda a ſantidade; porém na Cruz com mais razaõ, porque na Cruz as conſummou todas, e da Cruz como de cadeira as enſinou todas, e como Arvore da vida todas floreceraõ, como veremos na quarta Parte.

CAPITULO VIII.

Dos appellidos, que o Apostolo S. Paulo em suas Epistolas deu a Christo Senhor nosso.

TOdos, quantos appellidos deu S. Paulo a Christo em suas Epistolas se vem a rematar na Cruz, porque todos saõ em ordem à nossa redempçaõ, que na Cruz se consummou. Na Epistola ad Romanos cap. 9. se chama Verbo abbreviado: *Verbum breviatum.* He Christo Verbo abbreviado, e anihilado na encarnaçaõ, diz S. Jeronymo: *Verbum incarnatum est hominis usque naturam breviatum, & exinanitum.* Verbo abbreviado foy, diz S. Bernardo, para que pudesse caber no Prezepio, o que naõ cabia no Ceo: *Ut quod Cælo non capiebatur, præsepio caperetur.* E com quanta mayor razaõ se ha de chamar Verbo abbreviado, e anihilado na Cruz, porque nella, diz Cornelio, foy em tudo Christo diminuido, na fama, na vida: *Ipse quoque ibi fuit abreviatus, in famâ, in vitâ, & capite diminutus.* Ou se quizermos chamar abbreviado pela brevidade, com que se obrou toda a redempçaõ, que em tres dias se consummou.

Na mesma Epistola cap. 10. chama a Christo fim da ley: *Finis legis est Christus.* Em todos os sentidos foy Christo na Cruz fim da ley; primeiro porque com sua morte deu fim à ley de Moysés, o que se significou no véo do Templo rasgado, e na opiniaõ de muitos: isso quiz tambem dizer o Senhor na palavra *consummatum est.* Esta razaõ he de S. Gregorio.

Cha-

Chama-se fim da ley, porque elle he a perfeiçaõ da ley, porque o que a ley naõ pode fazer fez finalmente Christo, que he justificar o peccador com a graça, que nos mereceu na Cruz; e esta razaõ he de S. Joaõ Chrysostomo. *Hom. 16. in Ezech.*

Chama-se fim da ley, porque Christo foy o alvo a que tirava tudo quanto a ley, e os Profetas disseraõ; e em nenhum passo com mais propriedade, que na Cruz, aonde tudo atirava, e onde Christo esteve feito alvo de contradiçaõ, como disse Simeaõ: *In signum contradictionis*, e esta razaõ he de Theodoreto. Assim todas nossas intenções, diz Santo Agostinho, haviaõ de atirar a este alvo Christo crucificado para naõ errar: *Finis fidelium Christus est, ad quem cùm pervenerit currentis intentio, non habet ampliùs, quod possit invenire.* *In Sent. n. 106.*

Na Epistola aos Hebreos no cap. 1. chama a Christo resplandor da Gloria: *Cùm sit splendor gloriæ.* Falla o Apostolo de Christo em quanto Deos, porque assim como os rayos nascem do Sol, assim Christo em quanto Deos nasce do Padre. Alludia o Apostolo às palavras do Sabio, onde chama à Eterna Sabedoria Candor da eterna luz: *Candor lucis æternæ.* Este he o parecer dos Santos Padres; póde-se com tudo accommodar a Christo em quanto homem o appellido de resplandor da Gloria, diz Cornelio, porque nessa Humanidade de Christo, como taõ bella, fermosa, e graciosa, resplandecia sua Divindade: *Quia in ipsa humanitate Christi, ut potè tam pulchrâ, gratiosâ, & augustâ, resplendet ipsa substantiæ ejusdem Deitas.*

Accommodando a Christo crucificado, accrescentou logo o Apostolo, que este resplandor da Gloria depois de satisfazer na Cruz por nossos peccados esta-

va assentado na Gloria à maõ direita de Deos Padre: *Purificationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram Patris.* Pois façamos nós a mesma consideraçaõ, que fez o Apostolo, consideremos qual está no Ceo à maõ direita de Deos, qual está na terra satisfazendo pelos peccados. Quam fermosa, graciosa, e augusta por razaõ da Divindade, quam feya, denegrida, e abatida por razaõ da Humanidade; que assim abatida, e escurecida na Cruz, está exaltada, e resplandecente no Ceo, como resplandor, que he da Gloria: *Splendor gloriæ.*

Na mesma Epistola cap. 9. chama a Christo Pontifice dos bens futuros: *Pontifex futurorum bonorum.* Foy Christo Pontifice Summo, assim como foy Summo Sacerdote; e por isso o Vigario de Christo na terra herdou com o poder o nome; assim como propriamente na Cruz foy Sacerdote, porque na Cruz se offereceu em sacrificio, assim se ha de chamar Pontifice na Cruz, porque em Christo como suppoem o Apostolo, Sacerdote, e Pontifice tudo he a mesma dignidade, porque no caso, em que o considera Sacerdote na Cruz, lhe dá o nome de Pontifice: *Pontifex futurorum bonorum per proprium sanguinem introibit semel in sancta*; alludia ao Summo Sacerdote da ley velha, que sem sangue naõ fazia o sacrificio, que chamavaõ *pro peccato, sine sanguine non fit remissio.*

Chama-lhe Pontifice dos bens futuros: *Pontifex futurorum bonorum.* Estes bens futuros, diz Cornelio, saõ a remissaõ dos peccados, a graça, as virtudes, e a Gloria eterna: *Bona futura sunt remissio peccatorum, gratia, virtutes, & denique gloria æterna*, e como todos estes bens se nos daõ por virtude do Sangue, e morte de Christo na Cruz, se vê como naõ menos convém a Christo crucificado o titulo de Pontifice, do

que

que lhe he proprio o de Sacerdote.

No cap. 12. da meſma Epiſtola chama o Apoſtolo a Chriſto Author, e Conſummador de noſſa fé: *Authorem, & conſummatorem fidei*; chama-lhe author da fé, naõ porque houveſſe em Chriſto habito, ou acto de fé, mas porque foy o primeiro, que nos enſinou as couſas da fé com a palavra, com os milagres, e com a morte acerbiſſima de Cruz. Neſte ſentido Abraham ſe chama Pay dos fieis, porque com ſua inſigne fé foy exemplo aos fieis, e tambem pelo heroico acto de obediencia de ſacrificar o filho no monte: *Quia feciſti rem hanc*, aſſim Chriſto pelo amor, com que ſe offereceu à morte de Cruz, mereceo o titulo de Author de noſſa fé, como inſinua o Apoſtolo, quando nos manda pôr os olhos em Chriſto crucificado, author de noſſa fé: *Aſpicite in Authorem fidei, qui propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit Crucem.*

Compete aſſim meſmo a Chriſto crucificado o titulo de Conſummador de noſſa fé, porque com ſua Cruz aperfeiçoou tudo, quanto nos propoem, e porque foy o primeiro, que conſummadamente conſummou tudo, quanto por ſua morte de Cruz mereceu, a ſaber, a gloria de ſeu corpo, a fama do ſeu nome, a ſalvaçaõ dos homens, e tudo o mais, que Chriſto com ſua Cruz nos mereceu, pelo tudo ſe entende quam proprio vem a Chriſto crucificado o appellido de Author, e Conſummador de noſſa fé.

Na Epiſtola a Tito cap. 2. chama o Apoſtolo a Chriſto Graça, dizendo que apparecera a graça de Deos noſſo Salvador: *Apparuit gratia Dei Salvatoris noſtri*, quiz dizer que apparecera Chriſto, id eſt, *Chriſtus*. Appareceu primeiro no Prezepio, e tornou a apparecer na Cruz; no Prezepio ſe manifeſtou a tres Paſtores, e mais a tres Reys; na Cruz aos Judeos, e a

todas

Act 2. todas quantas nações ha debaixo do Ceo: *Ex omni natione, quæ sub Cælo sunt.*

Diz que apparecera ensinando-nos: *Erudiens nos.* Na cadeira do Prezepio nos ditou a materia da encarnaçaõ; na cadeira da Cruz nos ditou a de merecimento, e satisfaçaõ, e desta falla especialmente o Apostolo no presente texto; porque dizendo que Christo apparecera ensinando, accrescenta, se entregara à morte de Cruz para nos remir: *Qui dedit semetipsum pro nobis, ut nos redimeret.* Donde se segue, que no mesmo sentido, em que o Apostolo chama a Christo Graça no Prezepio, se deve chamar Graça na Cruz.

Duas cousas diz o Apostolo, nos ensina esta Graça, que abraçaõ todas as demais, a saber abnegaçaõ, e sobriedade: *Ut abnegantes impietatem, & sæcularia desideria, sobriè vivamus.* De huma, e outra cousa nos deu clarissimos documentos na cadeira da Cruz esta Graça. A verdadeira abnegaçaõ he a que o mesmo Christo nos ensinou, tomar nossa cruz, e caminhar com ella: *Tollat crucem, & sequatur me*; o Apostolo ainda disse mais, diz que he crucificar a carne com todos seus vicios, e appetites: *Qui Christi sunt, carnem suam crucifixerunt cum vitiis, & concupiscentiis*; onde melhor nos ensinou esta abnegaçaõ, que crucificado?

A sobriedade, que consiste na moderaçaõ do comer, e beber, na Cruz lhe deraõ por comida o fel, e por bebida vinagre, como elle mesmo disse pelo seu Profeta: *Dederunt in escam meam fel, & in siti meâ potaverunt me aceto.*

Na 1. Epistola aos de Corintho cap. 5. chama a Christo crucificado nossa Paschoa: *Pascha nostrum immolatus est Christus.* Naõ he necessaria accommodaçaõ quando o mesmo Apostolo accommoda. Allude

ao

ao Cordeiro, com cujo ſangue mandou Deos aſſinalar as portas do ſeu povo no Egypto, para que o Anjo, ou Demonio, que paſſava degolando os filhos primogenitos, paſſaſſe avante onde eſtiveſſe o ſinal do ſangue do Cordeiro: iſſo ſe ſignifica com o nome de Paſchoa: *Paſcha, id eſt, tranſitus.* A Paſchoa dos Chriſtaõs he Chriſto crucificado: *Paſcha noſtrum immolatus eſt Chriſtus*, porque aſſim como pelo ſinal do ſangue do Cordeiro foraõ livres do rigor do Anjo os filhos de Iſrael, aſſim nós por virtude do Sangue do Cordeiro Chriſto crucificado fomos livres do Demonio.

O que importa, diz Saõ Bernardo, he que nos aproveitemos do Sangue deſte Cordeiro, abraçando as virtudes, que na Cruz nos inculca: *Amplectamur commendatas in Cruce virtutes*; e eſta Paſchoa, ou eſte Cordeiro immolado na Cruz havemos de ter ſempre na memoria: *Sedula cogitatione penſemus.*

Na Epiſtola aos de Epheſo cap. 2. chama a Chriſto noſſa paz: *Ipſe eſt pax noſtra*; he Chriſto noſſa paz, porque com ſeu ſangue, e virtude de ſua Cruz, como diz o meſmo Apoſtolo, poz em paz tudo, quanto havia na terra, tudo quanto havia no Ceo: *Pacificans per ſanguinem Crucis ſive quæ in terris, ſive quæ in Cælis ſunt*, e neſte ſentido he Chriſto crucificado noſſa paz; aſſim como neſte ſentido dizemos, que Chriſto foy noſſa juſtificaçaõ, porque por virtude de ſua Cruz nos juſtificou, e nos remio. *Col. 1.*

He Chriſto noſſa paz, diz mais o Apoſtolo, porque unio os dous povos Judeu, e Gentio em hum ſó povo Chriſtaõ, tomando ſobre ſi todas quantas inimiſades havia entre Deos, e os homens, entre Judeos, e Gentios: *Interficiens inimicitias in ſemetipſum*, tudo por meyo de ſua Cruz, *per Crucem.* Com muita razaõ logo compete a Chriſto crucificado o nome de noſſa paz: *Ipſe enim eſt pax noſtra.* *Epheſ. 2.*

CA-

CAPITULO IX.

De varios appellidos, que no Apocalypſe ſe daõ a Chriſto.

NO 1. cap. ſe chama Teſtemunha fiel, Primogenito dos mortos, e Principe dos Reys da terra a JESU Chriſto: *Qui eſt Teſtis fidelis, Primogenitus mortuorum, & Princeps Regum terræ.* He em primeiro lugar Teſtemunha fiel, que he o meſmo, que inſigne Martyr, id eſt, *Martyr inſignis*, que o meſmo he Martyr, que Teſtis, e naõ ſó foy Martyr inſigne Chriſto na Cruz, mas o Principe, e Capitaõ dos Martyres: *Qui pro veritate, & munere ſibi credito tam conſtanter ad mortem uſque Crucis depugnavit*, diz Tirino.

Chama-ſe Primogenito dos mortos: *Primogenitus mortuorum*, porque foy o primeiro, que reſuſcitou para a vida immortal, que com ſua morte mereceu, aſſim como a reſurreiçaõ dos mais Predeſtinados para a Gloria. De ſorte que aſſim a Reſurreiçaõ de Chriſto, como a noſſa foraõ effeito da morte de Cruz, a de Chriſto como de cauſa meritoria, a noſſa da Reſurreiçaõ de Chriſto como de cauſa exemplar.

Chama-ſe Principe dos Reys da terra: *Princeps Regum terræ.* Eſte appellido a todo o tempo, e em todo o lugar compete a Chriſto, que he Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores. E poſto que o titulo de Rey, que Pilatos lhe mandou eſcrever na Cruz, ſe limitava ſómente aos Judeos: *Rex Judæorum*, a todos os Reinos do Mundo ſe eſtendia já da Cruz, como diz a Eſcritura: *Regnavit à ligno Deus.* Pelo que ſe vê, quam bem quadraõ a Chriſto crucificado eſtes dous appellidos.

Ou-

Outro titulo, ou appellido proprio ſómente de Chriſto crucificado he o de Cordeiro, que em varios lugares do Apocalypſe dá a Chriſto S. Joaõ principalmente no cap. 5. quando o vio em fórma de morto: *Agnum tanquam occiſum*; ou quando já na realidade o conſidera morto: *Agnus, qui occiſus eſt.* Já Iſaîas havia dado a Chriſto eſte nome de Cordeiro, e mais a cauſa de o chamar aſſim, que era porque havia de ir ao Sacrificio como Cordeiro quando o toſquiaõ ſem dar voz: *Tanquam agnus coram tondente ſe obmuteſcet.* Tudo diſſe o Bautiſta nas palavras taõ recebidas da Igreja: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*, o qual titulo na Cruz compete.

Outro nome contrario a eſte he o de Leaõ, porque no meſmo tempo, em que S. Joaõ o via Cordeiro morto, o acclamaraõ no Ceo Leaõ vencedor: *Vixit Leo de tribu Juda*, para que entendamos, como dizem os Santos, que ſe bem morre como Cordeiro manſo, reſuſcitou como Leaõ vencedor; e porque da fraqueza de Cordeiro, que moſtrou na Cruz, tirou fortaleza de Leaõ contra todos ſeus inimigos, ſahindo de todos triunfante, como diz S. Paulo: *Expolians principatus, & poteſtates, triumphans illos in ſemetipſo.* Outra razaõ he, porque da conſideraçaõ da paciencia, com que Chriſto ſe deixou toſquiar como Cordeiro, cobraſſem os Santos Martyres fortaleza de Leaõ para reſiſtirem aos Tyrannos, morrerem como cordeiros, e vencerem como leões. Com muita propriedade logo compete a Chriſto na Cruz o nome de Leaõ vencedor: *Vixit Leo*, ainda quando nella ſe repreſenta como Cordeiro morto: *Agnum tanquum occiſum.* Col. 2.

Chama-ſe Chriſto finalmente: *Primus, & Noviſſimus*, quer dizer, eu ſou o Creador, e mais o Redemptor; na Cruz foy principio, na Reſurreiçaõ fim; o que

o que parece quiz dizer o meſmo Chriſto, que fallava a S. Joaõ dizendo, eu fuy morto, e já eſtou vivo, e tenho nas minhas maõs as chaves da morte, e do Inferno: *Fui mortuus, & ecce ſum vivens in ſæcula ſæculorum, & habeo claves mortis, & Inferni*; e donde mereceu Chriſto tanta gloria, e tanto poder, ſenaõ por ſua morte de Cruz?

Chama-ſe finalmente no cap. 22. raiz de David, e eſtrella da manhã: *Ego ſum radix David, & ſtella ſplendida, & matutina.* Chamarſe raiz de David foy dizer, que era da caza, e geraçaõ de David; chamarſe eſtrella matutina foy dizer, que aſſim como a eſtrella matutina era prenuncia do Sol, aſſim elle Chriſto morto, e reſuſcitado era prenuncio, de que ſe vinha chegando o Sol, ou gloria dos ſeus eſcolhidos. Eſta he commum expoſiçaõ dos Santos; e neſta expoſiçaõ cabe muito bem a Chriſto crucificado os appellidos de raiz de David, e eſtrella da manhã.

Porém ajuntando o Senhor eſtes dous appellidos de eſtrella, e mais de raiz, parece que quiz dizer, que aſſim como a raiz naſce na terra, e a eſtrella naſce no Ceo, aſſim o ineffavel compoſto de Chriſto conſta das duas naturezas, Divina, e humana: a humana, que tem ſua origem na terra, a Divina, que tem ſeu naſcimento no Ceo, a humana he raiz de David, a Divina he eſtrella matutina do Ceo. E ſe eſta expoſiçaõ tem alguma ſemelhança, bem ſe deixa ver, quam proprios vem à Arvore da vida Chriſto crucificado eſtes dous appellidos, porque, como no principio diſſemos, a raiz da Arvore da vida conſiſte nas duas naturezas, Divina, e humana: e quando naõ ſirvaõ de folhas à Arvore da vida, ſaõ verdadeiramente a raiz, que dá vida, e ferà moſura a eſſas folhas.

S. Joaõ na ſua canonica cap. 2. da 1. Epiſtola dá a Chriſ-

a Chriſto o ſalutifero appellido de Advogado noſſo: *Habemus Advocatum apud Patrem JESUM Chriſtum juſtum.* Naõ ſó moſtrando as chagas, que recebeu na Cruz, como dizem os Santos, mas allegando o direito, que tem para alcançar a remiſſaõ dos peccados, que nos mereceu com a morte de Cruz, como bem advertio o meſmo Apoſtolo: *Ipſe enim eſt propitiatio pro peccatis noſtris.* E ſe por haver merecido na Cruz, ſe deve a Chriſto o appellido de Advogado no Ceo, com quanta mayor razaõ ſe lhe deve eſſe appellido, quando realmente o eſtá merecendo na Cruz? No Ceo eſtá moſtrando as Chagas gozando da Gloria, na terra padecendo as dores.

Cabe bem aqui a exhortaçaõ de S. Joaõ: *Filioli, hæc ſcribo vobis, ut non peccetis, ſed ſi quis peccaverit, Advocatum habemus apud Patrem.*

CAPITULO X.

Dos nomes appellativos, com que Chriſto Senhor noſſo ſe nomeou no Euangelho.

MAndaraõ os Fariſeos perguntar ao Bautiſta, quem era: *Tu quis es?* Podera o Bautiſta reſponder, ſou Joaõ, porque eſte era o ſeu nome proprio; mas reſpondeu, que elle era voz clamante no dezerto: *Ego ſum vox clamantis in deſerto.* Fizeraõ os meſmos Fariſeos a Chriſto a meſma pergunta: *Tu quis es?* E podendo o Senhor reſponder, Eu ſou JESUS, reſpondeu, ſou o principio, que eſtou fallando com voſco: *Principium, qui & loquor vobis*; porque os Varões Santos, e Divinos melhor ſe daõ a conhecer pelos nomes appellativos, que pelos nomes proprios. *Joan. 8.*

He

He pois o primeiro nome o de principio: ***Principium.*** Deixando as razões Theologicas, e varias expoſições dos Santos Padres, que largamente refere Cor-
1.Cor. 15. nelio, o que he mais conforme à doutrina de S. Paulo he, porque aſſim como Adam foy principio de noſſa ruina, Chriſto foy principio de noſſo remedio: *Sicut in Adam omnes moriuntur, ita & in Chriſto omnes vivificabuntur*; e a razaõ Theologica he, porque Chriſto pelo concurſo de ſua graça, e virtude infinita de ſeu Sangue, he principio neceſſario de todas noſſas obras meritorias da vida eterna, conforme o que elle
Joan. 15. diſſe: *Sine me nihil poteſtis facere*; e que iſſo ſe haja de entender propriamente do Sangue, e morte de Cruz, o diſſe elle meſmo na occaſiaõ, em que ſe chamou, Principio.

Naõ entenderaõ os Fariſeos, o que o Senhor quiz dizer em ſe chamar principio: *Et non cognoverunt.* Entaõ lhes tornou o Senhor: quando vós me vires crucificado, entaõ conhecereis quem Eu ſou: *Cum exaltaveritis Filium hominis, tunc cognoſcetis, quia ego ſum*; que foy o meſmo que dizer: ſe quizermos ſaber, quam bem quadra a Chriſto o nome de principio, ponhamos os olhos em hum Crucifixo, e veremos como na Cruz nos diz ao coraçaõ, Eu ſou o Principio,
Apoc. 1ì e o Fim de todo o voſſo bem: *Ego ſum Principium, & finis*, como na realidade aſſim o diſſe a S. Joaõ no Apocalypſe.

Outro nome, com que o Senhor commummente ſe nomeava, he o de Filho do homem: *Filius hominis.* Era eſta huma como fraze proverbial, ou adagio entre os Hebreos, que ſignificava, homem calamitoſo, cheyo de trabalhos, e perſeguições; e onde padeceu Chriſto mayores calamidades, que no diſcurſo de ſua Paixaõ? Aquellas palavras do Pſalmo 86. *Homo,*

&

& *homo in ea natus eſt*, no ſentido, em que ſe applicaõ a Chriſto, foy o meſmo que dizer, que ſendo tanta a diſtancia, que vay do ſer Divino ao humano, elle ſe quiz fazer homem, e homem, que podeſſe padecer, e morrer pelos filhos do homem; e neſte ſentido o meſmo he dizer homem, e homem, que dizer filho do homem. Neſte ſentido o meſmo Senhor, quando revelou a ſeus Diſcipulos a hiſtoria de ſua Paixaõ, e morte de Cruz, naõ uſou de outro nome, ſe naõ deſte de Filho do homem: *Et filius hominis tradetur*, o que fazia todas as vezes, que fazia mençaõ de ſua Cruz.

Outro nome muy commum era o de Meſtre: *Vos vocatis me Magiſter, ſum etenim.* Como Meſtre no lo tinha Deos promettido pelo Profeta Iſaías: *Erunt oculi tui videntes præceptorem tuum*; e como Doutor pelo Profeta Joel: *Dabit vobis Dominus doctorem juſtitiæ.* E verdadeiramente elle foy o Meſtre, que, como diz S. Paulo, enſinou huma Sabedoria do Ceo, que nenhum outro Sabio do Mundo alcançou; e eſta nunca com mayor energia, que da cadeira da Cruz, como lhe chama Santo Agoſtinho: *Patibulum patientis, & cathedra docentis*; porque daquella cadeira melhor que Salamaõ do trono com a palavra, e exemplo nos enſina a Sabedoria do Ceo. *Iſai. 30.* *Col. 2.*

Saõ Bernardo conſiderando a Chriſto naſcido no Prezepio como Meſtre na Cadeira, diz que já della nos enſina com o exemplo, o que ao diante havia de enſinar com a palavra: *Jam clamat exemplo, quod prædicaturus eſt verbo*; e com quanta mayor razaõ conſiderando morto na Cruz, diria, que eſtá clamando com a obra, o que já nos tem enſinado com a palavra? E ſe naõ appliquemos com os olhos do corpo os ouvidos da Alma em huma Imagem de Chriſto crucificado, e ouviremos, que nos eſtá clamando, o que já em vi-

da nos enſinou: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde*, aprendey de mim, que ſou manſo, e humilde de coraçaõ.

Outro appellido he o de luz do Mundo, como elle meſmo ſe chamou: *Ego ſum lux mundi*; he Chriſto luz do Mundo, porque he aquella luz, que naſcendo eternamente do Padre: *Lux viva, vita erat lux*, naſcendo depois em tempo da Mãy, ſe vio luz morta na Cruz. No primeiro naſcimento como luz viva, e Divina, ainda entre as trevas reſplandecia: *Et lux in tenebris lucet*, porque como eterna ſe naõ podia apagar, mas no ſegundo naſcimento como temporal, foraõ poderozas as trevas para a apagar: *Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum.* No primeiro naſcimento o meſmo conhecimento do Padre, que lhe deu a vida, lhe deu a luz: *Vita erat lux*; no ſegundo naſcimento, como os homens o naõ conheceraõ: *Et mundus eum non cognovit*, eſſas trevas, que naõ conheceraõ eſſa luz, eſſas meſmas a apagaraõ: de ſorte, que com a meſma propriedade, com que S. Joaõ chama a Chriſto no naſcimento eterno Luz viva, no temporal ſe podia chamar Luz morta, quando naõ queiramos dizer, que no Prezepio he luz aceza, e na Cruz luz apagada, porque para ſe apagar, e morrer na Cruz, naſceu como Sol reſplandecente no Prezepio: *Orietur vobis Sol.*

Chamou-ſe o Senhor luz do Mundo, porque na vida com ſua doutrina, na morte com ſeu exemplo, no Ceo com ſua graça allumea como luz verdadeira a todo, o que a eſte Mundo vem, como diz S. Joaõ: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* Saõ Cyrillo diz, que quando Chriſto ſe chamou luz do Mundo, alludia àquella coluna de fogo, que guiava os filhos de Iſrael pelo dezerto

to até a terra de promiſſaõ: aſſim elle nos era luz para naõ errar o caminho no dezerto deſta vida até chegarmos à noſſa verdadeira Patria: *Simili modo Chriſtus, quaſi fax lucidiſſima in tenebris errorum, & vitiorum mundi nobis prælucet, viamque præit in Cælum.*

Outro nome foy de Bom Paſtor, com que o Senhor ſe nomeou: *Ego ſum Paſtor bonus*; foy noſſo Paſtor, porque elle he o Paſtor, que Deos prometteu pelo Profeta Ezequiel, havia de mandar ao Mundo: *Suſcitabo ſuper eas Paſtorem unum.* As ovelhas ſaõ ſeus Fieis, o apriſco he ſua Igreja, o paſto ſeu Corpo Sacramentado, o ſilvo, com que as chama, he ſua inſpiraçaõ, e o bordaõ ſua Cruz.

E naõ ſó Paſtor, mas bom Paſtor: *Bonus Paſtor*, e a prova mayor da bondade do Paſtor he dar a vida pelas ovelhas: *Bonus Paſtor animam ſuam dat pro ovibus ſuis.* Iſſo fez o noſſo Paſtor dando por nós a vida em huma Cruz. Coſtumaõ pintar o Bom Paſtor com huma ovelha aos hombros, alludindo ao do Euangelho, que deixando de cem ovelhas as noventa e nove no paſto, foy buſcar huma perdida, e a trouxe para o rebanho ſobre ſeus hombros; iſto meſmo fez o noſſo Paſtor: todo o genero humano eſtava perdido, e quaſi nos dentes do lobo Infernal, entaõ nos trouxe ſobre ſeus hombros, quando com a Cruz às coſtas tomou ſobre ſi noſſos peccados; quam bem logo lhe quadra o nome de Bom Paſtor, quando por nós foy crucificado?

O que importa he, que ſejamos nós boas ovelhas, aſſim como elle he bom Paſtor; as boas ovelhas, diz elle, ſaõ as que ouvem a voz, e ſeguem os paſſos de ſeu Paſtor: *Voces ejus audiunt, & illum ſequuntur.* Aſſim o bom Chriſtaõ, diz Santo Agoſtinho, ha de obedecer à voz de Chriſto, e ſeguir ſuas pizadas; a voz

na doutrina, que nos deu na vida, as pizadas no exemplo, que nos deu na morte; na vida exemplo de boas ovelhas, na morte exemplar dos bons Paſtores; porque aſſim como a boa ovelha he, a que obedece, e ſegue as pizadas do Paſtor, aſſim o Bom Paſtor he, o que dá a vida pelas ovelhas: *Bonus Paſtor animam ſuam dat pro ovibus ſuis.*

E naõ ſó Paſtor, ſenaõ porta, por onde as ovelhas entrem para o ſeu curral ſe chama o Senhor: *Ego ſum oſtium ovium*, e foy o meſmo, que dizer, conforme a mais provavel expoſiçaõ, que aſſim como as ovelhas naõ podem entrar no curral, ſenaõ pela porta, aſſim os Fieis, que ſaõ as ovelhas, naõ podem entrar na Igreja Militante, nem na triunfante, ſe naõ por elle, iſto he, crendo, e confeſſando, que Chriſto he o Salvador do Mundo. E onde eſteve eſta porta mais patente, que na Cruz, onde com os braços abertos, e peito raſgado eſtá convidando aos peccadores, para que cheguem, e para que entrem aos paſtos de ſua graça, e para os prados de ſua gloria. Porta he com cinco poſtigos abertos, que ſaõ as cinco Chagas abertas ao rigor dos cravos, e lança; pelas quaes couberaõ, e podem caber todos quantos houverem de entrar nos paſtos da gloria, porque todos em virtude do Sangue, que verteraõ, ſe haõ de ſalvar. E ſe por dar a vida por ſuas ovelhas na Cruz, ſe chama Chriſto Bom Paſtor, por ter nella as portas franqueadas de ſua miſericordia, ſe póde chamar porta: *Oſtium ovium.*

Outro nome mais ſublime foy compoſto de tres dicções, caminho, verdade, e vida: *Ego ſum via, veritas, & vita*, fazem todas hum ſó nome, e foy o meſmo que dizer, Eu ſou o verdadeiro caminho da vida eterna; por duas razões entre outras, que allegaõ os Santos Padres, ſe chamou Chriſto caminho: primeira

ra porque com os merecimentos de ſua Morte, e Paixaõ nos abrio caminho para o Ceo: *Ipſe per meritum paſſionis ſuæ nobis viam in Cælum aperuit*, diz Cornelio. Segunda porque elle com ſua ſanta vida, e cruel morte nos foy guia, para que ſeguindo ſuas pizadas caminhemos para o Ceo: *Quia ipſe ad hanc viam ſuâ ſanctâ vitâ, & paſſione præivit*, diz o meſmo Doutor. Com quanta razaõ logo ſe chamou eſte Senhor caminho verdadeiro para a vida eterna.

Pelo que devemos tomar hum deſengano, que para o Ceo naõ ha outro caminho, nem outra guia mais, que Chriſto crucificado. Chriſto quando quiz partir para o Padre dizia aos ſeus Diſcipulos, vós bem ſabeis para onde vou, e mais o caminho: *Quò vado, ſcitis, & viam ſcitis*; porém S. Thomé dizia, Senhor, nem ſabemos para onde ides, nem taõ pouco o caminho: *Domine, neſcimus quò vadis, & quomodo poſſumus viam ſcire?* Sabiaõ muy bem, diz Santo Agoſtinho, mas naõ entendiaõ o como, *ſciebant quidem, ſed ſe ſcire neſciebant*; e quando o ſouberaõ, ſe naõ depois de morto, e crucificado? Entaõ conheceraõ bem, que para o Ceo naõ havia outro caminho, nem outra guia mais, que Chriſto crucificado, porque na Cruz nos foy caminho verdadeiro para a vida eterna, porque nella nos foy caminho, verdade, e vida: *Ego ſum via, veritas, & vita.*

Chamou-ſe aſſim meſmo o Senhor no Euangelho Vide verdadeira: *Ego ſum vitis vera*; alludia Chriſto ao que tantos annos antes havia pronoſticado Siracides: *Ego quaſi vitis, fructificavi ſuavitatem odoris.* Em nenhum paſſo de ſua Paixaõ convém a Chriſto melhor o nome de vide, como na Cruz; porque ſe o lagar, de que falla Iſaîas no cap. 63. *Torcular calcavi ſolus*, foy figura da Cruz, como querem os Santos, Eccleſ. 24

na Cruz foy Chriſto eſpremido de ſorte, que lhe naõ ficou gotta de ſangue, como ſuccede ao frutto da vide no lagar; mayormente ſendo aquelle meſmo, de que falla o Profeta pizando no lagar com as veſtes banhadas em ſangue, figura de Chriſto na Cruz.

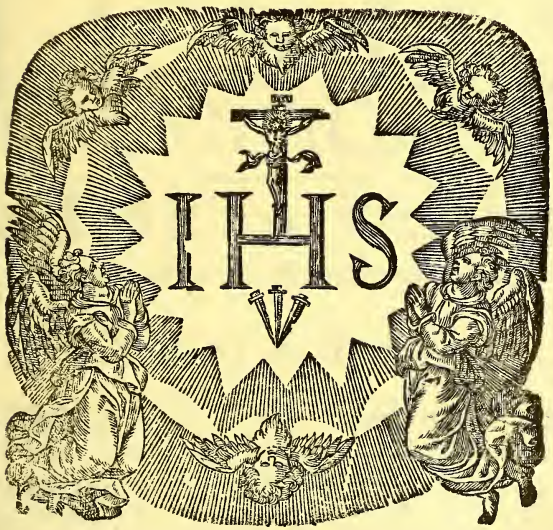
He porém neceſſario, que ſejamos nós parras verdadeiras, aſſim como Chriſto he verdadeira vide: *Ego ſum vitis, vos palmites*; diſſe a ſeus Diſcipulos, Eu ſou a vide, e vós as parras; pois aſſim como as verdadeiras parras ſaõ, as que eſtaõ unidas à vide, aſſim os verdadeiros Chriſtaõs ſaõ, os que eſtaõ unidos a Chriſto, que he a vide verdadeira, porque como o Senhor diſſe, que o que naõ eſtava unido a elle, era como a parra, que naõ eſtá unida à vide, que logo ſeca, aſſim o que naõ eſtava unido a elle naõ podia obrar obra boa: *Si quis in me non manſerit, mittetur foras, ſicut palmes, & areſcet.*

Chama-ſe o Senhor finalmente Paõ vivo: *Ego ſum Panis vivus*; e logo declarou, que naõ era outro o paõ, ſenaõ aquella ſua carne, que na Cruz havia de ſer ſacrificada para a vida de todo o Mundo: *Panis, quem ego dabo, caro mea eſt pro mundi vitâ.*

Chama-ſe Paõ, porque no Sacramento ſe dá debaixo das eſpecies de Paõ; porém ſendo a carne da Cruz a meſma, que ſe contém no Sacramento, com a meſma propriedade, com que Chriſto ſe chama Paõ vivo no Sacramento, ſe ha de chamar Paõ vivo na Cruz, porque o meſmo Senhor diſſe, que o paõ vivo, que nos tinha promettido dar no Sacramento, naõ era outro, ſenaõ a ſua carne, que na Cruz foy ſacrificada: *Panis, quem ego dabo, caro mea eſt pro mundi vitâ.*

Donde ſe ſegue, que ſe nó triduo, em que Chriſto eſteve morto na Cruz, Saõ Pedro, ou outro Sacerdote

dote consagrasse, havia de estar no Sacramento o Corpo de Christo morto, e naõ vivo, porque em virtude das palavras da consagraçaõ sómente está o Corpo, mas nem por isso se ha de chamar Christo Paõ morto, senaõ vivo, porque a razaõ de se chamar Paõ vivo, naõ he por razaõ da vida temporal, que naõ tinha, senaõ pela vida eterna, que causava: *Panis, quem ego dabo, caro mea est pro mundi vitâ.*



ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

QUARTA PARTE.

Das Flores da Arvore da vida.

PROEMIO.

LEITO de flores chamou a Alma Santa à Cruz de Chriſto no ſentir de Santo Ambroſio: *Lectulus noſter floridus*; leito de flores he a Arvore da vida JESUS crucificado, porque no aſpero dos eſpinhos, e horror do lenho, em que eſtá pregado, recendem as flores de celeſtiaes virtudes, que nos offerece. He allegoria muito vulgar chamar flores às virtudes; eſſas ſaõ, as que a meſma Alma Santa diſſe, apparecerão *Cant. 1.* *Pſal. 118.*

receraõ na noſſa terra: *Flores apparuerunt in terra noſtrâ*; porém eſtas flores da Arvore da vida ſaõ flores, e juntamente fruttos. Vide ſe chamou Chriſto no
Cant.4. Euangelho: *Ego ſum vitis*; e nos Cantares ſe chama figueira a ſua Cruz: *Ficus protulit groſſos ſuos*, porque as flores da vide, e mais da figueira naõ ſaõ outras, ſe naõ o frutto que daõ. De todas as virtudes aſſim Theologaes, como moraes nos deu o Senhor exemplo na Cruz, ou como diz Santo Agoſtinho, nos enſinou como de Cadeira, que aſſim chama o Santo à Cruz: *Patibulum patientis, & cathedra docentis.*

CAPITULO I.

Da primeira flor da Arvore da vida, que he a Fé.

Q.7.art.3 HE certo, como enſinaõ os Theologos com Santo Thomás, que em Chriſto naõ houve, nem podia haver habito, ou acto de fé Theologico; porque por razaõ da Divindade nunca teve conhecimento eſcuro, qual he o da fé, porque deſde ſua encarnaçaõ foy Bemaventurado; e todos os objectos creados, ainda os futuros contingentes conhecia pela viſaõ beata, ou pela ſciencia, que chamaõ, *per ſe infuſa*; e neſſe ſentido naõ houve na Arvore da vida eſta flor da Fé.

Q.7.art.3 Concedem com tudo os Theologos em Chriſto hum habito, e acto de pia affeiçaõ à meſma fé, da meſma eſpecie daquella pia affeiçaõ, que ſe requere para o acto da fé; e a razaõ he, porque ainda que Chriſto naõ podeſſe ter algum acto efficaz deſta pia affeiçaõ imperante o entendimento a crer, póde com tudo fazer algum acto de pia affeiçaõ à meſma fé *ſecundum ſe*, como

mo dizem, ou àcerca da noſſa fé, gozando-ſe, e amando a meſma fé da ſorte que dizem dos Bemaventurados, os quaes poſto que naõ poſſaõ ter acto de fé por razaõ da viſaõ beatifica, podem com tudo ter eſta pia affeiçaõ da fé, gozando-ſe, e alegrando-ſe della, e ſó neſte ſentido podemos dizer, que ha na Arvore da vida eſta flor.

E pondo em termos da Eſcritura, digo que o Senhor na Cruz, entre as penas, que padecia, ſe gozava ſummamente com a fé, dos que haviaõ de crer, e como diz Santo Agoſtinho, eſſa era a ſede, que padecia na Cruz: *Sitivit opera noſtra bona, illos ipſe ſitiebat*; a ſede era de que todos creſſem, e ſe ſalvaſſem. Parece diſcurſo de S. Paulo: *Aſpicientes in authorem fidei, & conſummatorem JESUM, qui propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit Crucem, confuſione contemptâ*; quer dizer, que ponhamos os olhos em Chriſto crucificado, author, e conſummador da noſſa fé, o qual pondo diante dos olhos o gozo, e mais a confuſaõ da Cruz, deſprezou a confuſaõ, e ſe abraçou com a Cruz; e que gozo podia ſer o de Chriſto entre as penas, e confuſaõ da Cruz, ſe naõ a conſideraçaõ, de que a Cruz era o fundamento todo da noſſa fé, e que o Sangue na Cruz derramado era, o que dava virtude à agua do bautiſmo, que he a porta, por onde os fieis entraõ para a ſua Igreja.

In Pſ. 14.

Heb. 12.

Diz que ponhamos os olhos em Chriſto, como em author, e conſummador da noſſa fé: *Authorem, & conſummatorem fidei*; he author da fé, porque elle foy, o que primeiro a prégou com a palavra, e por ultimo a conſummou com a morte acerbiſſima da Cruz. Do qual ſe colhe quam fundada he a razaõ do que dizem, que ſuppoſto que em Chriſto naõ poſſa haver habito de fé Theologico, houve aquella pia affeiçaõ, que

Heb. 12.

os

os Theologos requerem para os actos de noſſa fé; e que ſendo JESU Chriſto o author, e conſummador della, naõ ſómente a ama, mas deſeja, que todo o Mundo a confeſſe; e aquelle amor, com que deſprezando toda a confuſaõ, ſe abraçou com a Cruz, por ſer o meyo do noſſo remedio, e ſe eſtendeo ao meyo de o conſeguir, que he a fé.

Todos quantos argumentos fazem os Santos, e Doutores Sagrados para authorizar, e confirmar noſſa fé, na concordia de ſeus myſterios, na grandeza de ſeus milagres, na conſtancia de tantos Martyres, na conſonancia das Eſcrituras, na firmeza da Igreja entre tantas perſeguições, naõ ſaõ argumentos mais fortes para nos confirmar na fé, como a meſma fé, com que cremos, que eſſe crucificado JESU eſcarnecido em huma Cruz he o noſſo Redemptor, Filho de Deos. Se na fé deſte ſó Myſterio eſtivermos fundados, todos os mais ficaõ correntes à noſſa fé; e por eſta cauſa o Apoſtolo S. Paulo eſte era o thema, eſte o aſſumpto principal de todos ſeus Sermões: *Prædicamus Chriſtum, & hunc crucifixum*; importa logo avivar eſta fé com fervorozos actos da meſma fé.

Creyo, ò JESU crucificado, que vós ſois o principio, e fim de noſſa fé; começaſte-la no Prezepio, e conſummaſte-la na Cruz. No Prezepio eſcondido como luz debaixo do meyo alqueire; na Cruz manifeſto como luz no tocheiro, ſe bem no Prezepio luz aceza, e apagada na Cruz. Os que vos puzeraõ na Cruz, queriaõ para prova de que ereis Filho de Deos, que deſceſſeis da Cruz: *Si filius Dei eſt, deſcendat de Cruce, & credimus ei*; eu, depois que vos vi ſubir à Cruz, creyo que ſois verdadeiramente Filho de Deos.

Nem taõ pouco he já neceſſario, que o Sol eſconda ſua luz, e o Mundo todo ſe cubra de eſcuridade; por-

porque ſe bem os reſplandores de Bellem ſe converteraõ em trevas no Calvario, vós, que foſtes Sol no Oriente, déſtes no Occidente mayores reſplandores, porque como diz o voſſo Apoſtolo, a noite da Gentilidade paſſou, e chegou à luz da fé: *Nox præceſſit, dies autem appropinquavit.* Nem taõ pouco para vos confeſſar he neceſſario, que a terra trema, as pedras ſe quebrem, e os mortos reſuſcitem, porque para noſſas vontades ſe moverem, e noſſos corações ſe quebrarem, baſta huma gotta dos rios de ſangue, que correm por voſſas veas, aſſim como baſta o ſangue do Cordeiro para quebrar a dureza do diamante; porque vós ſois o Cordeiro como morto na Cruz, que S. Joaõ vio: *Agnum tanquam occiſum.* Fazey vós, ò Crucificado JESU, que eſta fé ſeja ſempre a nós viva, porque ſe a fé ſem graça, he fé morta, para que ſeja viva fazey, que ſeja viva em nós ſempre voſſa graça. Amen.

CAPITULO II.

Da ſegunda flor da Arvore da vida, que he a Eſperança.

HE certo, que naõ houve em Chriſto acto de Eſperança àcerca da Bemaventurança, porque ſempre foy Bemaventurado, e S. Paulo diz, que a eſperança, que ſe vê, naõ he eſperança: *Spes, quæ videtur, non eſt ſpes*; teve com tudo eſperança àcerca da gloria de ſeu corpo, porque eſta mereceu Chriſto com ſua Morte, e Paixaõ, como expreſſamente diz o Apoſtolo: *Videmus JESUM propter paſſionem mortis gloriâ, & honore coronatum*, e neſte ſentido, em que concedem os Theologos acto de eſperança em Chriſto, Hebr. 2.

ſto, ſe ha de conceder o habito, porque como enſina a Theologia, todo o acto ſobrenatural procede de alguma potencia, ou habito infuſo; porém naõ he eſta eſperança a flor, que devemos colher da Arvore da vida, ſenaõ a que Saõ Paulo em muitas partes de ſuas Epiſtolas nos enſina, que he o meſmo JESU crucificado. Primeiramente a eſperança dos Patriarcas, o Meſſias eſperado que outra couſa era, ſe naõ JESU Chriſto? No ſentido, em que Jacob chamou deſejo ao Meſſias deſejado: *Deſiderium collium æternorum*, ſe ha de chamar eſperança ao Eſperado; era JESUS o deſejo de todas as gentes: *Deſiderium*, porque era o deſejado de todas; era a Eſperança dos Patriarcas, porque era o eſperado de todos. Neſte eſtylo fallou Saõ Paulo aos Judeos, que ſe achavaõ em Roma no tempo, em que elle eſtava prezo: *Propter ſpem Iſrael catenâ, hac circundatus ſum*, por amor da eſperança de Iſrael eſtou prezo com eſta cadea, entendendo por eſperança a JESU Chriſto, como diz Cornelio, e claramente a Timotheo: *Chriſti JESU, ſpei noſtræ.* E ſe Chriſto foy a eſperança dos Patriarcas antigos, com mayor razaõ ſe ha de chamar noſſa Eſperança; principalmente na Cruz, porque por virtude de ſua Cruz nos mereceu naõ ſó a graça, mas tambem a gloria; e por eſta meſma razaõ a Igreja chama à Santiſſima Virgem, Eſperança noſſa: *Spes noſtra*, porque por ſeu meyo eſperamos alcançar a ſalvaçaõ. Neſta Eſperança pois JESU crucificado devemos collocar todas noſſas eſperanças, e eſta he a flor, que deſta Arvore da vida devemos colher.

Thom. 22. Q. 23. art. 2.

Act. 28.

Gloriamur in ſpe filiorum Dei, diz Saõ Paulo, quer dizer, gloriamonos na eſperança de filhos de Deos, que ſomos pela graça, e havemos de ſer pela gloria; e eſta eſperança naõ nos cauſa confuſaõ: *Spes non confundit,*

Rom. 5.

fundit, porque he esperança fundada na caridade de Deos, que o Espirito Santo derramou em nossos corações: *Quia charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis.* Deste discurso de S.Paulo se colhe, que sendo nossa esperança fundada na graça, e caridade do Espirito Santo, em quanto em nossas almas durar esta graça, ha de durar em nós esta esperança. E para que nos persuadamos, que toda está fundada em JESU crucificado, accrescenta o Apostolo: *Ut quid enim Christus pro nobis mortuus est*, para que outro fim morreu Christo em huma Cruz, se naõ para nos merecer esta graça, e esta esperança.

Segue-se logo a conclusaõ do Apostolo, que a esperança naõ confunde: *Spes non confundit*, isto he, quam infallivel he nossa esperança, estando fundada na graça, que Christo nos mereceu com sua Cruz: *Spes non confundit*, diz S. Bernardo, *quia infundit certitudinem, per hanc enim Spiritus Sanctus testimonium perhibet spiritui nostro, quod sumus filii Dei*; quer dizer, esta esperança naõ confunde, porque infunde huma certeza, pela qual o Espirito Santo testifica a nossas almas, que somos filhos de Deos. *Serm.23. in Cant.*

Naõ he assim a esperança do Mundo, que se funda nas honras, nas riquezas, e favor dos homens, e naõ em JESU Christo: *Odisti observantes vanitates, ego autem in Domino speravi*, diz David, vós Senhor aborreceis, os que observaõ as vaidades, porém eu em Deos tenho posto a minha esperança; sobre o qual discorre Santo Agostinho: *Speras in pecunia, observas vanitatem*, puzeste a tua esperança no dinheiro, vãa foy tua esperança: *Speras in aliqua dignitate*, poens tua esperança em alguma dignidade, vãa he tua esperança; porque só a esperança que se poem *Psal 30.*

em

em Chriſto crucificado, he a que naõ confunde: *Spes non confundit.*

A eſperança, que naõ confunde, chama o meſmo Apoſtolo Bemaventurada eſperança: *Expectantes beatam ſpem*, porque ainda que a Bemaventurança conſiſte na poſſe do meſmo Deos, a firme eſperança conſtitue hum eſtado como bemaventurado neſta vida. A gloria, que podem ter as Almas no Purgatorio, he a eſperança certa de a poſſuirem; os Santos Padres no Limbo naõ eraõ ainda Bemaventurados, mas com a eſperança certa de a poſſuirem, viviaõ huma vida bemaventurada. O meſmo ſe póde dizer de Enoch, e Elias, que ainda vivem no Paraiſo terreal, e dos mais Santos, e amigos de Deos, a quem Deos revelou a certeza de ſua ſalvaçaõ, naõ ſaõ ainda Bemaventurados, mas a eſperança certa de o ſerem, conſtitue huma vida quaſi bemaventurada, como diz o Apoſtolo: *Beatam ſpem.* *Tit. 2.*

E para que ſaibamos, que toda eſta eſperança eſtá fundada na Cruz, e Morte de Chriſto, accreſcenta o Apoſtolo: *Expectantes beatam ſpem, & adventum gloriæ magni Dei, & Salvatoris JESU Chriſti, qui dedit ſemetipſum pro nobis, ut nos redimeret*; quer dizer, chamo bemaventurada eſta eſperança, porque he da gloria, que Chriſto nos mereceu por meyo de ſua Cruz; para que entendamos, que aſſim como na Cruz eſteve noſſa redempçaõ, aſſim na Cruz eſtá noſſa eſperança.

O' eſperança bemaventurada, eſperança precioſiſſima, eſperança amabiliſſima; eu te guardarey, como Job, dentro de meu coraçaõ: *Repoſita eſt hæc ſpes mea in ſinu meo.* Vós, ò JESU Crucificado, ſois a eſperança dos peccadores neſſa Cruz, porque he juſto, que tenhaõ a eſperança onde tiveraõ o remedio; antes de vós deſceres do Ceo, e ſubires a eſſa Cruz, que eſ- *Job 19.*

perança

perança podiaõ ter os peccadores de poder ſubir ao Ceo? *Altiſſimum poſuiſti refugium tnum*, eſtá muy remontado da terra o Ceo, para lá poder ſubir, porém depois que vós de lá deſceſtes, e ſubiſtes a eſſa Cruz, facilitaſtes de tal ſorte o caminho, que todos podemos ter eſperança de lá ſubir. Huma taboa no naufragio he a eſperança do naufragante, porque em quanto nella ſe pega, tem eſperança de ſe ſalvar; todo o genero humano havia naufragado, e todo ſe perdera, ſe vós naõ lhe lançaſſes a taboa, ou lenho de voſſa Cruz, em que todos, os que a ella ſe arrimaõ, ſe ſalvaõ; porque naõ confeſſarey que nella eſtá noſſa ſalvaçaõ, ſó porque nella eſtiveſtes crucificado, que ſois a noſſa eſperança, e todo o noſſo bem: *In te Domine ſperavi, non confundar in æternum.*

CAPITULO III.

Da terceira flor da Arvore da vida, que he a Caridade.

ENtre todas as virtudes Theologaes a Caridade he a mais excellente; he certiſſimo houve ſempre em Chriſto eſte habito, porque ſempre nelle houve a graça, cuja neceſſaria propriedade he a caridade. Houve aſſim meſmo em Chriſto ſempre fervoroziſſimo acto de Caridade, o qual foy em Chriſto mais intenſo, e mais fervorozo, que todos quantos actos de amor tiveraõ Anjos, e Santos, porque teve Chriſto o habito de Caridade mais intenſo, e mais fervorozo, que todos, e ſe ſuppoem que ſempre Chriſto o teve, ſegundo toda ſua intenſaõ.

E ſe por eſte amor, com que Chriſto amou na

vida, se ha de medir o amor, com que nos amou na morte, havemos de dizer, que foy seu amor naõ conforme as razões de amar, que em nós houvesse, senaõ conforme sua intensa, e fervorosa caridade; naõ segundo a nossa, se naõ segundo a sua bondade; assim diz S. Paulo, escrevendo aos Romanos: *Commendat autem charitatem suam Deus in nobis, quoniam, cùm adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est*; quer dizer, nisto se prova, qual seja a caridade de Deos para com os homens, que sendo nós peccadores, deu Christo a vida por nós; para mostrar, que naõ nos amava por razões de bondade, que em nós houvesse, se naõ por sua infinita bondade, e intentissima caridade.

Rom.5.

Esta he huma grande prova do amor de Christo para com os homens, amar conforme o habito de sua caridade; e a razaõ he, porque o amor, que procede da caridade, e naõ das razões de amar, he amor, que sempre dura, e naõ póde faltar; com esta mesma razaõ provou Deos o fino de seu amor para com o seu povo. Estava este cattivo em Babilonia, e já desconfiado de que Deos o naõ amava, pois o deixava tanto tempo cattivo entre Gentios; nesta desconfiança lhe mandou por Jeremias as novas de sua liberdade, dizendo, que o amor, com que huma vez amára a seu povo, era amor perpetuo, que naõ podia faltar: *Charitate perpetuâ dilexi te.* Quantas razões houve em Deos para desistir do amor, com que amou o seu povo, antes quantas houve para o aborrecer: com tudo castigou-o muitas vezes, mas sempre o amou, porque o amor, com que huma vez o amou, era amor perpetuo, que naõ podia acabar: *Charitate perpetuâ dilexi te.*

Jerem.31.

Quem ha de crer, que mayor he o amor, com que Deos ama o Predestinado em peccado, que o Precito em

em graça? Pois paſſa aſſim, como dizem os Theologos, porque o amor, com que Deos amou o Predeſtinado, eſcolhendo-o para o mayor bem, que lhe podia dar, que he a gloria, he amor perpetuo, que nunca ſe perdeu, he amor, que chamaõ os Theologos amor de ordem: *Amor ordinis*; e o amor, com que ama o Precito em graça ſó dura, em quanto nelle dura a graça, naõ he amor perpetuo, naõ he amor de ordem, he amor de complacencia. Alguma couſa diſto parece que diz S. Joaõ, quando diſſe, que havendo Chriſto amado os ſeus, os amara até o fim: *Cùm dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos*, porque menos encarecido ſeria o amor de Chriſto, ſe naõ foſſe tambem amor perpetuo. E a razaõ de tudo he, porque o amor de Chriſto procedia mais do habito de caridade, que ardia em ſeu coraçaõ, do que de razões de amarnos, que em nós houveſſe. *Joan. 13.*

Eſcuzado he moſtrar o fino deſte amor, ſendo Divino. Do noſſo aſſumpto ſó he moſtrar, que na Cruz ſe conheceraõ melhor ſeus quilates. Todas as acções, e demonſtrações de amor ſe encerraõ em duas, a ſaber, fazer, e padecer: *Agere, & pati*; iſto, que no ſer natural dizem os Filoſofos, ſe ha de entender tambem no moral, e racional; aſſentado eſte principio, digo, que na Cruz nos deu Chriſto as mayores demonſtrações de ſeu amor, porque na Cruz obrou, e padeceu mais, que em todos os mais paſſos de ſua vida.

Entre as horas, que Chriſto eſteve na Cruz, que foy o tempo que duraraõ as trevas, naõ fez Chriſto outra couſa mais, que padecer, chorar, e orar; e que obrou com iſſo? Satisfez à juſtiça Divina, reprimio a ira de Deos juſtamente offendida, triunfou da morte, e do Demonio, abrio as portas fechadas do Ceo; deu com ſeu Sangue virtude aos Sacramentos; mereceu-

nos a graça, e mais a gloria, naõ ſó aos homens, mas tambem em boa opiniaõ aos Anjos; e o que mais he, ainda a graça daquella Senhora, que na graça excedeo a todos os Santos, e Anjos; finalmente na Cruz concluio o negocio de noſſa redempçaõ, que foy o fim de ſua encarnaçaõ; e ſendo por noſſo amor tudo, onde melhor ſe moſtrou, do que na Cruz, onde tudo obrou.

Ainda entre os homens as obras ſaõ as melhores demonſtrações de amor. Por onde encarece a Eſcritura tanto o amor de Jacob para com Raquel, ſe naõ pelo que trabalhou pela merecer, ſervindo quatorze annos a ſeu Pay por chuvas, e por calmas? O amor de Sychem para com Dina, com que ſe prova, ſe naõ pelo exceſſo, que fez por ella? O amor de Jonathas para com David, pelo que trabalhou, e fez pelo livrar das maõs de Saul.

E ſe quizermos paſſar do amor humano ao amor Divino, pelas obras ſe conhecerá. Quiz Deos provar
Gen. 22. o amor de Abraham: *Tentavit Dominus Abraham*; que experiencia fez? Mandou-lhe, que lhe offereceſſe ſeu filho em ſacrificio, obedeceu Abraham, e logo Deos conheceu o exceſſo de ſeu amor: *Quia feciſti rem hanc.* Até Chriſto Senhor noſſo com eſtar certo do a-
Joan. 21. mor de Pedro: *Tu ſcis quia amo te*, para o ſegurar encarregou-lhe o cuidado de ſuas ovelhas. Em fim já anda como em proverbio a ſentença de S. Joaõ Chryſoſtomo: *Probatio dilectionis eſt exhibitio operis.*

O padecer ainda he mayor demonſtraçaõ do amor. Naõ he neceſſario relatar, o que Chriſto na Cruz padeceu por noſſo amor, porque baſta crer, que padeceu, e morreu na Cruz; mas para fazermos conceito de qual foy, podemos diſcorrer aſſim: para Chriſto nos remir, e ſatisfazer a Deos, baſtava o encarnar, naſcer de huma Virgem, e chorar como infante; e ſe a ſalva-

çaõ

çaõ dos homens eſtava, em que elle padeceſſe, baſtava o frio, e deſamparo do Prezepio, naõ era neceſſario o frio, e deſamparo da Cruz; e ſe com tudo Deos havia poſto a vida de noſſas Almas na morte corporal de Chriſto, naõ baſtava a morte natural, ſe naõ que de neceſſidade havia de ſer violenta? Já que por força do Divino decreto havia de ſer violenta a morte de Chriſto, naõ baſtava ſer como a do Bautiſta ao fio da eſpada, ſe naõ a mais cruel, e afrontoza da Cruz? Que outra póde ſer a razaõ, ſenaõ porque deſſa ſorte moſtrou melhor o exceſſo do ſeu amor; porque como o padecer ſeja a melhor demonſtraçaõ do amor, pelo exceſſo do padecer ſe conhece o exceſſo do ſeu amor.

Para lavar as manchas de noſſos peccados baſtava huma ſó lagryma do Prezepio, ou aquella gotta de ſangue, derramada na Circumciſaõ; mas ſeu amor naõ ſe contentou com menos, que com derramar quatro ſortes de humores, a ſaber, o ſuor do Horto, as lagrymas da Cruz; o Sangue das veas, e a agua do lado, e tudo em tanta abundancia, que o ſuor cahio em terra, as lagrymas até eſpirar, o ſangue até naõ ficar gotta, e a agua, que derramou do lado naõ foy taõ pouca, que a naõ dicerniſſe o Euangeliſta do ſangue: *Exivit ſanguis, & aqua.* E o que mais deve mover noſſos corações, he o que contemplaõ alguns Santos, que ſe para noſſo remedio foſſe neceſſario padecer Chriſto outro tanto, aſſim como duraraõ tres horas na Cruz ſeus tormentos, eſtaria tres annos, e mais ainda, por noſſo amor, ſe niſſo eſtiveſſe o noſſo remedio. Eſte foy o amor de Chriſto na Cruz: qual deve ſer o noſſo? Ouçamos a S. Paulo.

Charitas Chriſti urget nos, quoniam ſi unus pro omnibus mortuus eſt, ergo omnes mortui ſunt; foy o meſmo que dizer, como commenta Cornelio A- 2. Cor. 5.

lapide, he tal a caridade, ou amor de Chriſto na Cruz, que eſta conſideraçaõ nos conſtrange, e obriga ao amarmos a elle, e por ſeu amor ao proximo: *Charitas urget, ut Chriſtum redamemus, ejusque amore proximi ſalutem modis omnibus incumbamus*, de ſorte que para amarmos a Chriſto naõ nos poem por motivo, o que fez, e padeceu na Cruz, ſenaõ o amor, com que o obrou, e padeceu: *Charitas Chriſti urget nos.* Bem provado fica o amor de Chriſto para com os homens, pelo que obrou, e padeceu na Cruz, porém para excitar noſſo amor mais poderoza he a caridade de ſeu coraçaõ, que os trabalhos de ſua Cruz, e eſta he a que nos obriga, e faz apertada força: *Urget nos.*

Cant. 5. Eis-aqui como o Eſpirito Santo, que he Amor, o provou no livro dos Cantares, que todo he doutrina de amor. Sahio a Eſpoza Santa em buſca de ſeu Divino Eſpozo pelas ruas, e praças da Cidade, encontraraõ-a os Soldados da guarda, roubaraõ-a, eſpancaraõ-a, e feriraõ-a de ſorte, que a deixaraõ meya morta: *Vulneraverunt me, tulerunt pallium meum, percuſſerunt me*, e aſſim ferida, e aſſim deſmayada mandou hum recado a ſeu Eſpozo, dizendo o como eſtava morrendo de amor: *Si inveneritis dilectum meum, dicite illi, quia amore langueo*; naõ diz, dizei-lhe o eſtado, em que fico, ferida, eſpancada, e roubada, ſenaõ ſómente, que amava: *Amore langueo*; porque como taõ pratica nos primores de amor, ſabia muito bem, que para conciliar o amor de ſeu Divino Eſpozo mais forçoza era a razaõ de amar, que a razaõ de padecer; grande prova do amor de Chriſto he a fé, do que padeceu por noſſo amor na Cruz, porém a lembrança do amor, com que padeceu, naõ ſó he prova, ſenaõ força, ou violencia, que nos faz, a que o amemos: *Charitas Chriſti urget nos.*

Theo-

Theologos ha, que tem para ſi, que o preceito, que Deos poz a Chriſto de morrer na Cruz pelo genero humano, naõ foy em rigor preceito poſitivo, ſenaõ huma revelaçaõ, de que para o remedio do genero humano naõ havia outro meyo, ſenaõ ſua morte de Cruz, e que entaõ Chriſto por ſeu amor infinito ſe offereceu, e aceitou a morte de Cruz, e eſta opiniaõ acha provavel o Padre Soares, e a razaõ he, porque ſendo aſſim, foy acto de infinita caridade, que he o mais perfeito de todos, aſſim como a caridade he a mais excellente de todas as virtudes, e ſe iſto he certo, aſſim como he provavel, bem ſe deixa ver, que tudo foy obra de amor, quanto na Cruz ſe obrou.

Nós porém huma, e outra couſa devemos conſiderar neſte paſſo de Chriſto na Cruz; o que nella padeceu, e mais o amor, com que padeceu, porque ſe a conſideraçaõ de ſua Paixaõ naõ for baſtante para mover noſſos corações, diz S. Paulo, que a conſideraçaõ de ſeu amor nos obriga: *Urget nos. Traham eos ad me in funiculis Adam, in vinculis charitatis*, diſſe Deos por Ozeas, fallando de ſeu povo rebelde, quer dizer: Trallo-hey a mim com os cordeis de Adam, com as prizões da Caridade. No ſentido allegorico os cordeis de Adam ſaõ a encarnaçaõ, e Paixaõ, diz S. Bernardo: *Incarnatio, & paſſio*; as prizões da caridade ſaõ os motivos de amar; e applicando a noſſo aſſumpto: os cordeis de Adam, ſaõ quanto Chriſto padeceu na Cruz: *Paſſio Chriſti*, as prizões de amor ſaõ as da Caridade, com que padeceu; e quando os cordeis de Adam, ou lembrança do que Chriſto padeceu na Cruz, naõ nos apertem tanto para ſolicitar noſſo amor, as prizões da caridade, ou a lembrança de ſeu amor ſeraõ baſtantes naõ ſó para nos trazer, ſenaõ para nos arraſtar, como diz S. Paulo: *Urget nos.* Ozeas 11.

Trazei-me vós, ò JESU crucificado, a vós: *Trahe me post te*, ou seja arrastado com os cordeis de Adam, que saõ a lembrança, do que nessa Cruz padecestes por mim, ou seja com as prizões da caridade, que saõ a lembrança do amor, com que tudo padecestes: *Longos fac funiculos tuos*, estendey bem esses cordeis por todo o Mundo universo, para que todos conheçaõ, e para que todos vos amem. E quando os cordeis naõ bastem, para que eu vos ame: *Confige timore tuo carnes meas*, fazey com os cravos de vossa Cruz, o que naõ fizerem os cordeis. Bemaventurada a Alma daquelle, que confiadamente póde dizer: *Christo confixus sum Cruci*, eu estou juntamente com Christo pregado na Cruz, Christo de huma banda, e eu da outra. Pregai-vos com o prégo de vosso temor minhas maõs nessa Cruz, para que naõ obre cousa fóra della, que he o santo temor de quebrar vossos Mandamentos: *A mandatis tuis timeo.* Pregay meus pés com os vossos nessa Cruz, para que prezos como os de Job no grilhaõ: *Posuisti in nervo pedem meum*, naõ possa dar passo, que naõ seja em seguimento dos vossos; porque he certo, o que nos disse o vosso Apostolo: *Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

Isai. 54.

Job 10.

CAPITULO IV.

Da quarta flor da Arvore da vida, que he a Religiaõ.

A Virtude da Religiaõ posto que naõ seja virtude Theologal, he com tudo semelhante; porque assim como as tres virtudes Fé, Esperança, e Caridade, por

por isso se chamaõ Theologaes, porque immediatamente respeitaõ a Deos, como a proprio objecto; assim a virtude da Religiaõ respeita a Deos, como a Senhor Soberano por razaõ de sua excellencia, naõ immediatamente como as tres, se naõ por meyo da adoraçaõ, sacrificio, ou outro qualquer acto, em que reconhecemos seu Divino ser. Donde colhem os Theologos, que todos os actos das virtudes, que se fazem com intuito de honrar, e venerar a Deos, se podem chamar actos de Religiaõ; e por isso chamamos Religiozos aos que debaixo de algum Instituto se occupaõ em obras santas, com que servem a Deos, e ao proximo por amor de Deos, e estes commummente levaõ o nome de Religiozos.

Porém he necessario saber, que naõ saõ, os que vivem em clausura, só os que saõ, e devem ser Religiozos, senaõ todo o Fiel Christaõ, que professa a Religiaõ Catholica; porque só os que vivem religiosa, e santamente merecem o nome de Religiozos. Neste sentido chama a Escritura Varaõ religiozo a Cornelio Centuriaõ: *Vir religiosus*, porque suas obras eraõ santas, e em honra de Deos; porque assim como he engano cuidar, que só os que vivem nos claustros estaõ obrigados a procurar a perfeiçaõ, que consiste na caridade, e amor de Deos, assim he engano cuidar, que só os claustraes se devem chamar Religiozos; Religiozo he todo aquelle, que vive Christã, e religiosamente.

He certo, que em Christo Senhor nosso houve esta virtude da Religiaõ em summo grao, porque toda a sua vida exercitou seus actos. Além disto Christo foy verdadeiro, e Summo Sacerdote, cujo officio he orar, adorar, e sacrificar, que saõ os actos principaes da Religiaõ; e naõ se póde duvidar, que na Cruz principal-

mente

mente exercitou eſtes actos, porque na Cruz principalmente foy juntamente Sacerdote, e ſacrificio, como
Heb.9. diz S. Paulo: *Chriſtus obtulit ſeipſum Deo ſacrificium pro humano genere*; o qual eſtá definido no Concilio Tridentino. Eſta flor pois de Religiaõ devemos colher da Arvore da vida JESU crucificado.

Dous ſaõ os actos principaes deſta virtude, ſacrificio, e adoraçaõ; da adoraçaõ fallaremos depois, agora do ſacrificio. Sacrificio he hum acto excellentiſſimo de religiaõ, pelo qual reverenciamos, e adoramos a Deos por ſua gloria infinita, e ſoberano ſer, o qual na ley antiga ſe fazia por meyo da vida, e ſangue de animaes, que ſe offereciaõ a Deos, e na Ley da graça he a Miſſa verdadeiro ſacrificio, e excellentiſſimo, no qual ſe offerece a Deos naõ a vida, e ſangue de cordeiros, ſenaõ de JESU Chriſto noſſo Senhor, que val mais, que Anjos, e homens; o qual naõ he outro, que aquelle meſmo, que Chriſto offereceu ná Cruz, *cruentum*, e na Miſſa incruento. E pelo ſacrificio da Cruz poderemos entender, qual deve ſer o da Miſſa.

Primeiramente o Sacerdote foy Chriſto crucificado. Tal deve ſer o Sacerdote, que diz a Miſſa, porque real, e verdadeiramente repreſenta a Peſſoa de Chriſto, e por iſſo quando conſagra, naõ diz eſte he o Corpo, eſte he o Sangue de Chriſto, ſe naõ eſte he meu Corpo, eſte he meu Sangue. Chriſto foy Sacerdote em quanto homem, porque ſó em quanto homem era ſogeito a Deos, mas homem unido a Deos, o Sacerdote he homem, mas deve ſer homem unido com Deos. O character, ou fórma, que conſtitue a Chriſto Sacerdote, foy a graça da uniaõ, porque ſó em virtude deſta graça podia Chriſto inſtituir o Sacrificio da Miſſa. Da meſma ſorte a fórma, que conſtitue Sacerdote, he o character Sacerdotal, o qual como ſeja ſobrenatural,

he

he da Ordem Divina, como saõ os entes sobrenaturaes; pois assim como a fórma, ou caracter, que constitue a Christo Sacerdote, o constitue Deos verdadeiro, assim o character, que constitue o Sacerdote por ser da Ordem Divina, o constitue em hum estado de homem Divino, como ponderou S. Boaventura: *Totus divinus effectus.*

No sacrificio cruento da Cruz Christo foy victima, e mais Sacerdote, offerecendo-se a si mesmo à morte por maõ dos homens. Esta consideraçaõ deve fazer o Sacerdote no incruento Sacrificio da Missa, que a victima, que offerece, he o Filho de Deos; e que o Sangue, que consagra separado do corpo, he o mesmo Sangue, que na Cruz separaraõ os Judeos do Corpo de JESU Christo, para que entenda com que fé, com que pureza, com que temor, e reverencia deve celebrar o Sacrificio, que naõ he outro, senaõ o mesmo, que Christo celebrou na Cruz.

O altar, em que se offereceu o Sacrificio cruento, foy a Cruz: o mesmo ha de ser no incruento da Missa, ha de ter diante dos olhos da Alma a Christo crucificado, como exemplar, e diante dos olhos do corpo a Cruz, que por isso se naõ póde dizer Missa em altar, onde naõ estiver a Cruz. Ha de fazer conta lhe diz Deos, o que antigamente a Moysés, quando lhe mandou fazer o tabernaculo: *Fac secundùm exemplar, quod tibi in monte monstratum est*; faze segundo o exemplar, que no monte Calvario te foy mostrado; e entaõ será o Sacrificio incruento da Missa a Deos agradavel, e a nós de proveito, quando for conforme ao cruento da Cruz; por esta causa faz no discurso da Missa o Sacerdote o final da Cruz tantas vezes, para naõ tirar o pensamento do mysterio, que representa. *Exod. 25.*

Isto tudo he quanto ao Sacerdote, que faz o Sacrificio

crificio da Miſſa; para os que aſſiſtem a ella he muito neceſſaria eſta flor, ou eſta virtude da Religiaõ. Façamos conta, que he huma flor de cinco folhas, que ſaõ os actos proprios deſta virtude, a ſaber: Sacrificio, adoraçaõ, oraçaõ, devaçaõ, e acçaõ de graças; tudo deve fazer o que ouve Miſſa, como Religiozo, ou bom Chriſtaõ. A primeira folha, que he o Sacrificio, ha de acompanhar o Sacerdote com attençaõ a todas as ceremonias da Miſſa, para o qual ha varias inſtrucçõẽs; ao levantar da Hoſtia ha de offerecer a Deos ſeu Santiſſimo Filho, que he a principal parte da Miſſa; entendendo que eſſe Sacrificio da Miſſa he a obra mais primoroſa de Deos, em que encerrou quanta grandeza, e ſantidade ſe contém em todos os myſterios de noſſa Religiaõ.

A ſegunda folha he adoraçaõ, a qual tomada geralmente he huma declaraçaõ da ſumiſſaõ a outrem, como a Superior por razaõ de ſua excellencia. Contém dous actos, hum interior da vontade, com que me humilho, outro exterior, que he algum ſinal, como ajoelhar, ou bater nos peitos. Divide-ſe em tres eſpecies: Latria, Dulia, e Hyperdulia; a adoraçaõ de Latria he, a com que ſe adora a Deos, e a Cruz de Chriſto, por razaõ da Peſſoa de Chriſto, que repreſenta. A adoraçaõ de Hyperdulia he, a com que adoramos à Mãy de Deos por ſua ſingular ſantidade, e dignidade infinita. A de Dulia he, a com que adoramos os Santos em ſuas imagens, como amigos de Deos; de ſorte, que para ter o nome de adoraçaõ ha de levar ſempre reſpeito a Deos, porque de outro modo naõ ſe chama adorar, ſe naõ honrar.

A adoraçaõ na Miſſa he de Latria, que he a propria de Deos, porque o ſogeito, e objecto da Miſſa he JESU Chriſto. Ha-ſe de fazer, todas as vezes que o Sacerdote

cerdote expoem o Sacramento para ſer adorado ; e ha de ſer a adoraçaõ com os dous actos , que diſſemos , interior , e exterior , porque o bater nos peitos ſem o interior reconhecimento da excellencia da peſſoa, a quem veneramos , naõ he adorar , he bater nos peitos. Hemos de adorar na terra da ſorte que os Bemaventurados adoraõ a Deos no Ceo, ou como o adoraraõ os tres Reys no Prezepio , com ambos os joelhos em terra : *Et procidentes adoraverunt eum.*

A terceira folha he oraçaõ ; deve ſer eſta mental , conſiderando os myſterios da Paixaõ , principalmente os da Cruz , porque naõ he outra couſa a Miſſa , que huma repreſentaçaõ , ou memoria da vida , e Paixaõ de noſſo Redemptor ; o que naõ tira , que ſe poſſa no meſmo tempo rezar o Roſario , ou outras preces , diſcorrendo pelos ditos myſterios da Paixaõ. Poderſe-haõ fazer actos de Fé , Eſperança , e Caridade , e encomendar a Deos as neceſſidades publicas , e particulares , porque neſte acto da Miſſa , em que offerecemos a Deos ſeu Unigenito Filho , ſuppomos a Deos mais propicio para com os homens.

A quarta folha he devoçaõ , que naõ he outra couſa , ſe naõ huma vontade prompta para tudo aquillo , que pertence ao Divino obſequio ; e como a Deos ſe naõ póde fazer obſequio mayor , nem mais agradavel , que o Sacrificio da Miſſa , ſegue-ſe , que em nenhuma occaſiaõ he mais neceſſaria a devaçaõ , que para dizer , ou ouvir Miſſa : aſſim como a virtude da Religiaõ he filha das tres virtudes Fé , Eſperança , e Caridade , porque de todas traz ſeu nacimento , aſſim a devaçaõ tem com todas ſeu parenteſco muito grande , por ſer filha primogenita da Religiaõ.

Na devaçaõ , com que aſſiſtimos à Miſſa , moſtraremos noſſa religiaõ , noſſa fé , noſſa eſperança , noſſa cari-

caridade, porque de todas he manifeſto o argumento. Da devaçaõ, com que o Centuriaõ proſtrado aos pés de Chriſto repetio aquellas palavras: *Domine, non ſum dignus*, fez Chriſto de ſua fé tal conceito, que o antepoz a todos os Fieis, ſendo Gentio: *Non inveni tantam fidem in Iſrael.* Da devaçaõ, com que a mulher Cananea ſe reputou como huma cachorrinha aos pés de Chriſto pedindo ſaude para huma filha, tirou Chriſto a grandeza de ſua fé: *O' mulier, magna eſt fides tua*; pois quanto mayor argumento ſerá no Chriſtaõ, ſe nos actos de Religiaõ ſe houver com devaçaõ, que requere noſſa fé? Eſta devaçaõ ſe moſtra na modeſtia, e no ſilencio, com que ſe aſſiſte à Miſſa, os olhos no altar, o coraçaõ em Deos.

A quinta folha he acçaõ de graças. Em todas as couſas, diz S. Paulo, que devemos dar graças a Deos: *In omnibus gratias agite*; no beneficio da Miſſa com eſpecial razaõ, porque nella ſe renova a memoria dos mayores beneficios, que temos recebido de Deos, como ſaõ a redempçaõ, juſtificaçaõ, e glorificaçaõ, o que tudo nos mereceu Chriſto com ſua Cruz. Deve o Sacerdote dar graças, acabada a Miſſa, e nella o que a ouve; o Sacerdote, pelo que recebe, e mais pelo que fez: pelo ſacrificio, que fez, e pelo Sacramento, que recebeu. Chegar a celebrar, e conſagrar o Corpo, e Sangue de Chriſto he hum beneficio incomparavel: recebello he outro beneficio igual; ſaõ dous beneficios, que encerraõ em ſi muitos; e ſe por todos os beneficios nos manda Saõ Paulo dar graças: *In omnibus gratias agite*, que razaõ póde haver, para que o Sacerdote, acabada a Miſſa, ſaya logo a outros negocios, ſem dar a Deos as graças por dous taõ aſſinalados beneficios?

Deve aſſim meſmo o que ouve Miſſa dar graças a Deos, louvando ſua Divina bondade; porque as palavras

vras da Miſſa todas ſaõ a eſte fim de louvar a Deos pelo ineffavel beneficio da redempçaõ; e como o que ouve Miſſa tambem tem parte nella, para ſe conformar com o que celebra, deve como elle louvar a Deos de todo o coraçaõ, dando-lhe graças por todos os beneficios, que no Myſterio da Cruz ſe obraraõ, cuja memoria he a Miſſa. E ſe acaſo na Miſſa chegou a commungar, tem a meſma obrigaçaõ, que o Sacerdote, e naõ caminhar logo para fóra, como Judas. O que diſſemos da Miſſa ſe entende dos mais Sacramentos, porque tudo ſaõ actos de Religiaõ, e demonſtrações de noſſa fé.

Fazey vós, ò JESU crucificado, que todos na frequencia de voſſos Sacramentos, e mais actos de Religiaõ moſtremos, que ſomos voſſos, que ſomos Chriſtaõs; que vos confeſſamos, que vos amamos, e que ſois a noſſa eſperança. Naõ ſejamos, como Nicodemos, que por naõ parecer voſſo amigo, vos buſcava de noite às eſcondidas; ou como aquelles, de que falla Saõ Joaõ, que creraõ em vós, mas naõ ſe atreviaõ a confeſſar-vos por medo dos Judeos; nem taõ pouco ſejamos como Pedro, que por naõ ſer conhecido por diſcipulo voſſo, vos ſeguia muito de longe, e conhecido por tal, vos negou. Eu quero eſtar pregado a vós, e a voſſa Cruz com voſſa Máy, e Diſcipulo amado, e que todos me conheçaõ por diſcipulo de voſſa eſcola, porque naõ quero outra gloria fóra de voſſa Cruz, como voſſo Apoſtolo dizia: *Mihi autem abſit gloriari, niſi in Cruce Domini noſtri JESU Chriſti.*

CA-

CAPITULO V.

Da quinta flor da Arvore da vida, que he a Humildade.

A Virtude da Humildade prezadiſſima de JESU Chriſto, he das que mais floreceraõ na Arvore da vida. Toda a eſcola de Chriſto, diz Santo Agoſtinho, he huma officina de humildade: *Tota Chriſti ſchola humilitatis eſt officina.* Elle ſe propoz em vida por Meſtre: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde*; porém na Cruz por Meſtre, e por exemplar. Na Encarnaçaõ, como diz S. Paulo, ſe abateu, tomando a fórma de Servo: *Humiliavit ſemetipſum, formam ſervi accipiens.* Deſde o nacimento até a morte, deſde o Prezepio até a Cruz foy hum exercicio de humildade.

Matth. 11

Phil 2.

A humildade da Cruz he a que deve mover noſſos corações, e confundir noſſa ſoberba. Deſta meſma falla o Apoſtolo, quando diſſe, que eſta humildade o obrigou a obedecer até a morte de Cruz: *Humiliavit ſemetipſum factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis*; e para fazermos conceito, quam profunda foy, nos manda conſiderar, de quam alto grao deſceu: *Qui cùm in formâ Dei eſſet*, ſendo em tudo igual a Deos, *æqualem Deo.* O Eccleſiaſtico diz, que quanto mayor for hum, ſe deve mais humilhar: *Quantùm maior es, humilia te*; e ſe a humildade ſe ha de medir pela medida de ſua grandeza, ſendo a de Chriſto na Cruz medida pela fórma de Deos, que era, quam profunda foy ſua humildade?

Da humildade da Cruz entendem os Santos aquellas

las palavras, que Chriſto diſſe por bocca de David: *Ego ſum vermis, & non homo, opprobrium homi-num, & abjectio plebis*, eu ſou hum bichinho, e naõ homem, quer dizer, naõ ſou tratado como homem, ſenaõ como hum vil bichinho da terra, pizado aos pés, opprobrio dos homens, e o deſprezo do povo. Aſſim foy o Senhor tratado por todo o diſcurſo de ſua Paixaõ, e com mayor exceſſo na Cruz. Santo Thomás diz, que na palavra *non homo* quer dizer: *Non homo tantùm, quia Deus*; e neſte ſentido fica mais encarecida a humildade da Cruz. *Lorino in Pſ.21.*

Para eſta humildade da Cruz ſe diſpoz Chriſto com aquelle acto de tanta humildade do lavatorio dos pés, e como notou o Euangeliſta, conſiderando como o Eterno Padre puzera tudo nas ſuas maõs: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*, e ſe bem entaõ os Diſcipulos naõ conheceraõ o ſegredo daquella acçaõ: *Quod ego facio, tu neſcis modò*, alcançaraõ depois que foy diſporſe com aquella humildade para o deſprezo, e morte da Cruz: *Scies autem poſtea.* *Joan.13.*

He queſtaõ entre os Theologos, ſe he conveniente dar a Chriſto o nome de Servo de Deos, aſſim como he toda a creatura racional; e a razaõ de duvidar he, porque como Chriſto por razaõ da uniaõ hypoſtatica he verdadeiramente Filho de Deos, naõ concorda o nome de Filho com o nome de Servo, Doutores ha, como Vaſques, Lugo, e outros, que dizem, que naõ convém chamarſe Chriſto Servo de Deos. E ſe neſta opiniaõ o nome de Servo de Deos naõ convém ao Filho de Deos, que diremos do nome de Servo dos homens? Pois eſte, ſendo Filho de Deos, naõ ſómente tomou a fórma de Servo por amor dos homens, mas quiz ſer tratado como o mais vil eſcravo, vendido, açoutado, afrontado, blasfemado, e morto no mais vil, e infame *Vaſq.diſp. 18. Lugo d. 22.ſec.1.*

ſuplicio, que era a Cruz.

Conſideremos iſto os que neſta vida aſpiramos às dignidades, e honras do Mundo, e que para alcançar a graça dos homens, naõ reparamos perder a graça de Deos. Conſideremos, como o ponderou S.Gregorio: *Audi Dominum dicentem, diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde; ad hoc enim Vnigenitus Dei filius formam infirmitatis noſtræ ſuſcepit; ad hoc non ſolùm viſibilis, ſed etiam deſpectus apparuit; ad hoc contumeliarum ludibria, irriſionum opprobria, paſſionum tormenta toleravit*; quer dizer em ſumma, que para nos enſinar humildade, e confundir noſſa ſoberba, o que era Filho de Deos ſe fez homem, e padeceu tantos tormentos, opprobrios, e eſcarneos, até o ultimo de todos, que he a Cruz.

Mor. 34. c. 21.

Hypocrates, antigo Meſtre de medicina, deſejava convocar os medicos todos do Mundo, para ver ſe davaõ em algum remedio para curar o mal da ambiçaõ; facilmente achariaõ o remedio, ſe a junta dos medicos foſſe no monte Calvario, porque na Arvore da vida JESU crucificado achariaõ huma flor, que applicada ao coraçaõ, tem virtude de lançar delle fóra todo o amor de honra, e gloria mundana, que he a humildade, com que Chriſto ſe abraçou com ſua Cruz, amou o deſprezo, e medio pela fórma de Deos a humildade de homem; porque a doutrina, que por toda a ſua vida nos enſinou, que começou em Bellem, da cadeira do Prezepio paſſou para o Calvario na cadeira da Cruz; e aſſim como no Prezepio, aſſim na Cruz parece, que naõ ditta outra ſciencia, mais que eſta da ſanta humildade.

Pia, e devotamente Santo Agoſtinho: ſe me perguntares, qual he a couſa principal na Religiaõ, e doutrina de Chriſto, hey de reſponder, que a humildade:

Ep. 26.

Si

Si quæras quid primum ſit in religione, & doctrinâ Chriſti, reſpondebo: primum eſt humilitas; e todas as vezes, que me perguntares, hey de reſponder, que a humildade: *Hæc quoties interrogabis, toties dicam humilitas*; e dá a razaõ o Santo, porque a humildade he a principal ſciencia, que Chriſto nos enſinou na ſua eſcola; e como Chriſto paſſou a cadeira de Bellem para a cadeira do Calvario, naõ podiaõ os medicos de todo o Mundo, que Hypocrates deſejava convocar, achar remedio mais efficaz para curar o mal da ambiçaõ, que a humildade de Chriſto crucificado; porque como diſſe S. Leaõ Papa: *Tota Chriſtianæ diſciplinæ ſapientia in humilitate Chriſti, quam ab utero matris uſque ad ſupplicium Crucis elegit, & docuit.* *Ep. ad Dioſcorũ.*

Eſta foy, ò humilliſſimo JESU, a humildade, que nos enſinaſtes na voſſa Cruz. No Prezepio entre dous brutos animaes, na Cruz entre dous crucificados ladrões: no Prezepio naõ faltáraõ Anjos do Ceo, que cantaraõ voſſas glorias; Paſtores, e Reys, que vos adoraraõ; porém na Cruz naõ tiveſtes mais, que opprobrios, afrontas, e vituperios. Lucifer dizia: *Aſcendam in Cælum*, ſubirey ao Ceo, e vós deſceſtes do Ceo, para ſubir à Cruz; elle queria collocar ſeu throno ſobre as eſtrellas: *Super aſtra exaltabo ſolium meum*; o voſſo throno he a Cruz, onde foſtes exaltado; elle queria no throno ſer ſemelhante ao Altiſſimo: *Similis ero Altiſſimo*; e vós no throno da Cruz vos chamais o mais baixo homem do Mundo: *Noviſſimus virorum.* Iſto dizia o Eſpirito da ſoberba; o humilde, que ſegue o voſſo exemplo, diz David: *Aſcenſiones in corde ſuo diſpoſuit*, tambem diſpoem em ſeu coraçaõ muitas ſubidas, que ſaõ os actos de humildade, por onde ſe ſobe ao Ceo. O ſoberbo ambiciozo tam- *Iſai. 14.* *Pſalm. 3.*

bem dispoem em seu coraçaõ muitas subidas: *Ascensiones disposuit in corde suo*, porque collocado em huma dignidade, já medita subir a outra mais alta; porém assim como as descidas dos humildes saõ subidas para o Ceo, assim as subidas do ambiciozo saõ descidas para o Inferno, diz S. Jeronymo: *Infelix qui per varia scelera descensiones disposuit ad Infernum.* Confesso, ò JESU meu, que a falta de humildade me fez cahir: *Priusquam humiliarer, ego deliqui*; porém estando vós taõ humilhado, naõ desprezareis meu coraçaõ contrito, e humilhado: *Cor contritum, & humiliatum Deus non despicies.*

CAPITULO VI.

Da sexta flor da Arvore da vida, que he a Obediencia.

PAra conhecermos qual foy a obediencia de Christo Nosso Senhor na Cruz he necessario advertir algumas cousas, de que os Theologos fazem largas questões; nós o faremos em termos breves, e claros. Primeiramente hemos de suppor, que assim como em Christo havia duas naturezas Divina, e humana, assim havia duas vontades, e que segundo a natureza, e vontade humana estava sogeito ao Padre; porque segundo a Divina, era em tudo igual, e em quanto a humana, estava Christo sogeito a Deos, e era capaz de preceito, naõ coactivo, como dizem, senaõ directivo, como diz Santo Thomás, porque o preceito coactivo he sempre com ameaça de pena, que suppoem culpa possivel, que se naõ póde considerar na vontade de Christo, que he impeccavel.

Q. 37. art. 2.

Se-

Segundariamente Chriſto naõ eſtava ſogeito a ley alguma humana poſitiva, porque era Senhor, e Superior de tudo; e poſto que eſteve ſogeito a ſua Máy, e S. Joſeph, foy para noſſo exemplo; como tambem naõ eſtava ſogeito à ley de Moyſés, que ſó obrigava aos Judeos, que deſcendiaõ de Abraham por via de natural geraçaõ, que em Chriſto naõ houve; e porque Saõ Paulo diz, que Chriſto foy *factus ex muliere, factus ſub lege*, ſe entende do facto, e naõ ſegundo a obrigaçaõ, que ſó para exemplo guardou, e naõ dar, que fallar aos Fariſeos.

O que toca ao noſſo ponto he, que Chriſto Senhor noſſo teve verdadeiro, e real preceito do Eterno Padre para morrer na Cruz pelo genero humano, como he ſentença dos Santos Padres, e ſe prova do texto, e palavras do Senhor: *Hoc mandatum accepi à Patre*, e no cap. 15. de Saõ Joaõ: *Sicut mandatum, quod dedit mihi Pater, ſic facio.* Donde colhe Santo Thomás, que a morte de Chriſto na Cruz, foy por verdadeira, e real obediencia. E a razaõ Theologica he, porque o fim da morte de Chriſto teve duas razões: primeira o ſatisfazer à honra de Deos offendida, que foy a obediencia, a que faltou Adam: ſegunda ſatisfazer pela culpa, e pela pena: eſta aſſaz fica ſatisfeita pelas penas ſenſiveis da Cruz; mas para ſatisfaçaõ da honra de Deos, era neceſſaria a obediencia, porque eſte foy o deſacato de Adam, quebrar o preceito de Deos. Joan. 14. & 17.

Humiliavit ſemetipſum, factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis, quer dizer, foy tal a humildade de Chriſto Noſſo Senhor, que obedeceu até morrer morte de Cruz. Propoz-nos o Apoſtolo por exemplo de obediencia, a obediencia de Chriſto a preceito taõ rigorozo, como he o de morte de Phil. 2.

Cruz. E quem ſe queixará, e achará pezados os preceitos dos ſeus Superiores à viſta de tal exemplo? O' quaõ facilmente quebramos os preceitos Divinos!

O meſmo Apoſtolo diz, que das couſas, que Chriſto padeceu na Cruz aprendera a obediencia: *Didicit ex iis, quæ paſſus eſt, obedientiam*; naõ foy elle, o que aprendeu, nós he que devemos aprender a obedecer, conſiderando, o que elle por obediencia padeceu. Chriſto padecendo na Cruz aprendeu a obediencia, nós a ſeu exemplo hemos de padecer, ſofrer, e humilharnos, porque deſſa ſorte ſe alcançaõ as virtudes todas, mais que por eſpeculações humanas, como diz S.Bernardo: *Paſſiones ſunt optimæ doctrinæ, & diſciplinæ*; e finalmente Chriſto Senhor noſſo, ſendo Sabedoria infinita, por experiencia, do que padeceu, veyo a conhecer, que couſa era obediencia: *Didicit ex iis, quæ paſſus eſt, obedientiam.* Por iſſo S. Joaõ Chryſoſtomo chamou à obediencia morte voluntaria, e ſepultura da vontade: *Obedientia eſt ſpontanea mors, & ſepulchrum voluntatis.*

Heb.5.

Ep.38.

Serm. de tribus ord.

Chriſto morreu obedecendo, e naõ qualquer morte, ſenaõ morte de Cruz, para nos enſinar, que naõ ha boa morte ſem obediencia, nem obediencia ſem morte da propria vontade. Na obediencia aos Divinos Preceitos diſſe Chriſto, que conſiſtia o negocio da ſalvaçaõ; e como ſe podem guardar ſem obediencia? E como póde haver obediencia, ſe em tudo quizermos fazer noſſa vontade? A obediencia, diz o meſmo S. Joaõ Chryſoſtomo, he hum perigo ſeguro, e huma ſegura navegaçaõ para o Ceo: *Periculum ſecurum, & tuta navigatio.* A propria vontade, diz S.Bernardo, he caminho para o Inferno: *Tolle propriam voluntatem, & Infernus non erit.*

Encareceo o Apoſtolo a excellencia deſta obedi-

encia

encia de Chriſto na Cruz por quatro circunſtancias. Obedeceu ſendo Deos, ſendo homem, ſendo Sacerdote, e ſendo Rey; a circunſtancia de Deos, *æqualem Deo*; a circunſtancia de Sacerdote, porque na Cruz foy victima: a circunſtancia de Rey, porque por eſta obediencia da Cruz foy exaltado ſobre todo o poder do Mundo: *Propter quod Deus exaltavit illum.* Todas eſtas quatro fórmas, diz Cornelio Alapide, ſe ſignificavaõ naquellas quatro faces de animaes, que vio o Profeta Ezequiel: todos, diz o Texto, ſe governavaõ por aquelle eſpirito, que os movia: *Quocunque ibat ſpiritus*; e foy como hum emblema da obediencia de Chriſto na Cruz, ſendo Deos, ſendo homem, ſendo Sacerdote, ſendo Rey, e ſendo finalmente em tudo, e por todas as partes taõ Soberano, ſe ſogeitou a hum preceito de morte taõ vil, e taõ afrontoſa, como he a Cruz.

He queſtaõ graviſſima entre os Theologos, ſe podia Chriſto pedir diſpenſaçaõ deſte preceito de morrer na Cruz, e alcançar deſpacho? Affirma o Cardeal de Lugo; porque aſſim como no inſtante de ſua Conceiçaõ livremente aceitou o preceito, livre ficou para poder pedir a diſpenſaçaõ. Neſta opiniaõ bem ſe deixa ver o fino da obediencia de Chriſto, que podendo eſcuſar taõ duro preceito, ſabendo, que a vontade de Deos era, que o genero humano ſe remiſſe, mediante ſua morte de Cruz, ſe conformou com a vontade de Deos. *Lugo diſp. 26. ſ. 3.*

O Padre Vaſquez diz, que naõ podia Chriſto pedir tal diſpenſaçaõ, porque o decreto de Deos de padecer morte de Cruz foy abſoluto, e efficaz, prevendo Deos, que Chriſto nunca havia de pedir diſpenſaçaõ do preceito; e neſta opiniaõ ainda reſplandece mais, a fineza da Obediencia de Chriſto, em aceitar hum preceito, ſobre taõ duro, indiſpenſavel; o qual tudo

se compadece, com que por sua vontade morria; assim como por nosso amor morreu.

Esta foy a Obediencia, que da cadeira da Cruz nos ensinastes, ò Obedientissimo JESU, qual deve ser a nossa à vista de taõ claro exemplo? Vós por nosso amor naõ duvidastes obedecer a preceito taõ pezado, como he a morte de Cruz; nós porque naõ obedecemos a vossos preceitos, sendo taõ leves, e taõ suaves, como vós dizeis: *Jugum meum suave est, & onus meum leve*: pezada he a Cruz, que nos mandais levar às costas em vosso seguimento; porém depois que vós a levastes, e fostes nella crucificado, já he jugo suave, e carga leve; tudo está em querer: *Si quis vult*; naõ he menos amargozo o caliz, do que he pezado o jugo da vossa Cruz, e vós com a mesma vontade, com que bebestes o amargo do Caliz, tomastes o pezo da Cruz; e se vós com as nossas forças de homem pudestes com preceito taõ pezado, nós com as vossas de Deos porque naõ poderemos levar o jugo de vossa Ley, sendo taõ leve, e taõ suave. Day-nos vossa graça, assim como nos déstes o exemplo, para que obedeçamos a Deos até a morte, ainda que seja de Cruz, porque vós até à morte de Cruz fostes obediente: *Factus obediens usque ad mortem.*

Matth 11

CAPITULO VII.

Da settima flor da Arvore da vida, que he a Paciencia.

Esta flor da paciencia he huma das que mais florecerão na Arvore da vida, e das mais necessarias na escola de Christo, e da qual costuma nascer o frutto da

da gloria, porque, como diz Santo Ambroſio, tanto aproveitaremos na ſciencia do Chriſtianiſmo, quanto mais tivermos de paciencia: *Tanto quiſque magis oſtenditur doctus, quanto magis oſtenditur patiens*; *patientia vobis neceſſaria eſt*, neceſſaria na vida, e neceſſaria na morte; neceſſaria para o merecimento, e neceſſaria para o premio; e finalmente Chriſto Senhor noſſo diz, que tanto ſeremos ſenhores de noſſas Almas, quanto vivermos com paciencia: *In patientia veſtrâ poſſidebitis animas veſtras.* Prov. 29. Hcb. 10. Luc. 21.

Para nos animar à paciencia nos poem o Apoſtolo S. Paulo diante dos olhos a paciencia de Chriſto crucificado: *Recogitate eum, qui talem ſuſtinuit à peccatoribus contradictionem.* Sentimo-nos moleſtados com as mordeduras das ſerpentes, que ſaõ os trabalhos, as doenças, perſeguições dos homens, dos Demonios, e ainda das provas do meſmo Deos, fixemos os olhos na Serpente de metal, que he a Imagem de Chriſto na Cruz, as dores, as chagas, os opprobrios, as blasfemias por aquelles meſmos peccadores, por quem padece, *à peccatoribus.* Heb. 12.

Aſſim o faziaõ os Santos Martyres em ſeus tormentos, e todos lhes pareciaõ ſuaves. S. Franciſco havendo de levar hum botaõ de fogo em huma chaga, poz os olhos em huma Imagem de Chriſto crucificado. Naõ ha remedio melhor para adoçar os amargos deſta vida, que lançar-lhe huma gotta de ſangue do muito, que ſe derramou na Cruz. Eliſeo para adoçar as aguas amargozas naõ lhes lançou mel, ou açucar, ſe naõ hum punhado de ſal; o ſal, que devemos lançar nas noſſas amarguras he a lembrança da paciencia de Chriſto na Cruz.

E naõ ſó com paciencia, ſenaõ com gozo quer o Apoſtolo, que levemos as moleſtias deſta vida a exemplo Coloſ 3.

plo de Chriſto crucificado. Havia o Santo eſcrito aos Hebreos, que a paciencia era a arma, com que haviaõ de pelejar na milicia de Chriſto: *Per patientiam curramus ad propoſitum nobis certamen*, e para iſſo lhes poem diante o exemplo de Chriſto, que naõ ſó com paciencia, mas com gozo ſofrera os trabalhos da Cruz: *Qui propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit Crucem.* Aſſim, diz Cornelio, os Apoſtolos, e mais Santos com eſte exemplo de Chriſto ſe abraçáraõ com ſuas Cruzes: *Sic Apoſtoli, & Sancti Martyres, propoſito ſibi gaudio, ſuſtinuerunt Crucem.*

Galat. 6.

Gaudeo in paſſionibus meis, diz S. Paulo, naõ ſó levo com paciencia, ſenaõ com gozo tudo, quanto padeceu; e naõ he de maravilhar, trazendo S. Paulo impreſſas na Alma as Chagas de Chriſto crucificado; o que admira he, que diga o Apoſtolo, que deſſa ſorte ſuppria o que falta à Paixaõ de Chriſto: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſioni Chriſti*, porque he certo, que a Paixaõ de Chriſto foy em tudo cabal, como dizem os Theologos; que podia logo faltar à Paixaõ de Chriſto, que podeſſe o Apoſtolo ſupprir? Faltava iſto meſmo, que elle diz, gozarſe no que padecia, como Chriſto ſe gozou no que padecia. Chriſto era cabeça, e nós os Fieis ſomos membros; Chriſto padeceu os tormentos da Cruz com gozo, faltava que nós tambem nos abraçaſſemos com a Cruz, naõ ſó com paciencia, ſenaõ tambem com gozo; iſſo fazia o Apoſtolo: *Gaudeo in paſſionibus meis*, e iſſo fizeraõ os mais Apoſtolos, dos quaes diz S. Lucas: *Ibant gaudentes à conſpectu concilii, quoniam digni habiti ſunt pro nomine JESU contumeliam pati.*

Eſta he a paciencia, que nos enſinaſtes na Cruz, ò pacientiſſimo JESU. Quantas vezes vos lançaraõ no roſto os Judeos: *Si filius Dei es, deſcende de Cruce;*

poder

poder tinheis para descer da Cruz, pois tinheis poder para subir do sepulchro; mas por isso mesmo differistes para o sepulchro o poder, porque na Cruz, como disse vosso servo Agostinho, nos ensinaveis a paciencia: *Sed quia patientiam docebat, ideo potentiam differebat*, esta quereis, que imitemos a vosso exemplo. Antigamente nos propozustes o Santo Job por exemplo de paciencia, já agora vós sois o exemplo, que devemos imitar.

Hum só toque da maõ de Deos bastou para o fazer exemplo de paciencia: *Manus Domini tetigit me*, e esse só toque bastou, para que elle levasse suas penas com tal paciencia, que pedia a Deos, levantasse bem a maõ até o consumir: *Solvat manum suam, & succîdat me*; todas as molestias, e tribulações desta vida saõ toques da maõ de Deos para prova, ou para exercicio da paciencia; porém se os toques forem dessas duas maõs pregadas na Cruz, que coraçaõ haverá duro, que se naõ mova a imitar vossa paciencia. Vós naõ largastes do hombro a Cruz, senaõ para ser nella crucificado; nós fazemos quanto podemos pela sacodir do hombro. Pois fazey com nosco o mesmo, que pedia o Santo Job: *Solvat manum suam, & succîdat me*; despregay huma maõ dessa Cruz, e day com ella bons golpes em nossos impacientes corações: *Hic ure, hic seca, dummodo in æternum parcas*; porque vosso Apostolo diz, que a paciencia he mãy da esperança, e a esperança mãy do premio: *Patientia operatur spem, spes autem non confundit.*

Job 19.

Rom. 5.

CA-

CAPITULO VIII.

Da oitava flor da Arvore da vida, que he a Manſidaõ.

HE irmã, ou filha da paciencia a ſuaviſſima flor da Manſidaõ. Chriſto Senhor noſſo a ajuntou com a ſua muy prezada flor da Humildade, quando diſſe, aprendey de mim, que ſou manſo, e humilde de coraçaõ: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde.* E poſto que em toda ſua vida o Senhor nos deu exemplo de manſidaõ, he certo, que na arvore da Cruz recendeo mais eſta flor. De Moyſés affirma a Eſcritura, que fora o mais manſo homem, que havia em todo o Mundo: *Erat enim Moyſes vir mitiſſimus ſuper omnes homines, qui morabantur in terra*; e que ſe ha de dizer de JESU, de quem foy figura Moyſés? Da Virgem ſua Mãy affirma a Igreja ſer entre todas a mais manſa mulher: *Inter omnes mitis*, com quanta mais razaõ o filho, de quem tomou a condiçaõ.

Num. 12.

Serm. 1. de Verbis Domin.

Notay bem, diz Santo Agoſtinho, o que Chriſto nos manda aprender, naõ a fabricar o Mundo, nem as couſas delle, nem a reſuſcitar mortos, ſenaõ a ſer manſo, e humilde de coraçaõ: *Diſcite à me, non mundum fabricare, nec viſibilia, & inviſibilia creare, nec mortuos ſuſcitare, ſed quia mitis ſum, & humilis corde.* Vejamos, quam ſuave foy eſta flor na Arvore da vida.

Joan. 53.

Eis-aqui como o Profeta Iſaîas deſcreveo a manſidaõ de Chriſto na Cruz, como a Ovelha, quando a degolaõ, e como o Cordeiro, quando o toſquiaõ: *Sicut ovis ad occiſionem ducetur, & tanquam agnus coram*

ram tondente se obmutescet, & non aperiet os suum; he muy propria huma, e outra semelhança, porque a Ovelha, e o Cordeiro saõ animaes mansissimos; a ovelha naõ repugna, nem berra, como a vaca, quando a mataõ; nem o Cordeiro grunhe, como o leitaõ, quando o tosquiaõ. Aquelle homem do Euangelho, que perdeu a ovelha, e a trouxe sobre seus hombros depois de achada, foy figura de nosso Redemptor, assim como a ovelha foy figura do genero humano, perdido pelo peccado, e para reduzir esta ovelha perdida, naõ usou Christo da fortaleza de Rinoceróte, como lhe chamou Balam, senaõ da mansidaõ da ovelha, como diz Isaías. *Num.23.*

Na figura de Cordeiro ainda está mais propria a comparaçaõ, porque desta mesma metafora usou Christo, quando encomendou esta virtude a seus Discipulos: *Ecce ego mitto vos, sicut agnos inter lupos*, e dizer o Profeta, que Christo havia de ser crucificado, como o Cordeiro, quando o querem tosquiar, que outra cousa quiz dizer, senaõ encarecer a mansidaõ, com que se offereceu à morte de Cruz, porque com a mansidaõ de Cordeiro sem abrir bocca: *Non aperiens os suum*, se deixou, naõ só tosquiar, senaõ esfolar a rigor dos açoutes, espinhos, e cravos. *Luc.10.*

Isto mesmo quiz dizer S. Joaõ, quando disse: *Ecce Agnus Dei*; isto significava o Cordeiro Paschoal; isto o Cordeiro sacrificado por Abel; e a esta mesma mansidaõ allude S. Joaõ todas as vezes, que no Apocalypse dá a Christo este nome de Cordeiro; com a qual metafora se explica bem a mansidaõ, com que Christo padeceu, e morreu na Cruz; e esta vem a ser a flor, que devemos colher da Arvore da vida JESU crucificado.

Estote ergo imitatores Dei, sicut filii carissimi, diz o Apostolo Saõ Paulo. Vem a ser huma conclusaõ, que o Apostolo tira de todos quantos documentos de paci- *Ephes.5.*

paciencia, e manſidaõ havia dado aos de Epheſo, que imitaſſem a Deos, como filhos cariſſimos, iſto he, que foſſem pacientes, e manſos, como Deos era, por quanto o filho legitimo deve ſer ſemelhante a ſeu pay; e para iſſo lhes traz à memoria o exemplo de Chriſto crucificado: *Sicut Chriſtus dilexit nos, & tradidit ſe ipſum oblationem, & hoſtiam in odorem ſuavitatis*; de ſorte que ſe ſomos filhos cariſſimos de Chriſto, devemos imitar ſua condiçaõ, ſer manſos, e humildes de coraçaõ, como elle, manſos como a Ovelha, e como o Cordeiro, porque elle, como a Ovelha, e como o Cordeiro ſe deixou matar: *Tanquam ovis, ſicut agnus.*

Todo o rebanho de Chriſto, que he a Igreja, deve conſtar de ovelhas, e de cordeiros; quando o encomendou a Saõ Pedro, lhe diſſe: *Paſce oves meas, paſce agnos meos*, tem cuidado das minhas ovelhas, tem cuidado dos meus cordeiros; ovelhas, e naõ carneiros, cordeiros, e naõ cabritos, porque ſó as ovelhas, e cordeiros ſaõ ſymbolo da manſidaõ, e naõ os carneiros, nem os cabritos; dos cabritos o brincar he brigar, e dos carneiros o folgar he marrar; e o que no curral de Chriſto naõ he cordeiro, ou ovelha, he lobo, ou leaõ, que ſaõ os mayores inimigos do rebanho de Chriſto, os lobos ſaõ os hereges, os leões ſaõ os Tyrannos, que disbarataõ, ou perturbaõ o rebanho de Cbriſto.

Joan. 21.

E para imitar a manſidaõ de Cordeiro, qual foy a de Chriſto na Cruz, ha de guardar o conſelho do Apoſtolo: *Amaritudo, & ira, & indignatio, & clamor tollatur à vobis cum omni malitiâ*, quer dizer, lançar fóra toda a amargura, ira, e indignaçaõ com toda a malicia. Quanto à amargura, tratar com voſſos irmaõs com palavras de cortezia, e no coraçaõ rancor; pala-

Epheſ. 4.

palavrinhas doces na bocca, e o amargo no coraçaõ, iſſo he malicia de lobo, e naõ ſinceridade de ovelha. Sanſaõ pode tirar da bocca do Leaõ o favo de mel, porque eſtava morto; mas demos caſo, que aſſim como teve esforço para matar mil Filiſteos com huma queixada de aſno, tiveſſe animo para tirar da bocca do Leaõ vivo o favo de mel, naõ poderia tirarlhe das entranhas o bolſo de fel. Pois quando vós vedes, que o que vos falla palavras de mel, conſerva o fel no coraçaõ, naõ vos fieis delle, porque naõ he ovelha, nem cordeiro, he leaõ vivo, e naõ morto, como o de Sanſaõ.

Joab, e Abner eraõ dous Principes dos exercitos de David. Succedeu matar Abner hum irmaõ de Joab, chamado Azael; reconciliaraõ-ſe os dous Principes, e ſe tratavaõ amigavel, e cortezmente; mas que importava ſer o trato de amigos, ſe no coraçaõ eſtava a amargura, a magoa do irmaõ morto? Levou hum dia Joab a Abner até Hebron, e lá à treiçaõ o matou; parecia Joab hum Cordeiro manſo, e elle era hum leaõ coſtumado a ſemelhantes treições. Dezengano, que em quanto dura a malicioſa amargura no coraçaõ, haveis de ſer Leaõ de Sanſaõ com o mel na bocca, e o fel nas entranhas. 2. *Reg.* 3.

Chriſto Senhor noſſo quando ao pé da Cruz lhe offereciaõ o copo de vinho, tanto que ſentio que tinha fel miſturado, naõ quiz beber: *Cùm guſtaſſet, noluit bibere.* Naõ goſta JESU crucificado de fel, que amarga; ſe queremos imitar ſua manſidaõ, lancemos do coraçaõ toda a amargura, como o Apoſtolo nos encomenda, porque nem a amargura de voſſo coraçaõ ſe compadece com a doçura do ſeu, nem a voſſa malicia com ſeu coraçaõ manſo, e humilde: *Mitis ſum, & humilis corde.*

Da

Da amargura do coraçaõ naſce a ira, e mais a indignaçaõ, e atraz deſta as diſſençoens; nada diſto ſe compadece com a manſidaõ de ovelha, e de cordeiro, que Chriſto nos enſinou na Cruz, de que conſta o rebanho de Chriſto. As iras, e indignações ſaõ para os leões, naõ para os cordeiros; as malicias ſaõ para os lobos, e para as rapozas, e naõ para as ovelhas: *Noli eſſe in domo tuâ, ſicut leo*, diz o Eſpirito Santo, naõ ſejas em tua caza como leaõ; que quietaçaõ póde haver em huma caza, onde o Senhor tem condiçaõ de leaõ? O leaõ, diz Plinio, naõ arremete a mulheres, nem a meninos, e ainda aos homens, que ſe proſtraõ, e humilhaõ, naõ faz mal, porém o homem ſe chega a ter condiçaõ de leaõ, com nenhum bom termo ſe amanſa.

Eccleſ.4.

Lib. 1. cap.18.

S. Franciſco lembrado deſta manſidaõ de Chriſto trazia no Convento huma ovelha, que como qualquer frade diſcorria por caza; aſſim meſmo chamava Frey Ovelha a hum frade, por ſua manſidaõ, e branda condiçaõ; e o Santo o era tanto, que por eſſa cauſa nunca matou moſca, ou outro qualquer nocivo animal; o qual ſe conta tambem de Saõ Macario, que matando hum dia huma moſca, que o mordera, teve diſſo tal contriçaõ, que por ſeis mezes ſe poz no campo às moſcas, e moſquitos, para ſer delles bem moleſtado. Importa logo deſpir a condiçaõ de leaõ, e veſtir a de cordeiro, com os olhos em Chriſto crucificado, que como hum Cordeiro ſe deixou matar ſem abrir a bocca: *Non aperiens os ſuum.*

Eſta he a manſidaõ, com que na Cruz foſtes crucificado, e como Cordeiro de Deos tiraſtes os peccados do Mundo, ò manſuetiſſimo JESU. Eſta a flor, que neſſa Arvore da vida recende por toda a Igreja. Naõ he juſto, que vivamos, como lobos, quando por noſſo amor

amor morreſtes como Cordeiro. Naõ he bem ſejamos como aquelles, que ſendo lobos no interior, querem parecer no exterior ovelhas. Que ſerá de mim, que adorando-vos agora como Cordeiro, vos experimente depois leaõ? Fazey vós, que de tal ſorte ſiga voſſo exemplo, que no dia do Juizo, quando houveres de ſeparar os cordeiros dos cabritos, fique eu contado entre o numero dos cordeiros, que ſaõ os Juſtos, e naõ entre os cabritos, que ſaõ os condenados.

CAPITULO IX.

Da nona flor da Arvore da vida, que he Amor fraterno.

ASſim como do que padeceu, e obrou Chriſto na Cruz ſe conhece bem o amor, com que nos amou, aſſim deſte amor hemos de conhecer qual deve ſer o amor, com que nos devemos amar os Chriſtaõs, diz o Apoſtolo Saõ Paulo: *Ambulate in dilectione, ſicut Chriſtus dilexit nos, & tradidit ſemetipſum oblationem pro nobis.* Foy eſte amor de Chriſto na Cruz, diz o meſmo Apoſtolo, amor de Pay para filhos cariſſimos: *Ut filii chariſſimi.* Deve ſer o noſſo amor de irmaõs cariſſimos. Antigamente aſſim ſe chamavaõ os Chriſtaõs, e eſte he o nome, que lhes dá o Apoſtolo em todas as ſuas Epiſtolas, com conſideraçaõ, diz Cornelio, que Chriſto he noſſo Pay, e a Igreja noſſa Mãy; qual ſeja o verdadeiro amor nos enſinou Chriſto na Cruz. *Epheſ. 5.*

A primeira propriedade do amor fraterno, como diz S. Paulo, he ſer ſincero ſem diſſimulaçaõ: *Dilectio ſine ſimulatione*, qual, diz Saõ Joaõ, que he o *Rom. 12.*

amor de obra, e naõ de palavra, amor de verdade, e naõ ſó de bocca: *Non diligamus verbo, neque linguâ, ſed opere, & veritate.* Pois conſideremos ſe foy amor de obra o amor do que chegou a dar a vida por amor de nós em huma Cruz; elle diſſe, que naõ havia amor mayor: *Maiorem charitatem nemo habet, ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis.*

A ſegunda propriedade do amor fraterno he, aborrecer o mal, e ſeguir o bem: *Odientes malum, adhærentes bono*, eſtimar as virtudes, e aborrecer os vicios; e quanto for mayor o odio do mal, tanto mayor ſerá o amor do bem, porque amar naõ he outra couſa, ſe naõ querer bem; e ſe eu naõ quero o bem de meu irmaõ, como o amo? E ſe eu naõ aborreço o ſeu mal, como lhe quero bem? Ponde os olhos naquella Arvore da vida JESU crucificado: porque eſtá aſſim deſſa ſorte, ſe naõ para nos livrar do mal, que he o peccado, e para nos dar todo o bem, que he a graça? Pois iſto diz o Apoſtolo, que ha de fazer o que ama a ſeu irmaõ, amar o ſeu bem, e aborrecer o ſeu mal: *Odientes malum, adhærentes bono.*

A terceira propriedade da caridade fraterna, he que ha de ſer mutua: *Invicem diligentes*, deve ſer o amor entre os irmaõs da graça, como he o da natureza; os irmaõs, que ſe naõ amaõ mutuamente, naõ fazem como irmaõs. Os filhos de Jacob, huns amavaõ, outros aborreciaõ a Joſeph, e por iſſo o chegaraõ a vender, e tiveraõ penſamentos de o matar. Entre os Chriſtaõs he preceito de Chriſto Noſſo Senhor: *Ut diligatis invicem*, e que por eſte amor mutuo ſejaõ conhecidos os Chriſtaõs: *In hoc cognoſcent homines, quia diſcipuli mei eſtis, ſi dilectionem inter vos habueritis.* Iſto nos ſignificou o Senhor na Cruz, quando em nome do Diſcipulo amado nos deu a ſua Máy

por

por Mãy, e a nós por filhos seus; para que assim como o amor da Mãy para os filhos, e o dos filhos para a Mãy deve ser mutuo, assim deve ser mutuo o amor dos irmãos entre si.

A quarta propriedade para conservar o amor fraterno he a cortezia, e trato urbano, e ser neste particular o primeiro, como diz Saõ Paulo: *Honore invicem prævenientes*; porque assim como o trato rustico esfria a caridade, o bom termo, e cortezia a conserva. O Espirito Santo diz, que façamos cortezia ao medico: *Honora medicum*, e que inclinemos a cabeça ao Presbytero: *Caput tuum Præsbytero inclina.* Naõ só com os mayores, e iguais, mas ainda com os inferiores; porque, como diz Cornelio, essa he a força do verbo *prævenientes*, quando assim o pede a caridade, ou humildade; donde vem, que a cortezia entre os Christaõs he virtude, porque a imitaçaõ de Christo, quanto mais nobre for, mais se ha de humilhar, como aconselha o Ecclesiastico: *Quantùm maior es humilia te.* E para que se faça com caridade, e merecimento, se ha de fazer, o que S. Paulo ensina, com acto interior, fazendo conta, que todos nos saõ superiores: *Superiores invicem arbitrantes.* Rom. 12. Phil. 2.

Assim como a cortezia he meyo para conservar o amor fraterno, naõ ha de ser bastante qualquer descortezia, ou descuido para o perder, ou esfriar. Saul pedia a Samuel, lhe fizesse cortezia diante dos velhos: *Honora me coram senioribus*; com tudo elle era taõ prudente, que ouvindo em certa occasiaõ palavras, que o offendiaõ, dissimulava, fazendo que naõ ouvia: *Ille verò dissimulabat se audire.* Porém em nós os Christaõs ha outra razaõ mais poderosa, que he o exemplo de Christo crucificado, injuriado, e afrontado; quantas descortezias lhe fizeraõ os Escribas, e Fariseos, 1. Reg. 15. 1. Reg. 10.

quantas os Soldados : *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem*, nada foy baſtante para perder o amor aos meſmos, que o afrontavaõ, como nós por qualquer, naõ digo, afronta, ſenaõ por qualquer deſcuido, ou deſconfiança perdemos a caridade, que devemos a noſſos irmaõs.

A quinta propriedade he ſervir, e ajudar a todos em tudo o que eſtiver em noſſa maõ, naõ remiſſa, ſenaõ fervoroſamente, como pede a caridade: *Solicitudine non pigri*; porque ha homens, que ſendo Aguias para o ſeu negocio, para o dos outros ſaõ toupeiras; diſcorreraõ o Mundo para ſeu proveito, para o amigo naõ daraõ hum paſſo. Saõ daquelles, que reprovou o Eſpirito Santo pelo Eccleſiaſtico, que ſempre tem a maõ aberta para o receber, fechada para o dar: *Non ſit protecta manus tua ad accipiendum, & ad dandum collecta.* Ponhamos os olhos em noſſo Salvador na Cruz, ambas as maõs abertas, e nellas duas fontes de ſangue, em que conſiſte o remedio de todos; que mais podia dar, que darſe a ſi em ſacrificio, para remedio dos peccadores, e para gloria dos Juſtos.

Eccleſ. 4.

A ſexta, e ultima propriedade do amor fraterno, e que encerra em ſi toda a ſua perfeiçaõ, he a que enſina o Apoſtolo S. Paulo, levar cada hum a ſua carga, e mais a do proximo: *Alter alterius onera portate, & ſic adimplebitis legem Chriſti.* A melhor expoſiçaõ deſte lugar he a de S. Baſilio: entende por carga o peccado, que he o pezo, que leva a Alma ao fundo do Inferno: *Peccatum eſt onus grave, deprimens animam, & detrahens ad infernum*; e entaõ levamos eſta carga hum a outro, quando fazemos, que o peccador ſe arrependa, e emende: *Hoc onus viciſſim ab aliis tollimus, quoties operam damus, ut hi, qui peccarunt, reſipiſcant*; e eſta he a carga, que o Apoſtolo

Galat. 6.

Baſ. Reg. 270.

tolo nos manda levar às costas, para comprimento da ley do fraterno amor. E naõ he isto, o que Christo fez na Cruz? *Langores nostros ipse tulit, & dolores nostros ipse portavit*, como diz o Profeta, naõ tomou sobre seus hombros todos nossos peccados, quando sobre elles tomou a Cruz, em que morreu? Isai. 53.

Eis-aqui como podemos aliviar nosso proximo de taõ pezada carga, e passalla do hombro alheyo para o nosso. Primeiro por compaixaõ, persuadindo-lhe com boas palavras a graveza do peccado, e perigo, em que anda. Segundo com a oraçaõ, pedindo a Deos o alivio de taõ pezada carga. Terceiro da sorte, que Christo os tomou sobre si, padecendo por meyo das penitencias, jejuns, disciplinas, e mais obras penais; e desta sorte tomamos sobre nós os peccados alheyos, e damos comprimento à mayor perfeiçaõ da ley de amor fraterno: *Et sic adimplebitis legem Christi.*

E se o que toma em seus hombros o peccado alheyo, dá comprimento à Ley de Christo, que se ha de dizer do que induz o proximo ao peccado, senaõ que destroe a Ley de Christo? O que livra o amigo do peccado, guarda a Ley de Christo, e mais a ley de amigo: o que o induz ao peccado, quebra a Ley de Christo, e mais a ley de amigo. Que cousa he amar, senaõ querer bem, e que bem ha mayor, que a graça, e amizade de Deos? Que mal peor, que o peccado, e o perder a Deos? Pois isto faz, o que devendo tirarvos do hombro a pezada carga do peccado, como bom amigo, e como bom Christaõ, vos lança aos hombros o seu peccado, e mais o vosso, induzindo-vos a peccar; naõ sem grande temor Christo no Euangelho lança a este tal aquella tremenda ameaça: *Væ homini illi, per quem scandalum venit.*

Eis-aqui, Amoroso JESU, como dessa Arvore da

vida, como de cadeira, nos expuzeſtes a ley de amor, que pouco antes havieis promulgado no Cenaculo, pouco antes de ſubir à Cruz. Diſſeſtes, que nos amaſſemos huns aos outros, aſſim como vós nos amaſtes a nós: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, ſicut dilexi vos*; poſſivel era amarmo-nos, como vós nos amaſtes entaõ, ſe nós lavaſſemos os pés huns aos outros, como vós entaõ fizeſtes, e como mandaſtes, que fizeſſemos nós: *Sic vos debetis alter alterius lavare pedes*; porém depois que vós por noſſo amor quizeſtes ſer crucificado, como nos podemos amar, como vós nos amaſtes, ſenaõ for morrendo huns pelos outros? Eu quero entender aſſim a voſſa ley de amor, quero viver, e morrer crucificado ao Mundo, e a todas ſuas eſperanças, porque o voſſo Apoſtolo diz, que os voſſos amigos aſſim haõ de ſer: *Qui Chriſti ſunt, carnem ſuam crucifixerunt cum vitiis, & concupiſcentiis.*

Joan. 13.

Galat. 5.

CAPITULO X.

Da decima flor da Arvore da vida, que he a Pobreza.

TOda a vida Santiſſima de Chriſto foy de pobre; pobrinho naſceu, e pobriſſimo morreu: *Pauper ſum ego, & in laboribus à juventute mea*, diz pelo Profeta David; e da meſma ſorte que foy obediente até a morte, o foy tambem na pobreza. Grande foy ſua pobreza no nacimento, onde teve por caza huma taõ vil, que ſó ſervia de recolher brutos, por leito hum Prezepio, por cama humas palhinhas, por roupa huns pobres pannos, e finalmente por naõ ter outro lugar, o recli-

Pſal. 87.

reclinou ſua Santiſſima Mãy no Prezepio; porém a pobreza da Cruz, que geralmente lhe faltaraõ todas as couſas, de ſorte que naõ he conſideravel pobreza mayor, nem ainda do Santo Job.

Naõ teve cama para morrer, porque aſſim como no nacimento a cama foy o Prezepio, na morte foy a Cruz; nem teve huma toalha para cobrir ſuas carnes, nem hum jarro de agua para matar a ſede, nem algum outro alivio para refrigerar a ſecura, mais que o fel, e vinagre, que lhe deraõ a provar; e ſendo que as raposas da terra tem ſuas tocas, e as aves do Ceo ſeus ninhos, elle naõ teve onde reclinar a cabeça, mais que nos eſpinhos, com que foy corcado: *Vulpes foveas habent, & volucres Cæli nidos, filius autem hominis non habet, ubi caput ſuum reclinet.*

A ſumma pobreza, a que póde chegar hum neſta vida, he ter hum panno vil para cobrir o corpo, e hum boccado para o ſuſtentar, e com ella quer o Apoſtolo vivamos contentes neſta vida: *Habentes quibus tegamur, & manducemus, his contenti ſumus*; porém a pobreza de noſſo Redemptor na Cruz ainda foy mais eſtremada, porque nem hum vil panno teve, para cobrir as carnes, nem huma gotta de agua para matar a ſede; e ſendo que todo o pobre na morte póde diſpor de ſuas veſtiduras, os Soldados ſe fizeraõ ſenhores das de Chriſto, e jugaraõ aos dados, de ſorte, que ſendo Senhor de tudo, morreu ſem couſa alguma deſta vida, e ainda depois da morte a mortalha foy de eſmola, e a ſepultura alheya. 1. Tim. 6.

Contrapoz o Apoſtolo eſta pobreza de Chriſto na terra às riquezas, que poſſuhia no Ceo: *Propter vos egenus factus eſt, cùm eſſet dives*, ſendo taõ rico no Ceo, ſe fez por noſſo amor taõ pobre na terra; porque aſſim como para encarecer a ſumma humildade de 2. Cor. 8.

Chriſto na Cruz a contrapoz o Apoſtolo à fórma de Deos: *Qui, cùm in formâ Dei eſſet, humiliavit ſemetipſum*, aſſim para encarecer a ſumma pobreza da terra, a contrapoz às ſummas riquezas do Ceo.

A pobreza mais encarecida nas Divinas letras foy a do Santo Job. Encarece-ſe mais pela circunſtancia de haver ſido riquiſſimo; naõ ſe encarece tanto a pobreza de Chriſto na Cruz, por haver naſcido pobre, vivido como pobre, e morto pobriſſimo, quanto ſe encarece, que ſendo taõ rico no Ceo, quizeſſe por noſſo amor viver, e morrer pobre: *Egenus factus eſt, cùm eſſet dives.*

E ſe perguntares; porque razaõ quiz o Senhor viver, e morrer taõ pobre, naõ eſtando a noſſa redempçaõ na pobreza, ſenaõ na morte de Chriſto? Reſponde Saõ Paulo, que para nos enriquecer com ſua pobreza, 2.Cor.8. *Ut illius inopiâ vos divites eſſetis*; naõ com riquezas temporaes de ouro, e prata, ſenaõ eſpirituaes de graça, e gloria; porque com ellas, como diz o V. Beda, todo o bom Chriſtaõ ſe deve reputar por rico: *Omnes enim boni fideles ſunt divites, nemo ſe contemnat, pauper in cella, dives in conſcientiâ*; póde ſer pobre na cella, e muy rico na conciencia; e ſe nós com ſua pobreza nos fazemos ricos, quam ricos ſeremos com ſuas riquezas, diz Santo Agoſtinho: *Quid facturæ ſunt divitiæ ejus, cujus paupertas nos divites facit?*

E ſe o effeito da pobreza de Chriſto he fazer ricos no eſpirito, importa-nos imitar a pobreza de Chriſto na Cruz para enriquecer; o qual de dous modos ſe póde fazer, como enſina S. Jeronymo, pondo debaixo dos pés as riquezas temporaes: *Habere & calcare divitias*, como fazem os que as deixaõ, e ſe fazem pobres a exemplo de Chriſto, abraçando-ſe com a ſua Cruz.

Cruz. Ninguem até agora com mais clareza, que Saõ Franciſco de Aſſis, que a exemplo de Chriſto crucificado fundou ſua Religiaõ no amor a pobreza, e odio ao dinheiro.

Moyſés, diz S. Paulo, tendo por melhores riquezas os opprobrios de Chriſto, que os theſouros do Egypto, largou todas as riquezas por ſeguir o exemplo de Chriſto: *Maiores divitias æſtimans theſauro Ægyptiorum.* Naõ vio Moyſés com ſeus olhos a pobreza de Chriſto na Cruz, porque foy mais de mil annos antes de Chriſto, mas vio-a com os olhos da fé, e particular revelaçaõ de Deos, como diz Cornelio; e eſſa noticia ſó da fé, que teve de Chriſto crucificado, de tal ſorte moveo ſeu coraçaõ, que largou todas as riquezas, e theſouros do Egypto, e ainda as eſperanças do Reino por filho adoptivo da filha de Faraò. Se queremos pois ſer ricos, occupemo-nos em adquirir as verdadeiras riquezas do eſpirito, que Chriſto nos adquirio com a pobreza da Cruz: *Ut inopiâ illius divites eſſetis.* *Heb.* 11.

Outro modo he uſar das riquezas deſta vida com a lembrança da pobreza de Chriſto na Cruz, porque ſe acaſo aquella terrivel ameaça de Chriſto contra os ricos: *Væ vobis divitibus*, naõ for baſtante para nos perſuadir o bom uſo dellas, por ventura o ſeja a lembrança de ſua pobreza na Cruz. Todo o mal dos ricos eſtá, como diſſe o Senhor, que onde tem o theſouro, ahi tem o coraçaõ: *Ubi eſt theſaurus tuus, ibi eſt & cor tuum*; porém ſe noſſo coraçaõ eſtiver unido com Chriſto crucificado, naõ teremos nos theſouros noſſos corações. Corraõ embora os rios de prata, e mais o rio de ouro, naõ ſe afoguem nelles noſſos corações, como diz David: *Divitiæ ſi affluant, nollite cor apponere*; porque o mal dos ricos naõ eſtá tanto nas riquezas, *Luc.* 12.

quezas, quanto no amor dellas; porque S. Paulo diz, que naõ ſaõ as riquezas, ſenaõ o amor dellas o laço, com que o Diabo nos engana: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.*

Ponha pois os olhos em huma Imagem de Chriſto crucificado o rico mais opulento, o nobre mais bem trajado, a dama mais bem ornada, e conſidere como concorda com a cabeça do Salvador coroada de eſpinhos a ſua ornada de perolas; a de Chriſto banhada de ſangue, e a ſua de polvilhos; Chriſto na Cruz ſem fio de roupa para cobrir as carnes, e tu coberto de olandas, e precioſas ſedas de Italia; conſidera ſe es Chriſtaõ, como concorda tua demaſia com ſua pobreza, e ſe he eſte o habito de Chriſto, que S. Paulo diz, veſtiſte no dia, em que foſte bautizado: *Quicumque baptizati eſtis, Chriſtum induiſtis*, e como póde ſer habito de Chriſtaõ, o que naõ he habito de Chriſto.

Iſabel filha de ElRey de Ungria, ſahindo hum dia a publico, ornada de rica pedraria, e trajada com todo o ornato, acompanhada de ſeus criados, e vaſſallos, como coſtumaõ as peſſoas reaes; ſuccedeu entrar no Templo, e pôr os olhos em huma Imagem de Chriſto crucificado, e foy tal o aballo, que aquella viſta cauſou em ſeu coraçaõ, que logo com as lagrymas nos olhos exclamou: como aſſim? Meu Senhor JESU aſſim taõ pobre, e deſamparado, e eu taõ ornada, e acompanhada de criados? Meu Senhor nù, e coroado de eſpinhos, e eu veſtida de ſedas, e ornada de joyas? Diſſe, e trocando as olandas em cilicios, as ſedas em humildes pannos, viveo dalli por diante, como qualquer humilde mulher.

Eis-aqui, ò pobriſſimo JESU, a que extremo de pobreza chegaſtes na terra, ſendo taõ rico no Ceo. Pobrinho naceſtes, e pobriſſimo morreſtes, tudo para meu exem-

exemplo, e para minha confusaõ. Vós, como Jeremias, tinheis os olhos na vossa pobreza: *Ego vir videns paupertatem meam*, porque nella tinheis o coraçaõ, nós temos os olhos no thesouro, porque nelle temos o coraçaõ. Extremada foy vossa pobreza no Prezepio, e muito mais extremada foy na Cruz; porque no Prezepio tivestes os pobres paninhos, com que vossa Máy vos pensou: na Cruz das vossas vestiduras nem hum só pedaço vos deixaraõ, que pudessem ficar por reliquia a vossa Máy. Vós no Ceo sempre tendes os olhos no pobre, nem já mais vos esqueceis de seus gemidos, porém na terra na occasiaõ de vossa mayor pobreza naõ ha quem de vós se lembre, nem quem ponha os olhos no vosso desamparo. Fazey pois, ò bom JESU, que eu siga vosso exemplo, e que de coraçaõ ame vossa pobreza, e se for necessario, fazey comigo o que fizestes com o Santo Job; pereçaõ embora as riquezas da terra, com que eu naõ perca as riquezas do Ceo, que com a pobreza da Cruz nos ganhastes, porque vosso Apostolo diz, que por isso vos fizestes pobre, para que com vossa pobreza nos enriquecesses: *Egenus factus est, ut illius inopiâ vos divites essetis.* Thren. 3.

CAPITULO XI.

Da undecima flor da Arvore da vida, que he a Misericordia.

ENtre os attributos Divinos o mais encarecido na Escritura he o da Misericordia. S. Paulo chama a Deos Pay das misericordias: *Pater misericordiarum*, porque sendo hum attributo, as obras saõ infinitas; porque, como diz Saõ Bernardo, em todas as obras de Deos, Serm. 2. de Nat.

Deos, a que mais se deixa ver, he a Misericordia, e em nenhuma com mais clareza, que na obra da redempçaõ. Appareceu o poder de Deos na creaçaõ do Mundo, a Sabedoria no governo delle, porém a benignidade, e misericordia na Humanidade he que appareceu: *Apparuit potentia in creatione rerum, sapientia in earum gubernatione, sed benignitas & misericordia tunc maximè apparuit in humanitate.* Começou a apparecer esta misericordia de Deos entre as luzes do Prezepio, e muito mais resplandeceu entre as trevas da Cruz, porque se no Prezepio começou a obra da redempçaõ, na Cruz se consummou.

Considero eu a Misericordia de Christo na Cruz como aquelle rio do Paraiso terreal, que, depois de regada a Arvore da vida, regava todas as mais arvores, e repartido em outros quatro rios, regava, e fertilizava toda a terra. Tudo quanto se considera nesta Arvore da vida, saõ obras, ou fruttos daquella infinita misericordia de Deos, que compadecido de nossa miseria, entregou seu Unigenito Filho à morte, e morte de Cruz. A obra da predestinaçaõ, ainda que fosse previstos os merecimentos, sempre foy misericordia de Deos, como diz S. Paulo: *Non currentis, sed miserentis est Dei*; Christo he, que nos la mereceu por meyo de sua Cruz; a graça justificante, e remissaõ dos peccados, a justificaçaõ, e virtude dos Sacramentos, tudo foy frutto desta Arvore da vida, e tudo obras, em que naõ só resplandece o poder de Deos, mas o infinito thesouro de suas misericordias. E finalmente a obra da redempçaõ, e que para remediar o homem, e satisfazer a Deos, de necessidade havia de empenhar Deos ambas as maõs, justiça, e misericordia, na Cruz se obrou tudo. Bem se deixa logo ver, quam suave flor seja esta, que S. Paulo diz, recendeo por toda a Igreja:

Ho-

Hoſtiam in odorem ſuavitatis.

Eſta foy a miſericordia de Chriſto para com noſco, qual he a noſſa para com elle? JESU teve tal compaixaõ de nos ver cahidos na mayor miſeria, que he o peccado, e ſe offereceu a hum remedio taõ pezado, como he a morte de Cruz, e nós o vemos, e cremos aſſim crucificado, qual he a noſſa compaixaõ? Aquelle homem, que caminhando de Jeruſalem para Jericó cahio em maõs de ladrões, que depois de roubado o deixaraõ quaſi morto, de quantos o viraõ naquelle laſtimozo eſtado, hum ſó homem delle ſe compadeceu, os mais olhavaõ, e paſſavaõ adiante; todos pomos os olhos em Chriſto crucificado, e vemos na ſua Imagem o miſeravel eſtado, em que eſtá, porém os menos ſaõ os que delle ſe compadecem. *Luc.* 10.

O Santo Job diz, que naõ podia ver hum afflitto ſem lagrymas, nem hum pobre ſem compaixaõ: *Flebam ſuper eum, qui afflictus erat, & compatiebatur anima mea pauperi*; eis-aqui o que nós deviamos fazer com o noſſo afflitto, e pobre JESU, conſolar com noſſas lagrymas ſua afflicçaõ, e remediar ſua miſeria com a compaixaõ ao pobre; e ſe o tal miſeravel foſſe o afflitto, e mais o pobre, dobrado motivo tinha o Santo Job de chorar, e ſe compadecer: tudo houve no noſſo bom JESU crucificado, ſumma pobreza, com ſumma afflicçaõ. *Job* 30.

Da afflicçaõ diz pelo Profeta David: *Afflictus ſum, & humiliatus ſum nimis, & rugiebam à gemitu cordis mei*, quer dizer, foy tal a minha afflicçaõ, que os gemidos de meu coraçaõ eraõ como de leaõ; aſſim entende de Chriſto eſtas palavras Lorino com os mais Santos Padres, que allega: e tanto mayor foy ſua afflicçaõ, quanto os gemidos eraõ do coraçaõ, e naõ da bocca. Quanto mayor razaõ temos, que o *Pſal.* 37.

Santo

Santo Job para chorar, e nos compadecer, conſiderando a noſſo Redemptor entre tantas afflicções: *Flebam ſuper eum, qui afflictus erat.*

S. Joaõ Chryſoſtomo, quando encontrava nas Divinas letras alguma figura deſte Myſterio da Cruz, como verbi gratia, a hiſtoria de Abraham, naõ podia reter as lagrymas, lembrado do Crucificado JESU. O *Agiol. 1. P.* Beato Pedro da Ordem dos Prégadores continuamente andava chorando com eſta meſma lembrança. Em certa occaſiaõ, em que a compaixaõ lhe tinha magoado o coraçaõ, huma Imagem de Chriſto crucificado ſe deſpregou da parede, e ſe lhe veyo meter nas maõs. Soror Paula de Santa Thereſa da meſma Ordem, eſtando no Coro diante de huma Imagem de Chriſto crucificado, contemplando ſuas dores, a meſma Imagem lhe lançou os braços deſpregando-ſe da Cruz, e ouvio, que o Senhor lhe dizia: Até agora filha fallavas comigo, e mais com todos, daqui por diante ſó comigo has de fallar.

E ſe deſejamos com noſſa compaixaõ conſolar a Chriſto neſta ſua afflicçaõ, tenhamos compaixaõ do pobre, como fazia o Santo Job, porque eſte Senhor tem dito, que a miſericordia, que fizermos ao pobre, a aceita como feita a ſi: *Quod uni ex his minimis feciſtis, mihi feciſtis*, e ſe queremos, que Deos uſe com noſco de miſericordia, a devemos uſar com o miſeravel, porque elle diſſe, que eraõ bemaventurados os miſericordiozos, porque elles alcançariaõ miſericordia: *Beati miſericordes, quoniam ipſi miſericordiam conſequenter.*

Para iſſo havemos de conſiderar no pobre a meſma peſſoa de Chriſto crucificado, e que da Cruz, onde eſtá pobriſſimo, nos diz, o que diſſe pelo Profeta David: *Pſal. 87.* *Pauper ſum ego*, eu ſou o pobre miſeravel, que tens diante dos olhos: *Tibi derelictus eſt pauper*, eſte deſamparado, que a ti acode, eu ſou: *Ego ſum pauper.*

Com

Com esta só consideraçaõ de que o pobre he o mesmo Christo crucificado, que nos pede a esmola, se evitaõ todos os vicios, que podem occorrer na esmola, e se guardaõ todas aquellas advertencias, que para a boa, e fruttuosa esmola se requerem, e Saõ Paulo ensinou, quando disse, que havia de ser a esmola sincera: *Qui tribuit in sinceritate.* Rom. 12.

Naõ poucas vezes se tem o mesmo Christo disfarçado na figura de pobre, pedindo esmola, para prova de nossa misericordia, de que ha muitos exemplos nas historias Ecclesiasticas. Direy só a de Santa Catharina de Sena. Appareceu-lhe Christo em figura de pobre, pedindo-lhe huma esmola por amor de Christo crucificado: enternecida a Santa, naõ tendo outra cousa, lhe deu huma Cruz de prata, que por memoria da de Christo trazia sobre as costas; recebeu-a o disfarçado pobre, e na noite seguinte lhe appareceu com a mesma Cruz, ornada de rica pedraria, dizendo: Conheces filha esta Cruz? Respondeu a Santa, conheço, mas naõ rica, como agora está; por tua caridade (tornou o Senhor) está taõ rica, e preciosa: eu te prometto, que no dia do Juizo a mostre para testemunho do muito, que me agradou essa tua acçaõ.

Segunda vez lhe appareceu o mesmo Christo em traje de peregrino quasi nù, e tremendo de frio: compadecida a Santa, tirou a tunica interior, e a deu ao dissimulado pobre, e verdadeiro Christo, o qual a recebeu, e deixou na Santa taes effeitos, que bem significavaõ de quem eraõ. Na seguinte noite estando ella em oraçaõ, lhe appareceu o Senhor na mesma fórma de peregrino com aquella mesma tunica nas maõs bordada de ouro fino, e pedras preciosas, e lhe perguntou se a conhecia; conheço, respondeu a Santa, mas naõ rica, como quando estava em meu poder. Tu (continuou o Se-

o Senhor) hontem vendo-me nù, me veſtiſte com ella, eu te quero veſtir com huma roupa, que tu ſó verás, com a qual naõ ſó teu corpo, mas tambem tua Alma ſe veſtiraõ; e dizendo iſto tirou o Senhor do lado huma purpura, e veſtio a Santa, dizendo, eſta veſte ſerá final, de que te hey de veſtir de gloria no Ceo em preſença de meus eſcolhidos.

O que nos importa he, que nós reconheçamos noſſa miſeria, e que diante de Chriſto crucificado imploremos ſua miſericordia: *Non habemus Pontificem, qui non poſſit compati in infirmitatibus noſtris*, diz S. Paulo, naõ he noſſo Pontifice, o que ſe naõ poſſa compadecer de noſſas miſerias: *Tentatum per omnia*, elle padeceu tudo quanto nós podemos padecer: como experimentado, terá de nós compaixaõ. Chriſto entaõ ſoube pela ſciencia experimental, que couſa era pobreza, depois que por experiencia a padeceu no Prezepio, e mais na Cruz. Entaõ ſoube pela ſciencia experimental, que couſa era tentaçaõ, depois que a padeceu dos homens, e Demonios. Depois que experimentou a fome no dezerto com o jejum de quarenta dias, ſe compadeceu das turbas, que eſtavaõ tres dias em jejum: *Miſereor ſuper turbas.* Tendo nós pois tal Pontifice, experimentado por tudo: *Tentatum per omnia*, podemos ter muita confiança, que propondolhe nós noſſas miſerias à viſta das que padeceu na Cruz, terá de nós compaixaõ.

Hebr. 4.

Eſte Senhor diſſe, que pela medida, por onde medirmos noſſas miſericordias, ha de elle medir as ſuas: *In qua menſurâ menſi fueritis, remetietur vobis*; a medida, por onde medio ſuas miſericordias, foy a Cruz; pela Cruz devemos nós tambem medir as noſſas, fazendo-as por amor de Chriſto crucificado. No dia do Juizo a Cruz ha de ſer a medida, por onde ſe haõ de medir

medir noſſas obras: *Hoc ſignum Crucis erit in Cælo, cùm Dominus ad judicandum venerit*; claro eſtá, que as que neſta vida forem medidas pela Cruz de Chriſto, haõ de vir na outra vida ajuſtadas com a meſma Cruz; e quando naõ, podemos temer, que a Cruz, que neſta vida foy medida da miſericordia, nos ſeja na outra medida da juſtiça, porque eſta he a que entaõ predomina. Sirva para tudo eſte exemplo. Huma Santa Religioſa da Ordem de S. Domingos por nome Luzia, a quem JESU Chriſto fez maravilhozos favores, vio no Ceo huma Cruz muito preta, e ſobre ella hum eſtandarte vermelho; expavorida a Santa, perguntou a Chriſto o myſterio, o qual reſpondeu: Eu minha filha tinha branqueado minha Cruz com o meu Sangue, mas os homens com ſeus peccados a tornaraõ negra, como vês, contra ſi meſmos: por iſſo determino caſtigallos antes do dia do Juizo, que iſſo ſignifica o eſtandarte vermelho, que vês ſobre a Cruz. Na ſexta feira ſeguinte tornou a ver a meſma Cruz preta, e que de ſi deſpedia ſettas de fogo, das quaes a mayor parte cahia ſobre a Chriſtandade. Para mitigar a ira de Deos; depois de muitas lagrymas, orações, e penitencias, fez a Santa huma Cruz de madeira, que ornou com todos os inſtrumentos da Paixaõ, e Morte de Chriſto, que procurou branquear com a conſideraçaõ, e applicaçaõ de ſeu preciozo Sangue, ajuntando-lhe o leite de ſua Santiſſima Mãy, e diante deſta Cruz com as lagrymas nos olhos, e fervoroſa oraçaõ procurou abrandar a ira de Deos.

O que importa he aproveitarſe da miſericordia de Deos em quanto he tempo: *Quia tempus miſerendi ejus*. Eſtando Santa Getrudes em oraçaõ diante de Chriſto crucificado rogando por muitas peſſoas, que lhe pediaõ ſuas orações, vertendo rios de lagrymas, com

que regava ſuas precioſas Chagas, unindo ſua bocca com ellas terniſſimamente, naõ ceſſava de pedir a ſeu Divino Eſpozo pelos que ſe lhe tinhaõ encommendado: perſeverando em ſua oraçaõ, vio ſahir da Chaga do lado hum rio de miſericordias, que banhou a todos ſeus encommendados, e dando-lhe as graças, lhe pedio, ſe lograſſem em ſuas Almas.

CAPITULO XII.

Da duodecima flor da Arvore da vida, que he a Fortaleza.

De morib. Eccleſ. c. 19

A Fortaleza, de que tratamos, definio Santo Agoſtinho deſta ſorte: *Fortitudo eſt amor omnia propter Deum facilè ſuſtinens*; quer dizer, a Fortaleza he hum amor, que tudo póde facilmente por amor de Deos. Neſte ſentido S. Paulo diz, que tudo podia em virtude de quem interiormente o confortava: *Omnia poſſum in eo, qui me confortat*; porque o amor da Cruz de Chriſto, que ardia em ſeu coraçaõ, tudo lhe fazia facil. Neſte meſmo ſentido os Santos Martyres deſprezavaõ as ameaças dos Tyrannos, e abraçavaõ os tormentos, como delicias; e ſobre tudo, como diz Saõ Bernardo, Chriſto na Cruz coroado de eſpinhos, pregado com cravos, cheyo de opprobrios, eſquecido de tudo, roga pelos meſmos, que o crucificaõ: *Spinis coronatus, clavis confoſſus, affixus patibulo, opprobriis ſaturatus, omnium tamen immemor, ignoſce, ait, illis, quia neſciunt quid faciunt; ò charitas patiens, & compatiens!*

Phil. 4.

Eſta fortaleza eſtende o Santo Doutor por todas as mais virtudes, porque nenhuma outra couſa ſaõ as virtudes,

tudes, senaõ os mesmos actos de caridade, naõ os elicitos, como dizem os Theologos, senaõ os imperados, em quanto pela mesma caridade saõ dirigidos, formados, e aperfeiçoados; e certamente a virtude em geral se define, *amor honesti*, amor do honesto; e a toda a virtude compete esta definiçaõ, e se em nós houver este amor, haverá fortaleza para emprender a conquista de todas as virtudes, e valor para resistir aos vicios contrarios; e para isso nos devemos ajudar do exemplo de Christo crucificado; e esta vem a ser huma flor da Arvore da vida, que encerra todas as demais.

Descreve Salamaõ huma mulher em tudo santa, e prudente, e para isso a arma de fortaleza com todo o encarecimento. Primeiramente lhe dá o nome de mulher forte: *Mulierem fortem quis inveniet?* Cingiose muy bem esta de fortaleza, e fortaleceo os braços: *Accinxit fortitudine lumbos suos, & roboravit brachium suum*; e para que tanta fortaleza? Para preparar a alampada de caza, e atiçar as candeas: *Non extinguetur lucerna ejus in nocte.* Diz que estendeo a maõ para cousas de grande fortaleza: *Manum suam extendit ad fortia*; que? Pegar na roca, e menear o fuzo: *Digiti ejus apprehenderunt fusum*; e finalmente para tudo se armou de fortaleza, e nella poz todo o seu garbo: *Fortitudo, & decor indumentum ejus.* Esta mulher forte no sentido allegorico significa a Igreja de Christo, que saõ os Fieis; no anagogico significa qualquer Alma Christã; no mais de suas acções se nota o cumulo de todas as virtudes, que se requerem assim na Igreja, como em qualquer Alma; e no estar esta mulher forte taõ armada em tudo de fortaleza, que outra cousa nos significa o Espirito Santo, senaõ o mesmo, que diz Santo Agostinho, que para todas as virtudes he necessaria a fortaleza, que naõ he outra

Prov. 31.

couſa, ſenaõ o amor das meſmas virtudes.

Opuſc. 71. de dilec. Santo Thomás faz diſtinçaõ entre virtude, e fortaleza, e diz que virtude he huma applicaçaõ de todas noſſas forças para obrar, e fortaleza para padecer: *Virtus eſt ſummus conatus omnium virium ad agendum, fortitudo ad ſuſtinendum.* E ſe a fortaleza, conforme Santo Agoſtinho, he amor, tudo faz, e tudo póde o amor, que por iſſo na Eſcritura ſe compara ao fogo, e mais à morte, porque aſſim como o fogo tudo conſome, e a morte tudo acaba, aſſim o amor a tudo ſe atreve, porque com tudo póde, *omnia poſſum.*

De mor. Eccl. l. 1.

Matth. 6. Chriſto Senhor noſſo diſſe, que ninguem podia ſervir a dous ſenhores: *Nemo poteſt duobus dominis ſervire*, porque neceſſariamente havia de amar a hum, e aborrecer a outro; porém ſe ſe deſſe caſo, que hum ſervo podeſſe igualmente amar a ambos, neſſe caſo bem podia hum ſervo ſervir a dous ſenhores, porque o amor tudo póde. Ahi naõ ha couſa mais digna de amor, que a virtude, nem couſa mais digna de odio, que o vicio, com tudo mais ſaõ os que ſeguem os vicios, e menos os que ſeguem as virtudes, e porque, ſenaõ por falta de fortaleza, que he amor? Tudo eſtá no amor, amamos mais as trevas, que a luz, como diſſe Chriſto: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.*

Hebr. 12. Para nos firmar neſta fortaleza, ou neſte amor, nos manda o Apoſtolo pôr os olhos em JESU Chriſto crucificado: *Aſpicientes in auctorem fidei, & conſummatorem JESUM, qui, propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit Crucem.* Se a fortaleza naõ he outra couſa, ſenaõ amor, que a tudo ſe atreve, conſideremos o quanto tolerou Chriſto na Cruz por amor de nós, e eſſe amor, ou eſſa fortaleza ſeja o exemplar da noſſa.

Em quanto eſtamos neſta vida, andamos cercados com mil occaſiões, e tentações de peccado, aſſim entendem

tendem ás palavras do Apoſtolo: *Et circunſtans nos peccatum.* Para naõ cahir, e reſiſtir he neceſſaria a fortaleza: *Non dum uſque ad ſanguinis effuſionem reſtitiſtis adverſus peccatum repugnantes*, ainda a voſſa reſiſtencia contra a tentaçaõ naõ foy tal, que chegaſſes a derramar ſangue, como Chriſto na Cruz. Para eſta reſiſtencia he neceſſaria fortaleza, e ſe eſta ſe naõ diſtingue do amor, como diz Santo Agoſtinho, conſideremos o amor, com que Chriſto derramou o Sangue, e deu a vida, para nos remir, e livrar do peccado, e logo teremos fortaleza para reſiſtir, e vencer. Os peccadores, que facilmente cahem em peccado, coſtumaõ eſcuſarſe com a fraqueza humana: a fraqueza vence-ſe com a fortaleza: a fortaleza ſe alcança com pôr os olhos em Chriſto crucificado.

Eſte penſamento de S. Paulo confirmou S. Pedro dizendo: *Chriſto igitur paſſo in carne, & vos eâdem cogitatione armamini, quia qui paſſus eſt in carne, deſiit à peccatis*, quer dizer: ſendo Chriſto crucificado para nos livrar do peccado, nos devemos armar com eſta conſideraçaõ para deſiſtir dos peccados, e foy o meſmo que dizer, como commenta Tirino: ſendo tal, e taõ generoza a fortaleza de Chriſto, que para nos livrar dos peccados, naõ duvidou abraçarſe com a Cruz, vós armados com ſemelhante fortaleza deveis crucificar voſſos vicios, porque ſó os que deſta ſorte ſe ſabem armar, vencem as tentações, e deſiſtem dos peccados. 1. Petr. 4.

A Cruz foy a arma, com que Chriſto pelejou, e venceu o Demonio, a morte, e o peccado: tambem eſta lembrança, diz S. Pedro, ha de ſer a arma, com que nos devemos armar contra os meſmos inimigos: *Et vos eâdem cogitatione armamini.* Quando David ſahio a pelejar com o Gigante, a arma foy hum bordaõ

na maõ, e huma pedra na funda; David figurava a Chriſto: o bordaõ a Cruz, diz Santo Agoſtinho, porque ſahindo Chriſto à batalha com o Demonio, crucificado o venceu; e onde o ferio? Na teſta, onde naõ tinha o ſinal da Cruz, diz o Santo: *In fronte utique, ubi ſignaculum Crucis non erat*; tenhamos nós na memoria eſta conſideraçaõ de Chriſto crucificado, que nós teremos fortaleza para a peleja, e virtude para a vencer. Prégava em Salamanca S. Vicente Ferrer aos Judeos, tendo na maõ eſquerda huma Cruz, eis que ſe vem cahir do Ceo muitas cruzes, como aquella, que o Santo tinha na maõ, e ſe foraõ pôr ſobre as capas dos Judeos, e ſobre os toucados das Judias; os quaes todos aſſombrados do prodigio, abjuráraõ ſua perfidia, e confeſſaraõ a Chriſto.

Serm. 197 de tem.

Eis-aqui ò JESU crucificado as flores, que neſſa Arvore da vida floreceraõ, e que em toda a Igreja Catholica recendem; mas que importa perceber o cheiro, ſe me naõ aproveitar da virtude? Que importa colher as flores, ſenaõ ſouber aproveitar o frutto? Eſtas ſaõ as flores, com que alaſtraſtes o voſſo leito, o do Prezepio de palhas, o da Cruz de flores; mas que flores, JESU da minha Alma? Cravos, eſpinhos, chagas, dores, tormentos, opprobrios, blasfemias, e afflicções do coraçaõ. A voſſa Eſpoſa deſejava, quando deſmayava, ſer fortalecida com flores: *Fulcite me floribus*, as flores, com que na Cruz eſtais eſtribado, ſaõ eſpinhos, e cravos. Os eſpinhos, que a terra produzio, quando Adam peccou, ſe converteraõ agora neſſas flores, para ſatisfaçaõ do ſeu peccado; aquelles eſpinhos foraõ effeitos da culpa, eſſas flores foraõ cauſa do remedio.

Fazey pois, ò bom JESU, que eu ſaiba colher o frutto deſtas flores; naõ permittais, que eu me coroe

de

de roſas, vendo-vos a vós coroado de eſpinhos. Naõ permittais, que meus pés dem paſſo fóra dos limites da voſſa Ley, minhas maõs obrem couſa contra voſſos Mandamentos, depois que vos vejo pregado de pés, e maõs em huma Cruz; e para que eu me naõ afaſte de vós, cercay, Senhor, de eſpinhos todos os caminhos, que naõ vaõ direitos a vós, como alguma vez fizeſtes com aquella Alma perdida, de que falla o Profeta Oſeas: *Sepiam viam tuam ſpinis*; para que caminhando pelo monte Calvario a vós, me enſineis a colher deſſa Arvore da vida as flores, com que no monte da gloria me coroeis. *Oſeas 2.*

CAPITULO ULTIMO.

De que ſorte ſe haõ de colher as flores da Arvore da vida.

OS modos de colher as flores da Arvore da vida he o meſmo, que guardaõ as abelhas com as flores do campo. Chriſto ſe queixou por David, que o cercaraõ ſeus inimigos, como abelhas: *Circumdederunt me, ſicut apes*, elles para o morderem, e atormentarem com as linguas, nós que ſomos ſeus amigos, o devemos cercar como abelhas, para chupar, como faz a abelha, as flores, e mel de ſeu Sangue por meyo da oraçaõ, e meditaçaõ, da ſorte que ſe coſtuma meditar a Paixaõ de Chriſto, com animo de colher o frutto, que he o ſeguinte.

1. Quem he o que padece? Chriſto, Filho de Deos, Sabedoria do Eterno Padre.

2. Que couſa padece? Açoutes, eſpinhos, afrontas, Cruz, e morte.

3. Por quem padece? Por nós, e por noſſa ſalvaçaõ.

4. Porque cauſa padece? Pelos peccados dos homens.

5. Para que padece? Para que os homens naõ padeçaõ eternamente.

6. De quem padece? De ſeu povo, e de ſua gente.

7. Em que idade padece? Quando era mancebo.

8. Em que tempo padece? Quando mayores beneficios fazia aos homens.

9. Onde he que padece? No meyo do Mundo, que he Jeruſalem, e no lugar dos facinorozos, que he o Calvario.

10. Diante de quem padece? Do Ceo, e da terra, de Deos, e de ſua Máy, de amigos, e de inimigos.

11. Quanto tempo padece? A mayor parte da noite, e mayor parte do dia.

12. De que modo padece? Com ſumma paciencia, fortaleza, manſidaõ, e caridade.

Pudera fazer hum grande Cathalogo de exemplos de Santos, que da meditaçaõ de Chriſto crucificado tiraraõ naõ ſó documentos de todas as virtudes, mas por eſſa cauſa receberaõ de Chriſto ſingulares favores. Aos que já ſe tem dito acima, accreſcento o que da Virgem Santa Getrudes ſe eſcreve na ſua hiſtoria por ſingular, porque foy muito o amor deſta Santa a JESU crucificado, e muito ſingulares os favores, que delle recebeu. Deſta Arvore da vida colheu as flores de riquiſſimas virtudes, de que fabricou hum ramilhete, como o de

myr-

myrrha da Eſpoſa, que continuamente trazia no coraçaõ.

Deſte Divino Meſtre, e neſte livro aberto de Chriſto crucificado tomava liçaõ todos os dias, horas, e momentos, contemplando, o que na Cruz padeceu, procurando com todas ſuas forças conformar ſua vida com a de Chriſto. Todos ſeus requebros eraõ com Chriſto crucificado, e todas as ſuas delicias, quando ſe achava com elle na Cruz, e como ſolicita abelha procurava chupar o mel das amargozas flores de ſua Cruz, com que trazia ſeu eſpirito alentado para as obras do Senhor, nunca perdendo de viſta a Imagem de Chriſto crucificado.

Saudava de continuo as Chagas de ſeu Divino Eſpozo. Hum dia veſpora da Aſcenſaõ as ſaudou mais de cinco mil vezes, em que ſentia ſumma ſuavidade; naõ ficou ſem premio, porque logo lhe appareceu ſeu Divino Eſpozo com as Chagas matizadas de belliſſimas flores, e lhe diſſe com palavras ſuaviſſimas: Em pago das ſaudações, que me tens dado, com que afermozeaſte minhas Chagas, eu te aſſiſtirey na hora da morte taõ florîdo, como me tens afermozeadas minhas Chagas com as flores de tuas ſaudações; eſte meſmo favor farey a todos, que com ſemelhante fervor as ſaudarem; e ditto iſto, deſappareceu, deixando-a banhada em hum mar de ſuavidade, e abrazada no amor de ſua Sagrada Paixaõ.

Outro dia, veſpora do Naſcimento do Senhor, diante de huma Imagem de Chriſto crucificado foy beijando, e ſaudando ſuas Chagas de pés, maõs, e lado: Chriſto lhe pagou ſeu affecto, banhando-a com hum rio de agua celeſtial, que manou de ſeu peito, e a purificou de todas ſuas manchas, conſolando-a com huma doçura ineffavel. Levada hum dia de compaixaõ de ver

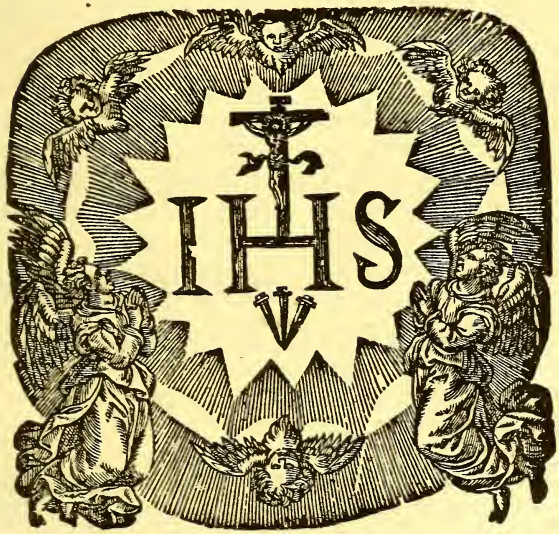
ſeu

ſeu Divino Eſpozo pregado em huma Cruz, arrancou os cravos de ferro, com que a Santa Imagem eſtava pregada, e em ſeu lugar lhe meteu outros fabricados de huma maſilha aromatica, que ſeu amor lhe enſinou, e deſejoſa de ſaber, ſe aquelle ſerviço fora agradavel ao Senhor, elle lhe reſpondeu: Eu aceito o affecto amorozo, com que fizeſtes tanto, que por elle derramey em todas as Chagas de teus peccados o ſuaviſſimo balſamo de minha caridade.

Naõ parou aqui o premio, que lhe deu pelas finezas, e amor, que oſtentou com o Santo Crucifixo, porque dormindo com a Imagem em ſeus braços, lhe fallava entre ſonhos com palavras amoroſas, fazendo-lhe mil caricias; e vendo-a o Senhor desfallecida por ſua grande fraqueza, abrio o ſeu Sagrado Peito, e com o licor de ſeu Sangue conficionou hum manjar ſuaviſſimo, e com ſua propria maõ lhe meteu os bocados na bocca, com que de tal ſorte reparou as forças, que acordou forte, e alentada. Em certa occaſiaõ, em que lhe mandavaõ huma obediencia pezada, reſignando-ſe diante de huma Imagem de Chriſto crucificado, o Senhor deſpregando-ſe da Cruz, deſceu a ella, e lhe deu hum abraço, louvando ſua obediencia.

Naõ he maravilha tiveſſe Santa Getrudes taõ cordeal amor a Chriſto crucificado, pois, como a meſma Santa confeſſa, lhe eſtampou as cinco Chagas de maõs, pés, e lado em ſeu proprio coraçaõ, e com ellas aquelle ardentiſſimo amor, com que meditava as dores de ſua Cruz. O modo, como iſto ſuccedeu, eſcreve a meſma Santa. Encontrára em hum livro certa oraçaõ a Chriſto crucificado, e lhe cahio tanto em graça, que a repetia muitas vezes, ſentindo avivarſe com ella o fogo do amor, que ardia em ſeu coraçaõ. Succedeu, que occupada a memoria neſtas couſas, ſentio que divina-

vinamente lhe eraõ concedidos todos aquelles favores, e graças, que na dita oraçaõ ſe continhaõ, e que dentro em ſeu coraçaõ lhe eraõ aſſinalados, e impreſſos os ſinaes de ſuas Santiſſimas Chagas. Com eſte, e mais favores ficou a Alma de Getrudes abrazada em ardentes chammas de amor a Chriſto crucificado.



RA-

ARVORE DA VIDA, JESUS CRUCIFICADO.

QUINTA PARTE.

Dos Fruttos da Arvore da vida.

PROEMIO.

AO que principalmente ſe attende em qualquer Arvore he o frutto, e de tanto mayor eſtimaçaõ ſerá a Arvore, quanto for mayor a excellencia do frutto. Da Arvore da vida, que vio S. Joaõ no Paraiſo Celeſtial, diz que dava no anno doze novidades: *Afferens fructus duodecim*; o meſmo dizemos da Arvore da vida do Paraiſo terreal, que he JESUS crucificado. Os doze fruttos da Arvore da vida

do

do Paraiſo Celeſtial, ſaõ os doze gozos, que a Alma bemaventurada goza com a viſta clara de Deos, a ſaber nas tres potencias da Alma, nos cinco ſentidos do corpo, nos quatro dotes gloriozos, nos quaes doze gozos ſe encerraõ infinitos outros. O meſmo numero de fruttos conſideramos na Arvore da vida JESUS crucificado no Paraiſo terreal, que he a Igreja Militante.

O primeiro frutto he o beneficio da predeſtinaçaõ: o ſegundo he a graça ſantificante, ou vida ſobrenatural da Alma. O terceiro frutto he a gloria: o quarto he o beneficio da redempçaõ: o quinto a converſaõ do Mundo: o ſexto a Igreja Catholica: o ſettimo os Sacramentos da Igreja: o oitavo a Sagrada Eucariſtia. O nono o beneficio da vocaçaõ à Fé Catholica: o decimo a remiſſaõ dos peccados: o undecimo o beneficio da Reſurreiçaõ: o duodecimo, e ultimo frutto da Arvore da vida foy darnos por Máy noſſa a ſua Santiſſima Máy.

CAPITULO I.

Do primeiro frutto da Arvore da vida JESU crucificado, que he a Predeſtinaçaõ.

O Primeiro, e mais excellente frutto deſta Arvore da vida, he o beneficio da Predeſtinaçaõ, delle dependem todos os mais; e deixando outras definições, e queſtões Theologicas, para noſſo intento baſta a definiçaõ de Santo Agoſtinho: *Prædeſtinatio eſt præſcientia, & præparatio gratiarum, quibus certiſſimè ſalvantur quicunque ſalvantur*, quer dizer, predeſtinaçaõ he huma previdencia de Deos, e preparaçaõ

raçaõ de todas aquellas graças, com as quaes ſe ſalvaõ todos os que ſe ſalvaõ. E pondo exemplo, dizemos, que Deos predeſtinou a Pedro, quando de infinitas graças, que lhe podia dar, determinou darlhe aquellas, pelas quaes previo, que Pedro uſando de ſeu livre alvedrio, havia de obrar, e perſeverar até a morte. Donde ſe ſegue, que a graça da predeſtinaçaõ, quanto ao effeito, depende da noſſa futura cooperaçaõ, e que a noſſa cooperaçaõ enche, e aperfeiçoa a predeſtinaçaõ, e graça Divina.

Diſſe bem Tertulliano, que naõ era fé verdadeira attribuir tudo à vontade de Deos ſem attender a mais; porque devemos crer, que alguma couſa eſpera Deos de nós para aperfeiçoar a obra de noſſa ſalvaçaõ. Que deſvelo teria hum de ſua ſalvaçaõ, ſe creſſe, que ella naõ dependia de ſeu cuidado. Pelo que devemos aſſentar, que a Predeſtinaçaõ ſendo huma previdencia Divina, mediante a qual determina prevenirmos com ſuas graças, e que ſegundo a correſpondencia, que nós outros devemos applicar, julga de noſſa felicidade, ou deſgraça eterna. Eſta he doutrina conforme aos Santos Padres, e ſentir da Igreja, favoravel para honra, e gloria de Deos, util para a quietaçaõ de noſſas concien-cias.

Porém deixadas eſtas, e outras queſtões, que tratãõ os Theologos, o noſſo ponto he moſtrar como eſte beneficio da predeſtinçaõ he frutto da Arvore da vida JESUS crucificado. Claramente o diz Saõ Paulo: *Qui prædeſtinavit nos in adoptionem filiorum per JESUM Chriſtum, per ſanguinem ejus.* No livro da vida, de que falla S. Joaõ no Apocalypſe, eſtavaõ eſcritos os nomes de todos os Predeſtinados; diſſe bem o que diſſe, que todos eſtavaõ rubricados com o Sangue de Chriſto, e illuminados com os rayos do amor eter- *Epheſ. 1.*

no,

no, com que Deos os amou, e predeſtinou para à gloria, porque com os olhos neſſe Sangue os predeſtinou.

Gen 4. Por huma figura da Sagrada Eſcrittura ſe explica bem. Caim, e mais Abel ambos eraõ irmaõs, Caim precito, Abel predeſtinado; Caim offerecia a Deos os fruttos da terra, Abel o cordeiro: poz Deos os olhos em Abel, e mais no Cordeiro, e naõ em Caim, nem em ſuas fruttas: *Reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus; ad Caim & ad munera ejus non reſpexit.* Eis-aqui hum emblema do que paſſa no tribunal de Deos àcerca da predeſtinaçaõ dos homens. Primeiro poem os olhos em nós, e noſſas obras, e logo no Cordeiro ſacrificado, que he ſeu Filho na Cruz, a quem o Cordeiro de Abel repreſentava, para que entendamos, como o beneficio da predeſtinaçaõ he frutto da morte de Chriſto na Cruz, que he a Arvore da vida.

E naõ carece de myſterio dizer a Eſcritura, que puzera Deos os olhos em Abel, e mais no Cordeiro, para que entendamos, que aquelles ſaõ os que Deos predeſtina, que prevê haõ de ſer com ſua graça conformes a JESU crucificado, que he o Cordeiro. Aſſim entende Molina, • com elle muitos Theologos as palavras de S. Paulo: *Quos præſcivit, & prædeſtinavit conformes fieri imagini filii Dei.* Pelo que ſe quizermos ſaber, ſe ſomos predeſtinados, ou naõ, ponhamos os olhos em nós, e noſſas obras, e depois os viremos para huma Imagem de Chriſto crucificado; e ſe nos acharmos conformes na vida àquella Imagem, iſto he, ſe a noſſa vida he de Chriſtaõs, poderemos entender, que ſomos predeſtinados; porém ſe acharmos o contrario, final he que naõ he de Abel, ſenaõ de Caim a noſſa ſorte. Ao menos a lembrança continua de Chriſto crucificado, he grande final de predeſtinaçaõ; aſſim o ſignificou o Anjo a Saõ Joaõ moſtrando-lhe todos os

Pre-

Predeſtinados com o ſinal da Cruz nas teſtas: *Nolite nocere terræ, quouſque ſignemus ſervos Dei noſtri in frontibus eorum.*

A naõ ſer taõ conhecida a ſantidade de Santa Clara de Montefalco, ſó pela Imagem de Chriſto crucificado, que lhe acháraõ no coraçaõ, era baſtante teſtemunho de eſtar na Gloria ſua Alma. A ſantidade de Santa Brigida teve principio na viſta de huma Imagem de Chriſto crucificado, que lhe appareceu por ſonhos, e lhe ficou impreſſa na memoria de tal ſorte, que naõ podia lembrarſe della ſem lagrymas. A Santa Getrudes diſſe Chriſto Senhor noſſo, que todas as vezes, que huma Alma punha os olhos com devoto affecto em alguma Imagem ſua na Cruz, elle tambem punha os olhos de ſua miſericordia.

No tempo, que iſto eſcrevo, ſuccedeu na Cidade da Bahia de todos os Santos no Braſil, que certo Capitaõ de louvavel vida, por nome Martinho Monteiro, depois de ſe haver confeſſado, e commungado, o que frequentemente fazia, eſtando em ſua caza ſe achou com huma Imagem de Chriſto crucificado na maõ de joelhos morto; e quem póde duvidar, que era predeſtinada a Alma, que deſta vida partio, deixando-nos taõ evidente ſinal de predeſtinaçaõ?

CAPITULO II.

Do ſegundo frutto da Arvore da vida, que he a graça ſantificante.

TOda a virtude da Arvore do Paraiſo terreal era cauſar vida natural do corpo: toda a virtude deſta Arvore da vida JESU crucificado he dar vida ſobre-

natural da Alma, que he a graça; porque assim como o corpo sem Alma está morto para a vida temporal, assim a Alma sem graça está morta para a vida eterna.

Neste sentido na Sagrada Escritura à morte dos Santos não se chama morte, senaõ sono, e desta fraze usou o mesmo Christo, fallando da morte de Lazaro:
Joan. 11. *Lazarus amicus noster dormit.* Da mesma fraze usou na morte da filha do Principe Jairo, dizendo que naõ era morte, senaõ sono: *Non est mortua Puella, sed dormit.* Pelo contrario os peccadores, a quem falta a graça, naõ tem outro nome, senaõ de mortos; assim o
Luc. 8. affirmou o mesmo Christo àquelle moço, que chamado para a sua escola pedia licença para ir sepultar a seu pay, dizendo: Deixa aos mortos sepultar os seus mortos: *Dimitte mortuos sepelire mortuos suos*, entendendo por mortos os peccadores, como diz S. Jeronymo.

Esta graça pois he, a que dá vida sobrenatural a nossas almas, e merecimento a nossas obras, e esta nos mereceu Christo com a sua morte de Cruz no meyo do Paraiso da Igreja Militante, como dizem os Theologos, e confessa a Igreja universal, e por isso dizemos, que a graça santificante he frutto desta Arvore da vida. Bem he que façamos della algum conceito, para que façamos della a devida estimaçaõ.

Saõ Dionysio chamou à graça Divino nacimento:
Joan. 1. *Nativitatem divinam*; e he conforme, ao que Saõ Joaõ diz, que os que recebem com a Fé de Christo a graça, recebem poder para se fazerem filhos de Deos: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*, porque o tal nacimento he nacimento de Deos: *Ex Deo nati sunt*; e S. Pedro accrescenta, que saõ consortes da natureza
2. *Petr.* 1. Divina: *Divinæ consortes naturæ*, e a razaõ Theologica he, porque a graça, ainda que seja accidente, poem

poem a ſubſtancia na ordem Divina, em que conſiſte a razaõ de ente ſobrenatural, como diz Santo Thomás, e muitos Theologos, que allega, e ſegue Ripalda.

Além diſto a graça traz comſigo naõ ſó a caridade com todas as mais virtudes, e habitos ſobrenaturaes, mas ainda a meſma Peſſoa do Eſpirito Santo, que he o autor da meſma graça, e della ſe naõ póde afaſtar, como do Sol a luz, ou do fogo o calor, como he texto de S. Paulo aos Romanos: *Hæc eſt charitas Dei diffuſa in cordibus noſtris per Spiritum Sanctum, qui datus eſt nobis*; e neſta graça aſſim conſiderada conſiſte a formal juſtificaçaõ do Juſto, como definio o Concilio Tridentino; o qual he bem, que conſiderem os peccadores, quando por couſas temporaes ſe reſolvem a perder a graça, e conſiderem tambem os Juſtos, para que conheçaõ o bem, que tem na graça, para que a naõ percaõ. Rom. 5. Seſſ. 6. c. 7.

Para fazermos pois o verdadeiro conceito da graça, e ſua eſtimaçaõ, naõ ha motivo mais efficaz, que pôr os olhos naquella Arvore da vida JESUS crucificado. Elle diſſe, que pelo frutto ſe devia conhecer a arvore, nós pela Arvore havemos de conhecer o frutto: *Tulit mortem de noſtro, ut daret nobis vitam de ſuo*, diſſe Santo Agoſtinho: quer dizer, tomou a noſſa morte, e deu-nos a ſua vida; pelo que naõ deve ſer menos precioſa para nós a vida, que foy cuſtoſa para elle eſſa morte. Para que nós viveſſemos na Alma, quiz elle por amor de nós morrer na Cruz; a Alma ſeparada do corpo deſceu aos Infernos: o corpo ſeparado da Alma foy levado à ſepultura; tanto como iſto val a vida ſobrenatural de noſſas Almas, que he a graça; porque ſe o valor das couſas ſe colhe pelo preço que cuſtaraõ, cuſtando a vida de noſſas Almas naõ menos, que a morte de Chriſto em huma Cruz, qual deve ſer

o ſeu valor, qual noſſa eſtimaçaõ.

No Deuteronomio diſſe Deos a Moyſés, que a noſſa vida havia de andar ſempre pendente diante de noſſos olhos: *Erit vita tua quaſi pendens ante te*; eſta pendente vida, diz Santo Agoſtinho, naõ he outra, ſenaõ a que eſteve pendente na Cruz, JESUS vida de noſſas Almas; eſta devia andar ſempre na noſſa lembrança, para que tambem trouxeſſemos ſempre diante dos olhos a noſſa, que he a graça, para a naõ perder. *Deut.28.*

Para conſervarmos eſta graça contra toda a tentaçaõ dizia o Santo Xavier, que naõ havia melhor remedio, que a lembrança de Chriſto na Cruz: ſua he aquella jaculatoria: *Inter vulnera tua abſconde me*, porque em nenhuma parte eſtá a Alma mais ſegura. O noſſo Irmaõ Pedro Paraninfo trazia ſobre o peito junto à carne huma Cruz coberta de pontas de ferro, para que na occaſiaõ da tentaçaõ apertando-a com a maõ, ſe lembraſſe de Chriſto na Cruz, e deſta ſorte facilmente a vencia. O meſmo ſe conta do Padre Thomás Saillio da meſma Companhia naõ ſó para o meſmo intento, ſenaõ para viver crucificado pelo peito, como Chriſto o foy pelas eſpaduas, como diz o Autor de ſua vida. Ambos aprenderaõ de ſeu Patriarca Santo Ignacio, que trazia ſemelhante Cruz, a qual ſe guarda no Collegio da Bahia, onde alcancey muitos noſſos com eſta meſma devaçaõ à imitaçaõ do noſſo Padre.

Na vida do Apoſtolico Padre Joaõ de Avila ſe conta, que naõ podendo com razões mover a hum peccador a emenda de certos peccados, lhe pedio, que poſto de joelhos rezaſſe a oraçaõ do Pater noſter diante de huma Imagem de Chriſto crucificado, tendo ſempre fixos os olhos na Imagem; fello aſſim o peccador, por ſe ver livre das importunações do Padre, como elle diſſe;

diſſe; eis que de repente começa a tremer com todo o corpo, porque a Santa Imagem daquelle Cordeiro morto lhe pareceu de Leaõ vivo, como ſe ſe viſſe já no Tribunal de Chriſto para ſer julgado, com a qual viſta emendou a vida, e deſiſtio dos peccados, em que andava.

CAPITULO III.

Do terceiro frutto da Arvore da vida, que he a Gloria.

ARvore da vida chamou S. Joaõ à gloria dos Bemaventurados, nós lhe chamamos frutto deſſa Arvore; porque ſe a graça he ſemente da Gloria, a graça, e a gloria ambas tiveraõ o meſmo nacimento, e ambas ſaõ frutto da meſma Arvore da vida JESU crucificado, o qual com ſua morte nos mereceu a vida da gloria, aſſim como nos mereceu a vida da graça. O meſmo Chriſto Senhor noſſo diſſe, que como bom Paſtor dava vida eterna às ſuas ovelhas: *Et vitam æternam do eis*; *Joan. 10.* e que eſta vida ſeja em virtude da vida, que elle deu na Cruz, o dizem os Theologos, e mais Santos Padres, e ſe moſtra com alguns exemplos, ou figuras da Sagrada Eſcritura.

Quando o povo de Deos peccou no dezerto, e Deos o caſtigou com as ſerpentes de fogo, para remedio dos feridos, e vida de todos mandou a Moyſés, que levantaſſe em hum madeiro huma Serpente de metal, para que todos os que nella puzeſſem os olhos, viveſſem. Naõ he neceſſaria outra expoſiçaõ, que a do meſmo Chriſto Senhor noſſo, o qual diſſe, que aſſim como Moyſés levantou a Serpente no dezerto para vi-

da dos mordidos, assim importava, que elle fosse morto em huma Cruz, para que, os que nelle cressem, gozassem da vida eterna: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in dezerto, ita exaltari oportet filium hominis, ut omnis, qui credit in eum, non pereat, sed habeat vitam æternam*; porque assim como na vista daquella crucificada Serpente poz Deos a vida temporal de seu povo, assim em seu Filho crucificado poz Deos a vida do povo Christaõ.

Joan. 7.

Tiveraõ os do povo de Deos aquella Serpente em tanta veneraçaõ, que a conservaraõ até o tempo de El-Rey Ezequias, o qual a mandou desfazer, porque vio o povo a pontos de a adorar, como a divindade. Em que esti naçaõ devemos nós os Christaõs ter a verdadeira Imagem, onde se nos deu a vida eterna? He certo, como dizem os Expositores, que a virtude de dar a vida temporal naõ estava na Serpente, senaõ em Deos, que naquella figura quiz reprezentar o Mysterio da Cruz. Nenhuma outra cousa saõ nossas paixões, senaõ serpentes venenozas, que desordenadas nos tiraõ a vida da Alma, que he a graça, e com ella a vida da Gloria; para isso he bom remedio ter os olhos da Alma fixos na figurada Serpente de metal Christo crucificado, sempre com santo temor de a perder, que por isso Deos nosso Senhor naõ matou as Serpentes homicidas, para que os de seu povo naõ afastassem os olhos da Serpente de metal, em quem estava o remedio.

A outra figura he. Quando Abel offereceu a Deos o Cordeiro, poz Deos seus Divinos olhos em Abel, e mais no Cordeiro: *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus*; Abel morto, e o Cordeiro sacrificado, ambos eraõ figura de Christo crucificado: o mesmo, que Deos fez na figura, havia já feito no figurado. Poz os olhos nos filhos de Adam, e que pelo peccado

do

do Pay eſtavaõ as portas da Gloria fechadas, e que para ſe abrirem era neceſſaria força, ou valor infinito: que fez ſua miſericordia? Poz os olhos no Cordeiro ſacrificado, que he ſeu Benditiſſimo Filho, e que ſó elle com valor as podia abrir; vio mais o amor, com que elle ſe offerecia como hum Cordeiro ao ſacrificio: *Tanquam Agnus*, determinou, que feito homem morreſſe em huma Cruz, e com ella, como com chave, as abriſſe, porque a Cruz he a chave, que Iſaías vio ſobre o ſeu hombro: *Dabo clavem domûs David ſuper humerum ejus.* Iſai 22.

Iſto, que Deos fez para nos dar a Gloria, devemos nós fazer na ſua eſtimaçaõ. Gloria, que tanto cuſtou a Chriſto, que eſtimaçaõ merece? A perola do Euangelho, figura da Gloria, chama-ſe precioſa: *Pretioſa Margarita*, porque cuſtou quanto poſſuia o mercador, que a comprou: *Omnia ſua*; Chriſto, por nos dar a Gloria, deu tudo quanto tinha, até dar a vida em huma Cruz; em quanto preço deve eſtar na noſſa eſtimaçaõ? Se a magnificencia do templo de Salamaõ ſe collige bem pelo diſpendio de tres mil milhões de ouro, e prata, que nelle ſe empregaraõ, quam magnifico ſerá aquelle Templo eterno da Gloria, que para ſe edificar cuſtou naõ ouro, nem prata, mas o Sangue do Cordeiro immaculado Chriſto JESU, como falla S. Pedro: *Non auro, neque argento, ſed pretioſo ſanguine, quaſi agni immaculati.* Matth. 7. 1. Pet. 1.

Para que os Bemaventurados foſſem collocados em throno de Mageſtade, como ſe promette no Apocalypſe, foy o filho de Deos crucificado em hum madeiro afrontezo. Para que empunhaſſem palmas nas maõs, e cingiſſem coroas nas cabeças, como os vio Saõ Joaõ, foy Chriſto com duros cravos pregadas as maõs, e coroado com coroa de eſpinhos. Para que os corpos

dos Santos eſtejaõ banhados de reſplandor, e veſtidos de fermoſura, eſtá aquelle Divino corpo afeado, e denegrido. Para que os Bemaventurados na gloria bebaõ daquelle rio de deleites, e goſtem da doçura do Manná Celeſtial, chegou Chriſto a padecer ſede, e a provar fel. De ſorte, que eſte amoroziſſimo Senhor nos deixou retratadas noſſas glorias em ſuas penas, e aſſim quem quizer ver hum reflexo da gloria dos Santos no Ceo, veja as penas deſte Senhor na terra; e fallando conforme a noſſa metafora, quem quizer provar dos fruttos doces da Arvore do Paraiſo do Ceo, prove primeiro o amargo dos fruttos da Arvore do Paraiſo da terra, que he JESUS crucificado: *Dulcia non meruit, qui non guſtavit amara.*

Neſtes penſamentos viveraõ os meſmos Bemaventurados, trazendo ſempre na memoria eſta Imagem de Chriſto crucificado. O Padre Eſpinello no dia, em que entrou na Companhia, lançou ao peſcoço huma Cruz, que a cada paſſo beijava para memoria continua de Chriſto crucificado. Em huma occaſiaõ com grande concurſo de gente, que o ſeguia, levou às coſtas huma pezada Cruz, e a collocou em hum lugar alto para publica veneraçaõ. O Padre Simaõ Rodrigues imprimio no peito huma Cruz à força de ferro, e fogo: e aſſim meſmo collocou no cobiculo huma grande Cruz com huma lampada aceza para continua lembrança da Cruz de Chriſto. Tambem do Cardeal Urſino ſe conta, que trazia ao peſcoço huma Imagem de Chriſto crucificado, com as pontas dos cravos viradas para a carne, que continuamente a apertava para lembrança de Chriſto crucificado, e deſtes exemplos ha muitos nas hiſtorias Eccleſiaſticas.

CAPITULO IV.

Do beneficio da Redempçaõ.

PAra conhecermos bem a grandeza deſte beneficio, e fazermos delle a devida eſtimaçaõ, he neceſſario fazer algum conhecimento da felicidade do eſtado da innocencia, que perderaõ pelo peccado noſſos primeiros pays, e o miſeravel eſtado da culpa, e o cattiveiro do Demonio, de que nos remio JESU Chriſto com ſua morte de Cruz.

Primeiramente creou-os Deos, quanto à natureza, com hum perfeito dominio da parte ſuperior à inferior da Alma, ſem aquella inclinaçaõ ao mal, com que Deos noſſo Senhor diſſe, naſciamos depois da culpa; o qual inſinua o Texto Sagrado, dizendo, que andando nùs naõ ſe envergonhavaõ: *Erant ambo nudi, & non erubeſcebant.* Creou-os immortais, como diz Salamaõ: *Fecit Deus hominem inexterminabilem*, de ſorte que ſe naõ fora o peccado, naõ haviamos de morrer, porque, como diz S. Paulo, por hum homem entrou o peccado, e pelo peccado a morte: *Per peccatum mors*, de ſorte que cheyos os annos de noſſos merecimentos, os Juſtos em corpo, e Alma haviaõ de ir para o Ceo. *Gen. 2.* *Sap. 2.* *Rom. 5.*

Infundio-lhes aſſim meſmo a graça ſantificante, e com ella os habitos das mais virtudes ſobrenaturaes, aſſim Theologaes, como moraes, que acompanhaõ a graça ſantificante. E aſſim ſe entende o Eccleſiaſtico: *Creavit hominem de terra, & ſecundùm ſe veſtivit eum virtute.* Naõ era eſta graça devida à natureza humana, por iſſo ſe ha de contar entre os doens ſobrenaturaes, *Eccleſ. 17*

turaes, e ſó deſtes, e naõ dos naturaes, foy Adam privado pelo peccado. Infundio-lhes perfeitiſſima ſciencia das couſas naturaes; além diſto lhes deu o excellente dom da juſtiça original, com que ficou o homem recto, e bem ordenado, ſogeitando os appetites à razaõ, e eſta a Deos. Deu-lhes tambem em conſeguinte diſto o dominio ſobre todos os animaes, e todos eſtes bens aſſim naturaes, como ſobrenaturaes quiz que paſſaſſem como vinculados em morgados a ſeus deſcendentes, no caſo que Adam naõ peccaſſe.

Durou-lhe eſta felicidade a Adam ſó oito dias na mais larga opiniaõ, porque comendo da Arvore prohibida contrahio o peccado, e com elle todos os ſeus deſcendentes, porque todas as noſſas vontades eſtavaõ moralmente na de Adam, como cabeça, e origem; e por iſſo ſe chama peccado original. He Texto de Saõ Paulo: *In quo omnes peccaverunt*, e he Fé Catholica. Póde-ſe iſto explicar com o ſucceſſo, e peccado de Acham, que ſendo elle o que fez o furto de Jericó contra o preceito de Deos, reputou Deos o peccado ſobre todo o povo: *Peccavit populus*, e como diſſe Joſué: ainda hoje dura a macula deſte peccado: *Uſque in præſentem diem macula hujus ſceleris in nobis permanet*; he como ſe lançaſſem peçonha na origem de hum rio, que por iſſo todas as aguas correriaõ peçonhentas.

Rom. 5.

Joſue 7.

E quem poderá explicar os males, que Adam, e Eva experimentaraõ por ſua culpa? Os Theologos, e Expoſitores Sagrados os reduzem a dous capitulos. Primeiro, a Alma foy privada da graça ſantificante, e com ella das mais virtudes ſobrenaturaes, e preſidio da juſtiça original. Segundo, no corpo foraõ privados daquella compoſiçaõ devida dos humores, e interiores movimentos, e obediencia dos appetites à razaõ, e outros

tros infinitos males, e com elles todos nós. E sobre tudo excluidos naõ só do Paraiso terreal, mas do Celestial, cujas portas fechou o peccado de Adam, de sorte, que só Christo com seu valor as pode abrir, que assim como tem as chaves da morte, e do Inferno: *Habeo claves mortis, & Inferni*, assim tem as chaves do Paraiso, que he a Cruz, em que nos remio. *Apoc.* 1.

Assim como pela felicidade do estado da innocencia, que perdeu Adam, se conhece a infelicidade do estado da culpa, em que cahio, assim por este se conhece a grandeza do beneficio da Redempçaõ, e o quanto devemos a nosso Redemptor, que à custa de sua vida innocentissima, e morte afrontozissima de Cruz nos remio. O estado dos filhos de Israel no cattiveiro do Egypto em poder de Faraò foy hum retrato do estado, em que estava o genero humano no estado da culpa debaixo do poder do Demonio. Compadecido Deos do seu trabalho, escolheo a Moysés para que o livrasse de taõ duro cattiveiro; para isso lhe meteo na maõ hum bordaõ de tal virtude, que com elle fizesse todas aquellas maravilhas, que chamamos pragas do Egypto, que largamente se referem no Exodo.

Quem naõ sabe, que Moysés foy figura de Christo nosso Redemptor, e aquelle bastaõ milagrozo foy figura da Cruz, com a qual se obraraõ as mayores maravilhas, assim como o mar vermelho figura do seu Sangue na Cruz derramado; tudo figura propriissima do successo de nossa Redempçaõ, que estando nós cattivos no Egypto deste Mundo debaixo da tyrannia do Diabo, compadecido Deos da nossa miseria, mandou o verdadeiro Moysés seu Filho Unigenito, que por meyo de outro lenho mais maravilhozo, que he a Cruz nos livrou de taõ duro cattiveiro pelo mar vermelho de seu Sangue.

Con-

Confirma-se isto com o que adiante succedeu. Af-
Exod. 17. flitto o povo com a falta de agua, mandou Deos a Moysés, que fallasse a huma pedra, e della tirasse agua: deu Moysés com aquelle mesmo bordaõ dous golpes na pedra, e logo sahio agua em abundancia: *Percussit bis scilicem, & egressæ sunt aquæ largissimè.* A pedra era Christo, como diz Saõ Paulo: *Petra autem erat Christus*, o bordaõ a Cruz, como diz Cornelio com Santo Agostinho: *Gemina percussio duo ligna Crucis significat*, a agua a graça; e se os dous golpes na pedra foraõ em fórma de Cruz, como alguns contemplaõ, que outra póde ser a pedra crucificada, senaõ o mesmo Christo na pedra significada: *Petra autem erat Christus?*

Outra figura mais clara se mostra no mesmo successo da redempçaõ dos filhos de Israel. Todas aquellas maravilhas, que Deos obrou no Egypto, naõ foraõ bastantes para abrandar o coraçaõ de Faraò, até que por ultimo mandou Deos hum Anjo, que passasse a cutelo todos os primogenitos do Egypto, assim homens, como animaes; e para que os filhos de Israel naõ perigassem ao rigor do Anjo, advertio Deos, que puzessem certos sinaes nas portas com o sangue do Cordeiro, que Cornelio com outros diz, era o final da Cruz; e assim succedeu, porque correndo o Anjo vingador as ruas da Cidade, onde quer que achava o sanguineo final da Cruz, passava adiante: e este ultimo prodigio só foy poderozo, para que Faraò largasse o povo de Deos. Quem naõ vê neste prodigio retratado o negocio de nossa redempçaõ?

Com ser bastante qualquer obra de Christo para remir mil mundos, naõ se contentou seu amor com menos, que com derramar seu Sangue com morte de Cruz; naõ bastou o haver encarnado tomando a fórma de Servo,

vo, naſcer em hum Prezepio, derramar o ſangue na Circumciſaõ, jejuar quarenta dias, orar, prégar, ſuar, ſer perſeguido, e calumniado dos Fariſeos, ſenaõ para que a noſſa redempçaõ foſſe cabal, quiz derramar o Sangue, e dar a vida em huma Cruz.

Foy prezo, accuſado, afrontado, esbofeteado, açoutado, e coroado de eſpinhos feito Rey de zombaria; e baſtando hum ſó golpe de cinco mil e tantos açoutes, ou hum ſó pico de ſettenta eſpinhos para ſatisfaçaõ do peccado de Adam, e peccados de todo o Mundo, foy taõ exceſſivo o ſeu amor, que o quiz derramar todo em huma Cruz ao rigor de tres cravos, e huma lança, para que conheceſſemos o valor de noſſa redempçaõ, frutto preciozo da Arvore da vida.

E ſendo que para todos he o frutto deſta Arvore, porque para todos ſe derramou aquelle Sangue, os menos ſaõ os que chegaõ a provar ſeu frutto, porque os menos ſaõ os que ſe ſalvaõ. Faraò já vinha em concerto com Moyſés, que ſahiſſem do cattiveiro os homens, e ficaſſem os meninos, porém Moyſés teimou, que todos haviaõ de ſahir, porque Chriſto, a quem Moyſés repreſentava, todos quer que ſayaõ do cattiveiro do Diabo, porque a todos ſe eſtende ſua redempçaõ; porém aſſim como dos que ſahiraõ do Egypto ſó dous entraraõ na terra de promiſſaõ, aſſim dos remidos de Chriſto os menos ſaõ os que ſe ſalvaõ.

E a razaõ he, porque os mais neſta vida ſomos como os filhos de Iſrael no dezerto, que depois de ſahirem do pezado jugo de Faraò, ainda ſuſpiravaõ pelos alhos, e cebollas do Egypto. Ou ſomos como as duas *Num 32.* Tribus de Gad, e Manaſſes, que vendo as terras da banda daquem do Jordaõ ſerem ferteis para os paſtores, e ſeus animaes, naõ trataõ de paſſar além do rio para a terra de promiſſaõ, que manava mel, e manteiga.

Pſal. 105. ga. He o que diſſe David: *Pro nihilo habuerunt terram deſiderabilem*, nenhum caſo fizeraõ da terra tanto para deſejar.

Eis-aqui porque taõ poucos ſe aproveitaõ do fruto deſta Arvore da vida, porque fazendo mais caſo das couſas do Mundo, achaõ nelle paſto para os brutaes appetites, e por iſſo naõ curaõ de caminhar pelo caminho da Cruz: ou ſaõ como noſſos primeiros pays, que por goſtarem da arvore prohibida naõ curaraõ de lançar maõ da Arvore da vida, com que puderaõ viver para ſempre; e poſto que dos que ſahiraõ do Egypto ſó dous entraraõ na terra de promiſſaõ, com tudo dos que naſceraõ no dezerto naõ foraõ poucos os que chegaraõ a entrar; porque ainda que o numero dos que ſe perdem ſeja mayor, naõ he pequeno o numero dos que ſe ſalvaõ, porque naõ ſaõ poucos os que na vida ſe ſouberaõ aproveitar do frutto deſta Arvore.

Todo aquelle innumeravel eſquadraõ, que S. Joaõ vio no Ceo com palmas nas maõs, todos ſe ſalvaraõ em virtude deſta Arvore, porque, como elle diz, todos haviaõ lavado ſuas roupas no Sangue do Cordeiro JESU crucificado: *Dealbaverunt ſtolas ſuas in ſanguine Agni.*

Eſtes ſaõ principalmente os Martyres, dos quaes diz Santo Efrem, que ſe fora poſſivel contarſe, caberia a cada dia mais de trinta mil; e ſó na perſeguiçaõ de Diocleciano, que durou dez annos, diz Cornelio Alapide, ſe achava ſerem dezaſette mil para cada mez. E Santa Brigida diz, que ſó dos martyrizados em Roma ha ſette mil para cada dia do anno.

E naõ ſaõ ſó os Martyres os que em virtude deſta Arvore ſe ſalvaõ, porque os Santos Confeſſores, e todos os mais Fieis, que morrem na graça de Deos ſe ſalvaõ em virtude do frutto deſta Arvore. Os Anacoretas

tas dos dezertos do Egypto no tempo de S.Marcos, que eraõ innumeraveis, e havia Moſteiros de vinte mil Religiozos; as Ordens Monachaes do tempo de S.Baſilio, e Saõ Bento, e mais Ordens religioſas ſaõ outra couſa, ſenaõ eſquadrões de Bemaventurados no Ceo! Tudo virtude deſta Arvore, como tantos annos antes tinha profetizado Iſaîas no capitulo 53. *Ideo diſpertiam ei plurimos, eò quòd tradidit in mortem animam ſuam, & cum ſceleratis reputatus eſt.* Eſtes ſaõ aquelles redemidos, de que falla o meſmo Profeta, que depois de ſahirem do duro cattiveiro de Faraò, que he o Diabo, entraraõ na verdadeira Siaõ da Gloria, onde eternamente viveraõ com alegria, e gozo ſempiterno: *Qui redempti ſunt à Domino, venient in Sion laudantes, & lætitia ſempiterna ſuper capita eorum.*

CAPITULO V.

Da converſaõ do Mundo.

COm razaõ diſſe Santo Agoſtinho, que Chriſto conquiſtára o Mundo naõ com ferro, ſenaõ com lenho: *Domuit orbem non ferro, ſed ligno*, porque ſó com a virtude de ſua Cruz, e força de ſua palavra o conquiſtou. Eſcolheo para iſſo doze Apoſtolos, ſem outras armas mais, que a palavra de Deos, que, como diz S. Paulo, he mais penetrante, que a eſpada de dous fios: *Penetrabilius omni gladio ancipiti*; eſcolheo doze, porque eſte numero eſtava ſymbolizado em varios myſterios da Eſcritura. Doze, porque doze foraõ os Patriarcas filhos de Jacob: doze as pedras do racional de Aram, doze as pedras fundamentaes, e doze as portas da Cidade de Deos, que vio Saõ Joaõ, além de *Hebr.4.*

ou-

outras muitas figuras da Sagrada Escritura.

Estes doze valerozos Capitaens depois do tempo de sua assistencia em Judea, fortearaõ entre si as Provincias mais celebres do Mundo todo, e repartidos por todo elle, começaraõ a prégar o Euangelho, como diz S. Marcos: *Prædicaverunt ubique*, confirmando sua doutrina com grandes maravilhas em virtude de Christo: *Domino cooperante, & sermonem confirmante sequentibus signis.* E posto que o preceito do Senhor era, que prégassem toda a historia do Euangelho: *Prædicate Euangelium*, o principal assumpto de todos eraõ os Mysterios da Cruz, como confessa Saõ Paulo: *Prædicamus Christum, & hunc crucifixum*, naõ obstante a difficuldade, que conheciaõ os ouvintes, porque os Judeos o tinhaõ por escandalo, e os Gentios por disbarate: *Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.*

1.Cor.1.

Nisto, diz S. Joaõ Chrysostomo, se conhece a virtude da Cruz, que naõ sendo a prégaçaõ dos Apostolos outra, mais que prégar a Christo crucificado, conquistassem hum Reino mayor, que todos os Reinos do Mundo. Estendido foy o Reino de Salamaõ, mas entre os termos de Dan, e Berzabé: estendido o de Dario, mas só entre os Persas, e Babilonios: Alexandre Magno naõ chegou a conquistar toda Azia. Os mais Imperios do Mundo, dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos, todos tiveraõ seus limites, porém o Imperio de Christo a toda a parte do Mundo se estendeo, porque em toda a parte do Mundo soou a voz dos Apostolos, e a noticia do Crucificado JESUS: *In omnem terram exivit sonus eorum, & in fines orbis terræ verba eorum.*

Dan.2.

Naquella celebre estatua, que vio Nabucodonosor composta de quatro metaes, em que se reprezentavaõ

vaõ eſtes quatro Imperios, deſceu do monte huma pedra ſem maõs, que dando na eſtatua a fez em pó, e de tal ſorte creſceu a pedra, que ſe fez hum monte grande. Eſta foy huma verdadeira reprezentaçaõ do Reino de Chriſto, porque aſſim como na explicaçaõ do Profeta Daniel nos quatro metaes ſe ſignificavaõ os quatro Imperios, aſſim na pedra ſem maõs ſe ſignificava hum Imperio, que havia de conquiſtar todos os demais, e havia de durar para ſempre, o qual no ſentido de todos os Expoſitores Sagrados era o Reino de Chriſto; e dizer, que pedra ſem maõs os desbaratára a todos, foy dizer, que ſem força de armas, e ſó com a virtude de ſua Cruz vencera Chriſto, ſignificado na pedra, todos os mais Reinos do Mundo. He o penſamento de Santo Agoſtinho: *Domuit orbem, non ferro, ſed ligno.*

E poſto que as felicidades, que os Profetas annunciaraõ deſte Reino de Chriſto, ſejaõ tantas, e taõ grandes, que neſta vida parecem incompativeis: e por eſta cauſa os Sagrados Expoſitores pela mayor parte as referem para o Reino da Gloria; com tudo o P. Antonio Vieira da Companhia de JESU compoz hum livro muy erudito, que naõ ſahio a luz, que intitulou: *De Regno Chriſti in terris conſummato*, em que prova, que todas aquellas felicidades promettidas pelos Profetas ſe haõ de cumprir neſta vida; e porque, ſuppoſta eſta opiniaõ, ficavaõ os Oraculos dos Profetas claros, chamou a eſte ſeu livro: *Clavis Prophetarum*; mas ſeja o que for, o certo he, que todas foraõ fruttos deſta Arvore da vida no Paraiſo terreal da Igreja Militante, que he o noſſo intento.

Ponderou-o bem Saõ Joaõ Chryſoſtomo referido por Cornelio Alapide pelas ſeguintes razões. Primeira, porque ſendo os Apoſtolos taõ poucos, peſcadores, e ſem letras, ſogeitaraõ à Cruz de Chriſto o Mundo to-

do: ſegunda, porque ſendo os inimigos de Chriſto o peccado, inferno, Reys, Principes, Filoſofos, Gregos, Barbaros, e antiquiſſimas ſeytas, tudo venceraõ com huma ſó prégaçaõ da Cruz: terceira, vencerem as ameaças, e tormentos de tantos Tyrannos, tudo taõ contrario à natureza: quarta, eſpalharem em taõ breve tempo o ſanto nome de Deos, e gloria da Cruz, que, como dizia Santo André, crucificado na ſua recebeu dos membros de Chriſto gloria, e poder.

Exod. 17. Mandou Moyſés a Joſué déſſe batalha contra Amalech, inimigo do povo de Deos, e em quanto os Soldados pelejavaõ, eſtava Moyſés no monte com os braços em cruz com aquella prodigioza vara na maõ arvorada: ſuccedeu, que em quanto Moyſés tinha os braços em cruz, vencia Joſué, e ſe os encolhia, vencia Amalech. Aſſim como aquella prodigioza vara foy figura da Cruz, aſſim Moyſés com os braços eſtendidos era figura de Chriſto crucificado; e aſſim como em virtude da oraçaõ de Moyſés com os braços eſtendidos venceu Joſué aos inimigos do povo de Deos, aſſim os Apoſtolos em virtude de JESU Chriſto, com os braços eſtendidos na Cruz venceraõ, e ſogeitaraõ o Mundo todo. Por iſſo chamaõ à Cruz eſpada de Gedeaõ, com que desbaratou os Madianitas, eſcudo, que Joſué levantou contra a Cidade de Jericó, e poz por terra as ſuas fortalezas.

Por iſſo diſſe bem David, que da Cruz tivera principio o Reino de Chriſto: *Regnavit à ligno Deus*, e que por iſſo havendo Chriſto fugido para o monte, quando o povo o queria acclamar por Rey, permittio, que na Cruz lhe puzeſſem eſte titulo, que o bom Ladraõ confeſſou: *Memento mei, cùm veneris in Regnum tuum.* E ſe he certo, como ſentem muitos, que a Cruz foy compoſta de quatro ſortes de madeira, como diſſe-

diſſemos na Primeira Parte, naõ póde ſer outro o myſterio, ſenaõ que por virtude da Cruz haviaõ de conquiſtar os Apoſtolos todas as quatro partes do Mundo, e que na palmeira, como diz S. Paulo, ſe acclamava a victoria: *Deo autem gratiam, qui dedit nobis victoriam per JESUM Chriſtum.* O meſmo Senhor diſſe, que chegado a ſer nella crucificado, todas as couſas havia de trazer a ſi: *Ego ſi exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipſum*; tudo trouxe, porque todo o Mundo ſe converteu a Chriſto pela prégaçaõ dos Apoſtolos, ou ſe ha de acabar de converter pela prégaçaõ de Elias, e Enoch. Joan. 12.

CAPITULO VI.

Como a Igreja Catholica he frutto da Arvore da vida JESU crucificado.

A Igreja Catholica quem póde duvidar ſer frutto deſta Arvore da vida, tendo della o nacimento? Logo do principio do Mundo o ſignificou Deos na formaçaõ de Eva do lado de Adam, como diz S. Paulo no cap. 5. aos de Efezo, e entendem os Expoſitores Sagrados. Mandou Deos hum ſono em Adam, e tirando delle huma coſtella, formou della a Eva, que deu por eſpoſa a Adam. Adam dormindo era Chriſto morto: Eva formada da coſta de Adam, he a Igreja formada do lado de Chriſto, como diz Santo Agoſtinho: *Dormit Adam, ut fiat Eva: moritur Chriſtus, ut fiat Eccleſia.*

Vendo Adam a Eva formada, diſſe: Eſta he oſſo de meus oſſos, e carne de minha carne: *Os ex oſſibus meis, & caro de carne mea eſt*; alludindo S. Paulo a

eſte paço, diz, que o meſmo ſe ha de dizer de Chriſto,
1.Cor.6. e ſua Igreja: *Membra ſumus corporis ejus, de carne ejus, & de oſſibus ejus.* Como ſe haja de verificar eſta fé de S. Paulo, explicaõ de varios modos os Expoſitores Sagrados; o que mais agrada a Cornelio Alapide, he o de S. Joaõ Chryſoſtomo, que ſe ha de entender, ſegundo o merecimento, e naõ ſegundo à ſuſtancia; que aſſim como Eva naſceu de Adam dormindo, aſſim a Igreja naſceu de Chriſto morto, porque com ſua morte de Cruz nos mereceu a vida, na fé, e na caridade; iſto meſmo he o que diſſe Santo Agoſtinho.

Deſte diſcurſo diſſe S. Paulo a ſua concluſaõ, que deviaõ os de Efezo amar a ſuas eſpozas, aſſim como
Epheſ.5. Chriſto amava a ſua Igreja: *Viri, diligite uxores veſtras, ſicut Chriſtus Eccleſiam*; porque ſe por iſſo ama Chriſto a ſua Igreja, como ſe foſſe oſſo de ſeus oſſos, e carne de ſua carne, como Eva de Adam, os varões devem amar a ſuas eſpozas, como corpos ſeus: *Ut corpora ſua*, por quanto eſcritto eſtava: *Erunt duo in carne unâ*, iſto he no trato, no amor, e na uniaõ; do qual facilmente ſe entende, qual ſeja o amor de Chriſto para com ſua Eſpoza a Igreja, Eſpoza que ſahio de ſeu coſtado, como Eva do coſtado de Adam.

Caminhava Jacob para Mezopotamia em buſca de
Gen.32. ſua amada eſpoza Raquel, arrimado a ſeu bordaõ: *Baculo meo tranſivi Jordanem*; Jacob era figura de Chriſto, o bordaõ figura da Cruz, em que paſſou o Jordaõ, ou mar de ſua Paixaõ a fim de buſcar ſua Eſpoza a Igreja, para ſignificar, que na Cruz, ou com a morte de Cruz recebia por Eſpoza à ſua Igreja, aſſim como Jacob a ſua Raquel, ſuavizando a grandeza de ſeu amor os exceſſivos trabalhos, que padeceu no diſcurſo de ſua Paixaõ, como a Jacob pareceraõ poucos annos os quatorze, que ſervio a Labaõ por Raquel. Fatigado pois

pois Jacob do caminho, se lançou na terra a dormir: eis que vê por sonhos huma escada, que chegava da terra até o Ceo, pela qual descião, e sobião Anjos, e no cume da qual se estribava o mesmo Deos: *Et Dominum innixum scalæ*, esta, diz Santo Agostinho, era huma Imagem de Christo crucificado: *Quid est, scalæ incumbere, nisi in Cruce pendere?* E que mysterio tem apparecer nesta occasião a Jacob a Imagem de Christo na Cruz? Responde o mesmo Santo: *Inde uxorem accepit, id est, Ecclesiam sibi sociavit*, quiz Deos revelar a Jacob, que daquella Cruz havia de nascer a sua Igreja, assim como Eva do costado de Adam. Gen 28.

Pelos Anjos, que sobião, e descião a escada se entendem os Apostolos, que em virtude da Cruz estenderão pelo Mundo o nome de Christo, e converterão à Fé innumeraveis povos, de que consta a Igreja, porque nenhuma outra cousa he a Igreja, senão huma congregação dos Fieis. Ou, se quizermos dizer com Salamão, revelára Deos nesta occasião a Jacob a serie de sua descendencia, a que chamou sciencia dos Santos: *Dedit illi scientiam Sanctorum*, da qual, como diz Cornelio, havia de nascer o Salvador, que por meyo da Cruz nos havia de abrir caminho para o Ceo.

He este pensamento conforme ao que depois succedeu ao mesmo Jacob com os filhos de Joseph, Manasses, e Efraim. Offereceu-lhe Joseph os dous filhos para lhes lançar a benção, pondo a Manasses como mais velho à mão direita do Avô, e a Efraim à esquerda; porém o Santo velho trocando as mãos em cruz, poz a direita sobre Efraim, e a esquerda sobre Manasses. Tudo foy mysterio da Cruz, diz Ruperto, porque em Efraim se significava o povo Christão, e por Manasses o povo Judaico, assim como pelas mãos cruzadas se significava a Cruz de Christo, para significar, como diz Gen. 47.

Tertuliano, que em virtude da Cruz havia de congregar Chriſto as gentes, como ovelhas, em hum ſó curral, que he a Igreja. Donde ſe ſegue, que todos nós os Fieis ſomos frutto deſta Arvore da vida.

Como he logo poſſivel, que de taõ boa Arvore naſça frutto mao: *Non poteſt arbor bona malos fructus facere?* Se a Igreja he Eſpoza de Chriſto, que mereceu com ſua Cruz, deve ſer qual S. Paulo diz, ſem ruga, nem macula; Chriſto, diz, deu a vida na Cruz, para que foſſe ſua Eſpoza glorioza, ſem macula, nem ruga: *Chriſtus ſe ipſum tradidit, ut ſibi exhiberet Eccleſiam non habentem maculam, aut rugam.* O qual he bem, que conſiderem os Fieis. Nós todos unidos fazemos hum corpo myſtico, cuja cabeça he Chriſto: cada hum de nós foy cortado daquella pedra Chriſto crucificado: *Participes Chriſti facti ſumus*; todo eſte edificio da Igreja ſe compoem deſtas pedras vivas, que ſaõ os Fieis, e todas foraõ cortadas daquella pedra, que reprovada dos Judeos foy collocada no cume deſte edificio: *Lapis, quem reprobaverunt ædificantes, hic factus eſt in caput anguli.* Importa logo, que cada hum de nós ponha os olhos naquella pedra, de onde foy cortado: *Attendite ad petram, unde exciſi eſtis*, como fallando de Abraham dizia aos Judeos Iſaías, para que ſe veja ſe condizem com aquella pedra as mais pedras deſte edificio, porque havemos de ſaber, que ſó as pedras, que aſſentaõ bem neſte edificio da Igreja Militante, haõ de aſſentar bem no edificio da Igreja triunfante.

Epheſ. 5.

1. Cor. 15.

1. Petr. 2.

CA-

CAPITULO VII.

Como os Sacramentos saõ frutto da Arvore da vida.

HE bem celebre a sentença de Santo Agostinho, que do lado de Christo sahiraõ os Sacramentos: *De latere Christi exierunt Sacramenta*; porque no Sangue, e agua, que sahio do seu lado aberto, se reprezentaõ os dous primeiros, com que a Igreja nasceu, e se sustenta, na agua o Sacramento do Bautismo, e no Sangue o Sacramento da Eucaristia; e nesse sentido dizemos, que os Sacramentos saõ frutto desta Arvore da vida JESU crucificado: *In illa die erit fons patens domui David in ablutionem peccatorum*, diz o Profeta Zacarias: *In illa die, qua Christus suspensus in Cruce aspicitur*, commenta Tirino: esta he a fonte patente à caza de David, donde sahio a agua, com que se haõ de lavar os peccadores, Christo pendente na Cruz. *Ephes. 5.*

Quanto ao Sacramento do Bautismo propriissimamente se reprezenta na agua, que sahio do lado do Senhor, porque a agua he a materia deste Sacramento, e sahindo junto com o Sangue, que deu virtude a todo o negocio da Redempçaõ, segue-se, o foy tambem o Sacramento do Bautismo. Claramente o diz Saõ Paulo: *Christus dilexit Ecclesiam, & seipsum tradidit pro ea, ut illam santificaret, mundans eam lavacro aquæ in verbo vitæ*, quer dizer: Christo amou sua Igreja, dando por ella a vida em huma Cruz, santificando-a, e lavando-a com a agua do Bautismo; e que outra cousa quiz dizer o Apostolo em ajuntar a agua do Bautis-

mo com o Sangue da Cruz, ſenaõ que aſſim como a agua, e o Sangue ſahiraõ juntos do lado de Chriſto, aſſim eſtes dous Sacramentos foraõ frutto da Arvore da vida. E por ventura, que ſeja eſta a razaõ, porque Chriſto Senhor noſſo chamou Bautiſmo ao Sangue de ſua Paixaõ: *Baptiſmo, quo ego baptizor*; e ſe o Sangue de Chriſto ſe póde chamar bautiſmo, tambem o bautiſmo ſe póde chamar Sangue de Chriſto, tendo a meſma virtude de ſantificar a Alma. Digamos algumas figuras da Sagrada Eſcritura.

Marc.10.

A paſſagem dos filhos de Iſrael pelo mar vermelho foy figura do Sacramento do Bautiſmo, como diz S. Paulo: *Omnes in Moyſe baptizati ſunt*, aſſim como a vara era figura da Cruz; porque aſſim como Moyſés em virtude daquella vara abrio as aguas do mar vermelho, para fazer caminho, aos que ſahiraõ do cattiveiro do Egypto, aſſim Chriſto por virtude da ſua Cruz nos abrio caminho para o Ceo pelas aguas do bautiſmo. A outra figura muy propria foy da pedra, que ferida com a meſma vara, deu abundante agua, que expreſſamente diz o Apoſtolo ſignificava a Chriſto: *Petra autem erat Chriſtus*; e em nenhum paſſo com mais propriedade, que na occaſiaõ, em que ferido com a lança, ſahio do ſeu lado a agua, em que eſte Sacramento ſe reprezentava. E ſe conſiderarmos eſte Sacramento, ſegundo os effeitos, que cauſa na Alma, claramente daremos em ſerem todos frutto da Arvore da vida JESU crucificado.

1.Cor.10.

O primeiro, e principal effeito he alimpar a Alma do peccado original ainda nos infantes, que carecem de razaõ; porque como naõ peccaraõ por acto proprio, ſenaõ pelo de Adam, quiz Deos que pelos merecimentos de ſeu Filho, e ſanta morte, recobraſſem a vida da Alma, applicados por eſte Sacramento; e ſe o

que

que bautiza, tem peccados actuaes, todos ficaõ ſumergidos nas aguas do bautiſmo, como ficáraõ os Egypcios nas aguas do mar vermelho por virtude da Cruz, e Sangue de Chriſto.

Quando àquelle filho do Profeta cahio no rio o ferro, que naõ podia tirar, como ſe conta no quarto livro dos Reys, meteo Eliſeu hum madeiro dentro da agua, e logo o ferro veyo acima; eſte madeiro diz Santo Agoſtinho, ſignificava a Cruz de Chriſto, as aguas eraõ as do bautiſmo, o ferro no fundo da agua era o genero humano, que por virtude da Cruz, e agua bautiſmal foy tirado do fundo do Inferno: *Quid eſt lignum mittere, & ferrum in lucem producere, niſi patibulum Crucis aſcendere, & profundo Inferni humanum genus eripere?* 4. *Reg.* 6.

E naõ ſó de toda a culpa fica livre pelo bautiſmo, mas de toda a pena, de ſorte, que no ponto, em que recebe o bautiſmo, ſe morre ſem commetter nova culpa, voa logo para o Ceo, applicando Chriſto neſta agua a virtude de ſeu Sangue. Claramente o prova S. Paulo com o exemplo dos ſacrificios da ley antiga, dizendo, que ſem ſangue naõ havia remiſſaõ de culpa: *Et ſine ſanguine non fit remiſſio.* Chriſto, diz o Apoſtolo, como Pontifice Summo da Igreja, da meſma ſorte que o Pontifice da Synagoga, offereceu para remiſſaõ dos peccados ſeu proprio ſangue: *Per proprium ſanguinem introivit ſemel in ſancta*; o qual ſe applica ao Sacramento do Bautiſmo, que propriamente inſtituhio o Senhor para remiſſaõ de peccados. *Hebr.* 9.

O outro effeito he, que pelo bautiſmo entramos na Igreja, nos fazemos membros de Chriſto, que he a Cabeça, renacemos para Deos, ficamos filhos de Deos, e herdeiros da Gloria, e com a graça bautiſmal ficamos capazes de receber os doens do Eſpirito Santo. Tudo ſigni-

ſignificou Chriſto Senhor noſſo, quando no Jordaõ com ſeu bautiſmo inſtituhio eſte Sacramento, como ſentem muitos Santos Padres. Diz o Euangeliſta, que ſe abrira o Ceo: *Apertum eſt Cælum*, para denotar, que ſe o bautiſmo he porta para entrar na Igreja Militante, tambem he para entrar na Triunfante. Ouvio-ſe huma voz do Ceo, que declarava o bautizado por filho de Deos: *Hic eſt filius meus dilectus*; filhos de Deos ficaõ pela graça bautiſmal, como diz S. Joaõ: *Ut filii Dei nominemur, & ſimus.* Diz mais, que vio ſobre Chriſto o Eſpirito Santo em fórma de Pomba: *Spiritum Dei deſcendentem tanquam columbam*, para ſignificar, que todo, o que por miſericordia de Deos chegou a receber o bautiſmo, ha de ter condiçaõ de pomba, como teve Chriſto, para receber os doens do Eſpirito Santo, que diz Iſaîas no cap. 12.

Com eſte myſterio o Divino Eſpozo nos Cantares de Salamaõ, todas as vezes que ſe agradava da fermoſura de huma Alma Santa, a comparava à de huma pomba: *Formoſa mea, columba mea*; fermoſa fica a Alma do bautizado com a primeira graça bautiſmal; para naõ perder eſta fermoſura deve conſervar a candura, pureza, e ſinceridade de pomba. Naõ ſervem na arca da Igreja, acabado o diluvio dos peccados, corvos, ſenaõ pombas, aſſim como no diluvio univerſal; por iſſo Santo Agoſtinho nos encommenda, que naõ queiramos ſer corvos, ſenaõ pombas: *Noli eſſe corvus, ſed columba*; porém a laſtima he, que ficando huma Alma pela graça bautiſmal alva, como huma pomba, ſe torne pela culpa negra, como hum corvo: *Tam ſubitò corvus, quimodò cygnus erat.* Cant. 3.

Ha de ſer a Alma do bautizado pomba para meditar nas Chagas de Chriſto crucificado, donde ſahio a agua, com que ſua Alma foy lavada; iſſo diz S. Gregorio,

gorio, quiz dizer o Divino Eſpozõ, quando chamou à Alma Santa pomba nos buracos da pedra, e abertura da parede: *Columba mea in foraminibus petræ, in caverna maceriæ.* A pedra he Chriſto, os buracos da pedra ſaõ as chagas dos pés, e maõs, e a caverna da parede he a chaga do lado: *Per foramina petræ*, diz o Santo, *vulnera manuum, & pedum libenter intellexerint; per cavernam maceriæ vulnus lateris*; porque com eſta meditaçaõ conhecerá, como a agua, com que lavou a veſte da graça, que recebeu no bautiſmo, era Sangue do Crucificado Cordeiro, que por cinco fontes derramou na Cruz, como expreſſamente diz S. Joaõ: *Laverunt, & dealbaverunt ſtollas ſuas in ſanguine Agni.* Cant. 2. Ar. 7.

CAPITULO VIII.

Do mais excellente frutto da Arvore da vida, que he a Eucariſtia.

ASſim como na agua, que ſahio do lado de Chriſto ſe reprezenta o Sacramento do bautiſmo, aſſim no Sangue ſe reprezenta o da Sagrada Eucariſtia: aſſim o ſentem os Santos Padres, com que ſe moſtra ſer eſte Sacramento o mais excellente frutto da Arvore da vida, por conter em ſi o Corpo, e Sangue do meſmo Chriſto, e porque ſendo o meſmo Sacrificio, que Chriſto offereceu no Altar da Cruz, naõ ha entre Chriſto crucificado, e Chriſto Sacramentado mais diſtinçaõ, que ſer o da Cruz com Sangue, e o do Sacramento ſem Sangue.

A melhor figura de Chriſto crucificado, que houve na ley antiga, foy a do Cordeiro Paſcoal: nas ceremonias,

monias, com que se comia, reprezentou Deos os Mysterios da Cruz; hoje a Igreja reprezenta na mesma figura de Cordeiro os da Sagrada Eucaristia, quando a alta voz se propoem aos que houverem de commungar, dizendo: *Ecce Agnus Dei*, eis-aqui o Cordeiro de Deos. Antigamente o final da Cruz era hum Cordeiro, que ainda hoje se usa nos Agnus de cera, em lugar de Cruz; depois de Constantino, em lugar do Cordeiro se pinta a Cruz: o que tudo explica, o que a Fé nos ensina, ser o mesmo Sacrificio o da Cruz, e o da Eucaristia.

Em Lisboa na Igreja de Saõ Domingos se venera huma Imagem de Christo crucificado com o SANTISSIMO SACRAMENTO exposto no lado; e com muita propriedade, porque sendo naõ só o Senhor, mas o Sacrificio o mesmo, he bem seja a veneraçaõ a mesma; o que he muy conforme à Fé da Igreja, que dá à Cruz a mesma adoraçaõ de Latria, que se deve ao Sacramento da Eucaristia, e por ventura que por esta razaõ no Sacrificio da Missa em quasi todas as acções, e ceremonias precede o final da Santa Cruz, e tanto assim, que na primitiva Igreja costumavaõ os Christaõs ao tempo da Communhaõ receber a Sagrada Hostia nas maõs formadas em cruz, que era huma tacita confissaõ, que era o mesmo o Sacrificio da Cruz, que o Sacrificio da Missa.

Donde se colhe huma muito devota consideraçaõ, que quando o Sacerdote celebra, se lembre, que renova o Sacrificio da Cruz, como verdadeiramente he assim. E quando imos a commungar, façamos consideraçaõ, que recebemos a Christo crucificado, porque assim se colhe das palavras de S. Paulo: *Quotiescumque manducabitis panem hunc, & calicem bibetis; mortem Domini anuntiabitis.* 1. *Cor.* 11.

Aquella

Aquella arvore, que a Alma Santa tanto louva entre todas as arvores, diz S. Bernardo, que significava a Chriſto crucificado: *Malus inter ligna ſylvarum Crux eſt, & Chriſtus crucifixus*; ſentou-ſe ella hum dia à ſua ſombra, e comeu do ſeu frutto: *Sub umbra illius, quem deſideraveram, ſedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo*; eſte frutto, diz S. Bernardo, Ruperto, e outros, ſignifica a Eucariſtia; e dizer eſta Alma Santa, que comia deſte frutto à ſombra de Chriſto crucificado, he dizernos, que quando chegarmos a comer daquelle frutto, ſeja à ſombra daquella Arvore, conſiderando, que aquelle Senhor, que recebemos Sacramentado, he o meſmo Senhor, que por nós foy crucificado. *Cant. 2.*

Deſta conſideraçaõ poderemos colher dous fruttos muito ſaudaveis para chegarmos dignamente ao Altar, a ſaber: amor, e temor; amor a quem nos preparou os regalos da Eucariſtia à cuſta das dores, e tormentos da Cruz. Temor de receber na Eucariſtia para condenaçaõ o Sangue, que na Cruz ſe derramou para noſſa ſalvaçaõ. Quanto ao amor, he boa figura aquella carroça, que para ſi fez Salamaõ, a qual entre outros myſterios, diz que o pavimento era alaſtrado de rica pedraria, ſymbolo do amor: outros ſentem, que era a meſma imagem do amor; e a razaõ, que Salamaõ teve para fabricar daquella ſorte a ſua carroça, diz o Texto que fora para ſignificar ſeu amor às filhas de Jeruſalem. Eſta carroça diz Cornelio, ſignificava os dous myſterios da Cruz, e Eucariſtia, onde reſplandece mais o amor Divino: *Ferculum divinitatis, & humanitatis Chriſti eſt Crux, & Euchariſtia*; e aſſim como o intento de Salamaõ neſte emblema, era ſignificar ſeu amor, e ſolicitar o das filhas de Jeruſalem, aſſim nós na conſideraçaõ, e uniaõ deſtes dous myſterios teremos gran-

grandes motivos de amor.

Ramilhete de myrrha he meu amado para mim; hey de trazello no peito, dizia a Alma Santa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi: inter ubera mea commorabitur.* Ramilhete de myrrha no sentir dos Expositores, he Christo crucificado: trazello sempre ao peito he trazello sempre na memoria, e no coraçaõ; e de que sorte melhor o podemos considerar, que recebendo-o com esta mesma consideraçaõ na Eucaristia, crendo que aquelle corpo he o mesmo, que foy em huma Cruz com tres cravos pregado, e que aquelle Sangue he o mesmo, que na Cruz se derramou; porque, como diz Cornelio Alapide, Christo na Cruz, e juntamente na Eucaristia he huma imagem do Divino Amor: *Christus in Cruce, æquè ac in Eucharistia est quasi divinum, ac immensum charitatis simulachrum.*

Outro frutto, que devemos tirar desta consideraçaõ, he o temor. S. Paulo para nos persuadir este temor, diz, que quando chegarmos a celebrar, nos lembremos de Christo crucificado: *Quotiescumque manducaveritis, mortem Domini annuntiabitis.* Pelo Profeta Ozeas disse Deos, que quando os Judeos desenganados chegassem a ver o Senhor, e a seu bem, haviaõ de ficar attonitos de pavor: *Pavebunt ad Dominum, & ad bonum ejus*; no qual entendem os Expositores a Christo Sacramentado, fundados nas palávras de Zacarias: *Quid bonum ejus.*

1. Cor. 11.

Oze. 3.

Terrivel passo lhe pareceu a Jacob a vista daquella escada, em que estava estribado o mesmo Deos: *Terribilis est locus iste*; e sendo aquella escada, como diz Santo Agostinho, figura de Christo pendente na Cruz, quanto mayor razaõ temos para temer sentarnos à Meza da Sagrada Communhaõ com esta consideraçaõ, de

que

que o Senhor, que recebemos na Hoſtia, he o meſmo que eſteve pendente na Cruz, e dizer com Jacob: *Terribilis, &c.*

E ſe eſſe ſanto temor he boa diſpoſiçaõ para chegar à Meza da Communhaõ, que diremos daquelle, que ſem temor de Deos ſe atreve a chegar em má conciencia? Digo, que deſte ſe ha de dizer com mais propriedade o que S. Paulo diz dos que negaraõ a Chriſto depois de o haverem adorado: *Iterum crucifigentes in ſemetipſis Filium Dei*; e a razaõ eſtá clara, porque recebendo-o em ſi meſmos com peccado, com o peccado o tornaõ a crucificar: naõ foy celebrar o Myſterio da Cruz, foy tornar a pôr na Cruz a Chriſto. *Hebr. 6.*

CAPITULO IX.

Do beneficio da vocaçaõ à Fé Catholica.

A Vocaçaõ à Fé Catholica reprezentou Deos a Saõ Pedro, moſtrando-lhe em viſaõ imaginaria hum lençol, que deſcia do Ceo, cheyo de toda a ſorte de animaes da terra, e aves do ar, mandando-lhe por tres vezes, que mataſſe, e comeſſe: *Occide, & manduca*; pelo qual entendeu o Santo Apoſtolo, lhe mandava Deos prégar a Fé à Gentilidade, porque todos queria Deos na ſua Igreja reprezentada no lençol deſcido do Ceo, aſſim como em todo o genero de animaes todo o genero de peccadores, que adoravaõ as beſtas, como a Deoſes. Da qual reprezentaçaõ ſe colhe, o que em varias partes de ſuas Epiſtolas diz S. Paulo, que a vocaçaõ à Fé he dom gratuito de Deos, que naõ ſuppoem de noſſa parte cooperaçaõ, ou merecimento, poſto que a todos manda prégar a Fé: *Prædicate omni creaturæ.* *Act. 10.*

Mo-

Moſtra-ſe ſer ſó de Deos, porque diz o Texto, que aquelle lençol deſcera do Ceo, e ſubira para o Ceo, eſtando ſempre o Ceo aberto: *Vidit Cælum apertum*, para moſtrar, que a vocaçaõ da Gentilidade à Fé era tudo diſpoſiçaõ do Ceo, e naõ noſſo merecimento. E que ſeja a vocaçaõ à Fé beneficio eſpecial de Chriſto na Cruz, e frutto da Arvore da vida, o diſſe o meſmo Chriſto no Euangelho: *Ego ſi exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipſum*, ſe eu chegar a ſer Crucificado, todas as couſas hey de trazer a mim. E que couſas ſaõ eſtas, diz S. Leaõ, ſenaõ a Gentilidade? Do alto daquella Cruz eſtá, como pedra de cevar, trazendo a ſi os corações de ferro dos Infieis: ou, como no carro de Ezequiel em figura de alambre: *Quaſi electri*, traz a ſi a palha de toda a Gentilidade, cuja converſaõ ſe reprezentava naquelle myſteriozo carro.

O exemplo de Santo Euſtaquio he boa prova. Era gentio, e Capitaõ General do exercito do Emperador Trajano. Succedeu, que andando à caça encontrou hum veado de extraordinaria grandeza, e querendo ir a ſeu alcance, eis que vê ſobre a cabeça do veado huma fermoſa, e reſplandecente Imagem de Chriſto crucificado, ouvindo juntamente huma voz, que o convidava para a vida eterna; com a qual viſta ſe converteu à Fé de Chriſto com toda ſua familia, e depois de varios ſucceſſos foy Martyr gloriozo com ſua mulher, e filhos.

Havia em Antioquia hum mancebo nobre por nome Neenias filho de pay Catholico, e de máy Gentia, o qual para agradar ao Emperador Diocleciano, que naquelle tempo perſeguia cruelmente a Igreja, ſe offereceu a ſeu ſerviço dizendo, que nunca quizera ſeguir a Ley de ſeu pay, porque nunca pode crer, que foſſe Deos hum homem crucificado. Diocleciano, que grandemente

demente se agradava de semelhantes offertas, o receb̃eu com agrado, e o fez Capitaõ de huma esquadra contra os Christaõs. Succedeu, que no tempo que caminhava furiozo para Apaméa, de repente sentio tremer a terra debaixo dos pés, e que o ar se acendia em relampagos, e trovões; atemorizado ouvio huma voz do Ceo, que dizia: Neenias, onde vas? Espavorido respondeu, que em busca de Christaõs; e neste tempo vê no ar formada huma Cruz, e que della sahio huma voz, que dizia: *Eu sou JESUS crucificado, filho de Deos vivo, tu me servirás daqui por diante de vazo de eleiçaõ.* Derribou-o esta voz para o levantar como a outro Saulo, e de perseguidor de Christo se fez confessor, e Prégador da Cruz; e mandando logo fazer huma de prata, com que se abraçou, instruido na Fé se bautizou, chamando-se Procopio, e confessando constantemente a Christo crucificado foy Martyr glorioso, e com seu exemplo se converteu a mãy, e com o exemplo da mãy outras muitas se converteraõ, e deraõ a vida pela Fé.

Maravilhosa foy a vocaçaõ de S. Paulo, pois veyo Christo do Ceo glorioso para o converter, no tempo, em que elle mais furioso perseguia a Igreja de Deos. Naõ foraõ menos gloriozas as vocaçoens destes dous Santos, vindo Christo crucificado para os converter: a Paulo chamou de huma nuvem de Gloria, a estes Santos de huma Cruz de pena; aquellas foraõ vozes de terror, estas foraõ vozes de amor. Quando o Divino Espozo bateo à porta de sua Espoza, para que lhe abrisse, allegou estar sua cabeça enregelada com o orvalho, e chuva da noite: *Quia caput meum plenum est rore.* Cant. 5. Assim como a Espoza significava a Igreja, assim Christo se significava com as molestias de sua Paixaõ, diz Santo Agostinho, e já se sabe, que as mayores foraõ

raõ as da Cruz; e com que palavras mais poderozas podia Chriſto chamar aquella Alma Santa, que com palavras de tanto amor.

Os primeiros Gentios, que Deos chamou para a ſua Fé, foy Cornelio Centuriaõ com toda ſua familia: *Act.* 10. mandou-lhe dizer por hum Anjo, que buſcaſſe a S. Pedro para o inſtruhir nos Myſterios da Fé: fello aſſim Saõ Pedro, e havendo de começar pelo nacimento, o primeiro Myſterio, em que o inſtruhio, foy o da Cruz: *Quem occiderunt ſuſpendentes in ligno*, porque ſe bem a relaçaõ de haver nacido Deos em hum Prezepio he palavra de grande ternura, a relaçaõ de haver morto em huma Cruz he conſideraçaõ de mayor amor, e por eſſa cauſa, mais poderoza para nos obrigar a eſtimar o beneficio de noſſa vocaçaõ.

Importa pois, que nos ponhamos com a Alma Santa à ſombra deſta Arvore, e comamos com ella de ſeu frutto, conſiderando duas couſas: primeira o fim para que Deos nos chamou a ella: ſegunda a grandeza da vocaçaõ à Fé. O fim, como diz S. Paulo, foy o meſmo, que Chriſto teve em dar a vida em huma Cruz, para fazer a ſua Igreja Santa, glorioza, e ſem macula: *Epheſ* 5. *Seipſum tradidit, ut exiberet ipſe ſibi Eccleſiam glorioſam, non habentem maculam, aut rugam*; para que de todos os que chamou à ſua Fé formaſſe a congregaçaõ dos Fieis, porque nenhuma outra couſa he a Igreja, ſenaõ eſta congregaçaõ dos Fieis.

E poſto que neſta Congregaçaõ ſe achem bons, e maos Fieis; virgens locas, e prudentes: e na rede bons, e maos peixes, como na eira trigo, e mais palha; com tudo o fim para que Deos nos chama à ſua Fé, he para que todos ſejaõ ſantos, e formem a Chriſto huma Eſpoza Santa, fermoſa, e ſem ruga; e por eſte meyo configamos a vida eterna; e por eſta cauſa o Apoſtolo naõ

dá

dá outro nome aos Chriſtaõs, ſenaõ de ſantos: *Nunc autem ſancti eſtis.* E para que eſta ſua Igreja, que ſahio do ſeu lado, ſe conſerve ſem macula, eſtá elle communicando a virtude de ſeu Sangue por todos os ſette Sacramentos, que tambem com elle ſahiraõ do meſmo lado, como diz Santo Agoſtinho: *De latere Chriſti exierunt Sacramenta*, porque nenhuma outra couſa fazem os Miniſtros, que os adminiſtraõ, ſenaõ repartir o Sangue, que derramou na Cruz.

Ao Profeta Zacarias moſtrou hum Anjo hum fermozo lampadario de ouro cheyo de oleo, do qual ſahiaõ ſette canos, pelos quaes ſe derivava o oleo para outros ſette candieiros do meſmo metal; e poſto que o ſentido da viſaõ era outro, S. Jeronymo achou nella muita ſemelhança da Igreja. Podemos dizer, que os ſette candieiros de ouro ſaõ os ſette Sacramentos, e o vazo de ouro, donde recebem o oleo, com que ſe ſuſtentaõ, he Chriſto crucificado, donde os Sacramentos recebem a virtude, que he o oleo de ſeu preciozo Sangue; e o meſmo he adminiſtrar qualquer deſtes Sacramentos, que repartir o Sangue de Chriſto, com cuja virtude obraõ. *Zach.* 4.

Com eſte myſteriozo lampadario vio o Profeta huma pedra, ſobre a qual eſtavaõ ſette olhos: *Super lapidem unum ſeptem oculi ſunt*, que ſignificavaõ os ſette eſpiritos, que Iſaías diz, haviaõ de vir ſobre a flor, que naſceu da raiz de Jeſſé, que he Chriſto, eſpirito de ſapiencia, e entendimento, eſpirito de conſelho, e fortaleza, eſpirito de ſciencia, piedade, e temor de Deos; com as quaes virtudes attende Chriſto Senhor noſſo ao governo de ſua Igreja, e eſtá como com ſette olhos ſobre ella, communicando-as a todos os Juſtos, que com a fé ajuntaõ o exercicio das boas obras; e aſſim como aquelles ſette olhos naſciaõ, e recebiaõ vi-

da daquella pedra, assim estes sette espiritos, com que o mesmo Christo governa a sua Igreja, nascem daquella Arvore, a que Isaîas chama vara da raiz de Jessé, e nós chamamos Arvore da vida.

E sendo este o fim, para que Deos nos chamou à sua Fé, bem se deixa ver, qual seja a grandeza desta vocaçaõ. Chamou-nos Deos para formar de nós sua Igreja Santa, pura, e immaculada: de nós se fórma este
1.Cor. 15. corpo mystico, cuja Cabeça he Christo: *Vos estis corpus Christi, caput Ecclesiæ Christus*, como diz Saõ Paulo, e por esta Fé nos fazemos membros de Christo, e filhos de Deos, como diz S. Joaõ: *Dedit ei potestatem filios Dei fieri*; e para que a Igreja sempre seja immaculada, naõ devem ser os membros podres, nem aleijados; e se como filhos queremos ser herdeiros,
Joan. 1. naõ devemos proceder como ingratos, offendendo ao que nos gerou pelo bautismo, e sustenta com a virtude de seu Sangue, communicado pelos sette Sacramentos.

Mostrou Deos ao Profeta Jeremias huma vara com hum olho em cima, e perguntou-lhe, que era aquillo,
Serm. 1. que via: *Quid tu vides, Jeremias?* Respondeu o Profeta, que via huma vara vigilante: *Virgam vigilantem ego video.* Pois assim sou eu, tornou o Senhor, com o meu povo, sempre estou com o olho sobre elle. Sobre o povo Judaico vigiava Deos com hum só olho, sobre o povo Christaõ vigia Christo com sette olhos, porque com tantos o vio Zacarias sobre a pedra, que
Zach. 3. o significava: *Super lapidem unum septem oculi sunt.*

Juizo de Deos he, que se perca quasi todo o Mundo, ou por falta de vocaçaõ à Fé, ou por naõ acudir a ella; mas que se percaõ os Fieis Christaõs, criados com a doutrina, e providencia de Christo? Naõ he maravilha perecer o Mundo todo no diluvio, que estava fóra da arca; mas que pereceſſe algum estando dentro da

arca,

arca, como ſe póde entender? Com tudo todos os que eſtaõ fóra da Igreja, ſe perdem, e nem todos, os que eſtaõ dentro, ſe ſalvaõ, porque o meſmo Chriſto diſſe, que ſendo muitos os chamados à Fé, ſaõ poucos os eſcolhidos para a Gloria: *Multi ſunt vocati, pauci verò electi.*

Aquella mulher, que S. Joaõ vio no Apocalypſe, que eſtava para dar à luz hum filho, hum dragaõ eſtava eſperando, que naſceſſe o filho para o tragar; naſceu com tudo o filho, e foy levado para Deos: *Raptus eſt filius ejus ad Deum*; e que laſtima ſeria, ſe depois de gerado, e naſcido com tantas dores da mãy: *Cruciabatur, ut pariat*, foſſe o filho tragado do dragaõ? Eſta mulher era figura da Igreja, o filho eraõ os Fieis Chriſtaõs, o dragaõ era o Diabo: e he grande laſtima, que havendo gerado pelo bautiſmo ſeus filhos, e criado com tantas dores, com o leite da doutrina, e fruttos dos Sacramentos, venhaõ a parar nas garras do dragaõ infernal. *Apoc. 12.*

Que ſejaõ comidas dos lobos as ovelhas, que andaõ deſgarradas fóra do curral, naõ he maravilha; mas que naõ eſcapem da bocca do lobo as ovelhas, que eſtaõ encerradas em caza de ſeu paſtor, naõ deixa de ſer laſtima grande; e mais laſtima ainda, quando naõ he por deſcuido do paſtor, ſenaõ por malicia do lobo, ou pouca cautella da ovelha.

CAPITULO X.

Do decimo frutto da Arvore da vida, Remiſſaõ dos peccados.

O Beneficio da redempçaõ, e o beneficio da remiſſaõ dos peccados, tudo vem a ſer o meſmo na ſubſtancia, conforme diz S. Paulo: *In quo habemus remiſſionem peccatorum*; ſó ha eſta diſtinçaõ, que a redempçaõ reſpeita principalmente o peccado de Adaõ, como diſſe S. Joaõ: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi*, que Chriſto depois eſtendeu por morte de Cruz a todos os peccados, como a Igreja confeſſa, mudando a palavra *peccatum* em *peccata*; de ſorte, que a morte de Cruz, que principalmente foy para remiſſaõ do peccado de Adam, por virtude da meſma Cruz ſe eſtendeu aos peccados de todo o Mundo, paſſados, e futuros, e eſte he hum dos principaes fruttos deſta Arvore da vida JESUS crucificado.

Epheſ. 1.

Deſta verdade de fé expreſſa no Symbolo Apoſtolico, ha innumeraveis teſtemunhos nas Epiſtolas de Saõ Paulo. Tocaremos ſómente dous, por ſerem os que melhor explicaõ eſta verdade. Eſcrevendo aos Colocenſes diz aſſim: Eis-aqui o que Chriſto fez, quando foraõ perdoados todos os noſſos peccados: *Donans nobis omnia delicta*, foy tomar o decreto, que eſtava contra nós, pregallo na Cruz, e raſgallo em pedaços: *Delens, quod adverſum nos erat, chirographum decreti, quod erat contrarium nobis, & ipſum tulit de medio, affigens illud Cruci*; e que outra couſa quer dizer, que pregou na Cruz eſte decreto, ſenaõ dizer, o que ha tantos annos diſſe o Profeta: Que puzera

Col. 7.

zera o Eterno Padre ſobre as coſtas de noſſo Salvador todos os noſſos peccados. Quando David reconhecendo ſeus peccados diſſe: *Peccavi Domino*, o Profeta lhe tornou: *Dominus quoque tranſtulit peccatum tuum*, tambem Deos tresladou o teu peccado; e para onde o tresladou, ſenaõ para as coſtas de JESU Chriſto, que tomou ſobre ſi todos para remiſſaõ, e ſatisfaçaõ de todos? Porque todos eſtavaõ em ſumma eſcritos naquelle decreto, que Deos pregou na Cruz: *Affigens illud Cruci.* 2. *Reg.* 12.

Em ſegundo lugar prova o Apoſtolo com o exemplo da ley velha, que naõ havia remiſſaõ de peccados ſem effuzaõ de ſangue: *Sine effuſione ſanguinis non fit remiſſio*; o meſmo na Ley da graça; naõ ha remiſſaõ de peccados ſem o Sangue do Cordeiro immaculado na Cruz; mas com eſta ventagem, que na ley velha o ſacrificio naõ era para remiſſaõ da culpa, ſe naõ ſó da pena da ley; porém o ſacrificio da Cruz foy para remiſſaõ de culpa, e pena; os ſacrificios da ley velha tantos haviaõ de ſer, quantos eraõ os peccados: o de Chriſto na Cruz hum ſó he baſtante para perdoar todos os peccados paſſados, e futuros, até o fim do Mundo, como diz o meſmo Apoſtolo: *Unâ enim oblatione conſummavit in æternum ſanctificatos.* *Heb.* 9.

Iſto ſe ha de entender, como diz Alapide, quanto he da parte de Chriſto, e virtude de ſua Cruz, porque quanto aos peccados, naõ ſe communica eſta virtude, ſenaõ por meyo dos Sacramentos, e mais boas obras, principalmente pelo Sacramento da Penitencia. Na Ley eſcritta perdoava-ſe a culpa pela contriçaõ na fé do Meſſias. Na Ley da graça perdoa-ſe pelo Sacramento na fé de Chriſto, e virtude de ſeu Sangue derramado na Cruz; porque ainda que Chriſto deſde o inſtante de ſua Encarnaçaõ começou a merecernos eſta re-

miſſaõ, foy ſempre com intenſaõ no fim, e ultima perfeiçaõ, que rematou na Cruz: e aſſim o poder, que Chriſto deu aos Apoſtolos de perdoar peccados, foy em virtude de ſeu Sangue derramado na Cruz, e por iſſo contamos entre os fruttos da Arvore da vida o principal.

O que he bem, conſiderem os peccadores, que dilataõ a confiſſaõ, ou a fazem defectuoza. Os que a dilateõ, moſtraõ a pouca eſtimaçaõ, que fazem de ſeu valor: os que a fazem defectuoza, moſtraõ a pouca fé, com que chegaõ ao Sacramento. Huns, e outros fazem do Sangue de Chriſto, o que fizeraõ os do Calvario, que depois de o crucificarem, huns ſe puzeraõ a jugar os dados, outros a blasfemar, e os mais a pizar aos pés o Sangue, que de ſuas veas corria ſobre a terra. He fra-

*Heb.*10. ze do Apoſtolo Saõ Paulo: *Qui filium Dei conculcaverit, & ſanguinem teſtamenti pollutum duxerit, in quo ſanctificatus eſt*; nas quaes palavras, poſto que na opiniaõ de Cornelio falla o Apoſtolo, dos que deixáraõ a Fé de Chriſto, na opiniaõ de Santo Ambroſio falla, dos que indignamente uſaõ dos Sacramentos. Dizem eſtes com a obra, o que diziaõ os Fariſeos, que crucificáraõ a Chriſto: *Sanguis ejus ſuper nos*, o ſeu Sangue ſobre nós, ſervindo-lhes de condenaçaõ o Sangue, que ſe derramou para ſua ſalvaçaõ.

Tudo quanto tenho dito, e poſſo dizer neſte pon-

*Luc.*10. to, explicou Chriſto Senhor noſſo na Parabola do Samaritano. Caminhou hum homem de Jeruſalem para Jericó, deu em maõs de ladrões, que depois de o roubarem, o deixaraõ meyo vivo. Paſſou hum Sacerdote, e mais hum Levita, e paſſaraõ avante ſem compaixaõ do miſeravel; paſſou hum Samaritano, e compadecendo-ſe delle, o curou lavando-lhe as feridas com vinho, e curando-as com oleo, o levou a huma eſtalage, e en-

e encommendou o cuidado delle, promettendo satisfazer de sua bolsa tudo, o que se gastasse com elle. Eisaqui em parabola, o que Christo faz com os peccadores em virtude do Sacramento da Penitencia.

O homem, que desceu de Jerusalem para Jericó, he o peccador, que descendo do estado da graça para o da culpa, deu nas maõs dos demonios, que depois de o ferirem mortalmente, o despojaraõ da vestidura da graça, e mais virtudes sobrenaturaes deixando-o meyo vivo, porque ainda que com o peccado fica vivo quanto à vida do corpo, fica morto quanto à vida sobrenatural da Alma. O Samaritano he Christo, o vinho he o Sangue, que derramou na Cruz, o oleo he a misericordia, com que o derramou; o estabulario he o Sacerdote, e o gasto à conta do Samaritano significa, que tudo quanto se obra no Sacramento, he por conta de Christo, porque elle por virtude de seu Sangue deu ao Sacerdote o poder de perdoar peccados.

Para fazer pois a devida estimaçaõ deste beneficio da redempçaõ dos peccados, que Christo nos mereceu com sua Cruz, será efficaz motivo pôr diante dos olhos huma Imagem de Christo crucificado, espectaculo de dores, e fazer de conta nos diz Isaîas, o que tantos annos antes disse: *Attritus est propter scelera nostra*, assim está por nossos peccados; porque he tal a malicia de hum só peccado, tal golpe, e tal nodoa causa em huma Alma, que se naõ póde curar o golpe, nem lavar a nodoa com outra qualquer mezinha, senaõ com o Sangue, e morte do Filho de Deos. *Isai 53.*

CA-

CAPITULO XI.

Como o beneficio da Reſurreiçaõ, he frutto da Arvore da vida.

TOda a virtude daquella Arvore da vida do Paraiſo terreal, era cauſar vida corporal: naõ faltou eſta virtude na Arvore da vida JESUS crucificado; porque naõ ſó nos deu a primeira vida no Nacimento, como Creador, mas nos ha de dar a ſegunda vida na Reſurreiçaõ, como Salvador. Elle meſmo diſſe no Euangelho, que o que comeſſe a ſua carne, e bebeſſe o ſeu Sangue, o havia de reſuſcitar no fim do Mundo: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem, habet vitam æternam, & ego reſuſcitabo eum in noviſſimo die*; pelo qual aſſentaõ os Santos Padres, que a ultima reſurreiçaõ ſe ha de fazer em virtude do Sacramento do Altar, que naõ he outra couſa, ſenaõ o meſmo Sacrificio, que ſe fez na Cruz.

Joan.6.

S. Paulo na 1. Epiſtola a S. Timotheo: *Chriſtus deſtruxit mortem, illuminavit vitam*, Chriſto deſtruhio a morte, e tirou à luz a vida, que he o meſmo que dizer, fez naſcer a vida, deſtruhio a morte na Cruz, confeſſa a Igreja: *Mortem noſtram moriendo deſtruxit*, e que tirou à luz a vida, reſuſcitando, tambem o confeſſa a Igreja: *Et vitam reſurgendo reparavit*. Em lugar da palavra *illuminavit*, ſe lê no Cyriaco *vivificavit*, deu vida à vida, como ſe antes de Chriſto morrer na Cruz a morte foſſe, a que vivia, e a vida foſſe morta, como notou Cornelio. E Chriſto na Cruz, que fez? Com ſua morte matou a morte, que vivia, e reſuſcitou a vida, que eſtava morta: *Deſtruxit*

1.Tim.1.

xit mortem, & vivificavit vitam. Naõ falla o Apoſtolo da vida eterna, ſenaõ da temporal: naõ da vida da Alma pela graça, ſenaõ da vida do corpo pela reſurreiçaõ, como notou com Theofilacto o meſmo Cornelio, e como claramente diz S. Paulo: *Cùm mortale hoc induerit immortalitatem, tunc fiet ſermo, qui ſcriptus eſt, abſorta eſt mors in victoriâ.* 1. Cor. 15.

De quanta eſtimaçaõ deve ſer para nós eſta vida, ſe prova bem pelos effeitos, porque no ponto, que os corpos, dos que ſe haõ de ſalvar, reſuſcitaõ à vida, no meſmo ponto ſaõ reveſtidos daquelles quatro dotes gloriozos, que toca o Apoſtolo, e largamente trataõ os Theologos, da impaſſibilidade, claridade, agilidade, e ſutileza. Pelo primeiro dote fica o corpo reſuſcitado impaſſivel, de ſorte, que póde andar pelas lavaredas do Inferno ſem dor, nem lezaõ. Pelo ſegundo de claridade fica mais fermozo, e reſplandecente, que as eſtrellas do Ceo. Pelo dote de agilidade fica capaz de exercitar todos os ſeus movimentos aſſim organicos, como locaes, como ſe fora a meſma Alma; e pelo dote de ſutileza poderá penetrar os rochedos com a meſma facilidade, com que penetra o ar; de ſorte, que os corpos, que antes eſtavaõ mortos, e reduzidos ao pó, de que foraõ formados, tanto que tornaraõ à vida, de repente ficaraõ reveſtidos de todos eſtes quatro dotes gloriozos.

Tudo iſto he frutto da Arvore da vida, porque eſta vida nos mereceu Chriſto com ſua morte de Cruz: o qual ſe ha de entender dos corpos daquelles, que ſe haõ de ſalvar, porque a vida dos que ſe haõ de condenar he frutto dos peccados, em que morreraõ, muito ao contrario dos corpos gloriozos, porque haõ de reſuſcitar horriveis, feyos, ediondos, e capazes de padecerem os meſmos tormentos eternos, que padecem ſuas Almas, e ſemelhante vida naõ he, nem ſe póde chamar vida, 1. Cor. 15.

vida, e por isso os Santos, e a mesma Escritura Sagrada lhe daõ o nome de morte eterna.

1.Cor.15. Ouvi a Saõ Paulo: *Ecce mysterium vobis dico, omnes quidem resurgemus, sed non omnes immutabimur*, quer dizer, todos hemos de resuscitar, porém nem todos mudar, porque como só os Justos haõ de resuscitar para a vida eterna, só os Justos haõ de ser revestidos desses quatro dotes gloriozos, que he a verdadeira mudança, porque só os Justos se souberaõ aproveitar da virtude do Sangue de Christo, e se souberaõ conformar em vida com sua Cruz.

CAPITULO XII.

Do ultimo frutto da Arvore da vida, que he darnos sua Santissima Mãy por Mãy nossa.

HE commum sentir dos Theologos, e Santos Padres, que se Adam naõ peccasse, naõ havia de encarnar o Divino Verbo, e por consequencia a Virgem naõ havia de ser Mãy de Deos, donde tiraõ os devotos, que aos peccadores deve a Senhora taõ sublime dignidade; isto parece que diz a Igreja em duas palavras: *Qui pro nobis natus tulit esse tuus*, o que por amor de nós se fez filho, por amor de nós vos fez Mãy.

Esta grande gloria de ser Mãy nossa a que o era de Deos, quiz o amor de Christo fosse frutto da Arvore da vida, quando pregado na Cruz a deu por mãy a Saõ Joan. 19. Joaõ, e elle a recebeu por tal: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in suam*; e quem póde duvidar ser este beneficio frutto da Arvore da vida? A congrega-

çaõ

çaõ dos Fieis, que naõ he outra couſa, que huma congregaçaõ de filhos de Deos regenerados pelo bautiſmo, frutto foy deſta Arvore, como fica dito. A congregaçaõ dos filhos da Virgem, porque naõ ha de ſer tambem frutto da meſma Arvore, tendo o meſmo nacimento?

Duas razões ambas de grande ponderaçaõ conſiderou Chriſto na ſua Igreja, de Irmã, e de Eſpoza: *Soror mea, ſponſa.* Na conſideraçaõ de Eſpoza frutto foy da Arvore da vida, pois lhe ſahio do lado aberto, como Eva do lado de Adam; na conſideraçaõ de Irmã ſe ha de dizer o meſmo, porque do meſmo lado teve o nacimento, aſſim como do meſmo lado ſahiraõ juntos Sangue, e agua.

Eſte favor de nos dar a ſua Mãy por Mãy, ſenaõ ſahio pelo lado, como a Igreja, ſahio pela bocca, que faz ainda melhor argumento, porque aqui fez por palavras expreſſas, o que lá fez por figuras ſómente. Quando Chriſto chamou a Pedro pedra de ſua Igreja, naõ foy fazello logo Paſtor, porém quando depois lhe diſſe com palavras expreſſas: *Paſce oves meas*, eu te faço Paſtor de minhas ovelhas, entaõ he que verdadeiramente ficou Pedro Paſtor: primeiro foy na figura de pedra: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram*; depois o foy na realidade: *Paſce oves meas.* Se Chriſto por ſua bocca nomeou deſde a Cruz a ſua Santiſſima Mãy por Mãy noſſa: *Ecce Mater tua*, e a nós por filhos ſeus: *Ecce filius tuus*, e S. Joaõ tomou eſta poſſe ao pé da Cruz, que razaõ ha de duvidar, que foy eſte ſoberano beneficio frutto deſta Arvore da vida. *Joan. 20.*

Juſto he logo, que os que ſe prezaõ por filhos deſta Mãy, façaõ a eſtimaçaõ, que merece tanto beneficio. Conſidere quantas dores cuſtou a eſta Mãy o parto de tantos filhos; ſe aquella eſpada, que Simeaõ profetizou

fetizou à Senhora, lhe havia de atraveſſar a Alma, foy eſta; ſe aquella palavra, *ecce mater tua, ecce filius tuus*, foy aquella eſpada, como ſentem naõ poucos, que dor taõ penetrante foy, a que a Senhora padeceu neſte piadozo parto! Quando naſceu Benjamin, diſſe ſua mãy Raquel, ſe havia de chamar Benoni, que quer
Gen.35. dizer, filho de minha dor: *Filius doloris mei*, e foy muy proprio o nome, porque foraõ taes as dores, que morreu de parto Raquel. Todos nós os filhos deſta Mãy nos podemos chamar Benones, filhos de dor, pois nos foy dada por Mãy no meyo de tantas dores, quantas padeceu ao pé da Cruz; e ſe a eſpada de Simeaõ ſe eſtendeo a todas as mais dores, que a Virgem padeceu ao pé da Cruz, ainda fica mais encarecida, porque tudo quanto Chriſto padeceu no corpo, padeceu ella na Alma.

O nome de Benoni, que Raquel havia poſto ao filho, trocou ſeu pay Jacob em Benjamin, que quer dizer filho da maõ direita: *Filius dextræ*; ſe nós os filhos deſta Soberana Mãy formos filhos de ſua dor, meditando as que padeceu neſte parto, tambem poderemos ſer Benjamins, filhos da maõ direita de Deos. Todos os Predeſtinados ſaõ Benjamins, porque todos ſaõ filhos da maõ direita de Deos; neſta certeza haõ de eſtar os Anjos, que no dia do Juizo haõ de pôr os Predeſtinados à maõ direita de Deos, e os precitos à maõ eſquerda. Se formos filhos das dores deſta noſſa Mãy, tambem ſeremos filhos da maõ direita de Deos, porque he muito grande final de predeſtinaçaõ a cordeal devaçaõ deſta Senhora.

Huma boa figura diſto ſe lê na Sagrada Eſcritturra. Vio S. Joaõ no Ceo huma myſterioza mulher, que
Apoc.12. ao rigor de grandes dores de parto eſtava para dar à luz hum filho: *Cruciabatur, ut pariat.* Muitos Expoſitores

tores com Santo Agoſtinho dizem, que eſta mulher reprezentava a Santiſſima Virgem. He certo, que este parto naõ podia reprezentar o de Bellem, porque no parto de Bellem tudo foraõ gozos, e nada dores; pois que outro parto podia reprezentar, ſenaõ o do Calvario, onde a Senhora nos tomou por filhos ao tempo de tantas dores? E que ſuccedeu a eſſe filho naſcido à cuſta de tantas dores da Mãy? Diz o Texto, que logo voára para Deos: *Raptus eſt filius ejus ad Deum*; foy como o filho de Raquel Benoni, filho da dor da mãy, Deos o fez Benjamin, filho de ſua maõ direita. Eis-aqui o que podem eſperar os filhos de taõ Soberana Mãy, ſe ſouberem ſer filhos de ſua dor.

E para que melhor ſaibaõ meditar, as que padeceu no pé da Cruz, naõ ſerá fóra de razaõ ſaber, as que padeceu por toda ſua vida, depois que começou a ſer noſſa Mãy. Continuaraõ eſtas dores no Calvario por toda ſua vida, que durou vinte e tres annos, de tal ſorte, que diz o P. Cornelio Alapide, foraõ mais intenſas, que quantas dores padeceraõ os Martyres todos. E além deſtas dores do Calvario, tudo quanto os Fieis padeciaõ, affligia ſeu magoado coraçaõ, podendo dizer melhor, que S. Paulo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor, quis ſcandalizatur, & ego non uror?* Acudindo a todos como Mãy; e taõ fóra eſtava de eſfriar a ſua caridade o mar de tantas dores, que eraõ como aſſopros, que accendiaõ o fogo, que ardia em ſeu coraçaõ, verificando-ſe o que della ſe diz nos Cantares de Salamaõ: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.*

Daqui devemos tirar duas muy devotas conſiderações: primeira, quam boa couſa he eſtar à ſombra deſta Arvore da vida JESU crucificado, porque niſſo eſteve a ventura de Saõ Joaõ aſſiſtir com a Santiſſima Vir-

Virgem ao pé da Cruz; porque ſe elle ſe auſentára com os mais Apoſtolos, naõ merecera a gloria de ſer filho da Virgem, e Irmaõ de Chriſto; eſte penſamento he de Theofilacto, allegado por Cornelio: *Vſqueadeo bonum eſt juxta Crucem ſtare, & manere apud patientem Chriſtum.*

A ſegunda conſideraçaõ he, que dar Chriſto deſde a Cruz a S. Joaõ ſua Mãy por mãy, foy dizer-lhe, que tiveſſe della cuidado, que a ſerviſſe, e amaſſe como Mãy, e nelle a todos nós. Eſte penſamento he de Santo Agoſtinho: *Ecce mater tua, curam illius habe, eam tibi commendo, ſuſcipe matrem tuam.* Pelo qual os Fieis todos devem recorrer a ella, como a Mãy, com amor, e confiança de filhos, da ſorte, que S. Joaõ recebeu à Senhora por Mãy; porque como adverte Cornelio, as palavras de Deos naõ ſaõ como as noſſas, que paraõ ſó na voz, ſenaõ que real, e verdadeiramente infundiraõ em Joaõ amor de filho, e na Senhora amor de Mãy: *Quare Sancto Joanni impreſſerunt filialem amorem erga Beatiſſimam Virginem, quaſi erga matrem.*

Couſa muito agradavel a Chriſto, e a ſua Santiſſima Mãy faremos, ſe como ella aſſiſtirmos ao pé da Cruz com a meditaçaõ, do que elle padeceu na Cruz. Eis-aqui o que ella diz na figura da Alma Santa: *Sub umbrâ illius, quem deſideraveram, ſedi*, ſenteime à ſombra daquelle, que muito amey: iſto he, diz Cornelio: *Sub Cruce Chriſti ſedi*; e para que ſenaõ para comer de ſeu frutto: *Fructus ejus dulcis gutturi meo*; ou para melhor meditar os Myſterios da Cruz. E o que na figura da Alma Santa ſe diz, fazia a Santiſſima Virgem todos os dias de ſua vida.

FINIS, LAUS DEO,
Virginique Mariæ.

RE-

REZUMO DE TUDO O QUE fica dito.

TUdo quanto fica dito, e quanto ſe póde dizer neſta materia, comprehendeu o Apoſtolo Saõ Paulo em quatro palavras, eſcrevendo aos Romanos: *Quos prædeſtinavit, hos & vocavit; & quos vocavit, hos & juſtificavit; quos autem juſtificavit, illos & glorificavit*; quer dizer: Os que Deos predeſtinou, eſſes chamou; e os que chamou, eſſes juſtificou; e os que juſtificou, eſſes glorificou; de ſorte, que todo o negocio da ſalvaçaõ, e frutto da Arvore da vida ſe move neſtes quatro exos, predeſtinaçaõ, vocaçaõ, juſtificaçaõ, e glorificaçaõ. Os que Deos predeſtina, diz o meſmo Apoſtolo, ſaõ os que Deos prevê, ſe haõ de conformar com a Imagem de ſeu Filho: *Conformes fieri imagini filii ſui*, como exemplar de toda ſantidade, e nunca melhor, que crucificado em huma Cruz, como diz Saõ Pedro: *Chriſtus paſſus eſt pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut ſequamini veſtigia ejus*; porque, como diz Cornelio, pela Cruz nos conformamos melhor com elle: *Per Crucem conformamur filio Dei Chriſto crucifixo.*

Eſtes, que predeſtinou, chamou à ſua fé, e à ſua graça de duas ſortes: com vocaçaõ exterior por meyo da prégaçaõ, liçaõ, ou ſucceſſo adverſo: ou com vocaçaõ interior por meyo da graça excitante, e preveniente, correſpondente à interior vocaçaõ, tudo ſegundo a liberal diſpoſiçaõ Divina, e por iſſo dizem, que a

vocaçaõ he mera graça de Deos, e naõ merecimento noſſo.

E eſſes, que aſſim chamou, ſe correſpondem à Divina vocaçaõ, eſſes juſtificou por meyo da Divina graça, em que conſiſte a formal juſtificaçaõ, e razaõ de filhos de Deos, herdeiros do Reino do Ceo, que iſſo quer dizer, que os glorificou: *Illos autem glorificavit*; e daqui chamaõ os Theologos effeitos de predeſtinaçaõ à vocaçaõ, juſtificaçaõ, e glorificaçaõ, e por conſeguinte a gloria da Bemaventurança eterna.

E porque eſtas quatro couſas, como quatro rios, vem a parar no mar de Sangue de Chriſto, donde ſahiraõ, ou no merecimento de ſua Cruz, por iſſo chamamos a eſtes beneficios fruttos da Arvore da vida JESUS crucificado.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS DA ARVORE DA VIDA,

JESUS CRUCIFICADO.

PARTE I.

Da Raiz, e Tronco da Arvore da vida.

Cap.I. DA terra, e lugar, onde foy plantada a Arvore da vida JESUS crucificado. Pag. 1.
Cap.II. Do anno, mez, dia, e hora, em que foy plantada a Arvore da vida, p.6.
Cap.III. Dos titulos gloriozos da Arvore da vida, p.10.
Cap.IV. De algumas figuras, que precederaõ nas Divinas letras da Arvore da vida, p.14.
Cap.V. De outra maravilhoza figura da Arvore da vida, que he o final Thau, p.17.
Cap.VI. Da Raiz da Arvore da vida, que he a Divindade, e Humanidade de Chriſto, p.20.
Cap.VII. Como a Santiſſima Virgem teve parte na raiz da

da Arvore da vida, p.23.
Cap.VIII. Como devemos lançar raizes na Arvore da vida JESUS crucificado, p.27.
Cap.IX. Que as tres virtudes Theologaes Fé, Esperança, e Caridade saõ as raizes, com que nos unimos à Arvore da vida, p.29.
Cap.X. Como com o temor de Deos se arreigaõ todas as mais virtudes da Arvore da vida, p.33.
Cap.XI. Do Tronco da Arvore da vida JESUS crucificado, p.36.
Cap.XII. De que madeira foy fabricada a Cruz de Christo, p.39.
Cap.XIII. Das quatro arvores, de que foy composta a Cruz em particular, p.43.
Cap.XIV. Da agua, com que foy regada a Arvore da vida JESUS crucificado, p.48.
Cap.XV. Prosegue a mesma materia da agua, com que foy regada a Arvore da vida, p.52.
Cap.XVI. De outra Divina agua, com que foy regada a Arvore da vida, p.55.
Cap.XVII. De outra agua, com que a Arvore da vida foy regada, p.57.

PARTE II.
Dos Ramos da Arvore da vida.

Ramo I. DA Arvore da vida; o fel, que gostou ao pé da Cruz, p.63.
Ramo II. Da Arvore da vida JESUS crucificado, despojado de suas vestiduras, p.67.
Ramo III. Da Arvore da vida JESUS crucificado, a crucifixaõ do Senhor, p.71.
Ramo IV. Da Arvore da vida; pondera-se a divisaõ das Sagradas vestiduras, p.75.

Ramo V. Da Arvore da vida, JESUS crucificado entre dous ladrões, p.78.
Ramo VI. Da Arvore da vida; das trevas, que houve em todo o Mundo, em quanto Chriſto eſteve na Cruz, p.81.
Ramo VII. Das dores, que Chriſto padeceu na Cruz, p.85.
Ramo VIII. Das palavras, que Chriſto fallou na Cruz, p.90.
Ramo IX. Da ſegunda palavra, que Chriſto fallou na Cruz, p.94.
Ramo X. Da terceira palavra, quando diſſe a ſua Santiſſima Mãy: *Ecce filius tuus*, p.98.
Ramo XI. Da quarta palavra, que o Senhor fallou na Cruz, p.101.
Ramo XII. Da quinta palavra, que o Senhor fallou na Cruz, p.106.
Ramo XIII. Da ſexta palavra, que o Senhor diſſe na Cruz, p.110.
Ramo XIV. Da ſettima palavra, que Chriſto fallou na Cruz, p.113.
Ramo Ultimo. A morte de noſſo Redemptor, p.116.
Das couſas, que ſuccederaõ depois da morte de Chriſto, p.118.

PARTE III.

Das folhas da Arvore da vida.

Cap.I. DAs primeiras folhas da Arvore da vida, p.124.
Cap.II. Da primeira, e mais fermoza folha da Arvore da vida, o Santiſſimo Nome de JESU, p.127.
Cap.III. Do Nome Santiſſimo de Chriſto, p.129.
Cap.IV. Dos nomes, e mais appellidos de Chriſto, que ſe achaõ no Profeta Iſaîas, p.132.

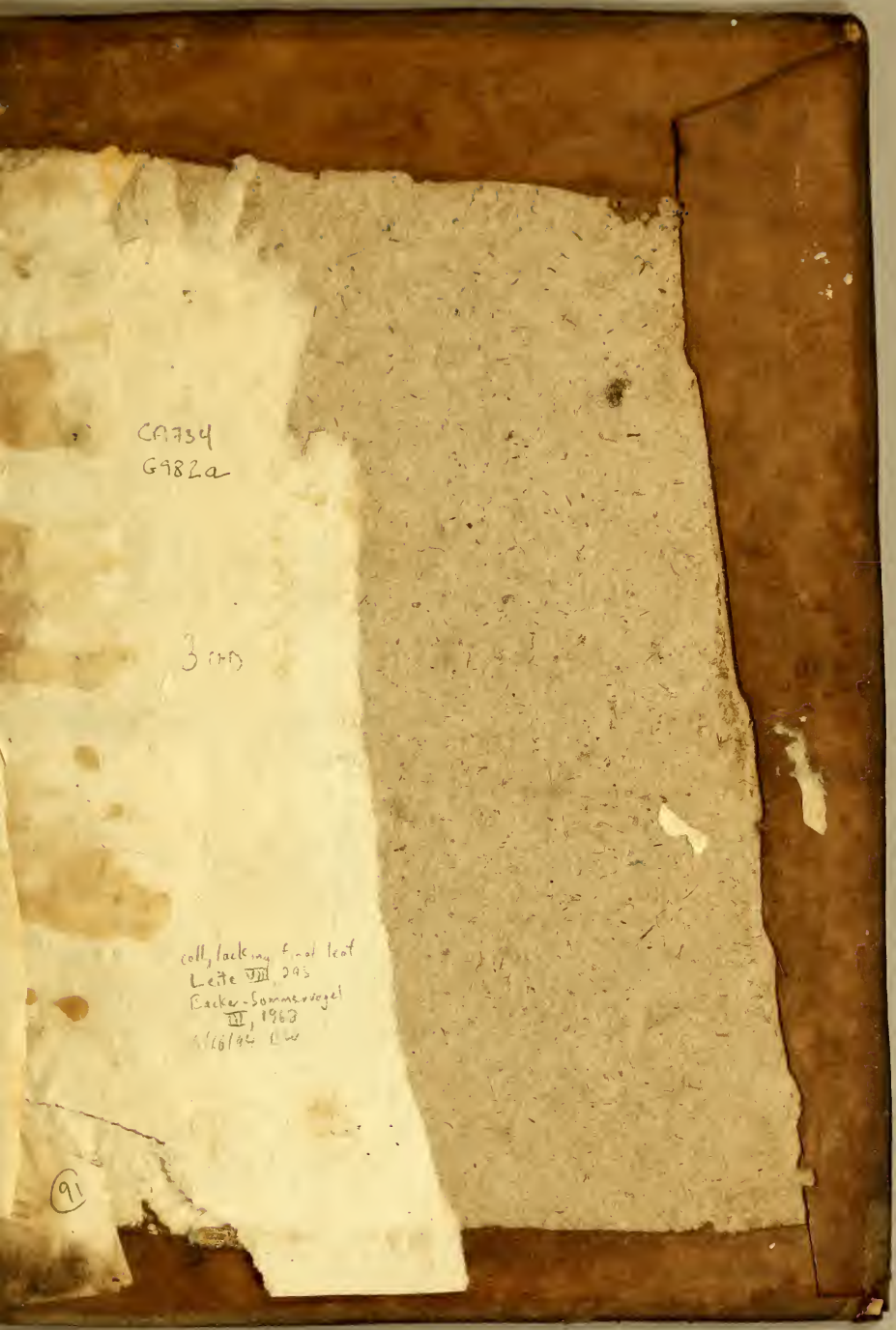
Cap.V. De outros nomes, ou attributos de Chriſto, que ſe lem em varios Capitulos de Iſaîas, p.137.
Cap.VI. De outros varios appellidos, que os demais Profetas deraõ a Chriſto, p.141.
Cap. VII. Dos Titulos, que o Profeta David deu a Chriſto em ſeus Pſalmos, p.146.
Cap.VIII. Dos appellidos, que o Apoſtolo S. Paulo em ſuas Epiſtolas deu a Chriſto Senhor noſſo, p.150.
Cap.IX. De varios appellidos, que no Apocalypſe ſe daõ a Chriſto, p.156.
Cap.X. Dos nomes appellativos, com que Chriſto Senhor noſſo ſe nomeou no Euangelho, p.159.

PARTE IV.

Das Flores da Arvore da vida.

Cap.I. DA primeira flor da Arvore da vida, que he a Fé, p.170.
Cap.II. Da ſegunda flor da Arvore da vida, que he a Eſperança, p.173.
Cap.III. Da terceira flor da Arvore da vida, que he a Caridade, p.177.
Cap.IV. Da quarta flor da Arvore da vida, que he a Religiaõ, p.184.
Cap. V. Da quinta flor da Arvore da vida, que he a Humildade, p.192.
Cap.VI. Da ſexta flor da Arvore da vida, que he a Obediencia, p.196.
Cap.VII. Da ſettima flor da Arvore da vida, que he a Paciencia, p.200.
Cap.VIII. Da oitava flor da Arvore da vida, que he a Manſidaõ, p.204.
Cap.IX. Da nona flor da Arvore da vida, que he Amor fraterno, p.209.

Cap.



CA734
G982a

3 (HD)

coll, lacking final leaf
Leite VIII, 295
Backer-Sommervogel
III, 1963
6/16/94 EW

91